

IGOR HENRIQUE LOPES DE QUEIROZ

**AS SEXUALIDADES DESVIANTES NAS PÁGINAS DO JORNAL
DIÁRIO CATARINENSE (1986 – 2006)**

FLORIANÓPOLIS, FEVEREIRO DE 2014

IGOR HENRIQUE LOPES DE QUEIROZ

**AS SEXUALIDADES DESVIANTES NAS PÁGINAS DO JORNAL
DIÁRIO CATARINENSE (1986 – 2006)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Cultural ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Prof. Dr. Rogério Luiz de Souza e coorientação da Profa. Dra. Joana Maria Pedro.

FLORIANÓPOLIS, FEVEREIRO DE 2014

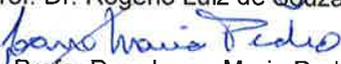
As sexualidades desviantes nas páginas do jornal Diário Catarinense (1986-2006).

Igor Henrique Lopes de Queiroz

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de

MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

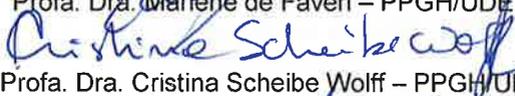

Orientador: Prof. Dr. Rogério Luiz de Souza

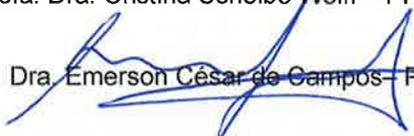

Coorientadora: Profa. Dra. Joana Maria Pedro

Banca Examinadora


Prof. Dr. Rogério Luiz de Souza (Presidente e Orientador) – PGH/UFSC


Profa. Dra. Marlene de Fáveri – PPGH/UDESC


Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff – PPGH/UFSC


Profa. Dra. Emerson César de Campos – PPGH/UDESC

Prof. Dr. Fernando Cândido da Silva (suplente da casa) – HST/UFSC

Profa. Dra. Cristiani Bereta da Silva (suplente de fora) – PPGH/UDESC


Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari

Coordenadora do PPGH/UFSC
Florianópolis, 24 de fevereiro de 2014.

- Mas, para levar adiante a nossa investigação, gostaríamos de saber o que aconteceu efetivamente?
- O que aconteceu efetivamente?
- É.
- Então, querem que eu conte outra história?
- Hum... Não. Gostaríamos de saber o que aconteceu efetivamente.
- Contar alguma coisa não cria sempre uma história?
- Hum... Em inglês, talvez. Em japonês, uma história teria sempre um elemento de *invenção*. Não é o que queremos. Queremos que o senhor “se atenha aos fatos”, como se diz.
- Mas contar alguma coisa, usando as palavras, seja em inglês ou em japonês, já não é de certa forma uma invenção? O simples fato de olhar para esse mundo já não é de certa forma uma invenção?
- Hum...
- O mundo não é apenas do jeito que ele é. É também como nós o compreendemos, não é mesmo? E, ao compreender alguma coisa, trazemos alguma contribuição nossa, não é mesmo? Isso não faz da vida uma história?

AGRADECIMENTOS

A todas/os as/os militantes, vivas/os ou não, que lutaram por anos a fio por mais segurança, igualdade, justiça. Ao sangue derramado de dezenas de anônimas/os, muitas/os das/os quais essa pesquisa, infelizmente, sequer permitiu captar fragmentos de suas vidas. Dedico a todas/os vocês esse trabalho.

Pertencentes aos laços sanguíneos ou àqueles que unem nossa mente/coração a alguém, preciosas são as pessoas a quem chamo Família. Obrigado pelo apoio, os pensamentos positivos, o ouvido nas horas difíceis, a paciência de me escutar dizer “acho que não passei, acho que fui bem mal”. Obrigado por estarem ao meu lado, mesmo vocês que se encontram a milhares de quilômetros de distância. Quem seria eu sem vocês e suas certezas de que eu teria sucesso em cada etapa, quando eu mesmo duvidava?

A digitalização da pesquisa aqui apresentada foi facilitada pela simpatia, o bom trabalho, a eficiência de funcionárias/os da Biblioteca Pública do Estado, que chegaram a decorar que mês/ano do jornal eu precisaria aquela manhã ou tarde quando nem eu lembrava e recorria a meu caderno de anotações, vitimado pela fadiga de folhear centenas de páginas diariamente. Em especial Evandro, a quem devo agradáveis minutos de conversa entre as 8 horas diárias de pesquisa, durante meses que pareciam não acabar.

Fazer Mestrado requer atenção e leituras constantes, diárias, e sem professoras/es competentes, penso que seria impossível acompanhar o ritmo. Tive o prazer de ser aluno de professoras que admirava desde que as li durante a Graduação, mas que nunca havia conhecido pessoalmente, como Cristina e Joana, e tive a sorte de conhecer a competência de Juracy, Vanderlei, Louise, em disciplinas optativas ou em razão do estágio de Pós-Doutorado, como o caso do professor Vanderlei. Obrigado a cada uma e cada um, cujas discussões e sugestões foram adaptadas e passaram a fazer parte do texto a seguir. Além das muitas leituras feitas para suas disciplinas, aqui incorporadas, agradeço também a experiência de Docência ao lado da professora Cris e da mestranda Fran, e a possibilidade de participar da edição de uma Revista Eletrônica.

Um texto inicialmente tímido, já que não tinha certezas sobre o que as fontes me possibilitariam escrever até tê-las em conjunto, meses após iniciar o curso. Um projeto de pesquisa que se modificou e tomou a forma de Dissertação sob a orientação do professor Rogério, sempre

com críticas pontuais e questionamentos instigantes que me fizeram rever parágrafos e afirmações ou mesmo reafirmar posicionamentos fundamentados em teorias, e a coorientação da professora Joana, sempre apaziguadora, apoiando e respeitando as escolhas e a forma de escrita que adoto, apontando inclusive erros de digitação ou termos que eu deveria modificar. Obrigado, professor, por apostar nesse projeto. Obrigado, professora, pelos muitos elogios que sempre me deixaram vermelho e sem palavras, por incentivar e acompanhar a lápis cada linha escrita e ajudar para que dele se desdobrasse um projeto de Doutorado.

Colegas queridas/os, Camila, Elias, Maurício, vocês fazem e farão falta! Voltem, mais inteligentes que nunca, seus extremamente capazes. Obrigado pelas ajudas, correções e compartilhamentos de textos, dicas de livros, parcerias em apresentações e trabalhos e conversas-calmante. Precisamos marcar que optativas faremos juntas/os!

De minha instituição de proveniência, UDESC, muitas/os são as/os docentes que me servem de exemplos de dedicação e competência. Obrigado pela torcida, pelos parabéns dados em redes sociais e corredores da Universidade. E pelas dicas preciosas entre cigarros, não é, professora Cláudia? João, exemplo de rapaz que promove a mudança em suas andanças por ruas e alamedas ainda nem nomeadas, a quem tento convencer que devemos ir para escolas e universidades para dar aula e tentar mudar o mundo. Ainda sou um desses (iludidos?). E você, uma aula de vida. Enquanto você luta, escrevo sobre quem lutou. Vamos sincronizar! Bruno (Brunis), penso que o tema que escolhemos para escrita em qualquer área, mas especialmente nas Humanas, deve sempre buscar ser orientado para o bem, para trazer para a Academia, para o Discurso, sujeitas/os que diariamente fazem História, mas nunca são mencionadas/os pela História ou, quando o são, estão dentro de saladas de letras, categorias homogeneizantes, ou, pior, enquadradas/os em imagens bem pouco lisonjeiras. Que tal desconstruí-las e, talvez, montar outras, mais positivas? Só uma opinião pessoal que aqui compartilho, pois espero um trabalho engajado no final da sua Graduação.

Por fim, gostaria de agradecer ao CNPq, que financiou essa pesquisa de 2012 até agosto de 2013, quando mudei para a CAPES. Uma mudança que não serviu ao propósito a que se destinava, mas que foi feita rapidamente pelo técnico administrativo em educação Thiago e a coordenadora da Pós e professora Eunice, que sempre me receberam muito bem e procuraram tirar as dúvidas e problemas que levei comigo todas as vezes que lá fui. Muito obrigado.

Minha Mãe, Meu Amor. Para vocês, agradecimentos não bastam. Vocês são meu oxigênio, para usar uma metáfora pobre, gasta, mas que demonstra a importância de vocês em cada passo que dou...

SUMÁRIO

RESUMO.....	13
ABSTRACT.....	15
INTRODUÇÃO	17
ERA UMA VEZ: A TÍTULO DE APRESENTAÇÃO POLÍTICA E PESSOAL	17
NORMATIZANDO O TEXTO ACADÊMICO: AS CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	32
O JORNAL E A PROPOSTA HISTORIOGRÁFICA	40
PREÂMBULO	47
CAPÍTULO 1 - APONTAMENTOS SOBRE A ARTE INFORMATIVA DIÁRIA	52
1.1 – FAMILIARIDADES E EXPANSÕES.....	52
1.2 – A DIDATICIDADE DO DISCURSO JORNALÍSTICO.....	75
2.1 - LIBERDADE ATRÁS DAS PORTAS, DEBOCHE CARNAVALESCO99	
2.4 – A CIDADE EM CRISE E A LUCRATIVA MARGINALIDADE.....	147
2.5 – O SEXO MERCENÁRIO, OS AMORES PERIGOSOS.....	154
2.8 – MULTIPLICAÇÃO DOS DISCURSOS DE RESISTÊNCIA, A MOBILIZAÇÃO NA GRANDE FLORIANÓPOLIS E AS AÇÕES DE CLÓ.....	173
INTERLÚDIO.....	187
CAPÍTULO 3 - POSSÍVEIS OLHARES SOBRE UMA PARADA	214
3.1 - PARADA, VERÃO, PRECONCEITOS E LEIS	214
3.2 - FLORIANÓPOLIS: O NOVO PARAÍSO GAY DO BRASIL	226
3.3 - A I PARADA DA DIVERSIDADE – ORGULHO GLBTS: FLORIANÓPOLIS, A CAPITAL GAY DO BRASIL	233
* VIOLÊNCIAS, HOMICÍDIOS E CRIMES EM GERAL (1986 – 2006) *	237
REFERÊNCIAS.....	253

RESUMO

Entre a notícia sobre a prisão de dois homens por estarem cometendo o crime de se beijarem dentro de um carro na cidade de Florianópolis, ano de 1986, e o anúncio de que a mesma cidade seria a capital *gay* do Brasil, em 2006, inúmeros foram os discursos publicados pelo maior jornal impresso do Estado de Santa Catarina acerca daquilo que chamo de sexualidades desviantes. A proposta do presente trabalho é não descrever e analisar todas as notícias encontradas a respeito de tais sujeitos e suas práticas, mas demonstrar os trânsitos discursivos encontrados em tais páginas jornalísticas e os efeitos de verdade produzidos e divulgados pelas notícias e reportagens que circularam pela sociedade catarinense sobre tais práticas e sujeitos, apontando o gradual deslizar semântico – marcado por rupturas e permanências – que culminou em e ao mesmo tempo permitiu tal anúncio. Assim, busquei acompanhar as transformações na construção de tais notícias, das iniciais associações entre desvio, doença e criminalidade, passando pelo medo e a vergonha do assumir-se desviante em uma pequena cidade, até as contestações e a emergência de resistências locais a violências e arbitrariedades, em prol dos direitos de ir e vir, trabalhar, aparecer em espaço público e, finalmente, ir à rua para anunciar que não se era “nem mais, nem menos, apenas iguais”. Assim, a proposta é de uma História que é, simultaneamente, escrita a partir de uma fonte – o jornal *Diário Catarinense* - e sobre as transformações pelas quais passou esta fonte ao longo de 20 anos, tematicamente construída a partir dos inúmeros efeitos de verdade e distintas formas de visibilidade desviantes elaboradas e postas em circulação.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidades desviantes; Diário Catarinense; Imprensa; História.

ABSTRACT

Among the news about the arrest of two men as they were committing the crime of kissing inside a car in the city of Florianópolis, 1986, and the announcement that the same city would be the gay capital of Brazil, in 2006, many were speeches published by the largest newspaper printed in the State of Santa Catarina on what I call deviant sexualities. The purpose of this paper is not to describe and analyze all news found about such subjects and their practices, but show the discursive transits found in these pages and the effects of journalistic truth produced and disseminated by news and reports that circulated by the society of Santa Catarina about such practices and subjects, pointing the gradual semantic slide - marked by ruptures and continuities – that culminated and allowed such an announcement. So, I tried to follow the transformations in the construction of such news, the initial associations between deviance, disease and crime, through fear and shame of assume being deviant in a small town to the challenges and the emergence of local resistance to violence and arbitrariness, for the rights to come and go, work, appearing in public space, and finally go to the streets to announce that it was not "no more, no less, just the same." The proposal is a history that is simultaneously written from one source - the newspaper *Diário Catarinense* - and the transformations of this source over 20 years, thematically constructed from the numerous effects of truth and different forms of deviants visibility prepared and put into circulation.

KEYWORDS: Deviant sexualities; *Diário Catarinense*; Press; History.

INTRODUÇÃO

Perdi-me do nome, hoje podes chamar-me de tua, dancei em palácios, hoje danço na rua. Vesti-me de sonhos, hoje visto as bermas da estrada, de que serve voltar quando se volta pro nada. Eu não sei se um Anjo me chama, eu não sei dos mil homens na cama e o céu não pode esperar. Eu não sei se a noite me leva, eu não ouço o meu grito na treva, e o fim vem-me buscar. Sambei na avenida, no escuro fui porta-estandarte, apagaram-se as luzes, é o futuro que parte. Escrevi o desejo, corações que já esqueci, com sedas matei e com ferros morri. [...] Trouxe pouco, levo menos, e a distância até ao fundo é tão pequena, no fundo, é tão pequena, a queda. E o amor é tão longe, o amor é tão longe e a dor é tão perto.

Balada de Gisberta, Pedro Abrunhosa.

ERA UMA VEZ: A TÍTULO DE APRESENTAÇÃO POLÍTICA E PESSOAL

Gostaria de poder iniciar esta dissertação utilizando “Era uma vez”, que daria ares de atemporalidade e indícios de que os fatos que aqui serão expostos e analisados não seriam relativos a um movimento que provoca mudança, uma travessia, uma viagem a uma destinação para a qual se encontrou uma possível passagem, em outros termos, a experiências¹ de fato vivenciadas. A expressão, como as adaptações de contos e lendas realizadas durante o século XX nos fizeram crer, garantiria que heroínas ou heróis teriam seus problemas existenciais, sociais, econômicos ou familiares resolvidos por meio de intervenções fantásticas, mágicas, que culminariam na resolução de todos os seus conflitos e a total purgação dos males. Cativantes finais felizes que repousam à sombra da confortável tenda ficcional em milhões de imaginários, palavra que representa uma matriz, uma atmosfera, uma força social de ordem espiritual, construção mental ambígua, perceptível, mas não quantificável, elemento racional ou razoável, mas

¹ Adoto aqui o termo experiência segundo a descrição de Derrida, para o qual a “experiência é uma travessia, como a palavra o indica, passa através e viaja a uma destinação para a qual ela encontra passagem. A experiência encontra sua passagem, ela é possível”. Para tal, ver: DERRIDA, Jacques. **Força de lei**: o fundamento místico da autoridade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 29.

também onírico, lúdico, fantástico, imaginativo, afetivo, não racional, construções mentais potencializadoras de práticas.² Não, não falarei de ficção, mas de História, escolhendo arbitrariamente³ principiar por algo supostamente⁴ ocorrido na madrugada do dia 05 de dezembro de 1986. Apesar disso, tomarei de liberdade criativa para introduzir esta dissertação de forma pouco convencional, pois não seria a História uma intriga, um tecido que vai ser retramado e refeito, nesta verdadeira arte de inventar o passado?⁵ Que se inicie a artesanaria, portanto.

Apresento então meu personagem principal. Ele era um jovem chamado Paulo que, em 1986, tinha apenas 20 anos de idade. Era natural de Jequitinhonha, Minas Gerais, e morava há quatro anos em Florianópolis sem qualquer parente, ou seja, rompera seus laços familiares e deixara sua região de origem tendo em torno de 16 anos de idade. Um rapaz de coragem? Ou uma vida, como tantas, forçada ao desenraizamento, à mobilidade, característicos das sociedades pós-modernas em constante processo de desterritorialização?⁶ Paulo mudara há pouco menos de um mês para a casa de um amigo no bairro Capoeiras, parte continental da cidade, de nome Cláudio. Nada me autoriza a tentar recompor os mais de três anos em que morou em outros locais, mas sei que Paulo e Cláudio já se conheciam há bastante tempo.

Cláudio era dono de uma pequena cadela de cor clara e rosto fino, chamada Megui, e morava há mais de vinte anos no mesmo bairro. Ele era, segundo suas próprias palavras, conhecido e respeitado por seus vizinhos por nunca ter perturbado ninguém. Não posso indicar o que Cláudio quis dizer com perturbar, mas possivelmente significa que seus comportamentos dentro daquele espaço geográfico seriam vistos como

²Para tal, ver: MAFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade (entrevista). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, ago. 2001. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/view/285/217>>. Acesso em: 02 nov. 2012.

³ Em 1943, Marc Bloch já nos alertava sobre o caráter arbitrário dos recortes temporais exigidos pelo trabalho historiográfico. Para tal, ver: BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 147.

⁴ Adoto a palavra suposição, pois a exatidão de datas não era característica à fonte escolhida para análise, como será posteriormente exposto, o que não impede a análise aqui proposta, como se verá.

⁵ Para o mesmo, ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007, p. 63.

⁶ No sentido dado por Deleuze, como algo retirado de seu domínio para se re-territorializar. O termo é utilizado pelos estudos culturais para explicar o desenraizamento, a mobilidade e o hibridismo característicos das sociedades pós-modernas. Para tal, ver: DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004, p. 29.

adequados, estariam de acordo com os padrões considerados normais para o local e a época.

Paulo morava, então, em uma boa vizinhança com seu amigo. Ele iria trabalhar como babá de um recém-nascido. Uma pausa se faz necessária, em vista desse novo dado. A profissão a ser desempenhada por Paulo talvez nos permita supor que ele não pertenceria a uma família de posses ou, caso pertencesse, que não teria acesso às mesmas. Era alguém que viera para Florianópolis e trabalharia prestando serviços, como tantas pessoas fizeram e diariamente fazem. Para a própria sobrevivência? Para enviar dinheiro para a família em Minas Gerais? Ou para guardar e poder realizar algum sonho de consumo? Nenhum indício me permite afirmar categoricamente. Posso apenas formular questionamentos, levando em consideração o fato de Paulo ser proveniente de uma região brasileira economicamente pouco desenvolvida. A mudança de Paulo para a casa de Cláudio para exercer a profissão de babá, portanto, talvez me permita analisar sua história a partir do viés de classe ou grupo social. Afinal, o acesso ou não a todo um conjunto de bens e serviços é proporcionado pelo poder econômico que, provavelmente, Paulo não detinha. Se a igualdade é ilusória,⁷ esta seria apenas uma dentre as múltiplas desigualdades que recortaram e constituíram Paulo, mas para não correr o risco de ser acusado de impotência para historicizar qualquer coisa que não seja explicada pela busca por salário,⁸ continuo minha investigação por mais detalhes sobre a história de Paulo.

Algumas observações sobre a aparência deste jovem rapaz: o formato de seu nariz e o tamanho de seus lábios parecem indicar que o componente racial poderia ser apontado como mais uma das facetas de sua história. Aparentemente, Paulo teria traços que o aproximariam da descendência africana. Seria ele afrodescendente? Teria ele vivenciado a exclusão social historicamente inerente à sociedade brasileira por ser, como se costuma dizer, ‘preto e pobre’? Apenas questionamentos sem respostas, feitos não para reduzir Paulo à condição de vítima, mas para levantar hipóteses plausíveis sobre detalhes de sua história. Voltando à aparência de Paulo, outros aspectos despertaram minha atenção. Seu

⁷ Para o mesmo, conferir: NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero**. Feminismo e perspectivas críticas na Psicologia Social. Braga: Fundação Calauste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2001, p. 199.

⁸ Apesar de citar algumas contribuições marxistas para o que chama de higiene mental epistemológica feminista em sua ânsia por objetividade, impressiona a insidiosa formulação inicial de Donna Haraway. Cf. HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n.5, 1995, p. 14.

rosto era aparentemente imberbe, apesar de sua idade. Seu cabelo cacheado revelava certa intencionalidade em não o deixar totalmente curto. Suas sobrancelhas, muito finas, formavam delicados arcos sobre seus olhos. Vejamos a imagem de seu rosto reproduzida pelo jornal para melhor compreender a descrição:



Diário Catarinense, Florianópolis, 06 dez. 1986, p. 35. Acervo pessoal.

Há, além disso, um pequeno fio que deixei escapar nesta trama: dentro dos padrões culturais brasileiros do período, década de 1980 (e mesmo atuais, em 2014), a atividade a ser desempenhada por Paulo não seria considerada adequada para seu sexo civilmente registrado. Afinal, os significados atribuídos a determinadas ocupações se estabeleceram por muito tempo de acordo com supostas qualidades ditas “naturais” de mulheres e homens.⁹ Ênfase ao ‘supostas’ feita, presumo que cuidar de bebês não estava entre as ocupações ditas masculinas na Florianópolis dos anos 1980. Claro que devo buscar desconstruir tais hierarquias binárias e essencialistas, mas o ponto que gostaria de enfatizar é o caráter manifestamente transgressivo da atividade profissional e da aparência de Paulo para a época.

Assumo agora minha quase imperdoável gafe, justificando-a como forma de manutenção do clima de suspense, busca por um clímax. Suponho que Paulo não gostaria de ser chamado de ‘ele’, de ter artigos ou adjetivos vinculados a seu nome a partir do que se chama gênero masculino, na língua portuguesa. Sim, Paulo era, como se costumava falar à época, ‘um travesti’. Seu nome social era Dalva. Para mim, ‘a’ travesti Dalva. Após breves incursões pelas categorias classe e raça, eis

⁹ Cf. SCOTT, Joan. Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. **Debate Feminista** (Cidadania e Feminismo), número especial, 1999, p. 221.

que me deparo com esta performance social contínua, esta repetição estilizada de atos, esta temporalidade social constituída, esta ilusória aparência de substância, esta norma fantasmática nunca inteiramente internalizada, o gênero.¹⁰ Categoria essencial ao trabalho aqui proposto, que será melhor explicada adiante, no subtítulo *Normalizando o texto acadêmico: as categorias de análise*.

Poucas são as informações que posso acrescentar para enriquecer a breve história desta mineira que se nomeou Dalva e escolheu Florianópolis como local de moradia. Segundo Cláudio, ela era uma pessoa bondosa, não tinha inimigos e nenhum caso sério com ninguém. Ora, esta frase de Cláudio me abre a pequena possibilidade de imaginar que há chances de Dalva ter tido algum envolvimento amoroso, mas nada fixo ou duradouro. Cláudio e Dalva tinham por hábito se reunir em uma esquina próxima de sua residência com amigas e amigos. Gostavam de beber “como todo mundo”, nas palavras de Claudio, e não usavam qualquer tipo de drogas – ele foi enfático ao afirmar que nem maconha fumavam – mas de onde poderia ter saído esta ideia de uso de drogas?

Entro agora no desfecho de minha breve incursão pela história de Dalva, revisitada quase trinta anos depois. A polícia, esta instituição cujos enunciados detêm efeitos privilegiados de verdade e de poder,¹¹ quis envolver os nomes de Dalva e Cláudio com uso ou tráfico de drogas, o que deixou Cláudio magoado, de acordo com suas palavras. Que motivações teria a polícia para assim fazer? Possível associação entre travestilidade e criminalidade, comum ao imaginário da época (e mesmo atual)? Não há como afirmar, mas desvendo o que me levou a traçar estas poucas linhas como forma inicial de minha dissertação.

Em notícia de 06 de dezembro de 1986, o jornal *Diário Catarinense* informou que um travesti havia sido assassinado às três e quinze da madrugada anterior com dois tiros de revólver – um tiro na boca e outro na axila esquerda, que atingiu seu coração - por um homem não identificado que fugiu do local em uma moto vermelha, tendo por única testemunha um vigia de um prédio próximo. Dalva virou notícia. Ela seria sepultada no Cemitério Itacorubi, em terreno doado pela família de Cláudio e um caixão doado pela Secretaria de

¹⁰ Para tal, conferir: BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 200-201.

¹¹ Cf. FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 10-11.

Desenvolvimento Social da Prefeitura Municipal.¹² Sua morte se transformou em mais um dos tantos casos de crimes insolúveis, trazida novamente às páginas jornalísticas anos depois em uma notícia que descrevia a morte da travesti de nome social Guta, a facadas, segundo constava, enterrada no mesmo túmulo de Dalva. Nesta notícia, o periódico afirmava ter Dalva morrido em 1987.¹³ Um dos tantos equívocos cronológicos cometidos em suas páginas e que pude perceber ocorrerem com certa frequência. E depois, silêncio, esquecimento, desaparecimento. Uma vida abjeta, um corpo sem importância, um ser repudiado.¹⁴ Como tantos outros.

Gostaria de terminar esta breve exposição com aquela frase inicial, revertendo minha pequena gafe já justificada. Era uma vez uma jovem mineira chamada Dalva, sujeita¹⁵ diaspórica que escolheu Florianópolis como lar aos 16 anos e que, aos 20, parte de uma rede de solidariedade e envolvida em laços de amizade, teria a profissão de babá. Atrevida, Dalva ultrapassou fronteiras, tanto em sentido literal quanto no mais gendrado sentido. Foi assassinada brutalmente por um qualquer não identificado, em uma calçada perto de sua residência, fato que rompeu catastroficamente a linearidade que me proporcionaria a narração de um final feliz. Dalva, a travesti inaceitável para os códigos de inteligibilidade de sua época: seria isso que a teria matado, para além da materialidade das 2 balas que tiraram sua vida? Uma das muitas questões sem resposta.

Que a divulgação de sua história, no entanto, possa se somar aos esforços para a construção de outros finais. Pois este breve e inicial retorno ao passado é motivado por implicações políticas bem atuais, mas também pessoais. Lembro-me de chegar ao Estado de Santa Catarina no ano de 2005, motivado e encantado com o que tinha lido e escutado sobre a praticamente inexistente homofobia que atraía diariamente dezenas de pessoas para a região de sua capital. Em meus primeiros meses como morador de Florianópolis, frequentei alguns espaços de sociabilidade e trabalhei em empresas que me permitiram conhecer várias pessoas de diferentes bairros da cidade e região metropolitana e níveis sociais, culturais e econômicos distintos. Dentre elas estava

¹² BORDIN, Paulo. Travesti assassinado a tiros em Capoeiras. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 dez. 1986, p. 35.

¹³ Facada no coração mata travesti. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 31 mar. 1989, p. 36.

¹⁴ Para tal, conferir: BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo". Buenos Aires: Paidós, 2002, p. 19-20.

¹⁵ Adoto o neologismo como tentativa de subverter o predomínio do masculino e o silenciamento do feminino da língua portuguesa.

Roberto,¹⁶ jovem de pouco mais de 20 anos, afrodescendente e morador de um bairro popular, sempre alegre e cujo sorriso contagiava a quem estivesse próximo. Roberto foi brutalmente esfaqueado em uma noite qualquer daquele ano, por um sujeito qualquer, após uma relação sexual com um homem qualquer, constatada pelo exame de seu corpo. Provavelmente seu assassino. Encontrei seu nome em uma das várias listas produzidas pelo jornal sobre os “mortos do mês”: banalização da violência, materializada em tabelas de nomes, datas e números.

Minha história pessoal, portanto, não está desvinculada de meu intento político de mudança não apenas de um discurso que constitui a região como um paraíso homossexual, mas também de denúncia das práticas de violência que tais discursos ora constroem e divulgam, ora silenciam e disfarçam. Almejo não só fazer emergir¹⁷ os fragmentos de vida e morte de Dalvas, Claudios, Gutas, Robertos ou Kelis e tantas outras sujeitas e sujeitos relegados ao esquecimento e ao desprezo e inabitabilidade social, mas descrever as construções discursivas correntes que as fizeram adentrar as páginas jornalísticas, veiculadas especialmente (mas não apenas) através das páginas policiais do *Diário Catarinense* entre o período de seu lançamento (1986) e o que se chamou então de primeira Parada de Diversidade da cidade de Florianópolis (2006) e demarcar os deslocamentos e permanências na construção destes discursos, identificar as autoridades chamadas a falar, a escrever, a produzi-los, apontar as possibilidades de enunciação das vítimas, criminosos e criminosas e suas testemunhas e as diferenças existentes entre tais posições de subjetividade ou posicionamentos de sujeito, entendidos aqui como os diversos status, lugares, posições que se pode ocupar ou receber quando se exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde se fala.¹⁸ Ressalto que dentro de tal recorte temporal, houve a alteração da Lei Orgânica do Município de Florianópolis, que incluiu a coibição da discriminação por motivo de orientação sexual em um de seus incisos no ano de 1994.¹⁹ Seria

¹⁶ Por não ter contato com sua família e não saber se posso ou não divulgar detalhadamente sua história, prefiro adotar aqui um nome ficcional.

¹⁷ Utilizo aqui a noção foucaultiana de emergência. Conferir: FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006, p. 15-37.

¹⁸ Cf. FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 61.

¹⁹ **Lei Orgânica do Município de Florianópolis**. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CFgQFjAA&url=http%3A%2F%2Fsistemas.sc.gov.br%2Fcmf%2Fpesquisa%2Fdocs%2F1990%2Fleior>>

possível apontar que experiências e sujeitos teriam influenciado tal alteração? E teria a força de lei, este fundamento místico da autoridade,²⁰ influenciado a produção discursiva do jornal aqui analisado? São respostas que buscarei responder a partir do que foi noticiado, destacando a importância da veiculação de discursos como uma das práticas intrinsecamente imbricadas, constitutivas do processo de violência percebido, bem como das resistências.

Trabalho, portanto, a partir de um jornal de circulação estadual de periodicidade diária. Para tanto, escolhas e possíveis diálogos com trabalhos já publicados devem ser feitos. Ressalto que, longe de formular críticas ou apontar falhas, as linhas que se seguem cumprem uma exigência acadêmica de norteamento, não uma prática de enaltecimento de meu trabalho ou desvalorização de outros. Uma pergunta inicial: como nomear o que pretendo estudar? Viado (e suas variantes viadinho, viadão, viadaço), boiola, sapatão (sapata), machuda (machorra), bicha (e suas variantes bicha-louca, bichona, bicha-velha), gay (gayzinho e gayzão), roça-roça, aranha, traveca (travecona), boneca, fruta (frutinha), (o regionalista) baitola, pederasta, meigo, Moura Brasil, jiboia - a pejorativa pluralidade semântica disponível em nossa língua mostra quão polimorfos são tais sujeitas, sujeitos e suas práticas. Que traço haveria em comum, além das marcas deixadas na maioria pela violência de tais palavras, quando utilizadas para qualificar, diminuir ou intimidar seres, corpos, comportamentos? A não conformidade, o escape, o deslize. Por mais que busquem se enquadrar dentro de normas e tentem reproduzir padrões, baseados nos (decadentes) modelos burgueses de relacionamentos, comportamentos e relações conjugais e familiares,²¹ seus desejos e práticas divergem, diferenciam-se, explodem fronteiras estabelecidas e rompem barreiras idealizadas de masculino e feminino. Suas tentativas de reproduzir as normas acabam por desviá-las, não se encaixando perfeitamente dentro

ganica.doc&ei=cDa3T6yzOZSi8ATnsLmyCg&usg=AFQjCNGthpXsIkyVXooUROHiYZi5n2OhNA>. Acesso em: 10 maio 2012.

²⁰ Segundo Derrida, em uma releitura de Pascal e Montaigne, leis não são justas como leis. Não as obedecemos por serem justas, mas porque têm autoridade, e esta autoridade repousaria apenas no crédito que a concedemos, um ato de fé que justificaria a alusão ao caráter místico de sua autoridade. Para tal, ver: DERRIDA, op. cit., p. 21.

²¹ A respeito da decadência de tais modelos, ver: GROSSI, Miriam. Masculinidades: Uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 75, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 2004. Disponível em: <<http://www.antropologia.ufsc.br/75.%20grossi.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012.

do culturalmente hegemônico heterocentrismo.²² Sem a pretensão de encaixar, enquadrar ou limitar, mas ao mesmo tempo consciente de que acabo fazendo-o, penso que um termo adequado para nomear tais sujeitos e suas práticas seja desviantes – os que não seguem a maioria, os de fora, os das margens – e ao mesmo tempo os que desviam, que borram as fronteiras, que mudam as trajetórias: sujeitos e suas práticas ambivalentemente desviantes, chamados a ocupar tais posicionamentos por meio de interpelações injuriosas. Os sujeitos, no entanto, são súditos e ao mesmo tempo sujeitos de poder – emergem como efeito de um poder anterior e esta submissão é condição de possibilidade de sua própria resistência e oposição.²³ Em seguida, explicarei mais detalhadamente a teoria aqui adotada.

Parto então para um segundo questionamento: quem haveria, em uma perspectiva local, trabalhado a partir de tal termo? Quem teria problematizado o desvio e transformado desviantes em sujeitos de história? Juliana Sardá, em sua dissertação *Na contramão da lei: a repressão policial e os desviantes da ordem em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX*,²⁴ parece apontar uma possível resposta. A autora busca mapear discursos, intervenções, instituições que buscavam a normatização de uma sociedade que tinha por meta o civilizar-se, estabelecendo para tal o controle daquelas e daqueles que se desviavam da ordem que se queria impor - vadios, desordeiros, prostitutas, presos, alcoólatras, jogadores, mendigos, alienados, menores, estrangeiros, praticantes de jogos e brincadeiras de rua, os que proferiam palavras indecorosas, casais enamorados - os indesejáveis da Florianópolis do início do século XX que teimavam em aparecer publicamente. Remodelar, modernizar e higienizar ruas e vidas, esta era a meta.

A autora aponta a necessidade de extremo cuidado ao nos apropriarmos do termo desviante, visto que a noção de desvio implicaria a existência de um comportamento ideal, que expressaria uma pretensa harmonia com as exigências do funcionamento do sistema social. A

²² Sobre a hegemonia heterossexual, ver: WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, vol. 9, n. 2, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9620/8853>>. Acesso em: 10 maio 2012.

²³ Cf. BUTLER, Judith. *Mecanismos psíquicos del poder*. Teorías sobre la sujeción. Madrid: Ediciones Cátedra, 1997, p. 25.

²⁴ SARDÁ, Juliana. *Na contramão da lei: a repressão policial e os desviantes da ordem em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX*. Dissertação (Mestrado em História), UFSC, 2005. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp098902.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012.

autora irá, assim, afirmar o caráter multifacetado, dinâmico e ambíguo da vida cultural: o desviante não seria um indivíduo fora de sua cultura, mas que faz uma leitura peculiar desta. Seu argumento, portanto, corrobora minha proposição inicial de trabalhar a partir do termo desviante, a despeito de seus milhares de significados. Assim, proponho a releitura e positivação do termo. Seu trabalho, no entanto, está temporalmente distanciado de meu recorte e seu silêncio a respeito de práticas e sujeitos não-heterossexuais (ou simplesmente práticas e sujeitos desviantes), impossibilita maiores diálogos com sua obra.

Busco aqui descrever como o periódico em questão, ao fazer circular pela sociedade determinados discursos, cria, constrói, inventa, atribui significados a tais sujeitos e suas práticas. Surge, então, a terceira indagação: como fazê-lo? Como problematizar notícias de jornais, analisá-las e não apenas as reproduzir? Uma primeira resposta vem do instigante livro de Rosa Nívea Pedroso, *A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista*.²⁵ Rosa analisa o discurso do jornal carioca popular e sensacionalista *Luta*, buscando estabelecer as pontes entre a construção dos sentidos que instauram a realidade social, perpassados por aspectos sociais, econômicos e históricos que formam a imagem de mundo de e para excluídos e marginalizados. Jornal que recorria à imaginação para preencher páginas em dias menos sanguinolentos, a autora demonstra como tal periódico explorava mazelas sociais, fatos e sujeitos considerados aberrantes, periféricos, marginais, criminosos, anormais. Detalhista, Rosa chega a montar quadros a partir dos vocábulos encontrados no periódico, apontando as operações de investimento de sentido nas matérias, títulos, temas e figuras do noticiário, além das expressões eróticas e sexuais utilizadas para ‘seduzir’ leitoras e leitores. Se não posso caracterizar o *Diário Catarinense* apenas como popular ou tão abertamente vulgar quanto o periódico analisado por Rosa, certamente reconheço traços de sensacionalismo e técnicas similares de exploração do que se divulgou como aberrante em suas páginas.

Mais recente, além de mais próximo da pesquisa proposta quanto aos sujeitos de estudo, Baltasar Pena Abal traz uma discussão sobre os discursos veiculados em notícias sobre a implementação do casamento homossexual na Espanha através dos jornais eletrônicos *El País* e *Elmundo.es* em sua dissertação *A construção da homossexualidade em discursos produzidos pela mídia eletrônica*

²⁵ PEDROSO, Rosa Nívea. *A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista*. São Paulo: Annablume, 2001.

espanhola.²⁶ Com uma rica discussão sobre o sujeito e o poder na mídia, seu trabalho a problematiza enquanto local de produção de verdades acerca da homossexualidade que constrói posições de sujeito a partir de locais de saber e poder por meio de uma discursividade que traduz lutas entre diferentes discursos, como os da psicologia, medicina, religiões, justiça, política, sempre hierarquizando negativamente a homossexualidade, em oposição ao padrão heterossexual. Atento ao local social de onde partem tais discursos, o autor aponta a manutenção de já-ditos sobre a homossexualidade, resultando em lugares comuns como representações negativas, estereotipadas, vitimizantes, patologizantes e preconceituosas. Os sujeitos desviantes, segundo sua análise, passam do silêncio a um lugar de sujeito homossexual, nunca apresentado como professor, advogado ou qualquer outra profissão, mas sempre baseado no que o autor chama de orientação sexual – sujeitos com escassa representatividade para falar de si, muitas vezes aparecendo no último parágrafo das matérias analisadas.

Como as páginas policiais do referido jornal recebem aqui maior atenção, local por excelência da criminalidade, anormalidade e de imposição de silêncio à fala dos considerados criminosos, desviantes ou não, e visto que abordo a implementação da proibição de discriminação por orientação sexual na emenda à Lei Orgânica do município de Florianópolis no ano de 1994, o diálogo com os trabalhos de Rosa e Baltasar faz-se necessário – por um lado, a análise sobre o sensacionalismo das páginas jornalísticas, por outro, as estratégias utilizadas por jornalistas/articulistas para produzir sujeitos e narrar situações a partir de posições pré-definidas e locais de enunciação de saber e poder. Saliento, no entanto, que os trabalhos possuem recortes espaciais, temporais e temáticos transversais, apenas.

Outra referência importante para a problematização aqui proposta é o livro *A TV no armário: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros*, de Irineu Ramos Ribeiro, também resultado de uma dissertação.²⁷ Irineu parte de questões simples: o que levaria a mídia a veicular apenas certas representações, como a lésbica cervejeira/pagodeira de roupas masculinas ou o *gay* bombado que só usa marcas famosas? Que significados tal homogeneidade cria? Que sujeitos

²⁶ ABAL, Baltasar Pena. **A construção da homossexualidade em discursos produzidos pela mídia eletrônica espanhola**. Dissertação (Mestrado em Linguística), UERJ, 2007. Disponível em: <http://www.bdt.uerj.br/tde_arquivos/2/TDE-2007-05-16T083810Z-106/Publico/Baltasar%20Pena.pdf>. Acesso em: 10 maio 2012.

²⁷ RIBEIRO, Irineu Ramos. **A TV no armário: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros**. São Paulo: GLS, 2010.

são excluídos e silenciados em tal processo? Suas respostas são polêmicas: Irineu problematiza as notícias acerca da Parada de Orgulho *Gay* de São Paulo do ano de 2007, discorrendo sobre padrões de consumo, faturamento, turismo, frases abertamente preconceituosas, o (teoricamente) inconsequente clima de festa, uso de drogas, perigos e violências que rondariam tal evento, segundo o que as imprensas televisivas e impressas veiculariam, constatando o silêncio sobre temas e palavras de ordem do evento (pelo fim do racismo, machismo e homofobia), a criação/reprodução de estereótipos ao se veicular imagens apenas de *drag queens* caricatas em detrimento do que chama de outros tipos de gênero e o enfoque em questões financeiras ou ocorrências policiais em tais notícias. O autor explora detalhes, como as chamadas e a cronometragem das reportagens televisivas, as impressões trágicas causadas pelo número de roubos e pela morte de um turista francês.

Além disso, analisa programas distintos e um capítulo de novela, que teriam em comum a reprodução implícita de preconceitos, a hipocrisia das relações sociais, a incapacidade de representar as diferenças sem ultrapassar conceitos hegemônicos e visões heterocentradas da sociedade e a manipulação caricatural das identidades. Ora desqualificariam os desviantes, ora os relegariam a papéis secundários. Apesar de utilizar mídias distintas da que pretendo trabalhar, o viés crítico que dá o tom de sua obra, penso, é aplicável a outros contextos temporais e espaciais, o que me levaria a uma quarta questão: quem haveria trabalhado sobre sujeitos desviantes em Santa Catarina a partir das classificações usualmente utilizadas para as práticas sexuais, como homossexual, travesti, lésbica?

Uma busca nas bibliotecas universitárias estadual e federal do Estado mostra que existe uma pluralidade de trabalhos a respeito da temática: sob títulos que envolvem homossexual, lésbica, travesti ou *gay*, várias áreas de saber discorreram sobre a temática, em especial a Antropologia e a Psicologia. Dentre eles, gostaria de destacar a tese interdisciplinar de Luiz Fernando Neves Córdova, *Trajetórias de homossexuais na Ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços*.²⁸ A partir da realização de 16 entrevistas com homens e mulheres de diferentes classes sociais e gerações, o autor descreve vivências, trajetórias e espaços de sociabilidades homossexuais na cidade de Florianópolis e região metropolitana. Sua reflexão sobre as vivências

²⁸ CÓRDOVA, Luiz Fernando Neves. **Trajetórias de homossexuais na Ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas), UFSC, 2006. Disponível em: < <http://www.tede.ufsc.br/teses/PICH0047.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012.

apontou para a diversidade de orientações de desejo sexual, identidades de gênero e sujeitos, diferenças que desapareceriam ao se utilizar a categoria homossexual, visto que a desigualdade entre estes sujeitos seria enorme, por ser atravessada por diferentes contextos culturais, econômicos, étnicos, geracionais e de gênero. O autor conclui que é necessário desconstruir a ideia estereotipada de uma homossexualidade generalizável, pois seriam várias, múltiplas. Como fatos culturais que são, as práticas mudariam no espaço e no tempo.

Luiz discorre sobre a visibilidade de desviantes ilhéus dentro da imprensa catarinense por meio dos textos de Beto Stodieck, em especial nas épocas de verão e carnaval e aponta as consequências do impacto da AIDS nas diferentes gerações que entrevistou. O autor chegou a utilizar 16 notícias do jornal *Diário Catarinense* em seu texto e afirma ter encontrado diversas matérias que tratavam de assassinatos de homossexuais em Florianópolis sem, contudo, citá-las. Sua tese apresenta uma análise de todos os trabalhos sobre não heterossexuais catalogados pela Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina até o ano de 2005, descritos no subtítulo *Olhares acadêmicos sobre homossexualidades em Florianópolis: vai longe o Desterro*. Cabe ressaltar que nenhum dos trabalhos revisados pelo autor discorre especificamente a respeito da produção discursiva jornalística sobre sujeitos e práticas desviantes e nem pertencem à área da História.

Tal silêncio na historiografia produzida em Santa Catarina está prestes, no entanto, a acabar, pois não só o presente trabalho fará emergir histórias diversas sobre diferentes sujeitos. O trabalho do doutorando Elias Veras, a ser defendido também na Universidade Federal de Santa Catarina, discorrerá sobre as produções discursivas acerca das travestilidades de uma capital nordestina, a partir de jornais, livros, panfletos e entrevistas, em sua por hora intitulada tese *Além do paetê: produção discursiva e subjetividades travestis em Fortaleza. (1970-2000)*. Outro trabalho será o do mestrando Maurício Pereira Gomes, que escolheu analisar, por meio de jornais e de capítulos de uma novela, a emergência discursiva do termo homofobia. Já a também mestranda Camila Diane Silva buscará discorrer, por meio de entrevistas e documentos judiciais, sobre as práticas sexuais das mulheres do presídio feminino da cidade de Joinville. Desvio e desviantes, portanto, lentamente tornando-se foco de discurso e prática de pesquisa para a História.

Em tal disciplina, destaco a tese de James Green, transformada no livro *Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*,²⁹ espacialmente delimitado ao Rio de Janeiro e São Paulo, e que discorre desde as intervenções e classificações médicas e jurídicas de inspirações eugenistas de fins do século XIX, que pretendiam curar, encarcerar ou silenciar a homossexualidade, passando pelos espaços de sociabilidade e de encontros furtivos, como as praças da região central das cidades, os motéis, cinemas, praias, cafés, bares, banheiros, restaurantes, saunas, utilizados para encontros ou “sexo rápido”, a visibilidade na imprensa, prostituição, produções culturais e artísticas, festas privadas e públicas, até a emergência dos movimentos homossexuais, ainda no período da ditadura militar, fase em que, apesar da repressão, o historiador aponta como época de proliferação de espaços voltados ao público homossexual.

Seu trabalho é construído a partir das categorias de identidades e subculturas homossexuais, e o autor demonstra como elas se constituíam, por exemplo, através de vestimentas, comportamentos, e em especial práticas sexuais, que definiam quem seria o “bofe” e a “bicha” em um relacionamento a partir da atividade ou passividade, além das demarcações e distinções sociais baseadas no poder aquisitivo. O livro é temporalmente delimitado ao início da década de 1980, momento de consolidação de novas identidades, em especial constituídas por meio do ativismo, das organizações e das novas formas de visibilidade homossexuais que passaram a circular. Seu trabalho aparece aqui como uma inspiração, dada a aproximação temática e as formas de abordagem, mas meus recortes temporal e espacial são distintos e, apesar de buscar demonstrar como sujeitos desviantes eram apresentados e como se percebiam através das páginas jornalísticas, não adoto as categorias de identidade e subcultura utilizadas pelo autor.

Por fim, quem haveria problematizado o jornal *Diário Catarinense* enquanto fonte a partir de um recorte temporal similar? Ora, o jornal já foi utilizado em trabalhos que discorreram sobre temas tão diversos quanto violência sexual infanto-juvenil, moda, transporte coletivo, tráfico de crianças, transgressões femininas, meio ambiente, charges de futebol, migração e turismo, dentre outros, mas a resposta a tal questionamento aponta para a dissertação de Rafael Araújo Saldanha, *Classificados e o sexo: anúncios de prostituição masculina em SC*

²⁹ GREEN, James N. *Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XIX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

(1986-2005).³⁰ A partir de anúncios de prostituição masculina veiculados pelo periódico entre seu lançamento e o ano de 2006, Rafael problematiza as representações e identificações que formam e perpassam as subjetividades masculinas a partir de marcadores corporais e sexuais que visam singularizar tais sujeitos, como o dote e a posição assumida durante o ato sexual. Além disso, discute a mercantilização dos corpos, a prostituição e a comunicação nos últimos 30 anos e as modificações pelas quais passaram, do serviço de rua à oferta via internet, as mudanças textuais, o histórico do grupo RBS, responsável pelo periódico em questão, a repercussão midiática das figuras homem-objeto a partir da década de 1990, concomitante ao proliferar de empresas como Disk-gatos. Duplo processo: alteração das subjetividades e construção de novas, em suas palavras, a partir do que foi veiculado pelo jornal em seus classificados. As categorias e conceitos que mobiliza para historicizar os anúncios, como identificações, subjetividades, masculinidades hegemônicas e gênero, são de grande utilidade para analisar o periódico.

Os trabalhos selecionados e acima descritos, portanto, tangenciam ora a temática, ora o periódico que buscarei analisar, ora o recorte temporal, ora sujeitos e práticas desviantes, e quase todos utilizam categorias de análise de extrema utilidade para este trabalho. Nenhum, no entanto, coincide com o que aqui proponho. Mas afinal, que categorias pretendo utilizar? Que pegadas teórico-metodológicas seguirei?

³⁰ SALDANHA, Rafael Araújo. **Classificados e o sexo**: anúncios de prostituição masculina em SC (1986-2005). Dissertação (Mestrado em História), UFSC, 2010. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0370-D.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012.

NORMATIZANDO O TEXTO ACADÊMICO: AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Há mais de 20 anos, Joan Scott convenceu a nós, historiadoras e historiadores, em texto já clássico e fartamente citado, que o gênero seria uma categoria útil de análise histórica.³¹ Para ela, naquela época, uma nova História precisaria ser escrita, e esta abriria possibilidades de reflexão às estratégias políticas feministas a partir da categoria Gênero, em suas lutas para redefinir e reestruturar as visões de igualdade política e social, caso incluísse de forma relacional não só o sexo, mas também a classe e a raça nesta nova proposta analítica. Curiosamente, seu texto é finalizado propondo o emergir desta nova história que tornaria as mulheres visíveis como participantes ativas do passado. Apesar de sua proposta de fuga, escape, explosão dos binarismos homem-mulher, masculino-feminino, talvez a historiadora não tenha avançado na proposição de uma pluralidade de posições, se considerarmos seu silêncio sobre outras sujeitas e sujeitos que não as mulheres ativas do passado. Ou não estariam imbricadas dentro destas relações que constituem o gênero aquelas e aqueles sobre os quais o discurso de Joan Scott silencia? Pergunta provocativa, apenas. O intuito de sua discussão era outro, bem como as sujeitas que desejava tornar históricas.

O exercício genealógico do conceito será efetuado alguns anos depois por Donna Haraway em *“Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra*,³² no qual apresenta as problematizações até então produzidas sobre a categoria. A autora destaca os deslocamentos provocados dentro das discussões feministas por teóricas lésbicas e em geral negras, que não se sentiam representadas por um feminismo ocidental, classe média, branco, heterossexual. Haraway anuncia profeticamente, ao final, que uma fênix falaria todas as línguas de um mundo virado de ponta cabeça. Ora, não estaria esta fênix lá, citada em seu texto? Não me arriscaria a dizer que ela fala todas as línguas, pois acredito que qualquer esforço de totalização é falho, mas refiro-me à filósofa Judith Butler, sobre quem Haraway afirmava existir um medo provocado por suas inquietantes propostas de que o feminismo deveria aprender a produzir legitimidade narrativa para uma diversidade de gêneros não coerentes, desqualificando as categorias

³¹ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

³² HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 22, 2004, pp. 201-246.

analíticas que buscariam um centro organizador, univocidades e coerências, em realidade, fictícios. Proposta derridiana,³³ influências nietzscheanas.³⁴

Ora, lá estão eles, então: os gêneros não coerentes. Pergunte-me: afinal, qual seria a proposição teórica de Gênero para Judith Butler? Criticada e incompreendida por seu polêmico livro *Problemas de gênero*,³⁵ Butler dirá em *Corpos que importam*³⁶ que o gênero é parte do que determina o sujeito, construído através de relações de poder e restrições normativas que produzem e regulam os seres corporais, uma repetição ritualizada através da qual essas normas produzem e estabilizam os efeitos de gênero e também a materialidade do sexo - materialidade que se constrói através de repetições ritualizadas de tais normas. Em outras palavras, por meio da performatividade – entendida não como ato deliberado e singular de vestir e desvestir um gênero, como quis a leitura de Pierre Bourdieu,³⁷ mas antes como uma prática reiterativa e referencial mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia de forma simultânea. Normas reguladoras de sexo trabalhariam, para a filósofa, de maneira performativa, para constituir a materialidade dos corpos e materializar o sexo do corpo, assim como a diferença sexual para consolidar o imperativo heterossexual. Desta forma seriam produzidos os seres abjetos, invisíveis, como os não heterossexuais alvos da presente pesquisa.

O abjeto, segundo Butler, designaria as zonas invisíveis e inabitáveis da vida social que estão densamente povoadas por quem não goza da hierarquia dos sujeitos, mas cuja condição de viver sob o signo

³³ Derrida afirma que, a partir de Nietzsche, Freud, e Heidegger, questionaram-se, deslocaram-se os lugares de referência e os centros e significados transcendentais. A centralidade conceitual ocidental não teria um lugar, mas funções a exercer, e afirma que a desconstrução e o descentramento precisam partir das noções mesmas que busca desconstruir. Para tal, ver: DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: _____. **A Escrita e a Diferença**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995, p. 229-252.

³⁴ Para Nietzsche, existiriam apenas uma visão e um conhecer perspectivados. Buscar eliminar as vontades e suspender os afetos seria castrar o intelecto, impossível. O puro sujeito do conhecimento não passaria de uma fábula conceitual. Cf. NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 100-101.

³⁵ BUTLER, op. cit., 2008.

³⁶ Sem versão em português, o texto é uma tradução pessoal. Para tal, ver: BUTLER, op. cit., 2002.

³⁷ Quase ao final de *A dominação masculina*, o sociólogo chega a citar uma passagem escrita por Butler justamente para ironizar as errôneas interpretações que seu livro e em especial a performatividade suscitaram, como se a autora estivesse assumindo um erro que, na realidade, teria sido cometido por seus intérpretes e transformado em piada por ela. Para tal, ver: BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 122-123. Já para o texto de Butler, ver: BUTLER, op. cit., 2002, p. 12-13.

do invisível é necessária para circunscrever a esfera dos sujeitos. Esta zona de inabitabilidade constitui o limite que define o terreno do sujeito; constitui o lugar de identificações temidas contra as quais - e em virtude das quais - o terreno do sujeito circunscreve sua própria pretensão à autonomia e à vida. Neste sentido, o sujeito se constitui através da força de exclusão e abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo do sujeito, um exterior abjeto que, apesar de tudo, é interior ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional. A formação de um sujeito exigiria uma identificação com o fantasma normativo do sexo e esta identificação se daria através de um repúdio que produz um campo de abjeção, um repúdio sem o qual o sujeito não pode emergir.³⁸ Agora sim, o Gênero se torna categoria útil para minha análise histórica.

Ora, como esta pesquisa se utiliza de notícias que nomearam tais sujeitos, faz-se necessária uma problematização deste processo. Parto da pressuposição de que o que foi escrito no jornal constituiu-se a partir de posicionamentos assimétricos: se de um lado temos a abjeção, materializada em corpos, sexos e gêneros considerados inabitáveis, por se desviarem e por desviarem as normas de gênero, do outro temos o discurso que a constitui enquanto tal a partir de uma topografia linguística que organiza a ordem social por meio de seu poder de nomeação ou nomação, que classifica os sujeitos em lugares circunscritos por uma multiplicidade de campos de poder e saber.³⁹ A partir desta relação desigual, portanto, os sujeitos são chamados de forma afrontosa, ofensiva, a ocuparem determinadas posições – nas palavras, novamente, de Judith Butler, mediante interpelação injuriosa.

Ao ser chamado, nomeado, receber uma designação, ao ser interpelado, os termos constituem social e culturalmente tais sujeitos. O paradoxo apontado por Butler é que somente ocupando tal lugar e sendo ocupado pelo apelativo injurioso há a possibilidade de resistir, transformar este poder que constitui, em poder ao qual o sujeito se opõe, condição para a ressignificação do que injuria por meio da imitação burlesca ou o que a filósofa chama de adesão paródica.⁴⁰ Neste trabalho, proponho a nomeação de tais práticas e sujeitos como desviantes, partindo do pressuposto de que o desvio é não um erro, um descaminho, mas em especial a mudança de direção, a sinuosidade, o recurvo em diferentes sentidos, o inclinado que altera, desloca, desestabiliza o

³⁸ Para tal, ver: BUTLER, op. cit., 2002, pp. 19-20.

³⁹ Para tal, ver CERTEAU, Michel de. A linguagem alterada. In: _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2011, p. 261-288.

⁴⁰ Para tal, ver: BUTLER, op. cit., 1997, p. 118.

preceito, a regra, o teor, a norma.⁴¹ Não uma qualidade inerente a um comportamento, aparência ou sujeito, mas produzido na e pela interação contextual, histórica, entre o desvio e a reação a ele, ambos mutáveis, como espero demonstrar ao longo do texto.⁴² Ora, se ser desviante envolve um processo relacional, é indispensável pensar o próprio desvio e os sujeitos desviantes dentro de modalidades que a fonte permita reconhecer, como raciais, classistas, regionais, geracionais, ou seja, em múltiplas interseções constituintes, valorativas, hierarquizantes,⁴³ todas elas perpassadas por discursos que se querem verdadeiros em torno do sexo e dos prazeres, que se multiplicam, produzem saberes, geram poderes. Em outras palavras, pelas sexualidades desviantes, alvos, produtos de discursos que, paradoxalmente, só podem emergir a partir delas.⁴⁴

Para caracterizar o espaço em que tais interpelações injuriosas acontecem, recorro a Michel Foucault, que em *A ordem do discurso*⁴⁵ discorre sobre alguns procedimentos de controle da produção de discursos. A partir do filósofo, entendo o jornal como uma sociedade de discurso, que conserva e produz discursos para fazê-los circular a partir de determinadas regras. A escrita jornalística seria um ritual que define a qualificação daqueles que falam, a eficácia suposta ou imposta das palavras, os efeitos, coerções e limites sobre aqueles aos quais se dirigem e sobre os quais profere tais discursos, o que me levou a buscar mapear, ao longo do primeiro capítulo, determinados procedimentos de tal escrita e de seu processo de produção diária.

Dentro das páginas jornalísticas, nem todas/os são qualificadas/os a proferir discursos, ou seja, existe a rarefação dos sujeitos autorizados a falar. Constituído por uma multiplicidade de discursos provenientes de campos de saber e poder variados que ora convergem, ora divergem, o discurso jornalístico obedece a determinadas regras do que o filósofo chama de “polícia discursiva” para encontrar-se no verdadeiro de sua época, entendendo que encontrar-se no verdadeiro significa produzir efeitos de verdade que constituem aquilo sobre o que se fala a partir de regras e coerções que

⁴¹ Para tal, ver: LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 17.

⁴² BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia dos desvios. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 27.

⁴³ Para tal, ver: BUTLER, op. cit., 2008, p. 20.

⁴⁴ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007, p. 77-83.

⁴⁵ Para tal, ver: FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

distinguem o verdadeiro do falso, determinadas por instituições e locais institucionais de quem fala, técnicas e procedimentos que formam saberes e atribuem ao considerado verdadeiro efeitos de poder específicos.⁴⁶ Como entender esta palavra que se repete constantemente, o poder?

Recorro novamente a Michel Foucault, que em *História da Sexualidade I: a vontade de saber*,⁴⁷ explica que o poder deve ser entendido como múltiplas correlações de força próprias ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização, transformadas, reforçadas ou invertidas por lutas e afrontamentos, que se apoiam umas nas outras formando cadeias, defasagens, contradições, estratégias em que se originam e se solidificam institucionalmente em aparelhos estatais, leis, hegemonias sociais. As correlações de força, condição de possibilidade do poder, são móveis, desiguais, e induzem a estados de poder instáveis e localizados. O poder se produz a cada instante, está em toda parte, em todas as relações, provem de todos os lugares. Para o filósofo, o que se convencionou chamar “O Poder” seria apenas um efeito de conjunto, esboçado a partir de mobilidades nas quais se apoia e procura fixar. Poder é o nome dado a uma situação estratégica de forças desequilibradas, heterogêneas, instáveis, tensas. Ele se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais, móveis.

As relações de poder não são exteriores a outros tipos de relações (econômicas, sexuais, de conhecimento), mas fazem parte delas. São efeitos de partilhas, desigualdades e desequilíbrios que se produzem nas mesmas e são condições internas destas diferenciações. Elas possuem um papel produtor. Assim, para além do binarismo dominante-dominado, as correlações de força múltiplas atuam como suporte a efeitos de recorte que atravessam o corpo social e simultaneamente provocam redistribuições, alinhamentos, homogeneizações, arranjos, convergências.

As grandes dominações seriam efeitos hegemônicos sustentados por afrontamentos, e onde há poder há resistências, pontos que representam o adversário, o alvo, o apoio, e que estão presentes no campo estratégico das relações de poder. Eles são o outro termo nas relações de poder e são distribuídos de modo irregular, disseminam-se, são móveis e transitórios, introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e provocam reagrupamentos, recortam e remodelam os próprios indivíduos. A fragmentação dos pontos de

⁴⁶ Para tal, ver: FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: _____. op. cit., 2006, p. 01-14.

⁴⁷ FOUCAULT, op. cit., 2007, p. 102-113.

resistência atravessa estratificações sociais e unidades individuais e as relações de poder são modificadas pelo seu próprio exercício, não havendo um modo de sujeição estável e dado definitivamente.

As relações e exigências de poder instituem algo como objeto e, ao tomá-lo como alvo, investem sobre ele através de técnicas de saber e procedimentos discursivos através de focos locais de poder-saber – diferentes formas de discurso veiculam formas de sujeição e esquemas de conhecimentos em vaivém, e as distribuições de poder e apropriações de saber, as relações de poder-saber, são matrizes de transformações que só atingem efeitos globais se apoiadas em relações precisas e tênues que servem de suporte e pontos de fixação.

É no discurso que se articulam poder e saber, a partir de uma multiplicidade de elementos discursivos e estratégias. Coisas ditas e ocultas, enunciações exigidas e interditas, produção de variantes e efeitos diferentes segundo quem fala, sua posição de poder, o contexto institucional em que se encontra. Discursos não são completamente submetidos ou opostos ao poder, eles podem ser instrumentos e efeitos de poder e também obstáculos, pontos de resistência e oposição. O discurso produz, veicula e reforça o poder, mas também pode minar, expor, debilitar, barrar. O silêncio e o segredo podem dar guarida ao poder, fixar suas interdições, mas também afrouxar laços e permitir tolerâncias. Como elementos táticos no campo das correlações de força, podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia, ou os mesmos discursos podem circular sem mudar de forma em estratégias opostas. Assim, o jornal seria não apenas um local de produção de discursos, mas um local de divulgação de saberes e de relações de poder, uma sociedade de discurso que faz circular efeitos de verdade.

Mas afinal, o que seriam discursos? Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau,⁴⁸ discorrendo sobre a categoria, afirmam que a inclusão de um texto em seu contexto ou o estudo linguístico das condições de produção de um texto o transforma em discurso. Conjunto de enunciados na medida em que provêm: da mesma formação discursiva (conjunto de enunciados a partir de posicionamentos em um campo discursivo); de um tipo de discurso (jornalístico, médico); das produções verbais específicas de uma categoria de locutores (discurso das enfermeiras, dos padres); de uma função da linguagem (discurso polêmico, discurso prescritivo).

⁴⁸ CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 168-172.

Todo discurso está submetido a regras de organização em vigor na comunidade.

É orientado: se desenvolve no tempo e se constrói em função de um fim, um propósito (que pode se desviar). É uma forma de ação: toda enunciação constitui um ato visando a modificar uma situação. É interativo: toda enunciação, mesmo produzida sem a presença de um destinatário, é assumida em interatividade constitutiva, é troca, explícita ou implícita, com outros locutores, virtuais ou reais, supõe a presença de outra instância de enunciação. É contextualizado: não se pode atribuir um sentido a um enunciado fora de contexto. O discurso contribui para definir seu contexto e pode modificá-lo durante a enunciação. É assumido: relaciona-se a uma fonte de referências pessoais, temporais, espaciais. É assumido em um interdiscurso: discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos. Para interpretar o menor enunciado é preciso relacioná-lo aos outros que se (e o) citam, comentam, parodiam, ou seja, situá-lo nas multiplicidades das relações interdiscursivas.

Ora, este último ponto leva-me a considerar o que Nietzsche chama, em *Genealogia da moral: uma polêmica*, de ato de interpretar.⁴⁹ Para ele, tal prática envolveria violentar, ajustar, abreviar, omitir, preencher, imaginar, falsear. A presença inquietante de verbos como omitir ou falsear podem ser justificadas por meio de algumas constatações: se partirmos do pressuposto de que cada época possui procedimentos e métodos que condicionam a produção de suas verdades, ou como Michel Foucault chama, para encontrar-se no verdadeiro,⁵⁰ o exercício de interpretação poderá ou não tornar falso o que se supunha enquanto verdade à época em que se transformou em notícia. Algumas verdades publicadas, realocadas dentro de uma produção acadêmica, produzirão outros discursos acerca não só dos sujeitos e práticas desviantes, mas do próprio discurso jornalístico. Quanto à omissão, recorro a Paul Veyne,⁵¹ que afirma ser a história uma resposta a nossas indagações. Seria possível elaborar todas as perguntas e buscar respondê-las? Não teriam as próprias perguntas elaboradas sua temporalidade e condições de possibilidade para emergir? A história é escrita a partir de questionamentos e hipóteses, certamente, mas

⁴⁹ Para tal, ver: NIETZSCHE, op. cit., 2009, p. 130.

⁵⁰ FOUCAULT, op. cit., 1996, p. 34.

⁵¹ Para tal, ver: VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995, p. 25.

principalmente de escolhas e recortes temáticos e temporais histórica e arbitrariamente datados.

Sim, violências, ajustes, preenchimentos e abreviações farão parte da análise do jornal que escolhi como fonte, mas o que pretendo é demonstrar os deslizes, as modificações históricas existentes entre as interpretações feitas dentro do periódico, ou nas palavras de Michel Foucault, as emergências de interpretações diferentes dentro deste jogo entre interpelações e resistências, produzidas por duelos de forças e imposição de direções, tomando o jornal como palco ou lugar deste afrontamento.⁵²

⁵² Para tal, ver: FOUCAULT, op. cit., 2006, p. 26.

O JORNAL E A PROPOSTA HISTORIOGRÁFICA

Encontrar e constituir séries a partir das fontes, localizando-as na história da imprensa, perceber suas características materiais, sua periodicidade, a presença ou não de publicidade, conhecer o conteúdo e as funções iconográficas dentro da publicação, caracterizar e identificar grupos e colaboradores do periódico, a que público se destina, analisando todo o material a partir da problemática escolhida.⁵³ A utilização de jornais como fonte para a escrita da História ocorre há algumas décadas e já há, inclusive, uma *História da Imprensa no Brasil*.⁵⁴ As referências acima citadas o comprovam, e as recomendações mencionadas ao utilizá-la como fonte também. A imprensa constitui memórias e visões distintas sobre um mesmo fato, que servem “como fundamentos para pensar e repensar a História, quando desponta como agente histórico que intervém nos processos e episódios, e não mais como um simples ingrediente do acontecimento”.⁵⁵ Mas afinal, que periódico é este e o que motivou sua utilização como fonte para esta pesquisa? Uma breve apresentação do jornal *Diário Catarinense* se faz necessária. Discorrerei em mais detalhes sobre sua história ao longo do período analisado durante o primeiro capítulo, bem como sobre a Rede que o administra.

Era 05 de maio de 1986, cidade de Florianópolis, quando foi posta em circulação a primeira edição do jornal editado pelo Grupo Rede Brasil Sul,⁵⁶ *Diário Catarinense*, estruturado em seus anos iniciais a partir de seções fixas e diárias que se modificaram gráfica e espacialmente ao longo dos anos: *Capa, Visor, Geral, Editoriais, Opinião, Política, Mundo, Economia, Esporte e Polícia*. Durante o ano de 1988, as páginas finais do jornal passaram a ser dedicadas a *Horóscopo* e *Tempo*. Terças, quintas, sábados e domingos, eram publicados os *Classificados*, dias alterados com o passar dos anos.⁵⁷ O jornal também foi lançado com cadernos como o *Suplemento de*

⁵³ Cf. LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

⁵⁴ MARTINS, Ana Luíza; LUCA, Tânia Regina de. **História da imprensa no Brasil** (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2008.

⁵⁵ NEVES, Lúcia M. B. P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia M. B. da C. (Orgs.). **História e imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2006, p. 10.

⁵⁶ DC: dedicação em 735 edições. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 maio 1988, p. 03.

⁵⁷ Descrição feita a partir do *Índice* do periódico. Para tal, ver: Índice. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 ago. 1988, p. 02.

Variiedades, a *Revista da Tevê* e a *Revista Diário Catarinense* ou simplesmente *Revista*, publicada aos domingos e logo nomeada *Revista DC*, e que após reformas editoriais seria intitulada *Donna DC*, além dos chamados cadernos especiais, com assuntos variados como vestibular, carnaval, doenças.

Inicialmente, escolhi para a análise aqui proposta a seção policial do periódico. O contato com o jornal, no entanto, levou-me a ampliar a coleta das notícias para várias partes de seu *Caderno Principal*, posteriormente chamado *Primeiro Caderno*,⁵⁸ além de seus suplementos de variedades, cadernos dominicais e mesmo colunas sociais, pois se tornou evidente a necessidade de acompanhar outras seções e cadernos que evidenciavam disputas e estratégias culturais, políticas, comerciais, econômicas, espaciais, jurídicas, que influenciaram direta ou indiretamente a forma como tais discursos foram elaborados e postos em circulação, além de perceber que por vezes era dado destaque a algumas notícias, que acabavam por sair das páginas policiais para outras seções do jornal, enquanto algumas que interessavam à coleta não eram divulgadas em tais páginas.

Ao ser lançado, a proposta do jornal *Diário Catarinense* era trazer um jornalismo imparcial e de qualidade para o Estado de Santa Catarina. Em suas palavras,

A confiança da opinião pública é o mais valioso patrimônio de um jornal. O **DC** [...] prima pela exatidão e isenção nas informações levadas aos seus leitores [...] A imparcialidade e confiabilidade no noticiário veiculado, colhe seus resultados com a resposta positiva e estimulante que os leitores dão [...]⁵⁹

Esta resposta estimulante a que o periódico se refere ao final da citação, após se afirmar exato e isento, imparcial, confiável, diz respeito especialmente à rápida ampliação de seu número de leitoras, leitores e anunciantes, transformando em poucos meses o *Diário Catarinense* em líder de mercado da mídia impressa no Estado.⁶⁰ Inovador sob o ponto de vista tecnológico de produção para a época, o jornal foi lançado pelo

⁵⁸ Para tal, ver: Hoje no DC. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 jul. 2006, p. 02.

⁵⁹ Credibilidade pública. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 mar. 1988, p. 02.

⁶⁰ Diário Catarinense lidera mídia impressa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 dez. 1987, p. 23.

Grupo Rede Brasil Sul (RBS) já totalmente informatizado.⁶¹ Tecnologia inédita na maioria das redações do país, a utilização de computadores permitia que sua sede, em Florianópolis, estivesse interligada a sucursais em Joinville, Blumenau, Lages, Chapecó e Criciúma, simultaneamente:

Pela primeira vez na história de Santa Catarina as regiões mais afastadas da capital [...] passaram a receber diariamente as notícias internacionais, nacionais e estaduais, inclusive das [...] próprias cidades.

Com a deficiência no sistema de rádio, caracterizando nosso Estado como um dos poucos onde não existe uma emissora que tenha abrangência simultânea em todo o território catarinense, o *Diário Catarinense*, passou a cobrir essa lacuna com grande eficiência, realizando uma verdadeira integração no Estado, inclusive com a interiorização [...] através de sucursais.⁶²

Para conhecer e criar a imagem de que um diálogo era estabelecido com seu público, distribuído por todo o Estado, o jornal não apenas divulgava correspondências enviadas por leitoras e leitores, selecionadas, editadas e publicadas em *Cartas*, parte da seção *Opinião*,⁶³ mas também divulgava pesquisas sobre a imprensa escrita de Santa Catarina realizadas pelo IBOPE⁶⁴ e lançava questionários, para serem respondidos e devolvidos ao jornal.⁶⁵ O elo entre as diversas regiões do Estado e o alcance de parcelas significativas da população catarinense pertencentes a grupos sociais distintos, nas palavras de Rafael Saldanha,⁶⁶ permitiriam ao jornal construir redes de sociabilidades e massificar padrões, comportamentos e cotidianos. O caráter hegemônico do jornal *Diário Catarinense* enquanto principal periódico do Estado de Santa Catarina, portanto, abre-me a possibilidade de tratá-lo de maneira exemplar, ou seja, como uma dos principais meios para perceber o que circulava discursivamente na sociedade catarinense e o que se desejava disseminar, formados simultaneamente para e pelos imaginários de leitoras, leitores e produtoras/es discursivos.

⁶¹ MARTINS; LUCA, op. cit., 2008, p. 254.

⁶² Integrando Santa Catarina. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 05 maio. 1988, p. 39.

⁶³ A título de exemplo, ver: *Diário Catarinense*, Florianópolis, 09 maio. 1987, p. 06.

⁶⁴ Pesquisa IBOPE. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 06 mar. 1988, p. 25.

⁶⁵ Pesquisa. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 24 set. 1988, p. 02.

⁶⁶ Para tal, ver: SALDANHA, op. cit., 2010, p. 86-87.

Esta breve e introdutória descrição, no entanto, não responde a questionamentos intrinsecamente ligados à questão da produção do periódico. Que processos envolveriam sua escrita? Quais seriam a origem, a procedência, a linhagem, a história, o desenvolvimento e as modificações por que passaram o jornal e a Rede que o administra? Que interesses, ligações e parcerias os envolveram nos vinte anos que cobrem o recorte temporal aqui proposto? O que o próprio periódico permitiria conhecer acerca de suas histórias? Em outras palavras, que interesses e relações envolveriam a arte de fazer um jornal diário? A partir de uma incursão por bibliografias feitas para e por jornalistas a respeito do ofício, são tecidas considerações sobre este conjunto de questionamentos em meu primeiro capítulo, **Apontamentos sobre a arte informativa diária**, elencando alguns fatos locais, regionais e nacionais noticiados para demonstrar como ele assumiu não apenas as funções informativa e noticiosa, mas também formativa e didática, ou seja, a partir de interesses específicos e da afirmação de seus posicionamentos, buscou direcionar leitoras e leitores para determinadas atitudes, escolhas e percepções.

Crimes sofridos ou praticados, ligações entre desvio e prostituição, amoralidade e doença, momentos de festa e comemoração carnavalescas, luta por direitos. Estes são alguns dentre tantos pontos que poderiam ser desenvolvidos neste trabalho. Não pretendo, entretanto, descrever e analisar todas as notícias encontradas a respeito dos sujeitos e práticas desviantes. Tal empreendimento seria um esforço de totalização pouco útil e diria até enfadonho, dado o enorme *corpus* coletado. O que pretendo demonstrar são os trânsitos discursivos encontrados nas páginas jornalísticas e os efeitos de verdade e significados produzidos e divulgados pelas notícias sobre as práticas e sujeitos desviantes. Por isso, meu segundo capítulo foi intitulado **Valores semânticos do desvio: as transformações históricas da abjeção**.

Para concluir, mas sem a mínima pretensão de dar fim ao debate, pretendo desenvolver um ensaio sobre o que se chamou de primeira parada da diversidade da cidade de Florianópolis, ano de 2006, marco temporal escolhido para o fim desta pesquisa. Que interesses envolveram sua realização? Que sujeitos foram chamados a falar sobre ela no jornal? Quais as relações entre a parada e a ênfase discursiva dada ao turismo e à economia de Florianópolis? Seria este um marco discursivo que instaura a circulação da imagem de uma Florianópolis *gay-friendly* ou seria ela anterior ao evento? Estaria a parada relacionada a um momento de normalização da abjeção? Ou seria um momento de

desbunde, de paralisação das normas e inversão das relações de poder heteronormativas? Ressalto que não foi esta a primeira parada realizada na cidade. Haveria diferenças entre os dois eventos? Perguntas que busquei trabalhar em **Possíveis olhares sobre uma parada**.

A história aqui proposta, como se percebe e assim gostaria de assumi-la, é interpretativa e, como tal, parcial, perspectiva, pessoalmente interessada,⁶⁷ mas sem deixar de ser um olhar produzido por e para uma sociedade de discurso⁶⁸ a partir de determinadas regras, a Academia. Assim, tendo por base um tema principal, sexualidades desviantes no jornal *Diário Catarinense*, dentro de um recorte que cobre aproximadamente 20 anos de publicações e a coleta de mais de sete mil fotos, busquei selecionar e construir uma narrativa sobre as verdades que circularam através do jornal acerca de tais sujeitas e sujeitos e as situações que vivenciaram, incluindo as múltiplas e por vezes contraditórias versões que o jornal produzia sobre um mesmo fato. Ou seja, não se trata da construção da “verdade histórica completa e definitiva” sobre tal período e tais sujeitas/os, projeto que considero impossível, mas da seletiva dissertação sobre que verdades foram publicadas, que formas de visibilidade circularam pela sociedade e que significados os discursos considerados verdadeiros criaram para o desvio e as/os sujeitas/os desviantes, interpelando-as/os e atribuindo-lhes posicionamentos de sujeito dentro do discurso jornalístico. Possivelmente outras fontes poderiam estar produzindo materiais semelhantes ou até mesmo divergentes dos aqui abordados, mas minha escolha foi por utilizar um meio de comunicação hegemônico e de amplo alcance, cuja influência permanece forte atualmente.

A partir de tais escolhas, inclusive teórico-metodológicas, ressalto que referencio trabalhos, autoras e autores que discorreram sobre temáticas próximas, sobre o mesmo período de análise, que se utilizaram da mesma fonte ou que oferecem suporte teórico ao que se disserta, mas busquei evitar longas citações, pois este é um trabalho feito, simultaneamente, com a fonte e sobre a fonte de pesquisa escolhida, ou seja, busquei retirar dela mesma os significados que fez circular e as transições históricas, as modificações e as permanências em tais significados, e utilizei livros especificamente escritos sobre a prática do jornalismo para retirar alguns referenciais de análise, como os “títulos quentes” ou os temas que falam a “linguagem do coração”.

⁶⁷ Para tal, ver: NIETZSCHE, op. cit., 2009, p. 101.

⁶⁸ Para tal, ver: FOUCAULT, op. cit., 1996, p. 39-42.

Assim, parafraseando Michel Foucault,⁶⁹ que a partir do ordenado caos das páginas do jornal aqui violenta, arbitrária e tematicamente utilizadas, repletas de fatos mínimos e discretos, ou por vezes brutais, escandalosos e absurdos, datadas sem importância para os calendários e dezenas de nomes e sujeitas/os retiradas/os do anonimato em apenas uma edição e postas aqui novamente em discurso, se vejam os fragmentos de lutas e dores, o inquietante ruído do indizível que lentamente adquire espaço e direito a se falar, perpassado pelo incessante trabalho dos inúmeros poderes e saberes sobre as vidas e as mortes que fizeram as práticas e sujeitas/os desviantes emergirem e se tornarem notícias e reportagens.

Algumas ressalvas, no entanto, devo fazer antes de iniciar: quase todas/os as/os sujeitas/os encontradas/os ao longo do texto tiveram seus sobrenomes suprimidos. Primeiro, por saber que aquelas/es que já cumpriram penas ou foram inocentadas/os devem, segundo a justiça, ser preservadas/os; segundo, pois a partir da produção deste texto surgiram as ideias para o desenvolvimento de minha tese de Doutorado, que se utilizará de processos judiciais de casos aqui abordados, fornecidos gentilmente por magistradas/os sob a explícita condição (ordem) de manter absoluto sigilo sobre todas/os as/os envolvidas/os. A outra ressalva a leitoras e leitores é que o texto a seguir foge um pouco do “padrão historiográfico tradicional”. Dividido em capítulos, como normalmente se faz, ele apresenta também um *Preâmbulo*, que discorre sobre a rotina diária de uma redação de jornal e um *Interlúdio* em forma de tabela, que resume as principais notícias, crônicas e acontecimentos encontrados entre a modificação da Lei Orgânica de Florianópolis e a I Parada Gay da Cidade, realizada pouco depois de ser afirmado no jornal que o preconceito contra desviantes de Santa Catarina estava “com os dias contados”. Descrevendo o evento que entrou para o calendário oficial como a I Parada de Florianópolis e sem afirmações conclusivas, eruditas ou cópias e citações, a Dissertação é finalizada por uma tabela, que mapeia os crimes ocorridos entre 1986 e 2006 noticiados pelo periódico. Espero que sejam de leitura agradável e demonstrem os paradoxos, as contradições, os dissensos, as polifonias, os embates e interesses, por vezes obscuros, rasteiros, quase imperceptíveis, sobre o Estado, sua Capital e as/os milhares de desviantes que fazem parte de sua população. Busquei utilizar negrito, no *Interlúdio*, para o essencial das histórias recompostas. Já o itálico

⁶⁹ Para tal, ver: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, volume IV**: estratégia, poder/saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 217.

pertencia ao formato em que foi publicado ou quando se trata do nome de um caderno, um evento ou o título de uma notícia.

Ao longo do texto, identifiquei quem escreveu as notícias (quando possível), quem eram as/os autoras/es de colunas e crônicas e indicar quando se tratavam da coluna *Cartas* enviadas ao jornal pelo que aqui chamo de leitoras/es-autoras/es (publicadas inicialmente na chamada seção *Opinião*, que posteriormente ganhou o nome de *Diário do Leitor*). Apesar de poderem ser vistas como zonas de descentramento, formas de afirmação ou negação de posicionamentos, uma peculiar hermenêutica individual sobre o que era então divulgado, e perceber que alguns de tais escritos são efetivamente entrelugares⁷⁰ inseridos no discurso jornalístico, como busquei destacar ao longo do texto, ressalto que apesar disso elas eram e ainda são selecionadas, editadas, resumidas, ou mesmo desprezadas, não publicadas, ou seja, mesmo o falar e escrever contra algo sofria as limitações impostas pela sociedade de discurso representada pelo jornal. Procurei destacar também quando notícias saíam da *Editoria Polícia* (da qual proveio a maior parte das fontes) e ganhavam espaço em *Capas* e demais seções, prática de início intencionalmente sensacionalista, como se verá, e após certo período, indícios de modificações nos significados atribuídos ao desvio e desviantes.

Por fim, ressalto que privilegiei, apesar de algumas referências a contextos nacionais e internacionais, aquilo que foi publicado sobre desviantes do Estado de Santa Catarina nas páginas do “filho” daquela que se tornou uma das maiores empresas da América Latina, proprietária majoritária dos domínios de produção e circulação de informações e comunicações ao Sul do país, como se verá a seguir.

⁷⁰ Trago aqui a clássica contribuição do brasileiro Silvano Santiago (1970), que diz que o “silêncio seria a resposta desejada pelo imperialismo cultural, ou ainda o eco sonoro que apenas serve para apertar mais os laços do poder conquistador. Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra”. Para tal, ver: SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 09-26.

PREÂMBULO⁷¹

8:00 – Responsáveis pelas pautas das seções do jornal chegam a uma redação ainda vazia. Precisam selecionar os assuntos que serão notícias na manhã seguinte, informarem-se sobre o que aconteceu na capital e no interior do Estado e escolher equipes de repórteres e fotógrafas/os que farão cada uma das matérias. Em suas mesas, diversas fontes de pesquisa e aparelhos ligados, materiais de trabalho provenientes de diferentes meios de comunicação. É preciso ver, ouvir, ler;

8:30 – Chegam as/os primeiras/os repórteres. Responsáveis pelas matérias publicadas na seção *Polícia* utilizam-se do telefone para se informar junto a todas as delegacias, presídios e polícias militares sobre o que ocorreu durante a madrugada. Em seguida, saem de carro junto a fotógrafas/os em busca de material. Sempre farto. Abundante. Notícias nacionais e internacionais chegam ininterruptamente por meio de agências e correspondentes;

14:00 – Uma reunião das/os editoras/es do jornal é realizada para esboçar o que será notícia na manhã seguinte. São pré-definidos a cobertura e o espaço que cada seção do periódico e suas respectivas matérias terão. Editoras/es ouvem relatos, dão sugestões, questionam, interferem, elegem prioridades e mobilizam equipes. São discutidos ainda os assuntos que serão noticiados nos dois próximos domingos. Não há como depender de grandes fatos. É necessário criatividade para pensar boas matérias e transformá-las em informações comercializáveis, rentáveis. Ao longo do dia, no entanto, muito do que foi resolvido poderá se modificar, dada a constante, ininterrupta produção discursiva sobre diferentes e novos acontecimentos, que invalidam as prévias escolhas. Enquanto se desenrola a discussão, o caderno de *Variedades* começa a ser impresso, e as/os responsáveis começam a planejar temas para o dia seguinte;

⁷¹ A descrição temporal que serve de preâmbulo para este capítulo foi feita a partir da adaptação de reportagens veiculadas pelo próprio periódico aqui analisado. Para tal, ver: Como se faz jornal. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 maio 2004, p. 05; 24 horas na vida de um jornal diário. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 maio 2006, p. 05-07.

15:30 – Trabalho contínuo da área comercial. Agências, marketing, planejamento: a captação e produção de anúncios não pode parar. É preciso viabilizar financeiramente a produção diária;

17:30 – É anunciado o boneco e seu número de páginas, ou seja, o desenho e o tamanho do jornal do dia seguinte, além do espaço reservado a anúncios. Equipes de editoras/es e subeditoras/es das diferentes seções passam a ler, medir e editar as matérias. Diagramadoras/es recebem o material e passam a encaixá-lo nas páginas, com títulos, legendas e fotos. Impressas em papel comum, as páginas são revisadas, corrigidas, aprovadas e encaminhadas para pré-impressão;

18:00 - Reunião de *Capa e Contracapa*. Editoras/es de diagramação e fotografia definem seus desenhos que, teoricamente, devem ter impacto, equilíbrio e harmonia gráfica. Em aproximadamente 15 minutos, ambas são definidas;

20:00 – Repórteres lotam a Redação para finalizar suas matérias. Dezenas de notícias continuam a chegar de sucursais e agências de notícias a cada editoria. A capa é finalizada. As páginas já aprovadas são impressas em filmes negativos (fotolitos), logo enviados ao Parque Gráfico, onde serão gravados em chapas, equivalentes a duas páginas de jornal, que irão para a impressora;

21:30 – Uma pressão de última hora pode recair sobre a coordenação dos arquivos do jornal. Fotos e textos antigos solicitados com urgência para fazerem parte da próxima edição;

22:00 – A seção destinada aos assuntos políticos fecha suas páginas. Caso haja algum escândalo em curso, repórteres de outras editorias ajudam a produzir os textos que dela farão parte. De acordo com o dia da semana e os jogos previstos para acontecerem, a seção esportiva pode demorar um pouco mais para ser finalizada;

22:20 – As últimas páginas são fotolitadas no setor de pré-impressão e enviadas para o parque industrial do jornal, rapidamente gravadas em chapas e colocadas nas máquinas. Funcionários/os checam todos os botões de regulação da *Goss Urbanite* e a colocam em funcionamento, gerando imenso barulho. Em seguida, saem da esteira os primeiros exemplares;

22:55 – Um caminhão lotado de jornais sai do Parque Gráfico em direção ao interior do Estado. Lá, outro estará à espera para continuar o processo de distribuição para centrais, responsáveis pela entrega da nova edição do periódico aos mais longínquos municípios;

02:00 – Descarregados, os jornais são encartados para chegarem a bancas de revistas, supermercados, lotéricas, tabacarias, postos de gasolina e casas de assinantes;

06:00 – Esquinas são ocupadas por jornaleiras/os, pontos estratégicos em que o periódico será vendido a motoristas e pedestres até o fim da manhã, quando tais funcionárias/os voltam à empresa para prestar contas. A exceção se dá aos sábados, quando a edição dominical é vendida até o final da tarde;

07:00 – Assinantes começam a ler suas colunas prediletas e as seções que lhes despertam maior interesse. Enquanto escolhem sobre o que desejam se informar a partir daquela edição específica, editoras/es e repórteres começam a sair de suas casas para reiniciar o ciclo: fazer ligações, receber incumbências, decidir e escrever o que se tornará a notícia de amanhã e das próximas semanas. Sujeitas, claro, a modificações.

Algumas notícias e reportagens, geralmente divulgadas em datas comemorativas, como as acima adaptadas, permitem esboçar as veredas que envolvem o cotidiano de uma redação jornalística em sua missão diária de informar, além de facilitarem o delinear de indícios sobre a produção material e a circulação de um jornal. O que se torna perceptível?

Retorno, repetição, ciclo. Em cada passo, manipulação temporal: atualização do passado e tentativa de presentificação de um incerto futuro, sempre aberta às possibilidades de apagamento, de reinício. Hesitantes cristalizações da história do tempo presente, sujeitas a cada hora, reunião, informe ou anúncio recebido, a atos de seleção, classificação do que será destaque ou não, do que terá importância suficiente para se transformar em notícia, grande ou pequena, capa ou contracapa, e o que será atenuado, escondido, silenciado, esquecido. Notícia “acaba sendo tudo aquilo que os jornalistas decidem que é

notícia”, diriam os mais sinceros,⁷² condensação de coisas ditas, atravessada pela intensidade do clamor das palavras ou da violência dos fatos, que transforma vidas singulares em estranhos poemas, diriam os mais filosóficos.⁷³

Em uma mesma página de jornal, notícia, artigo, reportagem ou crônica, elementos provenientes das mais diversas áreas, fontes e saberes interligados. Em sua breve descrição sobre as páginas de um jornal, o filósofo e sociólogo Bruno Latour afirmou serem elas repletas de artigos híbridos.⁷⁴ Afinal, o que seriam política, valores, economia, conceitos pessoais, ciência, interesses comerciais, religião, necessidades empresariais, direito ou opinião puros? Seria possível dissociá-los?

Processo de encaixe de trabalhos pessoais e coletivos em um boneco de formato tabloide, cujo espaço previamente delimitado força à adaptação, produzido a partir da confluência entre um fluxo contínuo de acontecimentos, pressões e interesses diversos e subjetividades responsáveis por escolhas de quais serão ou não os elementos significativos para aquela edição, a partir de frágeis e hierarquizadas decisões e escritos pessoais sujeitos a constante alteração.⁷⁵ Apenas mais um dia da semana para a maioria das redações jornalísticas. No caso acima descrito, do *Diário Catarinense*, periódico que em seu primeiro exemplar, deixou explícito que princípios seguiria.

Intitulado *De mãos dadas* e convidando leitoras/es a darem as mãos como amigas/os que se ajudariam rumo ao futuro, o primeiro editorial do jornal informava que 3 princípios compunham harmonicamente seu perfil: Tecnologia - referência ao fato de ser o primeiro periódico brasileiro inteiramente informatizado e interligado a sucursais; Pessoas – homens e mulheres sob inspiração superior do humanismo e vocação comunitária; Princípios – cristalizados em ações e posturas para o bem comum. Este último ponto, reforçado de forma categórica: “Não seremos o jornal de uns e de outros, mas de todos. Não temos e não teremos partido, região, sectarismo, preferência ou obediência outra que não ao bem comum.”⁷⁶

Inspirado, vocacionado, voltado ao bem comum, afinal quais seriam a origem, a procedência, a linhagem, a história, o

⁷² NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 45.

⁷³ Para tal, ver: FOUCAULT, op. cit., 2012, p. 200.

⁷⁴ LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994, p. 08.

⁷⁵ Para tal, ver: PAILLET, Marc. **Jornalismo**: o quarto poder. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986, p.78.

⁷⁶ De mãos dadas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 maio 1986, p. 04.

desenvolvimento e as modificações por que passaram o jornal e a Rede que o administra? Que interesses, ligações e parcerias os envolveram nos vinte anos que cobrem o recorte temporal aqui proposto? O que o próprio periódico permitiria conhecer acerca de suas histórias?

CAPÍTULO 1 - APONTAMENTOS SOBRE A ARTE INFORMATIVA DIÁRIA

1.1 – FAMILIARIDADES E EXPANSÕES

Pelo que se percebe, os empresários do ramo ainda não têm noção da responsabilidade que acarreta a exploração dos meios de comunicação. Para muitos, os veículos são instrumentos de viabilização de suas vontades pessoais, extensões tentaculares de sua família. Assim, administram um jornal como se este fosse um mural onde se penduram as fotos dos amigos e clientes, impedindo qualquer acesso de alguma *persona non grata*. Diretores e editores baixam listas de personalidades e assuntos proibidos naquelas colunas. Proprietários “orientam” como devem ser as coberturas. [...]

Rogério Christofolletti

Monitores de mídia: como o jornalismo
catarinense percebe os seus deslizes éticos.

O nome não era incomum, excêntrico. Tampouco era original. Pertencia aos *Diários e Emissoras Associados*, que por mais de uma década e meia fizeram circular um jornal “a serviço de Santa Catarina”, parte do império de comunicações construído por Assis Chateaubriand. Sediado à época na Rua João Motta Espezim, Sul da Ilha de Santa Catarina, seu último exemplar disponível para consulta na Biblioteca Pública do Estado data de uma sexta-feira, 22 de maio de 1980. Em apenas 12 páginas, tratava de assuntos usuais em jornalismo, como política, esportes e economia, além de reservar espaços para horóscopos, palavras-cruzadas, programação detalhada de 2 canais de televisão, informações sobre emissoras de rádio, publicações legais, humor e colunas sociais, além dos classificados, voltados para o Vale do Itajaí, como atesta sua designação. Tudo em 12 páginas.⁷⁷ Seu título foi, num “gesto de desprendimento e cavalheirismo” do jornalista Paulo Cabral, então presidente do *Condomínio Associado*, cedido ao *Grupo Rede*

⁷⁷ Descrição feita a partir da última edição disponível para consulta, conforme citado acima. Para tal, ver: **Diário Catarinense**, Florianópolis, 22 maio 1980, p. 01-12.

Brasil Sul (RBS) sem qualquer ônus para esta empresa, para identificar, nomear seu mais novo investimento.⁷⁸

Um dos grandes grupos de comunicação brasileiros, a RBS iniciou sua trajetória no Rio Grande do Sul em 1957, quando o apresentador de um programa de rádio de grande audiência, Maurício Sirotsky Sobrinho, tornou-se um dos acionistas da *Rádio Gaúcha*. Cinco anos depois surgiria a emissora de televisão de mesmo nome, *TV Gaúcha*, acrescida em 1965 da *TV Caxias*.

A incursão do grupo pela mídia impressa se iniciou durante a ditadura militar, em 1970, com a aquisição do jornal *Zero Hora*. A expansão da RBS se deu em meados dessa década, ao fundar uma rede de emissoras de rádio FM. Em 1979, após articulações políticas e contratos de gaveta,⁷⁹ a Rede ganhou uma concessão para atuar em Santa Catarina por meio da *TV Catarinense*, posteriormente chamada *RBS TV Florianópolis*, logo se expandindo para outras cidades do Estado por meio de televisões e rádios. Em 1986, iniciou-se a rede de jornais do Grupo. Idealizado por Maurício ainda em 1982, fruto de 4 anos de pesquisa, planejamento, investimentos e deslocamento de uma equipe do Rio Grande do Sul ainda em 1984 para Santa Catarina, era uma segunda-feira, 05 de maio de 1986, quando a designação gentilmente cedida voltava a circular pela sociedade catarinense. Ressurgia um jornal intitulado *Diário Catarinense* (DC).⁸⁰

O novo jornal, portanto, tinha um nome habitual, conhecido, familiar. O tamanho de sua primeira edição, surpreendente se comparado ao antigo jornal de mesmo título. Em 120 páginas ao total, seus cadernos foram em parte ocupados por grandes anúncios de felicitações por empresas comerciais que atuavam no Estado, prefeituras e câmaras municipais, pelo Ministério da Educação e Cultura do governo Sarney, bancos. Seu próprio anúncio, textualmente similar a outros divulgados em tais cumprimentos, articulava outro sentido possível da palavra familiar. Segurada por dois anjos de olhos fechados, rechonchudos e sorridentes, uma placa anunciava o *Nascimento*:

A grande família da Rede Brasil Sul em Santa Catarina através de seus Veículos; RBS TV Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Joinville, Atlântida FM Florianópolis, Blumenau, Chapecó, Itapema FM e Rádio Diário da Manhã participam

⁷⁸ Nosso título. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 05 maio 1986, p. 02.

⁷⁹ Para uma descrição de tais articulações, ver: SALDANHA, op. cit., 2010, p. 84-86.

⁸⁰ RBS completa 40 anos. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 31 ago. 1997, p. 04-05.

com orgulho o nascimento de seu mais novo irmão o “DIÁRIO CATARINENSE” Mais um veículo voltado à integração e ao desenvolvimento da comunidade catarinense.
Santa Catarina, 05 de maio de 1986.

RBS
SANTA CATARINA⁸¹

Atribuindo-se a missão de integrar e desenvolver a comunidade catarinense, a angelical presença anunciava o nascimento do mais novo filho da RBS em Santa Catarina. A publicidade demonstrava a expansão de seus negócios no Estado e, muito provavelmente, do alcance de sua influência e visibilidade, acrescidas pelo lançamento do novo jornal. Apesar de sua importância para esta pesquisa, este seria apenas o décimo filho de uma família que cresceria muito mais ao longo das décadas, expandindo seus tentáculos por áreas como telefonia móvel, *internet* e televisão por assinatura, além de comprar empresas que pudessem lhe fazer concorrência no trabalho diário de comunicar, como se verá mais adiante.

O que foi chamado pelo próprio periódico e seus anunciantes de uma nova era para as comunicações catarinenses, o desbravar de uma nova história para as comunicações do país, não podia ser nada além de pomposamente festejado. Na madrugada do dia 05, após o pronunciamento do então diretor presidente da RBS, Jayme Sirotsky, subiu ao palco preparado para a solenidade o Ministro da Educação, Jorge Bornhausen. Em seguida foi a vez do Governador Espiridião Amin, especialmente convidado a discursar e acionar o botão da impressora para iniciar a rotação do novo jornal. Durante a manhã, refeições foram servidas em grandes hotéis de Joinville, Lages, Blumenau e Florianópolis, em reuniões para apresentação de um vídeo especialmente realizado para mostrar a políticos, empresários, delegados, diretores de empresas, presidentes de associações e clubes comerciais, o projeto de implantação do jornal. Na Assembleia Legislativa, vários deputados se revezaram para elogiar a RBS, pedir cobertura para suas respectivas regiões, destacar a possível contribuição do jornal para a integração do Estado e a formação de uma suposta identidade catarinense e anunciar a enfática certeza de que o novo jornal seria isento.⁸²

⁸¹ Nascimento. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 maio 1986, p. 64.

⁸² Edição esgotou já pela manhã. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 maio 1986, p. 10-11.

A comunidade, alvo de tão celebrado empreendimento, superou as expectativas e transformou a primeira edição em sucesso comercial. As familiaridades literais, metafóricas, políticas e comerciais seduziram, conquistaram, abriram espaço para o novo jornal. Em apenas 2 horas, os 60 mil exemplares colocados à venda esgotaram. Iniciava-se com êxito o trabalho de união e fortalecimento dos laços entre a Rede e a sociedade catarinense. Os anos seguintes, como se perceberá, não seriam menos auspiciosos.

Pesquisas publicadas pelo jornal apontavam que, em setembro de 1987, ele era preferência de 75 em cada 100 leitoras/es da Grande Florianópolis. Seu concorrente era então chamado jornal B.⁸³ Em janeiro de 1990, o jornal passou a comparar por meio de gráficos suas vendas e a de seu principal concorrente, *O Estado*, que deixara de ser jornal B e passara a ser nomeado. Suas vendas na região haviam caído de mais de 54 mil edições diárias para pouco mais de 28 mil. Já o DC, passara dos 90 mil leitoras/es diários. Com orgulho, o jornal anunciava que:

O esforço em vender jornais tem a ver com o interesse de aumentar o número de leitores em Santa Catarina, ajudando nossa comunidade a ser cada vez mais politizada e mais consciente do valor da cidadania [...] um sucesso sem precedentes no jornalismo brasileiro. Foi em Santa Catarina. Para os catarinenses. [...]⁸⁴

Os esforços para politizar e conscientizar a população catarinense e ajudar a comunidade não eram as únicas benfeitorias que a RBS alegava promover. Entre julho e setembro de 1990, a Rede realizou o painel de debates *Santa Catarina no Caminho do Primeiro Mundo*, reunindo empresários, técnicos, especialistas e lideranças políticas de Florianópolis, Blumenau, Chapecó, Joinville e Lages, as cidades de suas sucursais, num esforço conjunto para analisar em profundidade as potencialidades e carências do Estado e apresentar propostas que pudessem promover a aceleração do desenvolvimento da sociedade catarinense.⁸⁵

No ano seguinte, em comemoração aos 5 anos de circulação do jornal, jornalistas e alunas/os que estivessem no último semestre da

⁸³ 75 em cada 100 elegem o melhor. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 set. 1987, p. 19.

⁸⁴ Pesquisa Ibope revela preferência na leitura de jornais. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 02 jan. 1990, p. 18-19.

⁸⁵ Comunicado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 jun. 1990, p. 21.

graduação de jornalismo da UFSC foram convidadas/os a participar do que foi chamada de uma avançada e inédita iniciativa, o curso intensivo e gratuito intitulado *Programa de Jornalismo Aplicado* (PJA), no qual professoras/es catarinenses, de outros Estados e estrangeiras/os iriam melhorar, aperfeiçoar o nível médio de conhecimento disponível na área para elevar o patamar de qualidade e qualificação profissional, aprimorar a mão de obra ou “os recursos humanos”, como eufemisticamente chamados. O jornal sentia-se na obrigação de desenvolver a arte e a responsabilidade de informar.⁸⁶ O curso seria realizado entre 1989 e 1991 e, suspenso por conta das crises econômicas do período, retomado apenas em 1995.⁸⁷

No mesmo dia comemorativo, ao lado do convite para o curso, foi divulgada uma pesquisa sobre os motivos dos altos índices de leitura e de confiabilidade do jornal:

As razões pelas quais os catarinenses preferem o DC provam a sua abrangência estadual: a maioria afirma que ele é o jornal mais completo do Estado, com notícias não só da região onde o leitor vive, mas de toda Santa Catarina e do país. Destacam também, como razão de sua preferência, os noticiários policial e esportivo e os classificados.⁸⁸

A notícia revelava, portanto, que as páginas preferenciais das/os 1200 leitoras/es pesquisadas/os eram as que continham notícias sobre esportes, os classificados e as páginas policiais, local quase exclusivo para a aparição das/os sujeitas/os desviantes por alguns anos. Não o único, mas amplamente povoado.

Exatamente um mês depois, junho, um acordo assinado entre o jornal e o então Reitor da UFSC buscava promover a aproximação entre a empresa e a comunidade, para melhorar o relacionamento com a Universidade e mostrar a verdadeira RBS, o interior e conteúdo da Rede, além, claro, de aprimorar a formação das/os estudantes. Carente de verbas e materiais, o Reitor diria que “Não temos condições de dar

⁸⁶ RBS lança curso intensivo de prática em jornalismo. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 05 maio 1991, p. 30-31.

⁸⁷ RBS retoma curso de jornalismo aplicado. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 03 jul. 1995, p. 25.

⁸⁸ DC, leitura obrigatória de 68% dos catarinenses. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 05 maio 1991, p. 31.

um treinamento mais sofisticado [...] Daí vem a necessidade de buscarmos esta integração com o setor privado”.⁸⁹

Durante o mesmo ano, o jornal passaria por adaptações que culminariam em uma grande reforma gráfica, finalizada em setembro de 1991. Além de apresentar mais cores e passar a utilizar o tom azul como fundo para seu nome, na capa, ainda hoje utilizado, o jornal modificaria algumas de suas editorias e suas respectivas distribuições pelas páginas.⁹⁰ Uma das mais significativas mudanças, no que tange a esta pesquisa, foi a transferência do comentarista esportivo Luiz Carlos Prates de sua coluna diária para as páginas da *Revista DC*. Em suas duntas lucubrações sobre futebol, era comum encontrar textos que iniciavam com afirmações de que o preconceito seria “um dos alimentos da alma humana”, pois homem sem preconceitos valeria pouco, se é que valeria alguma coisa. A ideia antecipada sobre fatos e pessoas, para Prates, daria forma organizada à sociedade, firmada sobre os valores morais do homem. “E um homem sem preconceitos é um homem inconcebivelmente (*sic*) promíscuo. [...]”.⁹¹ O psicólogo, e esta não é uma ironia, passaria a escrever sobre *Comportamento*. Todos os domingos.

Não é um título sugestivo, leitor? Comportamento é tudo o que o homem faz, tudo. E esse objeto estranho, luminoso e sombrio a um tempo, o homem, será o meu alvo nestes encontros dominicais. Teremos muito o que conversar, muito. [...] saio das páginas do esporte para entrar nas páginas da vida [...].⁹²

O tom dramático e getulista⁹³ da despedida dos esportes para anunciar a mudança de sua função no jornal, na qual informava que passaria a discorrer sobre o comportamento de uma versão de homem quase universal e impessoal, ocultava o fato de que um de seus assuntos preferenciais eram as mulheres e tudo que pudesse as envolver, desde

⁸⁹ DC assina convênio com a universidade. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 05 jun. 1991, p. 09.

⁹⁰ O jornal atual como suas notícias. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 01 set. 1991, p. 12-13.

⁹¹ PRATES, Luiz Carlos. Preconceitos de João. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 21 nov. 1987, p. 26.

⁹² PRATES, Luiz Carlos. Estou livre. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 31 ago. 1991, p. 22.

⁹³ A despedida de Prates adapta a construção encontrada na carta que ficou conhecida como a despedida ou a carta-testamento de Getúlio Vargas, supostamente escrita pelo mesmo antes de seu suicídio.

suas vestimentas até suas falas, comportamentos, escolhas, atitudes. Ainda em 1988, suas análises sobre futebol poderiam iniciar com afirmações como:

Poucos são os corajosos para admitir que diante da espera do primeiro filho digam que aguardam uma menina. A torcida pelo filho homem é unânime [...] E o mais estranho é que as mulheres alimentam, tanto quanto os homens, esse sentimento preferencial, senão mais que os homens. [...] Vivemos numa sociedade machista muito mais por culpa das mulheres que dos homens. [...]⁹⁴

As frívolas e machistas mulheres, mães, enfeitavam então suas filhas como a apresentadora infantil Xuxa e se preocupavam pouco com sua responsabilidade de educar as meninas. Seu assunto, no entanto, eram os goleiros, que seriam “como filhas mulheres. De antemão, ninguém quer”. Era necessário, portanto, educá-las para deixarem de ser mulheres comuns, frívolas e machistas e, após ser liberado dos esportes e passar a falar sobre comportamentos, poderia fazê-lo com afinco. Seu sucesso foi tamanho que passou a dar algumas contribuições para o caderno *Variedades*, editado de segunda a sábado:

Venho de público ressaltar minha admiração pelo conceituado comentarista Luiz Carlos Prates, pela coragem e firmeza, às vezes impetuosidade, quer falando, quer escrevendo. Homens com a sua fibra e sinceridade existem poucos no Brasil. [...]⁹⁵

Após um período em que trabalhou para outras empresas, retornou para o DC para escrever *Crônicas de Verão* e, segundo o jornal, aclamado pelo público, passaria a escrever em sua segunda página a partir de março de 2000,⁹⁶ em crônicas do cotidiano:

Estou lendo na Contigo que Daniel foi fazer um show não sei aonde e havia milhares de garotas

⁹⁴ PRATES, Luís Carlos. Goleiros e mulheres. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 02 ago. 1988, p. 38.

⁹⁵ Parabéns ao Prates. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 out. 1993, p. 02.

⁹⁶ Dois reforços para a Redação do DC. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 mar. 2000, p. 02.

históricas, assim mesmo, históricas, se debatendo para vê-lo. Uma delas gritava freneticamente “olha pra mim, pelo amor de Deus...” Tinha 11 anos. Se um homem desses não tem bom controle sensorial, babaus. E, me desculpe, leitor, a culpa não seria dele, ah, não seria...⁹⁷

Adiantei-me temporalmente para evidenciar as contribuições do psicólogo e cronista do cotidiano para o jornal e acabei soltando o fio da meada. Cabe ressaltar, como forma de desculpar-me, não só que tais crônicas passaram a definir, delimitar, normatizar quase que diariamente, na segunda página do jornal, perfis ideais do que seria a mulher de classe, para me utilizar de um termo do próprio periódico, mas que possivelmente suas contribuições eram amplamente lidas e aclamadas por parte de um público fiel, dada a visibilidade que tal senhor ganhou. Pouco numerosas eram as cartas publicadas pelo jornal, como a de um casal que, em 1995, reagira às afirmações sobre a vestimenta de uma moça que teria, segundo o indignado casal, “[...] direito, como qualquer pessoa, de vestir-se como melhor lhe convier. E tem todo o direito de ter sua integridade preservada [...]”,⁹⁸ direitos a que o cronista se opunha veementemente.

De volta a 1992, um comunicado informava então que as/os leitoras/es dos maiores jornais de Santa Catarina não teriam mais que escolher qual deles comprar tendo o preço por parâmetro, pois na capa do DC era noticiado que *A Notícia*, *O Estado*, *Jornal de Santa Catarina* e o próprio DC teriam os mesmos preços semanais e dominicais, pelo menos em fevereiro daquele ano.⁹⁹ Se não era a primeira iniciativa da imprensa catarinense para angariar novas/os leitoras/es e enfrentar as crises financeiras do período de forma unida, tampouco ajudaria a algumas delas. Em agosto daquele ano, a RBS incorporou seu principal concorrente da cidade de Blumenau e regiões próximas, passando a ser a acionista majoritária do *Jornal de Santa Catarina*. Compra brindada em um grande hotel da cidade, com a presença de autoridades e lideranças do Vale.¹⁰⁰ Era o terceiro jornal diário do grupo, aliado a uma empresa de informática, uma de televisão por assinatura, 3 empresas de produção

⁹⁷ PRATES, Luiz Carlos. Perigo. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 14 mar. 2000, p. 02.

⁹⁸ Abaixo o machismo. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 abr. 1995, p. 02.

⁹⁹ Comunicado. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 02 fev. 1992, p. 01.

¹⁰⁰ Jornais da RBS. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 31 ago. 1992, p. 02.

de comerciais, 19 emissoras de rádio e 16 emissoras de televisão.¹⁰¹ Além de atuar no ramo imobiliário.¹⁰²

Enquanto Jayme Sirotsky, presidente do Conselho de Administração da RBS, passava a presidir também a Associação Nacional de Jornalistas (ANJ), apresentando propostas para incrementar as principais fontes de receita dos jornais brasileiros, circulação e publicidade,¹⁰³ o DC lançava a campanha *Geração DC*, anunciando que era o “Diário desta geração” que queria saber tudo e tomava o destino em suas próprias mãos. Cara pálida nunca mais, afirmava a campanha, ilustrada por um rapaz que lia o jornal com expressão de espanto e tinha as bochechas pintadas. Em um lado de seu rosto, um teclado, no outro, linhas coloridas que lembravam gráficos de um monitor cardíaco e subiam até sua testa, rodeadas de símbolos musicais.¹⁰⁴ O grande apoio dado para a eleição e mesmo a permanência no poder de Fernando Collor de Melo, claro, havia sido apagado rapidamente da história do DC, restando apenas seus dias finais. Em 1993, a ANJ seria convidada a uma reunião com o então presidente interino, Itamar Franco, para que a imprensa ajudasse a superar a grave crise social que o país enfrentava, pois algumas notícias veiculadas pelos meios de comunicação causavam sérios problemas.¹⁰⁵ Seria a hora de relegar ao esquecimento também a musical juventude.

O projeto de integração da comunidade empreendido pela RBS teve continuação no Rio Grande do Sul. Em março de 1993, o jornal *Pioneiro*, de Caxias do Sul, passaria ao controle acionário e de gestão da empresa.¹⁰⁶ Aliado a este projeto, os potenciais econômicos e turísticos de Santa Catarina seriam divulgados em cadernos especiais naquele Estado e no Chile. O DC então contava com circulações semanais de 35 mil exemplares e 55 mil dominicais¹⁰⁷ e, visando aumentar o número de vendas e a visibilidade de suas empresas e seus respectivos Estados, a RBS passava a atuar além das fronteiras nacionais, a partir da instalação,

¹⁰¹ Sem fim. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 31 ago. 1992, p. 21.

¹⁰² RBS comemora 35 anos de serviço à comunidade. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 set. 1992, p. 14.

¹⁰³ Nova diretoria quer revitalizar público. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 set. 1992, p. 19.

¹⁰⁴ A geração DC vai fundo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 dez. 1992, p. 24.

¹⁰⁵ Itamar pede ajuda à ANJ para superar a crise social. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 jan. 1993, p. 11.

¹⁰⁶ *Pioneiro*, novo jornal da RBS no RS. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 fev. 1993, p. 14.

¹⁰⁷ Convenção da RBS discute qualidade total. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 mar. 1993, p. 18.

na Argentina, da chamada diretoria Mercosul da RBS.¹⁰⁸ Se emergiam ao redor do mundo versões atualizadas sobre a sobrevivência dos jornais impressos,¹⁰⁹ a Rede buscava se promover, estender e modernizar. Em Florianópolis, tais estratégias tiveram algum êxito, ou assim se queria divulgar. Aquele seria o primeiro de vários anos em que o *Diário Catarinense* seria apontado como o mais lembrado pelo público, na pesquisa chamada *Top of Mind*. “Mais que uma vitória do jornalismo sério e competente, isso prova o quanto é importante respeitar a inteligência do leitor”, afirmaria sua comemoração.¹¹⁰

Em “ritmo de Natal”, os jornais da RBS lançariam naquele ano de 1993 a *Revista Clube*, publicação mensal voltada para assinantes, que conheceriam os produtos de patrocinadores anunciantes da Rede e os descontos que ganhariam por serem sócias/os do chamado *Clube do Assinante*, parceria dos jornais da Rede com estabelecimentos como lojas, farmácias, lavanderias e casas de espetáculos. “Aproveitando a proximidade do verão” e em seus esforços de integração cada vez maiores, assinantes do Rio Grande do Sul poderiam utilizar seus cartões de desconto em Santa Catarina. E vice-versa.¹¹¹ A revista traria também guias de oportunidades e negócios e sugestões de lazer, saúde, decoração, moda e gastronomia.¹¹² Em parceria com operadoras e agências de turismo, pacotes nacionais e internacionais logo passariam a ser oferecidos a mais de 170 mil assinantes dos 4 jornais da Rede¹¹³ e, no ano seguinte, a direção do jornal realizaria uma reunião com lideranças políticas e empresariais para lançar o *Diário Especial*, com 16 páginas sobre o turismo em algumas regiões de Santa Catarina.¹¹⁴

No início de 1994, a Rede investiu na centralização, controle e distribuição do que seria noticiado por seus meios impressos e eletrônicos, com a criação da primeira agência de notícias da RBS, localizada no Rio Grande do Sul, onde passariam a ser recebidos os mais de 700 textos diários enviados por agências nacionais e internacionais para redistribuição entre seus veículos,¹¹⁵ além de investir

¹⁰⁸ Mercosul. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 12 maio 1993, p. 03.

¹⁰⁹ Jornais investirão em seus leitores. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 08 jul. 1993, p. 15.

¹¹⁰ Obrigado pela lembrança. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 11 out. 1993, p. 21.

¹¹¹ Assinantes dos jornais da RBS recebem revista Clube. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 10 dez. 1993, p. 21.

¹¹² Informação e serviço. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 12 mar. 1994, p. 03.

¹¹³ Assinantes da RBS ganham benefícios. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 16 ago. 1994, p. 25.

¹¹⁴ DC lança caderno sobre turismo de SC. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 27 set. 1994, p. 20.

¹¹⁵ RBS inaugura agência de notícias. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 03 jan. 1994, p. 20.

em novas sucursais por Santa Catarina. Em abril, outras duas entraram em funcionamento, em São Miguel do Oeste e Jaraguá do Sul.¹¹⁶ Em dezembro seria inaugurada a de Joaçaba¹¹⁷ e, no início do ano seguinte, Curitiba e Araranguá.¹¹⁸

O ano de 1994 também seria de realização de mais um audacioso projeto em Santa Catarina, já em curso no Rio Grande do Sul: conquistar o público leitor desde a infância. Segundo o diretor executivo do DC de então, o jornal teria “que investir hoje nos homens do futuro [...]”. Assim, foi implantado em parceria com a Prefeitura de Criciúma e o *Jornal da Manhã*, o *Projeto Ler é fundamental*. Todas as 66 escolas municipais da cidade passariam a receber diariamente os dois periódicos, para incentivar o hábito de leitura de diretoras/es, professoras/es e alunas/os.¹¹⁹ Em 1995, Tubarão receberia projeto semelhante, o *Diário na Sala de Aula*.¹²⁰ O jornal imiscuía-se nas instituições didáticas, e logo se investiria em um “suplemento *teen* dirigido aos leitores adolescentes”.¹²¹

Homenageada pela Câmara de Vereadores de Florianópolis por seus 15 anos de uma atuação que teria proporcionado a “perfeita integração das comunidades por meio de programas que preservam a identidade cultural, social e política”,¹²² a RBS seria no mesmo ano premiada internacionalmente por sua *Editoria de Opinião*. A notícia informava que todos os jornais da Rede recebiam e veiculavam textos produzidos por uma equipe de Porto Alegre, sede do primeiro jornal da empresa.¹²³

Se as histórias da Rede e do DC pareciam fadadas ao sucesso, um incipiente marco de ruptura poderia ser encontrado em 27 de setembro de 1994. Chegava à Florianópolis o que se transformaria na maior concorrente da imprensa escrita. Prefeitura, UFSC e *Rede Nacional de Pesquisa* inauguraram então o CIIF, *Centro Integrado de Informações de Florianópolis*. A *internet*, motivo das discussões sobre o

¹¹⁶ DC inaugura sucursal em Jaraguá do Sul. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 29 abr. 1994, p. 25.

¹¹⁷ DC inaugura sucursal que vai atender Meio-Oeste. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 16 dez. 1994, p. 25.

¹¹⁸ DC inaugura duas novas sucursais. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 19 fev. 1995, p. 19.

¹¹⁹ DC apóia Projeto Ler em Criciúma. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 10 fev. 1994, p. 23.

¹²⁰ Tubarão vai receber o Diário na Sala de Aula. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 27 jul. 1995, p. 36.

¹²¹ Teens. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 19 ago. 1994, p. 03.

¹²² Câmara homenageia os 15 anos da RBS. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 14 jun. 1994, p. 29.

¹²³ SIP dá prêmio de opinião aos editoriais da RBS. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 25 jul. 1994, p. 03.

fim da imprensa escrita em eventos internacionais de que a direção da RBS participava frequentemente, chegava ao Estado. Literalmente incipiente, pois se tratavam de 3 computadores em instalações em frente à Catedral Metropolitana.¹²⁴

Sempre “fiel ao propósito de servir às suas comunidades”, no início de abril de 1995 a RBS promoveu um jantar em Brasília, evento considerado um “quase milagre [...] ecumênico, aberto [...]”, nas palavras do recém-eleito presidente Fernando Henrique Cardoso, convidado de honra da Rede, que reuniu então as principais lideranças políticas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, ministros e presidentes de partidos.¹²⁵

Coincidentemente, poucas semanas depois do elogiado e miraculoso jantar seria anunciada a aceleração do programa de desestatização empreendido no período e a “transferência para a livre iniciativa” do sistema de telecomunicações brasileiro.¹²⁶ Em seus editoriais e reportagens, o DC explicava as ações do então Ministro do Planejamento, José Serra, e a “imperativa necessidade de que se rompa uma anacrônica reserva de mercado que, além de fator de atraso tecnológico, há muito não é capaz de atender à demanda reprimida.”¹²⁷

Após inaugurar a *RBS TV Criciúma*¹²⁸ e uma sucursal multimídia em Jaraguá do Sul,¹²⁹ primeira cidade do Estado a vender o jornal em supermercados¹³⁰ e a ter cursos de *marketing* promovidos para proprietárias/os de bancas de jornais e revistas,¹³¹ o DC traria para a capital seu projeto *Diário na Sala de Aula*.¹³² Após treinar diretoras/es e professoras/es, passaria também a distribuir gratuita e semanalmente exemplares para todas as crianças de algumas escolas, para “formar indivíduos com hábito de leitura e senso crítico”.¹³³ O jornal então alcançara 91% da preferência de leitura na Grande Florianópolis e, segundo os índices publicados, a concorrência se tornara quase

¹²⁴ Informática liga Capital ao mundo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 set. 1994, p. 32.

¹²⁵ O presidente e o Sul. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 abr. 1995, p. 03.

¹²⁶ Governo anuncia privatização da Telebrás. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 abr. 1995, p. 18.

¹²⁷ A privatização da Telebrás. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 abr. 1995, p. 02.

¹²⁸ RBS TV inaugura seu sinal no Sul do Estado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 set. 1995, p. 27.

¹²⁹ RBS inaugura sucursal multimídia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 set. 1995, p. 21.

¹³⁰ DC é vendido em supermercados. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 nov. 1995, p. 55.

¹³¹ DC realiza seminário em Jaraguá. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 dez. 1995, p. 28.

¹³² DC é lançado em escola. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 set. 1995, p. 29.

¹³³ Estudantes levam o DC para casa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 02 abr. 1996, p. 29.

inexpressiva.¹³⁴ No Estado, a faixa etária do público do jornal variava entre os 15 e os 40 anos.¹³⁵ Os investimentos nos meios escolares e universitários e em suplementos, cadernos e constantes inovações aparentemente deram resultados. As modificações, no entanto, atingiram mais que a faixa etária do público leitor. Este foi o momento de divulgação de uma grande reportagem sobre o universo chamado então de GLS, sigla para gays, lésbicas e simpatizantes, nas páginas da *Revista DC*.¹³⁶ Não seria a primeira ou a última, mas serviria como uma espécie de divisora de águas no discurso do jornal, para usar uma exausta, mas adequada metáfora, que será melhor abordada no próximo capítulo.

O exitoso ano de empreendedorismo e expansão da Rede finalizaria com mais um anúncio promissor, sonhos a realizar e o que se chamou de “sagrado encargo” de “facilitar a comunicação das pessoas com seu mundo”. A meta da RBS seria chegar aos anos 2000 com um faturamento anual de 2 bilhões de dólares, e para isto a Rede investiria em prestação de serviços de informática e informação e expandiria seus negócios para o ramo das telecomunicações.¹³⁷ A realização dos sonhos seria garantida mediante operações para captar 50 milhões de dólares no mercado externo, além da otimista previsão de que mais 150 milhões seriam em breve disponibilizados.¹³⁸

Os reflexos da generosa confiança em uma empresa dinâmica e expansionista não tardariam a aparecer. Em março de 1996, alguns jornais da Rede passariam a disponibilizar na *internet* suas principais matérias, sempre após as 22 horas, e as/os leitoras/es poderiam então fazer reclamações, tirar dúvidas ou enviar cartas ao DC via *email*.¹³⁹ O endereço eletrônico, entretanto, só seria alimentado, atualizado de forma frequente, a partir de 1998, conforme algumas cartas enviadas e publicadas pelo periódico levam a crer: “[...] Até que enfim o Diário Catarinense criou vergonha [...] Faz quase um ano que procuro o DC e só tinha aquela página que não mostrava nada.”¹⁴⁰

Coincidindo com a comemoração de 10 anos de circulação do jornal, teve prosseguimento o “projeto de interiorização”, com a abertura de mais uma sucursal multimídia inaugurada em São Bento do

¹³⁴ Liderança consolidada. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 17 set. 1995, p. 03.

¹³⁵ Leitor jovem. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 19 set. 1995, p. 03.

¹³⁶ Desencana. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 12 nov. 1995, *Revista DC*, p. 01-12.

¹³⁷ Convenção define o rumo da RBS. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 09 dez. 1995, p. 15.

¹³⁸ Grupo fecha operação de US\$ 50 mi. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 08 dez. 1995, p. 13.

¹³⁹ DC está na vitrine da Internet. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 28 abr. 1996, p. 23.

¹⁴⁰ Site do DC. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 21 jun. 1998, p. 71.

Sul,¹⁴¹ e se investiria em uma campanha publicitária, “diário desejado anunciado”, em letras minúsculas, na qual uma das fotos utilizadas era a de uma modelo usando um curto vestido feito de matérias jornalísticas e cujo texto, marcado por duplicidade, dizia “Leitura gostosa, fotos marcantes. A qualidade gráfica do DC é modelo [...] Uma atração irresistível para todos os leitores [...] 10 anos devorados pelos olhos do consumidor”.¹⁴²

Durante o mesmo ano, uma exposição itinerante com 50 imagens de fotografias/os do jornal foi organizada¹⁴³ e seu parque gráfico foi ampliado para receber uma nova impressora, que permitiria maior rapidez e qualidade de impressão,¹⁴⁴ equipamento acionado ao final do ano pelo então Governador do Estado e em presença de políticos e empresários.¹⁴⁵ O jornal passou também por outra grande reforma gráfica, e contaria com maiores fotos, novos suplementos, cadernos especiais, maior espaço para publicação de cartas das/os leitoras/es, no espaço chamado *Diário do Leitor*, e outra distribuição de suas editorias. Apareceu então a chamada *Página Quatro*, “destinada a focalizar um grande assunto, com toque de atualidade [...] novo espaço nobre da reportagem”.¹⁴⁶

Os investimentos da Rede também alcançariam “a quarta mídia que chega para disputar o tempo livre das pessoas”. No fim de novembro de 1996 era anunciado o lançamento do portal ZAZ, uma parceria com a empresa *Nuctec Informática*, de Porto Alegre e com uma filial no chamado Vale do Silício, Califórnia, cujo controle acionário passara para a RBS em maio daquele ano e que, além de prestar assessoria para empresas e desenvolver sistemas de comunicação internos (as chamadas *intranets*), por meio da empresa *Studio Web* tinha uma carteira de clientes que desenvolviam então suas publicidades em páginas da *internet*, como o *Unibanco*, banco *Meridional*, *Epson do Brasil* e sabão em pó *Omo*.¹⁴⁷ O portal, que ficou *online* entre dezembro de 1996 e o final de 1999 e inicialmente oferecia canais de novela interativa ou *cyber* novela, uma novidade no país, notícias, *chats* ou

¹⁴¹ DC inaugura sucursal multimídia. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 08 maio 1996, p. 28.

¹⁴² Diário desejado anunciado. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 17 maio 1996, p. 12.

¹⁴³ Exposição DC 10 Anos já está no Shopping Mueller. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 04 jul. 1996, p. 39.

¹⁴⁴ DC tem nova máquina rotativa. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 21 jul. 1996, p. 41.

¹⁴⁵ DC inaugura novo parque gráfico. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 05 dez. 1996, p. 52.

¹⁴⁶ Diário está mudando a partir de segunda. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 27 out. 1996, p. 36.

¹⁴⁷ BRS lança canal interativo na rede. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 28 nov. 1996, p. 28-29.

salas de bate-papo, fórum de debates, serviços locais (os chamados guias de cidades), informações de vestibulares e a possibilidade para que as/os usuárias/os criassem suas próprias páginas pessoais, seria transformado no portal *Terra*, provedor de abrangência nacional e líder no segmento de banda larga no país durante vários anos da primeira década dos anos 2000:

[...] Em menos de um ano, o Zaz tornou-se referencial no mercado. [...] Em julho de 1999, antes de completar seus três anos, o Zaz foi o escolhido da Telefônica Interativa, empresa do grupo Telefônica, da Espanha, para iniciar suas operações de Internet na América Latina. Inicialmente, foi formada [...] com a RBS e com Marcelo Lacerda e Sérgio Pretto, a Terra Networks e, em dezembro de 1999, o Zaz virou Terra. [...] O Terra investiu em banda larga a partir de 2000 e, hoje, detém a liderança absoluta do segmento no Brasil, com 50% do mercado. Oferece acesso banda larga por todas as tecnologias desenvolvidas: cabo, telefone, satélite, celular, wi-fi, EVDO da Vivo. Provedor com abrangência nacional, está em mais de duas mil cidades, das quais mais de 1,2 mil com acesso em alta velocidade. São 1,7 milhão de assinantes [...] Por ano, o Terra lança em média dez novos serviços [...] Possui o mais moderno estúdio de internet na América Latina, pioneiro, lançado em setembro de 2000, com transmissão 24 horas na TV Terra com uma média de 8 horas diárias de programação ao vivo e acervo de 100 mil vídeos e áudio. O Jornal do Terra, programa jornalístico multimídia lançado em outubro de 2002 é exibido ao vivo em três boletins diários: 11h, 15h e 17h30. [...] ¹⁴⁸

Neste ponto, as coincidências entre jantares oferecidos, anúncios de privatização e investimentos captados no exterior parecem começar a se articular entre si. A tão exitosa parceria entre o grupo *Telefônica Internacional de Espanha* e a *RBS Participações SA*,

¹⁴⁸ Portal Terra e como tudo começou. **Terra**. Disponível em: < <http://tecnologia.terra.com.br/internet10anos/interna/0,,OI542329-EI5029,00.html>>. Acesso em: 09 abr. 2013.

anunciada pelo portal *Terra* na breve recapitulação de sua história acima citada, no entanto, seria anterior e aconteceria ainda em 1996, quando as empresas se uniram em consórcio, que envolveria também a *Telefônica da Argentina*, *Companhia de Telecomunicações do Chile* e o americano *Citicorp*.¹⁴⁹ Segundo um dos editoriais de dezembro do DC, uma “parceria para a modernização garante desde já uma promissora perspectiva de abrir para o Brasil uma nova era nas telecomunicações”.¹⁵⁰ Para Nelson Sirotsky, então diretor-presidente da RBS e que informava que a empresa já atuava no ramo da telefonia celular desde 1990, em parceria com a empresa *Bell South*, aquela seria uma forma de promover “o desenvolvimento da região onde temos nossas raízes e, principalmente, para melhorar a vida das pessoas que nela residem e trabalham”.¹⁵¹ O consórcio acabara de vencer o leilão que oferecera ações da *Companhia Riograndense de Telecomunicações* (CRT).

Em agosto do ano seguinte, a RBS se uniria ao consórcio formado pelo *O Estado de São Paulo*, *Banco Safra*, *Splice Brasil* e sua já parceira *Bell South* para investir em telefonia celular no Estado de São Paulo, por meio da BCP,¹⁵² em participação rápida, pois logo as ações da Rede seriam vendidas aos demais sócios.¹⁵³ Estratégica saída que permitiria sua participação em outros leilões. A prioritária missão de facilitar a comunicação das pessoas com seu mundo, tivesse tal verbo validade ou não, rapidamente se concretizava.

A expansão dos negócios não levou a Rede a negligenciar o DC. Com o número de usuáries/os de *internet* se expandindo, os investimentos feitos para aumentar as vendas e assinaturas do jornal se ampliaram. Além de ganharem ingressos para o parque temático *Beto Carrero World*, quem se tornasse assinante do jornal no final de 1996 participaria de sorteios de bicicletas, relógios, televisores, microcomputadores e um carro.¹⁵⁴ Em 2001, o jornal chegaria a sortear um apartamento na Praia dos Ingleses, Norte da Ilha de Santa Catarina.¹⁵⁵

¹⁴⁹ CRT deflagra privatização do sistema de telefonia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 dez. 1996, p. 18.

¹⁵⁰ Parceria para a modernização. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 dez. 1996, p. 02.

¹⁵¹ A RBS e a CRT. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 dez. 1996, p. 02.

¹⁵² RBS formaliza adesão ao BCP. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 ago. 1997, p. 21.

¹⁵³ RBS vende participação no BCP. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 dez. 1998, p. 15.

¹⁵⁴ DC distribui prêmios a assinantes. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 dez. 1996, p. 37.

¹⁵⁵ Assinantes concorrem a prêmios. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 abr. 2001, p. 36.

O projeto de integração também continuaria, e Curitiba ganharia uma sucursal da RBS em abril de 1997.¹⁵⁶ Durante o mesmo mês, seria entregue para crianças de escolas municipais do Estado, entre a 1ª e a 4ª séries, o kit escolar DC, composto de régua, borracha, lápis e um jornal de quatro páginas para colorir e brincar.¹⁵⁷ As crianças se familiarizariam com o jornal e aprenderiam brincando. Em comercial do mesmo período, uma campanha para atrair anunciantes, o jornal anunciava que seu número de leitoras/es diários chegara a 500 mil por todo o Estado.¹⁵⁸ Número duvidoso ou não, era divulgado que algumas edições especiais esgotavam as vendas, como uma de maio daquele ano que levava encartada um caderno sobre os municípios do Estado, a qual chegara a vender quase 41 mil exemplares.¹⁵⁹

As estratégias para incrementar os números de vendas do jornal eram as mais variadas. Em suas páginas, seriam incluídos não só cadernos especiais, mas produtos que aumentavam o preço das edições avulsas, como atlas, fascículos, vídeos, CDs.¹⁶⁰ O jornal também fazia parcerias com empresas de ônibus interestaduais, que passaram a distribuir jornais a passageiras/os leito e executivo para alguns de seus destinos¹⁶¹ e chegava a fazer promessas, logo abaixo da foto de uma loira de biquíni, de que naquele Verão o jornal traria “Belas mulheres em todos os cadernos.”¹⁶² Promoções eram realizadas, como a *DC Mania*, que disponibilizava cartelas de tatuagens atóxicas em exemplares vendidos nas bancas¹⁶³ e as/os assinantes concorreriam a viagens para o parque temático *Walt Disney World*,¹⁶⁴ ambas tendo por público alvo crianças e adolescentes, e a última divulgada em páginas como as policiais, provável indício de que a seção continuava com alto índice de leitura. Logo as formas de pagamento aceitas para assinatura seriam facilitadas e a entrega do jornal passaria a poder ser feita em dois endereços diferentes, durante “a semana no escritório. Sábado e

¹⁵⁶ RBS inaugura mais uma sucursal. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 abr. 1997, p. 43.

¹⁵⁷ Alunos recebem kit escolar DC. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 15 abr. 1997, p. 43.

¹⁵⁸ O mundo é Diário. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 22 abr. 1997, p. 48.

¹⁵⁹ DC especial se esgota nas bancas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 maio 1997, p. 43.

¹⁶⁰ Como exemplo, ver: Videoteca DC oferecerá os sucessos do cinema. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 set. 1997, p. 04.

¹⁶¹ Santo Anjo distribui DC em ônibus. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 out. 1997, p. 33.

¹⁶² O Verão vai ferver e será destaque no DC. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 dez. 1997, p. 04.

¹⁶³ Vai pegar. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 jan. 1998, p. 03.

¹⁶⁴ Assine o DC e sua vida não será mais a mesma. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 12 mar. 1998, p. 56.

domingo, em casa”.¹⁶⁵ A empresa buscava alcançar várias faixas etárias, estimular e facilitar a leitura diária.

A integração e a diversificação dos investimentos tiveram continuidade por meio de encontros realizados em vários municípios de Santa Catarina, intitulados *Janelas RBS*, visando a uma maior aproximação entre a Rede e a comunidade. Tais encontros reuniam autoridades e lideranças políticas e empresariais das regiões onde era necessário estreitar relações.¹⁶⁶ Por meio de uma parceria entre a televisão da Rede e o então banco estadual, BESC, a Rede comprometia-se a divulgar 50 eventos culturais pelos municípios do Estado.¹⁶⁷

Em setembro de 1998, novas reformulações foram realizadas no DC, que passou a divulgar os telefones das editorias do jornal, modificou sua diagramação e a distribuição de cronistas e colunistas por suas páginas. Tal reformulação levou para a penúltima página do caderno principal do jornal Cacau Menezes, colunista das páginas de *Variedades* e revistas dominicais do periódico desde a primeira edição. Apesar de controverso e polêmico em variados assuntos, sua coluna seria por diversas vezes utilizada para dar visibilidade a sujeitas/os e espaços desviantes e defender grupos minoritários, como prostitutas e portadoras/es de HIV, apesar de alguns deslizos e contradições poderem ser encontrados ao longo dos anos.¹⁶⁸ Ainda em fins dos anos 1980, sua coluna traria textos como o intitulado *Discriminação*:

Telefona uma senhora. É claro, não se identificou. Era uma denúncia. Disse que as três mulheres que apareceram nesta coluna na última semana, deitadas numa praia com seus respectivos biquínis fio-dental, se preparando para o Hang Loose, são três prostitutas de Concórdia.

**

É de se perguntar: e prostituta não pode frequentar praia?¹⁶⁹

¹⁶⁵ Está mais fácil e barato ler o DC. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 jul. 1998, p. 33.

¹⁶⁶ Janela RBS integra empresa e comunidade. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 mar. 1998, p. 37.

¹⁶⁷ RBS e Besc assinam convênio cultural. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 mar. 1998, p. 63.

¹⁶⁸ DC apresenta mudança a partir desta segunda. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 set. 1998, p. 04.

¹⁶⁹ Discriminação. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 set. 1987, *Variedades*, p. 03.

Outro a ganhar um espaço diferente dentro do periódico foi o cronista e integrante da *Academia Catarinense de Letras*, Sérgio da Costa Ramos.¹⁷⁰ Colaborador do jornal desde 1991, seu espaço no caderno principal do jornal seria transposto para o caderno *Variiedades* e o dominical, caminho inverso ao feito por Cacau Menezes. Sérgio seria autor de frases como “[...] Verdade que às vezes ainda se nota algum defeito de fábrica, a tal costela masculina pode ter contaminado alguns exemplares, gerando aquela degenerescência chamada Sapatão.”¹⁷¹ Amante das belas mulheres, a quem dedicava inúmeros dos textos de sua coluna, sua opinião sobre as travestis era também um tanto quanto intolerante:

[...] Lúcifer não estava descansando. Sabendo da criação celestina, os homens que habitavam o Inferno foram a belzebu pedir isonomia: também queriam mulher.

O diabo ainda contra-argumentou que eles não estavam em condições morais de exigir coisa alguma, mas para não ficar atrás do Todo-Poderoso, concordou em dar aos penitentes uma companhia interessante.

Fez adormecer meia dúzia de homens e, durante o sono profundo, retirou-lhes uma costela, dali modelando o novo ser.

Só que o concebeu igualzinho ao seu modelo, protuberâncias inclusive, menos os seios e as curvas.

Tinha inventado o travesti.

Constituindo esses homens uma fauna barulhenta, durante o Carnaval Lúcifer expulsa-os do Inferno e os desterra para o Roma [...]¹⁷²

Publicado em período de Carnaval, o texto fazia referência ao *Bar Roma*, um dos mais famosos espaços de sociabilidade desviante da Ilha de Santa Catarina, local para onde se dirigiam, segundo o autor, as criaturas de Lúcifer. Além das cáusticas definições para lésbicas e travestis, textos do imortalizado cronista traziam ao discurso jornalístico

¹⁷⁰ Sérgio da Costa Ramos vai ocupar a cadeira 19. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 jul. 2000, *Variiedades*, p. 12.

¹⁷¹ Mulher. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 09 mar. 1996, p. 39.

¹⁷² RAMOS, Sérgio da Costa. Invenções de Carnaval. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 fev. 1997, p. 39.

a provável pioneira proposição de se realizar uma Parada Heterossexual, bem como afirmações de como seria absurdo homossexuais quererem ter direitos.

A partir de 2000, a RBS passou a investir em pequenos jornais “para uma faixa de público ainda não atingida”. Com preços menores e pequenos brindes que acompanhavam as edições, era lançado em abril o *Diário Gaúcho*, quinto jornal do grupo, que passou em menos de um mês a vender mais de 200 mil exemplares por dia no Rio Grande do Sul.¹⁷³ Já para o interior do Estado, foi lançado o *Jornal de Santa Maria*, dois anos depois.

Em Santa Catarina, o DC passava a flexibilizar ainda mais os tipos de assinaturas disponíveis, oferecendo opções de dias da semana que as/os leitoras/es gostariam de receber o jornal,¹⁷⁴ enquanto eram criados pela *RBS Online* sites de conteúdos diversos, como *clicEsportes* e *clicNotícias*, com todos os espaços de publicidade já preenchidos antes mesmo de entrar no ar,¹⁷⁵ investimento que buscava alcançar a um público cada vez maior, visto que o número de usuárias/os da *internet* em Santa Catarina aumentara de pouco mais de 43 mil em 1999 para mais de 129 mil em meados de 2000.¹⁷⁶ Poucos meses depois, 5 milhões de dólares seriam investidos para lançar o *clicRBS*, site que unificou os conteúdos dos demais e os serviços, produtos, jornais, emissoras de rádio e televisão dos dois Estados em que a RBS atuava.¹⁷⁷ Em dezembro, seria feito o anúncio de que chegaria à Florianópolis a *internet* banda larga, por meio da *Net Sul*. Os únicos provedores que poderiam disponibilizar o acesso, *Globo.com*, *Matrix* e *Terra*. O último deles, da RBS.¹⁷⁸ Assim como a *Net Sul* que, pertencente à rede desde 1992, fundiu-se com a *Globo Cabo*, transformando-se a RBS em acionista do *Projeto Nacional de TV a Cabo Net*, em 2000.¹⁷⁹

A partir de 2001, o DC, já consolidado, passava a se dirigir a leitoras/es para informar que passaria a ter diversos compromissos. E eles foram vários, entre os quais ter mais qualidade e ética, em busca de

¹⁷³ Decolou. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 maio 2000, p. 63.

¹⁷⁴ DC lança nova modalidade de assinatura para os leitores. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 maio 2000, p. 33.

¹⁷⁵ RBS lança serviço na Internet. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 jul. 2000, p. 19.

¹⁷⁶ Triplica número de internautas em SC. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 jul. 2000, p. 21.

¹⁷⁷ clicRBS chega ao Estado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 set. 2000, p. 20.

¹⁷⁸ Internet de alta velocidade chega à Florianópolis. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 22 dez. 2000, p. 14.

¹⁷⁹ De um microfone a uma rede multimídia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 31 ago. 2002, p. 05.

credibilidade. O jornal assumiria e retificaria os próprios erros, inclusive os ortográficos.¹⁸⁰ Ele passara a ter mais de 185 mil leitoras/es apenas na Grande Florianópolis,¹⁸¹ e a imprensa escrita então ocuparia o segundo lugar em pesquisas sobre a confiabilidade creditada a instituições, perdendo apenas para a igreja católica.¹⁸²

Durante o mesmo ano, o DC investiria também em ensino a distância. Em parceria com o *Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial* (Senai) e patrocinado pela Secretaria de Estado de Educação, seriam lançados encartes semanais do curso *Tecnologia da Informação a Distância*.¹⁸³ Também se uniria, dois anos depois, à *Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina* (Fiesc) para lançar suplementos sobre as chamadas vocações e potencialidades das regiões catarinenses, visando atrair mais investimentos ao Estado.¹⁸⁴

O DC passaria por novas reformas em 2003, quando, além de mais colorido, com mais fotos e novos colunistas, introduziu novos suplementos e cadernos, além de reformular alguns já existentes. *DC Cultura*, *DC Viagem*, *DC Documento*, *DC Gastronomia*, *Gestão*, *Guia da Escola*, *Eureka!*, o suplemento dominical *Revista DC* substituído pelo *Donna DC*¹⁸⁵ e, seguindo as transformações, em 2004 o suplemento para jovens *Patrola*,¹⁸⁶ mesmo nome de um programa televisivo da Rede: o jornal passava a publicar sobre uma variedade cada vez maior de assuntos, buscando atender a interesses cada vez mais diversificados. “Tudo pelo leitor”, afirmaria o jornal.¹⁸⁷ Além disso, suas assinaturas começaram a poder ser feitas também a partir de um site.¹⁸⁸ A interatividade entre *clícRBS* e o jornal também passaria a ser estimulada por meio de perguntas submetidas à votação do público na *internet*, cujos resultados eram publicados aos domingos no jornal.¹⁸⁹ O jornal passava então a ter a aparência, os suplementos, as titulações e

¹⁸⁰ Como exemplo, ver: Compromisso com a credibilidade. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 jul. 2001, p. 02.

¹⁸¹ Cresce número de leitores. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 26 jul. 2001, p. 55.

¹⁸² Jornais conquistam credibilidade. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 ago. 2001, p. 04.

¹⁸³ DC e Senais lançam projeto. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 02 out. 2001, p. 21.

¹⁸⁴ DC e Fiesc mostram potencial de SC. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 03 ago. 2003, p. 18.

¹⁸⁵ Mais conteúdo com *Donna DC*. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 abr. 2003, p. 03.

¹⁸⁶ DC lança caderno *Patrola*. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 set. 2004, p. 27.

¹⁸⁷ Tudo pelos leitores. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 31 dez. 2003, p. 48.

¹⁸⁸ DC tem novo site para assinaturas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 mar. 2003, p. 21.

¹⁸⁹ DC interativo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 mar. 2004, p. 03.

divisões que hoje podem ser encontradas em suas páginas, e em pouco tempo passaria a ter mais de 50 mil assinantes em todo o Estado.¹⁹⁰

Visando atender a recomendações cada vez mais numerosas de aproximação entre jornais e público, o DC criou seu primeiro não-remunerado e voluntário *Conselho do Leitor*, que se reuniria semanalmente e teria os resultados das discussões publicados sempre aos domingos, tentativa de conferir ao jornal uma aparência de transparência e diálogo.¹⁹¹ Para se aproximar das crianças, lançou vídeo, música, jogos de *internet* e protetores de tela para computadores, além de um álbum de figurinhas que acompanhariam o jornal aos domingos, tudo produzido para sua campanha *Educar é Tudo RBS*. Educar seria uma responsabilidade de toda a sociedade, segundo o anúncio da campanha divulgada pelo jornal.¹⁹² E, a partir de meados de setembro de 2005, por iniciativa da Secretaria de Estado da Educação, 1208 escolas estaduais passariam a receber o DC.¹⁹³ Além disso, foi criado o *Concurso Jovem Colunista*, no qual crianças e adolescentes que quisessem participar eram concorriam de acordo com suas séries escolares. Os melhores textos seriam publicados pelo jornal e, ao final do concurso, as/os vencedoras/es ganhariam camisetas autografadas por colunistas e editoras/es, passariam um dia na redação do jornal e acompanhariam a apuração de notícias.¹⁹⁴

O jornal passaria pela última reforma gráfica que pude acompanhar enquanto pesquisava ao final do ano de 2005. Alguns cadernos e colunistas ganhariam destaque, aparecendo na capa, trechos de entrevistas ou de matérias passariam a vir no topo da página, próximo ao nome da seção, o canal de comunicação para sugestões e críticas foi centralizado em um *email* específico e algumas notícias, reportagens e textos passaram a vir com o endereço eletrônico da/o responsável por sua escrita. A hora de fechamento da edição passou a ser informada na contracapa, que também ganharia um espaço para o que seria destaque no jornal nos próximos dias. A *Página Quatro*, aquela destinada a focalizar grandes assuntos, espaço nobre da reportagem, passava a ser intitulada *Reportagem Especial*, local no qual aparecerá, no ano

¹⁹⁰ DC atinge a marca de 50 mil assinantes. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 abr. 2005, p. 43.

¹⁹¹ Diário Catarinense cria conselho de leitores. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 17 out. 2004, p. 38.

¹⁹² Ganhe álbum no DC deste domingo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 maio 2005, p. 25.

¹⁹³ “Jornal na escola” vira realidade. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 set. 2005, p. 26.

¹⁹⁴ Os primeiros jovens colunistas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 out 2005, p. 39.

seguinte, o que se chamou de *I Parada da Diversidade de Florianópolis*. Erro histórico a se retificar: aquele seria o evento nascido e divulgado para o sucesso e para entrar no calendário oficial da cidade. Mas não era a I Parada de Florianópolis.

Ao longo de 20 anos, portanto, a Rede Brasil Sul se transformou em uma das maiores empresas da América Latina, com ramificações por todas as áreas que envolvessem não só a arte informativa impressa e diária do Sul do Brasil, mas as comunicações da região como um todo, definindo como e o que era divulgado por seus meios a partir do entrecruzamento de relações políticas, partidárias, econômicas, sociais e culturais, que poderiam se modificar de acordo com contingências, sujeitas/os e interesses envolvidos. A frase de Rafael Saldanha, adaptada na Introdução deste trabalho, mostra-se extremamente válida. O *Diário Catarinense* teria, sim, a possibilidade de construir redes de sociabilidades e massificar padrões, comportamentos e cotidianos. Afinal, era o décimo filho de uma grande e poderosa família chamada RBS.

Breves incursões por notícias e reportagens locais, regionais e nacionais do jornal *Diário Catarinense* permitem demonstrar como ele assumiu não apenas as funções informativa, noticiosa, mas também formativa e por vezes literalmente didática. A partir de interesses específicos e da afirmação de seus posicionamentos, o jornal buscou direcionar leitoras e leitores para determinadas atitudes, escolhas e percepções, traçou quais seriam os comportamentos e sujeitas/os ideais para a imagem de uma sociedade que se buscava construir e quais seriam aquelas/es socialmente inaceitáveis, abjetas/os, utilizando-se da didaticidade característica ao discurso jornalístico. O que seria didaticidade? Como e por quais meios ela ocorre?

1.2 – A DIDATICIDADE DO DISCURSO JORNALÍSTICO

O termo encanta pela simplicidade de aplicação ao ser utilizado como categoria de análise. Didaticidade refere-se ao aspecto didático que possuem determinados discursos, mas que fundamentalmente não foram produzidos para transmitir conhecimentos, ou seja, eles seriam gerados a partir de situações fora do contexto das instituições sociais de formação acadêmica e de ensino. A didaticidade surgiria das trocas, das misturas de saberes, a partir de interações pessoais, profissionais, falas cotidianas, e seria construída a partir do cruzamento de 3 diferentes tipos de dados:

- (1) dados de ordem situacional, em situações assimétricas [...] nas quais um dos interlocutores possui um saber ou um saber-fazer que o outro não tem, saber real ou suposto, que ele está em posição de fazer partilhar com o outro;
- (2) dados de ordem funcional, forçosamente inscritos nesse tipo de interação [...] uma intenção (real, simulada ou fingida) *de fazer saber, de fazer dividir seus saberes, de tornar o outro mais competente*, ou de *fazer com que o outro aprenda*;
- (3) dados de ordem formal [...] procedimentos de definição, de explicação, de exemplificação.¹⁹⁵

Os grifos encontram-se no próprio texto original, para ressaltar a intencionalidade da divisão de saberes, o fazer com que a/o outra/o aprenda algo. Ressalto o que pode caracterizar estes saberes: eles podem ser reais ou supostos.

Um dos exemplos de didaticidade viria da imprensa. Deslizando entre os modos informativo, descritivo, narrativo, explicativo, por vezes utilizando-se de generalização ou optando pela anedota, o discurso da imprensa seria composto por uma mistura de saberes provenientes dos mais diferenciados locais, desde os de natureza enciclopédica até os costumes tradicionais, das argumentações chamadas científicas aos ditos populares, dos saberes acadêmicos às opiniões e valores pessoais, e seria marcado por uma relação assimétrica, visto que as notícias são sempre selecionadas e postas em circulação por aquelas/es com poder de decisão sobre o que e como divulgar, intencionalmente partilhando algo

¹⁹⁵ Para tal, ver: CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, op. cit., 2008, p. 165.

que supostamente sabem e querem fazer saber. Recorro a algumas notícias para demonstrar exemplos de didaticidade no discurso da imprensa escrita.

No dia de lançamento do *Diário Catarinense*, mais de 4 mil funcionárias/os do Departamento de Saúde Pública do Estado entraram em greve, atendendo apenas a casos emergenciais. Manifestação por melhores salários, mais contratações e reais condições de trabalho, já que as verbas destinadas ao setor eram insuficientes para atender com qualidade a população.¹⁹⁶ Em 06 de maio, o editorial do jornal chamava atenção para *As greves e a nova realidade*:

Pesquisa realizada no Rio e em São Paulo, na primeira semana de março [...] indicou que 80% dos entrevistados, nos diversos segmentos da sociedade, posicionavam-se contra qualquer movimento grevista [...]. Esta tendência não mudou. A opinião pública, em sua expressiva maioria, continua a condenar os movimentos grevistas [...] Se asseguram o direito à greve, as democracias condenam aqueles que o utilizam com açodamento [...] Esses grupos apostam numa insatisfação popular que não existe e, alheios à realidade, não mudam seu discurso, superado pelos fatos. Demonstram incoerência e falta de sensibilidade, são inoportunos e prestam desserviço ao país.¹⁹⁷

A nova realidade a que o jornal se referia era a aplicação das medidas do Plano Cruzado pelo governo do então presidente José Sarney, que desindexara a economia e provocara defasagem salarial, trazendo as consequências que a perda de poder aquisitivo poderia acarretar, o que por si só não justificaria, para o jornal, o apelo à greve, já que não existiria insatisfação popular. O texto revelava não apenas que o periódico tomava para si argumentos baseados em supostas pesquisas realizadas em grandes centros urbanos tidos provincianamente como modelos, mas insinua sua oposição a determinados grupos tidos como alheios à realidade e logo em seguida fartamente qualificados.

Se é possível argumentar, no entanto, que as páginas destinadas ao *Editorial* de um jornal refletem alguns posicionamentos de

¹⁹⁶ Saúde para em todo o Estado. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 06 maio 1986, p. 03.

¹⁹⁷ As greves e a nova realidade. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 06 maio 1986, p. 04.

proprietárias/os das empresas e são destinadas àquelas/es que compõem as chamadas elites dirigentes, que esperam ali encontrar certo conservadorismo por parte das empresas noticiosas, ocupando um dos últimos lugares de preferência de leitura,¹⁹⁸ proposições similares seriam levadas para outras seções do jornal, como sua então segunda página intitulada *Visor*. Em fevereiro de 1989, neste espaço, era comemorado o fim da greve de mais de 15 mil trabalhadores das minas de Criciúma. O texto alertava para a delicadeza do momento político, a primeira eleição direta que seria realizada ao final daquele ano após décadas, para logo em seguida apontar a periculosidade de certos grupos e de se fazer greve:

O bom senso foi sobreposto a interesses políticos partidários [...] É necessário porém que os trabalhadores tenham consciência de que estamos num ano político de mais alta importância para a vida do País. Pela primeira vez, desde 1960, estarão sendo realizadas eleições para a Presidência da República. Existem segmentos políticos que estão desejando manipular o eleitorado brasileiro, constituído na sua maioria absoluta por trabalhadores, fazendo dele uma massa de manobra para atingir seus objetivos que até podem ser a não realização das eleições, embora eles nunca façam tal afirmativa. [...] Aqueles que já participaram de movimentos deste tipo podem testemunhar que, passado tudo, olharam para os lados viram colegas que perderam tudo [...] Morreu gente, houve feridos, trauma na sociedade. [...] É hora de parar, pensar, medir consequências não só diretas mas também aquelas que atingem seus familiares.¹⁹⁹

Provavelmente escrito às pressas, é possível não apenas perceber que algumas regras de pontuação foram negligenciadas, mas também que o periódico compartilhava sua convicção sobre o perigo de determinados segmentos políticos, que pretendiam manipular o eleitorado e tinham por objetivo a não realização de eleições. Era

¹⁹⁸ Para tal, ver: HOHENBERG, John. **O jornalista profissional**: guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1981, p. 397-399.

¹⁹⁹ Não queimar etapas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 fev. 1989, p. 02.

preciso, portanto, que as/os grevistas conhecessem as prováveis consequências de seus atos, que poderiam culminar em violências físicas, afetar suas famílias, alterar o curso do retorno ao direito de voto direto, provocando um possível retorno da ditadura ou ainda a instalação no país do temido comunismo.

As eleições aconteceriam em breve, e o frágil contexto de recém-adquirida e negociada liberdade exigia cautela, pois os centros de poder ainda eram ocupados pelo que o jornal chamava de ciclos militares.²⁰⁰ Mesmo sendo delicado tratar sobre ditaduras ou mesmo utilizar tal nomenclatura, quando o ditador Stroessner foi deposto do poder no Paraguai, em fevereiro de 1989, o tema foi levado ao jornal. Não pretendo discorrer sobre o assunto, mas demonstrar outra forma de didaticidade, desta vez representada por uma carta sobre o fim do regime ditatorial paraguaio, que seria duplamente reproduzida pelo jornal. A primeira vez, em 25 de fevereiro de 1989, a segunda, em 06 de março do mesmo ano, exatamente iguais, assinadas pelo mesmo leitor:

Infelizmente, a América Latina perdeu um de seus mais proeminentes políticos, o general Alfredo Stroessner. Assim como Pinochet, Stroessner, por defender vorazmente o seu país ante a escalada das ideologias importadas e subversivas marxistas, foi danosamente taxado de “ditador”. Enquanto isso, Gorbachev, Fidel [...] são chamados “libertadores”. Porém, [...] instigadores e financiadores das guerrilhas e do fúnebre terrorismo vermelho internacional [...] eles apenas intensificam a miséria da humanidade [...] Por fim os fatos revelam quem são os verdadeiros ditadores.

Valenio A. Parisotto, Lages

Por meio da carta, portanto, o jornal partilhava supostos saberes sobre quem seriam, naquele momento, os considerados erroneamente como ditadores, alertando o público leitor sobre importadas e subversivas ideologias combatidas por proeminentes e injustiçados políticos como Pinochet e Stroessner. Apenas em setembro de 1991, dentro de um novo contexto político, seria feita uma série de reportagens para o caderno principal do jornal sobre as violências da ditadura militar

²⁰⁰ Golpes são rotina no continente. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 fev. 1989, p. 19.

em Santa Catarina.²⁰¹ Aquele, porém, não parecia ser o momento mais adequado.

O contexto exigia lutar, combater, impedir o que se considerava um perigo vermelho que assombrava países, eleições e órgãos de imprensa.²⁰² Assim, a publicação do conteúdo de tal carta por duas vezes só poderia ser explicada por descuido de editoras/es responsáveis pela seção, falta de cartas e necessidade de reproduzir novamente a mesma ou por temor de desagradar o poder ainda estabelecido, visto que em março, mês da segunda publicação, tal carta foi antecedida pela de um indignado leitor que ironicamente perguntava se ser comunista significava ser bicho-papão, comedor de criancinhas ou criminoso. O jornal, espaço democrático, resolvera publicar ambas. A de Valenio, pela segunda vez.

Ao fim de março, uma pequena notícia nas páginas políticas intitulada *Militares lembram Revolução* relatava, com ausente criticidade, partes do discurso preparado pelas forças militares para comemorar a intervenção ocorrida em 1964 “sob indiscutível apelo nacional”,²⁰³ um provável indício de que a proximidade existente entre o jornal e os poderes políticos estabelecidos era dedicadamente cultivada, bem como o combate a perigosas influências rubras. Assim, era comum nos anos iniciais do periódico encontrar comentaristas elogiando os últimos 25 anos de enormes progressos, realizados por quem era naquele momento injustamente execrado,²⁰⁴ uma mesma página política com referências a uma sociedade que se colloria, enquanto outro partido era a favor de um sistema de produção artesanal de seus materiais de campanha, que eram vendidos ao invés de doados, sutilmente sugerindo atraso, despreparo e falta de apoio,²⁰⁵ opiniões de meia página combatendo o que se chamava de esquerdismo de proveta do Brasil, que não iria muito além de um esforço laboratorial e semi-estéril de

²⁰¹ Série intitulada Nos porões da Ditadura, divulgadas entre 23 e 27 de setembro de 1991. A título de exemplo, cito a primeira da série: Operação Barriga Verde caça comunistas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 set. 1991, p. 04.

²⁰² Sobre as construções de imagens do chamado perigo vermelho, ver: TORRES, Mateus Gamba. “A Justiça nem ao Diabo se há de negar”: a repressão aos membros do Partido Comunista Brasileiro na Operação Barriga Verde (1975 – 1978). 2009. Dissertação (Mestrado em História), UDESC, 2009, p. 41-50.

²⁰³ Militares lembram Revolução. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 31 mar. 1989, p. 18.

²⁰⁴ PRATES, Luiz Carlos. Otimismo do passado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 out. 1989, p. 32.

²⁰⁵ Collorida até na fachada/PT é pela produção artesanal. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 out. 1989, p. 24.

intelectualóides universitários²⁰⁶ ou mesmo a ênfase de que o socialismo de determinado candidato à presidência era ultrapassado, título de uma série de opiniões de vários candidatos à presidência, dadas por meio de entrevista. Aquela, porém, ao que tudo indica, seria a mais importante a partilhar. Por isso virou título.²⁰⁷

O jornal, portanto, não só indicava para as/os leitoras/es quais os melhores caminhos políticos a serem seguidos, mas também a necessidade de que se encaixassem dentro de um perfil ordeiro, compreensivo para com as necessárias dificuldades que faziam parte do que se divulgava como um processo de estabilização econômica e política, que não deveria ser causa de qualquer insatisfação popular, além de sugerir que fossem avessas/os a greves e influências consideradas perigosas, maléficas, atrasadas, em notícias, colunas e cartas plenas de didaticidade. Ela, no entanto, serviria também para acalmar, como se verá a seguir, em um assunto que envolveria a saúde da população.

Em dezembro de 1986, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) recebeu para uma palestra o professor Walter Beda, da Universidade de São Paulo (USP), durante o *Curso sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis*, realizado para estudantes e profissionais da área de saúde. A notícia, intitulada *AIDS, tema de curso na UFSC*, tinha um texto logo após seu título, normalmente chamado em jornalismo de olho,²⁰⁸ que informava: “Segundo Walter Beda, da USP, a doença não deve causar pânico à população, pois os mais atingidos são os drogados e homossexuais”. Os discursos correntes que consideravam a doença um câncer ou peste homossexual permitiriam tais afirmações, e a época era de consolidação dos chamados grupos de risco, vistos como poluídos, transgressores, propensos a se contaminarem por seus comportamentos, nos quais haviam sido acrescidos, dentre outros, as/os usuárias/os de drogas.²⁰⁹

A população, portanto, conforme o que era noticiado sobre o curso, não precisava se preocupar. Bastava não serem homossexuais, que variavam muito de parceiros, nem drogados, que usavam várias

²⁰⁶ HOFFMANN, Ricardo L. A direita salvadora. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 17 out. 1989, p. 06.

²⁰⁷ “Socialismo de Lula é ultrapassado”. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 fev. 1989, p. 20.

²⁰⁸ Mudanças gráficas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 abr. 1991, p. 02.

²⁰⁹ Para tal, ver: AMORIM, Graziela R. **Outsiders do bairro Trindade**: “Pacto da morte” ou “Gangue da Aids”? Para além da construção de um episódio (Florianópolis 1987). 2009. Dissertação (Mestrado em História), UFSC, 2009, p. 51-62.

vezes a mesma seringa contaminada. As drogas, segundo a reportagem, diminuía as defesas do organismo, por isso os vários contatos com seringas contaminadas fariam as pessoas adoecerem. No caso de homossexuais homens, o risco estaria no fato de alguns chegarem a ter de 20 a 30 relações sexuais por dia, periodicidade que diminuía com as campanhas contra a doença:

Apenas os homossexuais, que tem várias relações sexuais por dia estão dentro do segundo grupo de risco [...] os espermatozoides não tem imunidade nas relações homossexuais, porque não encontram as condições ideais de temperatura e hormonais das heterossexuais. [...] o risco para a população em geral é extremamente baixo [...] a campanha contra a AIDS diminuiu o número de incidência neste grupo de risco, onde alguns homens chegavam a ter 20 a 30 relações sexuais por dia.²¹⁰

A palestra, e em reflexo a notícia que a sucedeu, reunia não apenas os ainda incipientes discursos epidemiológicos sobre o vírus causador da AIDS, a sugestão ainda corrente sobre uma possível imunidade heterossexual a ele e as tantas tentativas classificatórias que dividiam quem estaria sujeito a ele ou não, mas utilizava-se de conhecimentos sobre condições ideais de temperatura e hormonais para explicar estas diferentes possibilidades de se adquirir o vírus ou não a partir da divisão entre a segura relação sexual heterossexual e a inadequada relação homossexual. Somado a estes discursos, outro que insinuava, ou melhor, afirmava certo descontrole, desgoverno, uma excessiva, exacerbada atividade sexual de alguns homens homossexuais. Se a população não precisava entrar em pânico, aparentemente não se considerava que drogas/os e tais homens homossexuais fariam parte dela, provavelmente uma das muitas opiniões pessoais do palestrante compartilhada pela/o responsável por escrever a notícia.

Apesar de proferida em ambiente acadêmico e ser voltada para profissionais da saúde e estudantes, o que não permitiria chamar a palestra em si de um exemplo de didaticidade, houve a escolha em divulgar partes selecionadas e adaptadas do que lá se apresentou. O texto, cumprindo sua função de informar o que houve, apresentava os três tipos de dados que caracterizam a didaticidade do discurso jornalístico, já que a/o repórter portava um suposto saber que escolheu

²¹⁰ AIDS, tema de curso na UFSC. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 15 dez. 1986, p. 07.

dividir e, através do texto guia e das falas selecionadas do palestrante, definiu e explicou o assunto. O suposto saber que então foi divulgado encontrava-se no verdadeiro de sua época. O discurso publicado ganhou aspecto didático, didaticidade que visava a acalmar a chamada população em geral, se a delimitarmos como a que lia ou conversava sobre as notícias do jornal. Não usuária de drogas e heterossexual, bem compreendido.

Os manuais mais antigos da área de jornalismo apontavam para a didaticidade do discurso jornalístico, chamando-a de “função educativa da imprensa”, mas afirmavam que tal processo estaria sujeito não apenas ao público, apesar de sua inegável importância, mas também ao imperativo da sobrevivência comercial, sempre atravessada por interesses os mais diversos. A função educativa, diria um autor, só poderia acontecer plenamente após o equilíbrio comercial:

A função educativa é cumprida de diversas maneiras, seja com a publicação do noticiário internacional, dos debates na Câmara e no Senado, das reportagens com expressões mundiais das múltiplas atividades humanas, de páginas especializadas, de comentários e editoriais. [...] No domínio da educação e da formação, reconhecemos todos que os jornalistas, diretores, proprietários de empresas têm uma grande responsabilidade diante do público, embora poucos se compenetrem disso. Não podemos esquecer, porém, uma circunstância imperativa: a estrutura comercial da imprensa [...] A função educativa só pode, assim, ser cumprida, após o equilíbrio do balanço comercial.²¹¹

Um compartilhar de reais ou supostos saberes propositado, premeditado e com a função de educar, desde que seja comercialmente interessante. Espalhado em todas as suas seções, dos editoriais às páginas policiais, das cartas selecionadas e editadas para publicação às colunas políticas ou sociais, ou mesmo a capa, como é perceptível no exemplo a seguir.

Divulgado nacionalmente por meio de campanhas, algumas regiões do Estado de Santa Catarina desenvolveram ao longo das

²¹¹ AMARAL, Luiz. **Jornalismo**: matéria de primeira página. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982, p. 23.

últimas décadas do século XX, atendendo a expectativas e interesses empresariais e políticos, todo um maquinário turístico destinado a aparente e temporariamente invisibilizar problemas e contradições, instituindo tempos e espaços de lazer que buscam suspender por alguns meses a vida cotidiana de parte das/os moradoras/es de algumas cidades específicas, manipulando referenciais culturais e criando tradições para tornar economicamente viável o que se convencionou chamar de indústria sem chaminés.²¹² Algumas destas manipulações podem ser percebidas, por exemplo, em notícias sobre novos detalhes acrescentados aos trajes ditos típicos utilizados durante as comemorações de outubro no Vale do Itajaí, atualizados por empresas para terem mais luxo e brilho:

Algumas vestimentas que rememoram os costumes germânicos ganharam mais brilho e mais luxo com bordados coloridos, fios dourados e gregas. A responsável por essa transformação é uma empresa de Blumenau, a Fábrica de Cadarços e Bordados Haco Ltda., que lançou uma linha especial com os símbolos da festa [...] suporte para os canecos [...] uma linha de etiquetas [...]²¹³

Atendendo a interesses empresariais e anseios políticos e populares, o jornal difundia zelosa e pontualmente notícias e editoriais sobre as festas de outubro ocorridas no Vale do Itajaí, em textos e imagens repletos de indicações, instruções sobre o que e como fazer para torná-las sucesso e atrair turistas para o Estado. Além da função educativa, poderia garantir seu equilíbrio comercial por meio de anúncios e parcerias com empresas e poderes políticos.

Amplamente conhecidas também, em especial após a década de 1980, são as intempéries ocorridas em Santa Catarina, como as destruidoras enchentes e, um pouco menos propaladas, as secas. Em outubro de 1990, uma das capas do jornal apresentava os dois fatores, festas e intempéries, unidos na mesma manchete. Em uma manhã daquele mês marcado por enchentes, a grande chamada informava que *Uma enxurrada mata 17 pessoas em Blumenau*. Logo abaixo, a foto do corpo de uma criança coberta de lama sendo carregado por dois homens cercados por algumas pessoas que a tudo assistiam. No canto direito da

²¹² Para tal, ver: FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Oktoberfest**: turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997, p. 15.

²¹³ Trajes típicos têm novos detalhes. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 dez. 1990, p. 08.

foto, o nome e o telefone de uma empresa de copiadoras. No texto logo abaixo da imagem, a informação de que “A enxurrada aconteceu nos bairros Garcia e Progresso, onde moram só operários: nenhum turista da *Oktoberfest* foi atingido e a festa continua”.²¹⁴ Aquela manhã, portanto, o jornal partilhava a informação sobre que bairros tinham sido atingidos pela enxurrada, quem morava lá e, o principal, que o calendário das festividades não seria afetado, visto que era preparado para turistas. Os só operários da cidade poderiam morrer à vontade. Dias depois, a redação do jornal seria bombardeada de cartas, e seis delas seriam reproduzidas em novembro, portanto após o fim da *Oktoberfest*, na seção destinadas a elas, acompanhadas de um pedido formal de desculpas do jornal.²¹⁵ O importante aquela manhã e durante as festividades, no entanto, era enfatizar que a festa continuaria.

Seria errôneo, no entanto, achar que era necessário apenas ser turista para ter direito à existência, pois perfis ideais para quem visitasse Santa Catarina eram traçados e divulgados. Turistas que frequentassem as praias da Ilha de Santa Catarina, por exemplo, deveriam ter performances preferencialmente heterossexuais, para que as mesmas não se tornassem infrequentáveis, conforme afirmava a segunda página do jornal, em fins de 1987:

Deu na última “Veja”: as praias Brava e Mole serão a sensação do verão na Ilha de Santa Catarina, devendo atrair turistas e o *beautiful people* (como se existisse disto por aqui), esvaziando a praia da Joaquina. É uma pena. Praia que entra na moda fica infrequentável, pois só dá “terceiro time”, e a Brava e a Mole não mereciam isso.²¹⁶

A aversão ao que se chamou então de terceiro time não era unânime, mas as vozes dissonantes dentro do jornal e as relações entre o turismo e as/os sujeitas/os desviantes serão melhor abordadas posteriormente. Por hora, gostaria de ressaltar apenas exemplos de como a didaticidade do discurso jornalístico delimitava áreas, zonas de habitabilidade e inabitabilidade social a partir de distintas categorias que envolveriam não apenas (mas também) gênero, enquanto sugeria,

²¹⁴ Uma enxurrada mata 17 pessoas em Blumenau. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 15 out. 1990, p. 01.

²¹⁵ Tragédia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 nov. 1990, Cartas, p. 06.

²¹⁶ Na moda. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 dez. 1987, p. 02.

instruía, incitava comportamentos e ações, ao mesmo tempo em que definia quem seriam as/os sujeitas/os autorizadas/os, em seu e por seu discurso, a aparecer, circular, ter direito à existência física e social. Como se verá em mais um exemplo de didaticidade.

Em uma sociedade que precisa seguir os ditames de uma noção de ordem, visando alcançar progressos econômicos que, quando aplicados, degradam, desvalorizam e privam parcelas da população de seus meios de subsistência e que, ao fazê-lo, definem parcelas da população que não se enquadram, são deslocadas, inaptas, indesejáveis, nada mais natural do que a produção de seres refugados, excessivos, redundantes, desnecessários, sem reconhecimento ou permissão para circularem ou existirem socialmente. Produtos inevitáveis do incessante modelo de modernização ocidental, diria o filósofo Zygmunt Bauman.²¹⁷

Os infrutíferos planos econômicos brasileiros, as elevadas taxas de inflação, a precarização das relações de trabalho, a falência gradativa das/os pequenas/os trabalhadoras/es do campo, aliados ao quase inexistente acesso a recursos e terras, foram elementos que provocaram, no Brasil e em Santa Catarina, mais acentuadamente a partir dos anos 1980, grandes migrações e a emergência de movimentos como o das/os trabalhadoras/es sem-terra. Tratadas/os como humanos refugados, a visibilidade de tais pessoas seria prejudicial, um risco, segundo o jornal:

No mar de dúvidas quanto ao destino dos sem-terra, roupas tremulam defronte à Catedral de Florianópolis. O prejuízo da imagem turística da cidade, consegue antipatizá-los junto a parte da população. Florianópolis corre o risco de ingressar na temporada de verão tendo-os como cartão-postal.²¹⁸

Florianópolis, que encontrara no turismo de Verão uma das formas para enfrentar a crise econômica brasileira, não poderia comportar um cartão-postal prejudicial. As/os sem-terra, no entanto, não seriam as/os únicas/os a quem o discurso jornalístico se referiria como indesejáveis.

Em uma das fotos de *Capa* de dezembro de 1989, com a propaganda de uma empresa em seu canto direito, mostravam-se ao

²¹⁷ Para tal, ver: BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 12.

²¹⁸ **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 ago. 1989, p. 02.

fundo altos prédios do Centro da capital do Estado e uma de suas movimentadas avenidas. Na grama que a antecedia, quatro crianças, uma delas no colo de uma mulher e um pequeno garoto segurando a mão de um homem, que com a outra mão carregava dois grandes sacos, provavelmente os pertences de todo aquele grupo de seis pessoas. A chamada dizia que *Aumenta invasão de migrantes*, enquanto a legenda da ilustrativa foto explicava que “30 famílias chegam todos os dias em Florianópolis e acabam formando novas favelas.”²¹⁹

O texto da matéria retificava o número, pois de acordo com o Caprom (Centro de Apoio ao Migrante), seriam 30 pessoas, e não famílias, em viagens patrocinadas pelas prefeituras de suas cidades de origem, que chegavam diariamente à Florianópolis para viver sem luz ou água, “amontoados em pequenos barracos”.²²⁰ Sem qualificação, buscavam por qualquer tipo de oportunidade, ou melhor, biscate, para garantir a sobrevivência.²²¹ Os problemas, no entanto, pareciam estar ligados ao fato de que a *Migração deixa marcas na cidade*, como informava o título da matéria principal.

Em 1989, conforme apontava uma das notícias comemorativas do jornal, a RBS incluía em suas metas não perder de vista o compromisso de “informar, falar a verdade e emocionar você”.²²² Comover, portanto, provocar ou causar emoções tornara-se uma das metas da empresa. Dessa forma, algumas pessoas fotografadas para a reportagem sobre a migração foram convidadas a descrever as precárias condições em que viviam e abrirem suas casas para a fotógrafa designada para registrar as agruras e a carência das famílias migrantes. No entanto, outras vezes, institucionalmente autorizadas, seriam chamadas a opinar sobre tal situação. Assim, enquanto o fiscal de operações do Terminal Rita Maria afirmava que se “a gente deixar, isso aqui vira local de mendigagem”, o comissário do subdistrito da Polícia instalado no mesmo Terminal classificava a situação de “desperdício de capacidade humana”. Quanto menos poder aquisitivo, qualificação e nível educacional, menor a possibilidade de acesso ao falar e falar-se, opinar, nomear-se, classificar-se, explicar-se, embora tal acesso fosse permitido quando e se pudesse emocionar as/os leitoras/es.

Se a migração e os movimentos sociais ganhavam proporções alarmantes, causando o que se consideravam prejuízos e marcas à

²¹⁹ Aumenta invasão de migrantes. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 dez. 1989, p. 01.

²²⁰ Famílias vendem até suas roupas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 dez. 1989, p. 05.

²²¹ STALLBAUM, Imara. Migração deixa marcas na cidade. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 dez. 1989, p. 03.

²²² **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 maio 1989, p. 36.

capital turística do Estado, o controle dos refugados humanos se fazia necessário, como apontava o editorial do dia seguinte, que chamava atenção para o crescimento das favelas nas principais cidades catarinenses, edema social que comprometia a vida nos centros urbanos, um “mundo subumano alicerçado no inconformismo e na promiscuidade”.²²³

Durante o processo de combate à visibilidade de refugados humanos, o Centro da cidade foi alvo de algumas campanhas de purificação, como foram chamadas as batidas policiais que em determinados meses chegaram a ter periodicidade semanal, realizadas em suas ruas a pedido de comerciantes e moradoras/es da região, visando tirar vadias/os de circulação.²²⁴ Menores, desocupadas/os, pessoas sem documentos e que portassem drogas eram “detidas para averiguação”. Logo a abrangência das operações chegaria a zonas de meretrício e morros da capital.²²⁵

Intervenções mais enérgicas e com aparente eficiência passaram a ocorrer em novembro de 1990, quando a *Operação Cidadão*, idealizada por uma parceria entre comerciantes, Polícias Militar e Civil e Juizado de Menores para controle do Terminal Rita Maria foi operacionalizada com o principal objetivo de tirar “desocupados, prostitutas e até garotos que dormem na rodoviária”, tida como um cartão de visitas para as/os turistas, patrimônio que precisava ser limpo e conservado.²²⁶ Passada a temporada de Verão, o jornal continuava a dar *Conselhos*:

Os travestis, prostitutas e malandrinhos que costumam frequentar o Terminal Rodoviário Rita Maria, em Florianópolis, que se cuidem. O delegado Alfredo Alves da Silva vai continuar realizando blitz por lá, a exemplo da que ocorreu na noite de sexta-feira, quando algumas pessoas foram “aconselhadas” a não forçar a barra. A operação contou com o apoio de policiais da 6ª DP e da Polícia Militar.²²⁷

²²³ O drama das favelas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 dez. 1989, p. 04.

²²⁴ Agentes efetuam blitz no centro. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 maio. 1989, p. 44.

²²⁵ Nove presos na Operação Arrastão. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 03 ago. 1989, p. 36.

²²⁶ Rita Maria tem mais segurança. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 09 nov. 1990, p. 07.

²²⁷ Conselhos. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 abr. 1991, p. 32.

Enquanto as intervenções eram relatadas como um acréscimo de segurança a turistas ou aconselhamentos para a não aparição pública de determinadas/os sujeitas/os, eram lançadas campanhas humanitárias sobre as crianças de rua, que esmolavam, catavam restos, cometiam pequenos furtos e sobreviviam de teimosos, interpeladas como filhas/os de uma sub-raça:

Fome e abandono. Estigmas de uma sub-raça cujo único legado a seus descendentes é a perpetuação deste fardo [...] pequenos passos já podem ser dados: ajudar efetivamente – não apenas dar esmolas – orientar, informar casais menos esclarecidos das responsabilidades de ter filhos [...]²²⁸

Caso as/os leitoras/es fossem capazes de gestos sublimes, era-lhes sugerido que dessem um lar de verdade a uma destas crianças e adolescentes, mas era mais necessário orientar e informar para controlar a natalidade das/os sujeitas/os desta sub-raça. A prática sexual, fosse ela paga ou com funções reprodutivas, portanto, era alvo de campanhas e operações de controle social, pois poderia causar incômodos. Por exemplo, em junho de 1991, donas de casa que recebiam gracejos por serem confundidas com prostitutas e comerciantes indignados por verem dançarinas fazerem ponto em suas portas, incentivaram a Polícia a realizar uma *Operação Limpeza* que levou 18 mulheres, segundo o jornal 3 contaminadas com o vírus da Aids, para a cadeia.²²⁹ Já no interior de Santa Catarina, as informações em tom de alerta eram de que

A onda de prostituição que assola Joinville já passa das medidas. Durante o dia moças menores de idade realizam ponto na Rua Itajaí, no Centro. À noite, travestis agem nas ruas Blumenau, João Colin e Getúlio Vargas, preocupando os pedestres que transitam por estas vias. Reclamações recebidas todos os dias pedem providências da Polícia Militar.²³⁰

A didaticidade do discurso jornalístico, como se torna perceptível, fazia com que pobreza, sexo, criminalidade, promiscuidade,

²²⁸ Filhos da rua. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 nov. 1990, p. 26.

²²⁹ Prostitutas presas em operação. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 jun. 1991, p. 45.

²³⁰ Negativo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 26 jun. 1990, p. 02.

favelização, uso de drogas, AIDS e perigo se tornassem semanticamente próximos. A necessidade de controle, segregação ou expulsão do espaço social de todas/os aquelas/es que pudessem desvirtuar a ordem necessária ao progresso, à modernização e ao pleno estabelecimento e funcionamento das indústrias sem chaminé, torna-se visível por meio da imprensa escrita, ao mesmo tempo meio e reflexo de tal processo.

Proveniente do latim, o verbo informar designaria não apenas o “relatar” de fatos, mas o “formar a mente”.²³¹ O discurso da imprensa, portanto, é destinado não apenas a relatar, mas tem por finalidade conceber, dar forma, constituir – mesmo que não declaradamente – aquela/e que vai ler. Por vezes, no entanto, tais propósitos eram assumidos por colunistas como Luiz Carlos Prates:

A imprensa tem duas missões: informar e “formar”. Informar dispensa apresentações. A imprensa foi formada para contar histórias. Todos sabem disso. Mas há quem resista a cumprir sua segunda missão: formar, ou ajudar a fazer melhores os leitores, telespectadores, ouvintes, o que for. E formar significa dar educação, ajudar o povo a ter juízos de valor, a conceituar, a posicionar-se altivamente diante dos fatos da vida. Se a imprensa não ajudar a “formar” seus consumidores, peca por omissão.²³²

Para cumprir suas missões de informar e formar, por meio da didaticidade de seu discurso, a imprensa se utiliza de variadas formas, artifícios que podem ser evidentes ou sutis. Um deles é a utilização de legendas. Ao folhear as páginas jornalísticas, muitas das fotos utilizadas de forma ilustrativa são acompanhadas de legendas explicativas. Em julho de 1986, por exemplo, a foto de um bar chamado *Peculiar e Arte* mostrava as costas de um rapaz, que fora fotografado em frente ao local. A legenda explicava que as “portas do bar fechadas causam surpresa ao assíduo frequentador”. Segundo a notícia, o principal argumento para o fechamento do bar era de que

“A nocividade é maior, em decorrência de serem certos frequentadores do Bar Peculiar e Arte de

²³¹ Para tal, ver: BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 188.

²³² PRATES, Luiz Carlos. Informar e formar. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 jan. 1991, p. 20.

má reputação (homossexuais, lésbicas, rufiões e outros exemplares dessa fauna anômala) os quais, não se satisfazendo com as orgias no interior do Bar, saem à rua aos gritos e assoadas, resultando em alterações mais adequadas aos centros de libertinagem a que estão afeitos.”²³³

O trecho, originalmente delimitado por aspas, reproduzia um trecho da fala de um vizinho do bar, filho de um desembargador que em dois dias, segundo a notícia, mobilizara os poderes municipal, judiciário e policial para tomar providências contra o bar, localizado na Avenida Rio Branco, Centro de Florianópolis. A explicativa legenda, portanto, acompanhava a ilustrativa foto do que o filho de desembargador considerava um nocivo ambiente, e a notícia apontava a indignação e a reação das/os prejudicadas/os por tal demonstração de poder.

O uso de aspas em um texto pode indicar que o enunciador faz menção, mas não uso das palavras, transformando-as em um objeto mostrado, distante do enunciador. Outra utilização seria a conotação de menção em que as aspas provocam um corte entre o sujeito que fala e a palavra que emprega, pondo a palavra sob uma vigilância que exige interpretação, suscita outros sentidos e livra o enunciador da responsabilidade do termo que menciona.²³⁴ A fala do filho de desembargador acima citada encontrava-se entre aspas, utilizadas para criarem a divisão entre um eu, jornalista-que-falo e o outro, entrevistado ou personagem-que-fala, uma demonstração da didaticidade na qual a/o jornalista partilha as informações, saberes a que tem acesso em geral por meio de entrevistas. Seu uso, no entanto, pode assumir outras funções, demonstrando ao público quando se deve suspender a credibilidade daquilo que está sendo lido, como em uma notícia a respeito de um ativista que se posicionara contra a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que em janeiro de 1987 condenara uma campanha contra a AIDS, intitulada *Homossexual condena “hipocrisia” da Igreja*,²³⁵ uso que sugeria certa impossibilidade de um homossexual acusar tal instituição de hipocrisia.

²³³ Argumento de libertinagem fecha Bar Peculiar e Arte. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 12 jul. 1986, p. 38.

²³⁴ Para tal, ver: SOUZA, Pedro de. **Confidências da carne** – o público e o privado na enunciação da sexualidade. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 71-73.

²³⁵ Homossexual condena “hipocrisia” da Igreja. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 17 jan. 1987, p. 12.

Outros usos das aspas no discurso jornalístico são para destacar termos estrangeiros, que podem também aparecer em itálico, e para suavizar, eufemizar algum termo ou mesmo para destacar o duplo sentido daquilo que está sendo dito, como é perceptível em uma notícia sobre as delegacias de Joinville, publicada sob o título *Limpendo os DPs* e que informava que:

Alguns DPs de Joinville não enfrentam mais problemas com a limpeza dos prédios. Em dias de faxina, policiais passam pela Rua Blumenau (utilizada como ponto de prostitutas e travestis) e “convidam” três ou quatro travestis para “cuidarem da casa”.²³⁶

Além das aspas que destacavam os eufemismos e o duplo sentido que tinham, tal notícia utilizava a suspensão temporária representada pelos parênteses para anunciar a informação, possivelmente não conhecida pela totalidade do público leitor, de que a Rua Blumenau era utilizada como ponto de prostitutas e travestis, outro dos muitos recursos que demonstram a didaticidade do discurso jornalístico, em sua busca para que as/os leitoras/es compreendam o que é noticiado e aprendam algo.

Outra forma de partilhar os saberes é a utilização de gráficos, infográficos, os já citados trechos chamados de olhos, que ressaltam partes de entrevistas ao longo do texto ou que são colocados logo abaixo do título da notícia, charges, ilustrações e boxes ou caixas, também chamadas matérias entre fios, onde termos, neologismos, curiosidades e explicações ligadas ao que é noticiado ganham maior ênfase. Tais caixas ou boxes podem aparecer em diferentes tamanhos. Por exemplo, em janeiro de 2001, o jornal publicou sobre *Os diferentes idiomas do neoliberalismo*.²³⁷ Caso a leitura completa não interessasse ou faltasse tempo para fazê-la, as/os leitoras/es poderiam recorrer à pequena caixa centralizada que explicava determinada visão sobre o conceito, apesar de opiniões divergentes terem sido apresentadas por pessoas entrevistadas:

O QUE É
Neoliberalismo é a doutrina de ideias que

²³⁶ Limpendo os DPs. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 03 jul. 1986, p. 43.

²³⁷ Os diferentes idiomas do neoliberalismo. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 31 jan. 2001, p. 05.

defende a desregulamentação do mercado como um fator essencial da riqueza econômica e sustenta que a partir dela se obtenha a prosperidade social. Está apoiado na ideia de liberdade econômica da qual derivaria a liberdade política, individual e de opinião.

O tamanho de tais caixas também pode ser grande. Em abril de 1991, buscando responder a questão *O que é ser feminina hoje?*, um quadro reproduzia a opinião de alguns destacados cavalheiros catarinenses, como foram chamados pela repórter, sobre a questão. Eles reclamavam sobre as eventuais críticas que seus comportamentos suscitavam e do fato de as mulheres nem agradecerem as atenções e gentilezas que dispensavam, o que os desestimulava. Havia, segundo a jornalista, uma confusão geral de costumes e a não assimilação das muitas e rápidas mudanças de comportamento que então ocorriam. Assim, duas colunas apareceram no jornal naquele mês de abril, dividindo *A mulher comum*, tendo acima do texto a foto de uma mulher com as duas mãos no queixo e uma expressão, um olhar de desagrado, e *A mulher de classe*, ilustrada pelo que aparentava ser uma noiva, visto que tinha um pequeno véu na cabeça e segurava flores.²³⁸ Em 10 pontos, as opiniões dos atenciosos e gentis cavalheiros diziam que:

A mulher comum	A mulher de classe
Segue a moda. Não tem escrúpulos em usar lingerie de cores fortes sob roupas claras, acha sexy deixar alças caindo ou marcas salientes sob as roupas justíssimas. Não raro, porta bijuterias ao ponto de lembrar uma árvore de Natal, usa batons e unhas vermelhíssimos, esbanja plumas e paetês.	Adapta a moda a seu estilo. Não anda como um manequim de vitrine ou parecendo recém saída de uma capa de revista, mas está sempre com os cabelos e unhas em ordem, uma colônia agradável e maquiagem leve. Veste-se com discrição e costuma ter um toque que demonstre cuidado, como uma jóia da vovó ou um detalhe que personalize.
Faz questão de deixar as etiquetas da roupa bem visíveis, principalmente se forem de marcas da moda.	Usa roupas pela qualidade, não pela marca. Não faz de seu corpo um espaço publicitário.
Quando tem posses, dedica-se ao <i>dolce fare niente</i> , passa horas no cabeleireiro ou escolhendo as roupas	Sabe que o estilo dondoca está completamente <i>out</i> e que a mulher atual é participante, tem atividade

²³⁸ LINDNER, Claudia. A conduta feminina em questão. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 28 abr. 1991, Revista DC, p. 06-07.

para a próxima festa.	profissional e está bem informada sobre o que acontece no mundo.
Faz caras e bocas ou dá gritinhos histéricos para impressionar chefes ou possíveis parceiros. Adora vasculhar a vida alheia e fazer mexericos maldosos.	Tem a fleuma de um detetive inglês (ou pelo menos tenta ter). Age sem estardalhaços ou espantos e como se tudo fosse sempre natural e possível.
Chega atrasada de propósito para fazer charme e curte a festa até o último minuto para não perder nada.	É pontual e sabe chegar e sair discretamente. Não fica nas festas até o fim, saindo antes, quando o melhor já aconteceu e o mais será varrer o salão.
Fala pelos cotovelos, conta piadas e dá gargalhadas para mostrar senso de humor.	Sabe sorrir e fazer comentários espirituosos sem pecar pelo exagero.
Sempre que surge a oportunidade, relata tudo o que sofreu pela falta de caráter do ex-parceiro, como ele lhe rouba as pensões e o quanto ela tem que ser heroína para suportar a “insistência” dele em voltar.	Nunca fala mal do ex-parceiro porque, mesmo que se tenham separado, houve um momento em que ela o amou e lhe fez elogios.
Gaba o alto custo das coisas que possui e declara-se muito amiga de personalidades conhecidas.	“Ignora” os preços de seus bens e não conta vantagens.
Quando um homem a interessa, parte para cima dele com a sutileza de um rolo compressor, mesmo quando ele não manifestou o menor interesse por ela.	O homem ainda prefere uma aproximação sutil, consequentemente, ela é capaz de sugerir seu interesse até mesmo sem dizer uma palavra. Mas, também sabe ir à luta sem confundir manifestação com agressão.
Está sempre preocupada em parecer chique.	É espontânea e educada o suficiente para sentir-se bem em qualquer lugar.

As mulheres catarinenses e seus comportamentos, no final do século XX, pareciam continuar a ser valiosos pontos de referência para a delimitação de distinção entre as elites, para ilustres senhores da sociedade cujas opiniões o jornal divulgou. Caso não correspondessem à imagem de mulher ideal, de classe, possivelmente seriam alvos de investimentos específicos.²³⁹ A necessidade de encaixe de tais mulheres em determinados padrões estéticos, de comportamento e feminilidade, automaticamente transformava outras mulheres não apenas em insatisfeitas solteiras, como sugeria a foto que ilustrava a mulher

²³⁹ Para tal, ver: PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998, p. 16.

comum, mas também criava um campo de delimitação para as desviantes abjetas. Como as lésbicas, por exemplo, em geral fartamente qualificadas nas poucas notícias e reportagens que as citavam.

Assim, em nome do bem comum, as zonas inabitáveis da vida social se povoavam densamente por sujeitas/os injuriosamente interpeladas/os, uma fauna anômala de má reputação constituída por grevistas, homossexuais, esquerdistas, drogadas/os, migrantes, travestis, lésbicas, rufiões, faveladas/os e mesmo as chamadas mulheres comuns. Tais zonas, como busquei demonstrar a partir destes breves e seletivos comentários sobre as formas de escrita e as funções da arte jornalística diária, extrapolariam a categoria gênero e levariam ao discurso jornalístico uma série de identificações temidas e que necessitavam ser normatizadas, ou melhor, ensinadas a tomar determinadas atitudes, fazer certas escolhas e delimitar quais seriam as percepções consideradas corretas. O jornal, portanto, buscava traçar espaços e sujeitas/os ideais. Cabe ressaltar que os próprios discursos produzidos e veiculados pelo jornal se transformaram ao longo do tempo, como se verá adiante, e que qualquer sujeito se desloca, assume ou é posto em diferentes posicionamentos. Como busquei demonstrar a partir da história que abriu esse texto, a de Dalva, travesti, babá e migrante que a Polícia sugeriu estar envolvida com drogas como motivação para seu assassinato, muitas/os desviantes serão postas/os em discurso em diferentes posicionamentos. De acordo com o momento, os interesses e as/os sujeitas/os envolvidas/os e por meio da didaticidade, presente de formas sutis, moderadas ou mesmo explícitas, o jornal publicou supostos saberes e, ao fazê-lo, delimitou e preencheu zonas desprezadas, rejeitadas, temidas, que se transformaram, se deslocaram ao longo do tempo, como o próximo capítulo demonstrará.

CAPÍTULO 2 - VALORES SEMÂNTICOS DO DESVIO: AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS DA ABJEÇÃO

Em meados dos anos 1960, foi publicada uma obra a respeito das práticas e do cotidiano da imprensa, uma das poucas disponíveis no Brasil à época. Intitulada *Jornalismo: matéria de primeira página*, nela o autor procurava ensinar os princípios básicos, traçar as necessidades e os procedimentos da profissão de jornalista. Entre detalhadas descrições sobre o *métier*, apoiadas em bibliografias, experiências profissionais e didáticas e em sagazes observações de Luiz Amaral, o autor, um capítulo dedicado à notícia, chamada de “matéria-prima” de qualquer jornal, afirmava que um acontecimento só causa interesse se provocar em quem lê a impressão de participação ou identificação com o que é noticiado. Tal interesse seria, antes de tudo, de natureza sentimental – para compreender algo seria necessário desenvolver, despertar, fomentar algum sentimento, achar um ponto de interesse, de contato, uma brecha, falar o que chamava de a “linguagem do coração” para atrair a leitura. Em seguida, duas escalas de interesse são apresentadas para melhor elencar tais assuntos que falariam ao coração, uma das quais intitulada *Temas de interesse geral*:

Os acontecimentos mais carregados de valor emotivo agrupam-se da seguinte maneira:

1. *O sexo* – Casamentos, nascimentos, divórcios. Todas as preliminares sentimentais. Crimes passionais. Histórias picantes.
2. *A morte* – Falecimento de personalidades. Todas as mortes violentas (crimes, suicídios, acidentes). Doenças e operações cirúrgicas. [...]²⁴⁰

Para provocar, estimular, horrorizar, comover ou abalar leitoras e leitores, tais seriam os temas ideais, em escala hierárquica: primeiro, o sexo, depois, a morte, seguidos de destino (catástrofes), dinheiro, tempo, generosidade e piedade (histórias de crianças e animais, em especial grandes sofrimentos, casos absurdos e emocionantes). Manual didático para a prática da profissão e ao mesmo tempo reflexo de práticas jornalísticas vigentes, mais de duas décadas depois da primeira edição

²⁴⁰ AMARAL, op. cit., 1982, p. 43.

de tal obra ainda seria possível perceber nas páginas do DC a validade de seus argumentos.²⁴¹

Tecido em grande parte por notícias retiradas das páginas policiais, este capítulo traz as marcas do sangue de muitas/os desviantes que, ao longo dos 20 anos que perfazem o *corpus* desta pesquisa, foram brutalmente assassinadas/os. Vítimas de homofobia? Numerosas/os, provavelmente, mas muitas vezes a fonte não permite que tal afirmação seja feita, seja pela forma como os fatos foram descritos, seja pela falta de provas quanto às motivações que levaram aos crimes. Histórias exploradas pelo jornal de forma sensacionalista, expostas de forma homofóbica? Muitas, mas os marcadores que permitem inferir tais significados aos poucos se modificam e alguns até deixam de ser utilizados para se referir a alguns tipos de sujeitos, como os homossexuais masculinos em relacionamento estável, por exemplo – se em algumas notícias eram alcunhados de homossexuais possivelmente aidéticos, com o passar dos anos passam a ser chamados de companheiros.

As denominações utilizadas para si e para as/os outras/os carregam em si identificações, expressam relações de poder, criam posicionamentos de sujeito e podem provocar tanto reconhecimentos quanto atribuir significados depreciativos e, conseqüentemente, rejeições, abjeção. Assimétricas, em especial por se tratar de um jornal, local por excelência de seleção e de controle da escrita que será posta em circulação, a eficácia de tais atribuições “se intensifica historicamente” quando aplicadas a grupos. Porém, elas se modificam ao longo do tempo, deslizam tanto em seus usos quanto em seus efeitos e significados, algumas caem em desuso. Mais importante, entretanto, é observar que, ao provocar simultaneamente inclusões e exclusões, poderão - ou não - gerar ações e reações políticas e sociais.²⁴²

Assim, parto do pressuposto de que as interpelações, muitas delas inicialmente injuriosas, algumas que permaneceram negativamente qualificadas, foram utilizadas pelo DC para distinguir um vasto grupo, em geral identificado como “homossexual”, termo guarda-chuva que

²⁴¹ Um trecho do livro será citado por um dos colunistas do jornal no ano de 2001, o que indica a provável circulação de suas ideias pela redação do periódico aqui analisado. Para tal, ver: MENEZES, Cacaú. O que é o colunismo. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 22 dez. 2001, p. 47.

²⁴² Para uma busca de transições e permanências historicamente localizáveis sobre os significados através das fontes, tomo como base algumas considerações de Koselleck. Para tal, ver: KOSELLECK, Reinhart. A semântica histórico-política dos conceitos antitéticos assimétricos. In: _____. *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006, p. 191-231.

incluiria sujeitas/os tão diversas/os quanto lésbicas, *gays* e travestis. Dentro deste grupo, repleto de múltiplas divisões, as identificações se faziam de forma um pouco diferente, como se verá, mas é a partir da adesão ao próprio termo que interpelava injuriosamente que surgirá a resistência. E é perceptível, pela maneira que o jornal e que as/os próprias/os desviantes utilizavam determinadas denominações, que para que um termo recebesse um significado injurioso, fatores como procedência, relações sociais e econômicas, ambiente, aparência e comportamentos eram de extrema importância. Por exemplo, travestir-se, dependendo da origem socioeconômica de quem o fizesse, do horário, da motivação, poderia significar diversão, entretenimento. Para muitas, no entanto, a utilização do termo travesti significava apenas os posicionamentos de sujeito de criminosa ou vítima de alguma barbárie, ou mesmo drogada prostituta da noite. Ressalto que algumas interpelações eram inicialmente injuriosas, visto que os significados de algumas denominações se modificaram lentamente ao longo dos anos. Mais importante, como exposto acima, é que a partir da injúria se geraram reconhecimentos, reações, resistências e ações políticas e sociais. Este capítulo, portanto, fala também sobre luta, suor. Assim, as travestis que estavam nas ruas, descritas aqui como mulheres que se encontravam em seu ambiente de trabalho e onde muitas vezes eram esfaqueadas, baleadas ou injustamente presas, serão o exemplo mais marcante de mobilização e reação contra as tantas arbitrariedades e violências.

Por fim, antes de iniciar, seria injusto se este texto fosse escrito sem destacar as poucas vozes dissonantes dentro do próprio jornal, como a de Cacau Menezes, que ainda na década de 1980 - enquanto ser homossexual afeminado poderia impedir jovens rapazes de serem atendidos em restaurantes ou levar à delegacia homens que audaciosamente se beijassem dentro de um carro - contaria em sua coluna social quais eram os lugares “bem” para se frequentar, mapeando alguns dos locais em funcionamento então em Florianópolis voltados para o público desviante – afinal, nem só de crimes e doenças se vivia, e de festas é possível falar. Mesmo sua coluna, no entanto, passou certo tempo com ressalvas ao desvio, provável efeito de acontecimentos e de significados que circulavam então. É por uma seleção de alguns textos do colunista social que começo esta história certamente marcada de significados, que ao longo das décadas deslizaram entre modificações e permanências, mas todos especialmente atravessados, do começo ao fim, pelo assunto sobrecarregado de valor emotivo, de curiosidade e *frisson*: ‘com quem se pratica’, a que ‘tipo de estrutura corporal’ se

direciona seu afeto, seu desejo e que move as suas práticas sexuais?

2.1 - LIBERDADE ATRÁS DAS PORTAS, DEBOCHE CARNAVALESCO

Um baile com cinco debutantes, de longos vestidos brancos e saltos altos e a promessa de um vindouro concurso para eleger a mais bela frequentadora do estabelecimento, a “Garota Masmorra”. O nome escolhido para o estabelecimento, *Masmorra*, sugere isolamento, cárcere. Pequena sinuosidade a retirar tal evento do que poderia ser apenas habitual durante a década de 1980: era o primeiro baile *gay* de debutantes da cidade de Florianópolis. Segundo o colunista Cacau Menezes, todas elas lindas, “numa noite de muita beleza e pouca pureza e que encantou a todos”.²⁴³ A encenação de uma cerimônia de casamento, de certa repercussão para além dos limites da sociedade florianopolitana, divulgada tanto por jornal quanto por televisão, documentada por funcionários da *RBS TV*, que registraram o ambiente ricamente decorado, o sermão, o bolo, a presença de convidados e o tradicional beijo ao final. A descrição sobre a entrada dos noivos, ela “linda, de salto alto, véu e grinalda, e ele, num impecável terno e gravata, com paletó branco e voz demasiadamente forte”, utilizou-se de aspas para escrever sobre a noiva, “ela”, provável indício de que se tratava de uma travesti. Segundo a notícia, dois “homossexuais” cuja união serviria de golpe publicitário para “badalar a boate, divulgar a cidade e abrir um debate mais amplo sobre o assunto”.²⁴⁴ *Opium*, a viciosa mistura de alcaloides de efeito alucinógeno, entorpecedor, analgésico, servia de nome ao ambiente em que a transgressiva cerimônia teve lugar.

Noites descontraídas, travessas, festivas, passadas em ambientes chamados de despidos de disfarces, “de riso solto, brincadeiras espontâneas. Onde cada um é o que é, sem dissimulações. Liberdade entre quatro paredes”, em que casais de Marias e Joséis poderiam trocar beijos longos e apaixonados na penumbra, dançar sob o piscar de luzes coloridas ou simplesmente beber e conversar em mesas de bar:

São as boates *gay*, como a Masmorra e a Opium, no Centro de Florianópolis, onde entra quem quer e permanece quem tiver condições de despir seus preconceitos. A expressão é livre e cada um vive a

²⁴³ MENEZES, Cacau. Debugay. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 15 maio 1986, Variedades, p. 03.

²⁴⁴ MENEZES, Cacau. Golpe. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 03 junho 1986, Variedades, p. 03.

sua fantasia ou a sua opção sexual. Há caçadores e caças, pares assumidos e outros se encontrando secretamente, além das brigas amorosas e cenas de ciúmes. E, para animar ainda mais as noites, alguns travestis e gays realizam shows, onde dançam e dublam os seus cantores preferidos.²⁴⁵

No interior de um desses ambientes, Dagoberto, 35 anos, funcionário público da UFSC e frequentador assíduo de estabelecimentos voltados para o público desviante, aceitou ser entrevistado e afirmou ser assumido 24 horas por dia, garantindo não se importar com o que pensavam sobre seu comportamento. Já M., 43 anos, desquitado, não quis ser identificado por ser pai de 2 crianças. Revelar-se, para ele, poderia prejudicá-las. Em seu desabafo, contou ao repórter que gostaria de encontrar um homem que aceitasse morar em seu apartamento, o que não implicaria em manterem relações sexuais. “O meu problema não é físico, preciso de alguém que me ame”, afirmou ele.

Ao lado dos breves fragmentos de vida descritos, a reportagem sobre a “descontraída noite dos gays” trazia um quadro, intitulado *Liberdade entre amigos*, apresentando o que os saberes, representados pela seleção das falas de duas psicopedagogas, teriam a afirmar sobre os ambientes, suas/seus frequentadoras/es e respectivos comportamentos:

Os homossexuais se concentram nas boates gay porque têm a necessidade [...] de serem aceitos. [...] Isso reforça a sua identidade e faz com que eles se liberem [...] A psico-pedagoga (*sic*) [...] acredita que os heterossexuais evitam estes ambientes porque têm medo de descobrir que podem ser homossexuais. [...] De acordo com os padrões da sociedade, as pessoas são educadas para se relacionarem com o sexo oposto, mantendo a dominação do homem sobre a mulher. Esta relação acaba sendo reproduzida entre a lésbica – que exerce o papel opressor do homem – e sua companheira. Já o gay representa a mulher submissa a seu companheiro. [...] A possibilidade de, hoje, as pessoas assumirem a sua condição de homossexual é utópica, pois podem perder o

²⁴⁵ PEDROSO, Jorge. Gente alegre em noites travessas. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 23 nov. 1986, Revista, p. 10.

emprego [...] “É importante que eles sejam diferenciados porque possuem comportamento diferente, mas não devem ser marginalizados”.²⁴⁶

A partir de parâmetros heterossexuais, noções de dominação masculina e uma divisão comportamental binária, portanto, psicopedagogas definiram quem seriam a lésbica, masculina, e sua companheira não classificada; o *gay*, mulher submissa, e seu não nomeado companheiro. Corretas ou não em suas padronizações dicotômicas e na caracterização da homossexualidade enquanto um “comportamento diferente” ou uma “opção”, a reportagem trazia indícios sobre as limitações de se vivenciar os desvios do padrão normativo heterossexual, como a ameaça de perda de emprego ou o temor de se tornar prejudicial à família ao assumir-se. Dentro do próprio meio desviante, tais classificações seriam diferentes, baseadas não apenas em “papéis” binários aprendidos e reproduzidos, mas também em poder aquisitivo, modos de se apresentar visualmente e se comportar ou mesmo a escolha de companhias, como se verá mais adiante.

Entramos, assim, através das páginas do caderno *Variiedades* e do suplemento dominical inicialmente intitulado *Revista*, em uma trama discursiva que apresentava a leitoras/es do jornal, em 1986, espaços abertos ao que se chamava de “manifestação de valores proibidos”, caracterizada pelo próprio periódico como liberdade “presa atrás da porta”, nos quais aquelas/es que deveriam ser diferenciadas/os por seus comportamentos poderiam divertir-se, dar livre curso a suas práticas, desejos e sentimentos. Ao final daquele ano, Cacau Menezes traçaria um breve roteiro de alguns locais em sua coluna, além de anunciar que os bastidores e segredos do que chamou de “movimento gay de Floripa” seriam comentados em uma entrevista veiculada pela televisão, durante o *Jornal do Almoço*, parte da grade de programação da *RBS TV Florianópolis*, afiliada da *Rede Globo*. Sua escrita apropriou-se de

²⁴⁶ As falas publicadas, tanto sobre sujeitas e sujeitos quanto sobre seus locais e identidades, parecem ter por referência a teoria do estigma de Goffman e suas noções de “nós”, os normais, e “eles”, marcados, estigmatizados e repletos de estratégias para burlar os mais diversos tipos de estigma. Para tal, ver: GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: ETC, 2012. Em contrapartida à excludente e clássica teoria de Goffman, os Estudos Culturais apontam não apenas para a invisibilidade do “nós”, mas também para as relações de poder imbricadas em tais divisões, onde o “anormal” é constituinte do que seria o “normal” (hierarquicamente superior, apesar de invisível), e as identidades e fronteiras, vistas como naturais, seriam em realidade transitórias, cambiantes, relacionais e estratégica, simbólica, histórica e socialmente constituídas de forma contingente. Cf. SILVA (Org.); HALL; WOODWARD. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

expressões utilizadas pelo próprio meio para mapear tais locais, além de indicar nomes de artistas conhecidas à época na cidade por suas apresentações:

A ronda de fim de semana dos gays de Floripa começa pelo Stúdio Masmorra, agora rebatizado de “Brasileirinho” (rua Fernando Machado), que realiza gincanas com tarefas difíceis – trazer um travesti fantasiado de homem, por exemplo. Aos domingos é “BEM”, ir ao Maçã Verde Bar (rua Artista Bittencourt) para atualizar o cadastro e ver o show. Se tiver sorte, conseguirá, na mesma noite, assistir Nina Hagen e Rita Pavone. Após, termina-se o tresnoitado domingo na Opium, onde o Ciro Brilhante, durante minutos na ribalta, mostra-se glamourosa como Mireille Mathieux e, já é praxe repetir mais uma vez a pedido, “C’est si bon”. É justo na Opium, que as mitológicas se encontram – algumas, recém-saídas do FORMOL, provando para outras que, para brilhar não é necessário usar paetês [...]²⁴⁷

No início do ano seguinte, 1987, Ricardo Medeiros, então com 27 anos, proprietário da citada boate *Opium*, chamada de a mais sofisticada, de maior sucesso e a mais cara da cidade, o “ponto preferido dos gays”, concedeu uma entrevista ao caderno dominical. Em suas palavras, o público *gay* de Florianópolis precisava de um lugar para ir. Sua proposta inicial era fazer uma casa alternativa, mas acabou tornando-se local desviante, pois “uma jornalista foi lá um dia [...] e saiu espalhando que a casa era gay. Começou a falar que a casa era gato e sapato e dar uns nomes meio esdrúxulos [...]”. Perguntado sobre o casamento entre homossexuais realizado meses antes em sua boate, Ricardo contou sua versão dos fatos:

Bom, no início da boate duas pessoas se encontraram e se conheceram. Daí moraram juntas e tal, mas queriam institucionalizar a coisa, casar. Aí eu fui pra São Paulo e acabei achando um padre que faz casamentos entre homossexuais. [...] Aí foi feita uma festa fechada numa sexta-

²⁴⁷ MENEZES, Cacau. Próximo sábado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 15 dez. 1986, Variedades, p. 03.

feira para 60 pessoas só [...] Mas como se sabe, nessa cidade não se esconde nada, a coisa vazou e passaram convites pra fora. E acabou chegando convite nas mãos do Cacau Menezes e de outras pessoas. Daí a imprensa começou o bombardeio. Queriam saber quem eram os noivos. Chegou na hora eles não apareceram de medo [...] Aí a gente conseguiu armar um esquema com o Ciro Brilhante, o cabeleireiro, para que ele se passasse pelo noivo. Então a imprensa achou que era golpe, que era promoção da casa. [...] E não foi nada disso, a coisa ia acontecer mesmo mas, imagina, se você não assume muito sua identidade, quer fazer uma coisa meio reservada e na hora aparece a imprensa do Brasil todo! A RBS mesmo gravou pro Fantástico [...] ²⁴⁸

Reserva, discrição, apreensão, preservação de identidade. Ricardo também diria durante a entrevista que muitas pessoas não frequentavam sua boate pelo medo do estigma lançado sobre a “preferência sexual” das/os que lá iam, além da negativa imagem ligada ao comportamento das de rua, as marginalizadas, as travestis:

[...] **DC – Tem o medo do desconhecido também. As pessoas não sabem o que é ser gay.**

RM – O nosso maior problema são as pessoas que ficam na sarjeta das ruas, os marginalizados. Na cabeça dos heterossexuais eles acham que vão encontrar travestis com navalha, com gilete, gente gritando, dando escândalo. Não é nada disso. [...]

Frequentada por homens casados ou não, mulheres que não gostavam de “levar cantada barata” e turistas, que segundo o entrevistado teriam descoberto Florianópolis por meio de campanhas publicitárias realizadas pelo Governo do Estado, além da iniciativa dele mesmo, que foi a boates de São Paulo divulgar seu espaço e anunciou por rádios e jornais nas cidades de Porto Alegre e Curitiba, a entrevista com o proprietário da *Oppium* traria indícios dos traços divisórios existentes entre as/os desviantes, chamadas/os pelas entrevistadoras de “facções gays”, para além das marginalizadas, de rua, as travestis.

²⁴⁸ LIMA, Fatima; SAMPAIO, Márcia Corrêa. Empresário da alegria. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 15 fev. 1987, Revista, p. 02-03-06.

Segundo Ricardo, por falta de opções, alguns anos antes os encontros entre desviantes ocorriam na praça XV de Novembro, em frente à Catedral da cidade. Em 1987, apesar da falta de bares ou barracas voltadas para tal público, a praia mais frequentada era a Barra da Lagoa, que lentamente ia sendo substituída em preferência pelas praias Mole e Galheta, todas situadas ao leste, na ilha de Santa Catarina. Não apenas a presença, mas uma certa disputa por espaços parecia ocorrer então. No Natal de 1986, por exemplo, uma repórter da extinta *TV Manchete* acompanhada de familiares sentiu-se “hostilizada por um grupo de homossexuais que banhava-se [...] na Praia da Galheta” e resolveu sair do local “imaginando que a Galheta passou a ser privativa de homossexuais”.²⁴⁹

Ao ser questionado se *gays* eram mal recebidos em outras casas noturnas de Florianópolis, Ricardo afirmou que sim, “e quando ele é chamado é só pra fazer palhaçada, pra divertir uma classe média que está em decadência, pra ser chacota de carnaval”, situação que passara a se modificar com o surgimento de ambientes especializados como seu estabelecimento. Ao descrever as/os frequentadoras/es de sua boate, apresentou um breve e pessoal panorama sobre as divisões dentro do próprio meio desviante dos anos 1980. As lésbicas, chamadas de “*gays mulheres*” por Ricardo, davam muito lucro, mas também grandes prejuízos, pois “quando são extremistas, brigam muito”. Já os chamados “*gays darks*” seriam muito produzidos, exóticos, bonitos, um grupo seletivo e fechado:

[...] Estes se fecham no grupo deles, não entra ninguém. Tem o pessoal mais enrustido, tem as pintosas, tem os travestis, e é muito difícil conviver harmoniosamente. No minha boite não vão travestis, por exemplo. Na antiga Opium eram barrados. E não é por barrar, é que estão fora da nossa realidade: eram perigosos, brigavam [...] tem gente que não tem condições. As pintosas já fazem aquela linha que não se usa mais [...] Você pode até usar um brinco, sabe como é que é? Mas usar um brinco, tingir o cabelo, passar rímel, batom, usar calça de mulher, isso não se usa mais. O homem hoje quer se sentir homem mesmo. Isto tudo pode ter ajudado durante algum tempo para

²⁴⁹ MENEZES, Cacau. Absurdo na Galheta. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 27 dez. 1986, Variedades, p. 03.

diferenciar, mas hoje não dá mais. As pintosas atrapalham um pouco o andamento da coisa, porque um carinha que nunca veio aqui, e até gostaria de voltar, se ele depara com uma pintosa ele despenca, não volta mesmo. Elas assustam um pouco, até mesmo quando você já está acostumado com elas. [...]

No ambiente desviante mais luxuoso da cidade, os chamados *gays darks*, os carinhas e os enrustidos, portanto, eram sempre bem-vindos. *Gays* mulheres, com a condição de se comportarem adequadamente. Já as assustadoras pintosas sofriam ou deveriam sofrer certas restrições, enquanto o acesso a travestis era terminantemente interdito. Eram perigosas, brigavam, estavam fora da realidade. Abjetas, em pleno uso do termo. A partir da qualificante e um tanto quanto elitista descrição, portanto, torna-se perceptível a segmentação das/os desviantes da capital do Estado e a valorização da masculinidade, a importância dada à aparência como indicativo de um homem que “quer se sentir homem mesmo”.

Ao final de fevereiro de 1987, período de Carnaval, mais uma vez a boate de Ricardo Medeiros ganharia destaque no caderno *Variiedades* do DC. “Os bailes gays de Florianópolis [...] têm seu auge na realização do disputadíssimo Gala Gay, realizado pela quarta vez na boate Oppium [...]”. Segundo a reportagem, Cyro Brillhante, que afirmara ser “homem, faceiro, mas homem”, só pudera se fantasiar de mulher e realizar suas apresentações por pertencer a uma família de “sólida formação emocional e sócio-econômica. No dia-a-dia ele não pode – nem quer – vestir-se de mulher”. Travestir-se durante o período carnavalesco não seria sinônimo de prostituição e ajudaria a firmar a imagem de travesti como artista, além de ser “uma maneira de deslanchar aprendendo, não o que é ser mulher, mas ter vindo de uma mulher. É uma volta às origens”. Descrita como o “momento de glória máxima”, o evento realizado pela *Oppium* tornara-se atração turística e tema de um carro alegórico de uma escola carnavalesca, onde desfilariam as “finas” e as “caricatas”. Aquele ano, no entanto, ao contrário dos 3 anos anteriores, o baile seria realizado a portas fechadas:

[...] Neste sábado, ao contrário dos outros carnavais, o Gala acontece a portas fechadas, na boate Oppium, na alameda Adolfo Konder, em frente ao bar Lugar Comum. Segundo Ricardo Medeiros, proprietário, “este ano, por causa da

AIDS, acho que o Carnaval vai ser muito violento, por isso é melhor que a festa seja a portas fechadas [...] Podem vir, trazer papai, mamãe, e o pessoal da imprensa também está convidado, mas sem fotos”. A idéia é que ninguém se sinta constrangido [...].²⁵⁰

A AIDS, portanto, surgiu no discurso proferido neste contexto não como enfermidade, mas como uma ameaça, uma possibilidade de violência, de agressão física contra aquelas/es a quem se atribuiu o estigma, fossem ou não portadoras/es do vírus causador da doença, apresentassem ou não seus sintomas. Em pequenas notas, o jornal contradizia a possível ocorrência de violências, mas corroborava a associação da doença ao desvio:

A cada ano, o Carnaval de Florianópolis exerce maior atração sobre os *gays* do País inteiro, que vêm à Ilha soltar plumas e paetês. Este ano, principalmente nas boates especializadas e na Avenida Hercílio Luz, houve uma *overdose* de travestis e rapazes alegres, todos na maior paz e em confraternização geral. “AIDS de nós”, como disse conhecido jornalista desta praça, em frente ao Bar Roma.²⁵¹

As festividades de Carnaval apareciam como uma possibilidade de manifestação, de “liberação de um grupo” fora dos ambientes desviantes. Ao noticiar sobre a movimentação do *Bar Roma*, no mesmo ano de 1987, o jornal trouxe ao discurso não apenas um homossexual, mas um heterossexual contra tais manifestações e um representante do saber científico para explicá-las, na figura de um psiquiatra:

[...] Os *gays* aproveitam estes quatro dias [...] esperam o ano inteiro para sair no Carnaval e brilhar [...] Jairo Manoel Felipe, 27 anos, homossexual assumido durante todo o ano, a sociedade não tem nada a ver com a sua identidade. “Sou um trabalhador normal, me sustento e o que é mais importante, a minha

²⁵⁰ COPSTEIN, Liege. AIDS ameaça o clima da festa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 fev. 1987, Variedades, p. 01.

²⁵¹ Brilho *gay*. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 mar. 1987, p. 02.

família me aceita assim” [...] Segundo ele, o Carnaval é um momento de liberação para o seu grupo [...] Há também quem seja totalmente contra qualquer desvio de identidade. “Homem que é homem não se veste de mulher”, diz o gaúcho Amilton [...] “Onde está o machismo, o homem com H?”. Respondendo a pergunta, o psiquiatra social [...] explica, sob o aspecto cultural, toda a repressão existente na sociedade. “No Carnaval, os homens liberam o outro lado reprimido que existe dentro dos seres humanos” [...] ²⁵²

O que se chamou “desvio de identidade”, portanto, apareceu no discurso de Jairo, “homossexual assumido”, como uma identidade que não caberia à sociedade julgar, visto que se mantinha financeiramente por ser um “trabalhador normal” e tinha apoio familiar. A contrapartida viria da recusa em aceitar o travestir-se como forma de manifestação carnavalesca, pois seria uma forma de afetar a masculinidade, a imagem de um “homem que é homem”. Contraditoriamente, o Carnaval de Florianópolis é conhecido por seu *Bloco dos Sujos*, atualmente realizado aos sábados, quando homens vestem-se de mulher, usam maquiagem e adereços, e dessa forma formalizam, comprovam suas masculinidades, prática inaceitável para o gaúcho Amilton, defensor do machismo e do homem com H. As divergências seriam conciliadas pelo saber psiquiátrico, que explicava pelo viés repressivo o desejo de se travestir durante as festividades. Não seriam, portanto, as práticas sexuais desviantes que estariam em questão, mas a imagem de uma masculinidade, que poderia ser afetada pelo fato de travestir-se, independente de se ser desviante ou não.

Enquanto isso, elas, as travestis, participavam do chamado *Baile dos Enxutos*, promovido pela boate *Shampoo* havia oito anos para eleger “o melhor travestido e a mais escrachada”, evento marcado pelos aplausos e vaias provocados pelo “strip-tease” de uma das concorrentes, que alegou ter feito o mesmo em Curitiba sem qualquer reação contrária. Segundo ela, as pessoas de lá seriam “mais evoluídas”. Seu ato foi visto como um desvirtuamento da alegria por aquelas/es que a olharam com ar de reprovação. Rogéria teria feito uma cirurgia no exterior

²⁵² Bernunça chega ao Roma. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 01 mar. 1987, p. 21.

“extirpando os órgãos sexuais” e queria mostrar os resultados.²⁵³ O mais curioso, no entanto, foi o termo utilizado pelo jornal para caracterizar a festa, que segundo o título da notícia teria sido “o maior deboche”, termo que pode significar não apenas escárnio, zombaria, mas também excessivo desregramento de costumes, devassidão, libertinagem.

No mesmo período, a foto de dois homens beijando-se foi publicada pela coluna de Cacau Menezes, que afirmou estarem muitas/os leitoras/es “quebrando a cabeça para identificar os personagens, que são, aliás, casados. Boa parte das suposições chegam perto. São figuras locais e conhecidas”. Segundo o colunista, a foto deu “o maior ibope”, causando espanto e curiosidade.²⁵⁴ Este desejo de desvendar, esta necessidade de saber quem mantinha determinadas práticas sexuais, fez com que se chegasse a produzir rumores sobre uma possível catalogação. Durante 1986, surgiu na cidade de Florianópolis o boato sobre a existência de uma “lista negra” com o nome de homens públicos “que aderiram ao homossexualismo”. Segundo a coluna de Cacau Menezes, duas mil cópias teriam sido distribuídas em supermercados e outros estabelecimentos,²⁵⁵ e tal lista incluiria não apenas o nome, mas o local de emprego e a função que ocupavam os homens citados. Para o colunista, produzida e distribuída com nítida “intenção maldosa”.²⁵⁶ Em suas palavras, a “coluna não tem nem gostaria de ter em mãos a lista gay [...] Por puro desinteresse.”²⁵⁷ Se não é verossímil afirmar que tal lista existiu e circulou ou não, é possível inferir os efeitos da simples pressuposição de sua existência, produzidos pela divulgação em âmbito estadual de tais notas no jornal, indo desde curiosidade e “*frisson*” até apreensão, medo, causados pela ameaça de ter o nome incluso na possível ou suposta lista.

Trânsito, mudança, passagem. Se os primeiros meses de circulação do jornal apresentaram notícias no caderno principal, reportagens e entrevistas nos suplementos do periódico e artigos de coluna social sobre espaços de sociabilidade e personagens desviantes que faziam parte da sociedade florianopolitana ou circulavam por ela em

²⁵³ Baile dos *Enxutos*, o maior deboche. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 mar. 1987, p. 22.

²⁵⁴ MENEZES, Cacau. Quebra-cabeça. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 mar. 1987, Variedades, p. 03.

²⁵⁵ MENEZES, Cacau. “Frisson”. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 09 jun. 1986, Variedades, p. 03.

²⁵⁶ MENEZES, Cacau. Entregação. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 jun. 1986, Variedades, p. 03.

²⁵⁷ MENEZES, Cacau. Não. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 jun. 1986, Variedades, p. 03.

períodos festivos, um enfoque maior passará a ser dado à AIDS, agora sim tratada enquanto ameaçadora moléstia física transmissível, que passava a modificar o cotidiano de figuras conhecidas e de espaços da cidade. Acostumado ao “luxo dos salões de beleza e das promoções sociais”, por exemplo, o esteticista e maquiador Paulo, então com 27 anos, passara apenas a ler, assistir a televisão e cuidar de um jardim após o agravamento de seu estado de saúde.²⁵⁸ Morte social que precedeu à física.²⁵⁹ Ao lado da notícia sobre sua rotina e internação hospitalar, o jornal divulgou uma matéria de página inteira, discorrendo sobre as transformações ocorridas na “vida dos catarinenses”:

Com alguns indícios de paranóia, a população começa também a mudar de hábitos. Os primeiros a sentir os reflexos desta mudança foram os salões de beleza. Mariazinha [...] observou uma queda de 80% no movimento do salão nos primeiros meses do ano [...] o medo do contágio atingiu também a noite de Florianópolis, principalmente os frequentadores das casas noturnas com clientela homossexual, um dos chamados grupos de risco. A luxuosa Boate Oppium, diante da falta de público, acabou fechando. A comerciante e advogada Élia [...] tem evitado ir ao dentista e até mesmo se hospedar em hotéis [...] O cabeleireiro Ciro Brilhante que normalmente ia ao médico de seis em seis meses, reduziu esse espaço para três meses. Ciro tem um caso homossexual há sete anos e fez um pacto de fidelidade com o seu parceiro. [...]²⁶⁰

Mudanças de hábitos, perdas de clientelas, fechamentos de espaços, idas constantes ao médico, pactos de fidelidade. Para além das reações negativas, entretanto, a divulgação midiática sobre o estado de saúde de algumas figuras conhecidas da sociedade mobilizou uma rede de solidariedade entre cabeleireiras/os e costureiras/os de Florianópolis e suas respectivas clientelas, que organizaram shows e desfiles para arrecadar fundos para a compra de medicamentos. Era a coluna de

²⁵⁸ Pavilhão da esperança. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 jul. 1987, Revista, p. 04.

²⁵⁹ Para tal, ver: SONTAG, Susan. **Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras: 2007, p. 104.

²⁶⁰ LEITE, Pedro. Um vírus muda a vida dos catarinenses. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 jul. 1987, Revista, p. 05.

Cacau Menezes, novamente, a dar destaque a tais eventos. Depois de reclamar sobre a omissão do nome de um dos costureiros da cidade que ajudara a organizar um desfile, o colunista tentava reverter a situação vivenciada, por exemplo, em salões de beleza:

É bom ressaltar [...] que a maioria dos bons salões em Florianópolis já tem esterilizadores. Não se justifica o receio de contágio através dos instrumentos de unha, por exemplo. As madames podem voltar tranquilas a frequentar os salões porque já vi os alicates, tesouras e demais utensílios todos de molho nos tais aparelhinhos.²⁶¹

Realizados os eventos de “motivação humanitária”, lotados por duas noites consecutivas, o colunista denunciou a demora na entrega do dinheiro, afirmando que “um dos dois doentes morreu nesse meio tempo: o cabeleireiro Pedro [...]. O outro, Paulo [...], continua sua batalha no Nereu Ramos, em Florianópolis [...] Onde anda o dinheiro?”, em indignado artigo intitulado *Safadeza*.²⁶² Poucos dias depois, o provável resultado de seu tom um tanto quanto exaltado é publicado:

O cabeleireiro Paulo [...], aidético que impressionou os catarinenses com os depoimentos abertos que andou dando pela imprensa sobre seu caso, escreve carinhosa carta para transmitir boas notícias: está em boa forma, adquirindo peso e estabilizado [...] ele informa também que já recebeu a sua parte da renda do show [...] Paulinho é um doce e tem deixado bons ensinamentos nessa fase difícil [...] Que é nossa também.²⁶³

Enquanto acontecia a divulgação dos eventos destinados a ajudar aqueles que se encontravam em debilitado estado de saúde, multiplicavam-se as notícias e reportagens sobre a AIDS no caderno principal do jornal. Medo, morte, repulsa e preconceito reforçados por

²⁶¹ MENEZES, Cacau. Ainda a AIDS. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 maio 1987, Variedades, p. 03.

²⁶² MENEZES, Cacau. Safadeza. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 02 jul. 1987, Variedades, p. 03.

²⁶³ MENEZES, Cacau. Uma carta especial. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 jul. 1987, Variedades, p. 03.

noções disseminadas sobre ser esta uma doença incurável, misteriosa, irreversível, atribuída a grupos específicos, contaminados e poluentes. A doença se tornou “boa matéria de consumo”, e as sensações de incerteza e insegurança foram ampliadas pela farta divulgação de números e previsões catastróficas, que ocorria em diversos meios impressos do país. Em Santa Catarina, explorou-se especialmente o escândalo midiaticamente produzido no caso intitulado “Gangue da AIDS”.²⁶⁴ Em meio à transformação no DC de doença e doentes em símbolos do mal, o discurso religioso ganhou espaço na seção *Opinião* do jornal por meio de um texto do bacharel em Teologia e pastor da Igreja Adventista, Anísio Chagas, em meados de novembro de 1987, que enfocava especialmente as práticas desviantes:

A homossexualidade é um dos graves problemas do mundo hodierno. É um comportamento condenável à luz da divina revelação como podemos analisar: “As práticas homossexuais são terminantemente proibidas! O homossexualismo é um pecado terrível” (Levítico 18:22). O povo de Israel repudiava e abominava tais costumes. Todos os desvios de natureza eram condenados [...] Desde que os seres humanos não respeitem estes preceitos, terão que pagar caro por estas transgressões. Na prevenção da AIDS não bastam medidas paliativas. São necessárias posições mais firmes e sérias. [...] Nem a Igreja nem nenhuma outra instituição poderá ficar alheia a este câncer social que é o homossexualismo. É um problema para ser enfrentado e resolvido. Não é um problema sem solução [...] homossexuais são feitos e não nascem assim. A homossexualidade começa no berço, e não no ventre [...] A sociedade pagará um custo elevadíssimo pela tolerância e convivência com tais aberrações. Homossexualismo, drogas, suicídio e doenças venéreas estão diretamente associados. Nunca teremos uma prevenção eficaz sem que o mal seja atacado na base. O saneamento moral é indispensável. Um mundo moralmente enfermo põe em perigo o futuro da humanidade.

²⁶⁴ Para tal, ver: AMORIM, op. cit., 2009, p. 42-51.

Homossexualismo e lesbianismo são atos que chocam a sensibilidade e ferem a consciência cristã. [...]²⁶⁵

A utilização da retórica religiosa, além de trazer o desvio como “pecado, câncer social, problema a ser enfrentado e resolvido, mal a ser enfrentado na base” e associá-lo semanticamente a uso de drogas, suicídio e doenças venéreas, trazia a noção de homossexualidade como algo feito, produzido, aprendido, algo que chocava a sensibilidade, e que teria a AIDS como uma resposta às transgressões, um preço a se pagar pela convivência, pela tolerância para com as aberrações. Corroborando tais discursos, para representar por meio de imagem as campanhas de combate à disseminação do vírus e o dia mundial de combate à doença, primeiro de dezembro, o jornal utilizava-se da foto de uma mulher vestida com uma camiseta branca, que ao centro das costas possuía o desenho de dois corpos aparentemente masculinos e posicionados como se praticassem sexo anal, cortado pelo símbolo de é proibido. Logo abaixo se lia “STOP AIDS”.²⁶⁶ Mesmo período em que Prates, como citado no capítulo anterior, exaltava o preconceito como alimento da alma humana, pequenas notícias não apenas maculavam a imagem de personagens desviantes conhecidas do público, como Roberta Close, mas também buscavam enfatizar uma suposta degeneração:

Roberta Close – travesti, transformista? -, que já foi uma preferência nacional, está ficando careca. Dizem que perde cabelo às mãos cheias. Mas este não é o único problema da Close, que começa a pagar o preço de sua forçada “mulherice”: o *derrière* e o busto, montados à custa de muito silicone, também estão desabando. [...]²⁶⁷

A coluna social de Cacau Menezes passou a tratar sobre temáticas desviantes a partir de notícias do exterior, como seu mordaz comentário a leis inglesas contra a homossexualidade²⁶⁸ ou a divulgação de um festival realizado na Holanda dedicado a estudos sobre “o

²⁶⁵ CHAGAS, Anísio. Um câncer social. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 nov. 1987, Opinião, p. 06.

²⁶⁶ A imagem foi utilizada em várias ocasiões pelo periódico. Como exemplo, ver: Governo atacará a AIDS. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 dez. 1988, p. 40.

²⁶⁷ La Close Desabando. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 22 nov. 1987, p. 02.

²⁶⁸ MENEZES, Cacau. Caça aos Gays. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 26 maio 1988, Variedades, p. 03.

imaginário homossexual na literatura européia”, nota que o colunista finalizou afirmando que o “homossexualismo no Brasil continua sendo sinônimo de polícia, porrada, AIDS, travestis e outras porcarias mais.”²⁶⁹ Em menos de dois anos, portanto, mesmo a coluna que pouco antes fazia a divulgação de espaços e personagens desviantes enquanto sinônimos de festa, alegria, descontração, solidariedade, passou a trazer ao discurso a violência e a doença. Apesar do tom crítico que o colunista buscou dar ao enfatizar os significados negativos que o “homossexualismo” tinha no Brasil, dentre tais porcarias foram inclusas as travestis, aparentemente rejeitadas em qualquer meio em que circulassem.

Em dezembro de 1988, sua coluna social apresentava uma lista do que estava “*in*” ou “*out*”, dentro ou fora de moda no Verão que iniciaria em breve, e “papo de homossexual” aparecia ao lado de “porrada em boate, bar sem som, cerveja quente, centro da cidade, mar poluído, congestionamento”, entre outras coisas ruins a serem evitadas.²⁷⁰ As festas perdiam espaço de divulgação, as portas se fechavam, os significados do desvio se transformavam.

²⁶⁹ MENEZES, Cacau. Ainda a AIDS. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 ago. 1988, Variedades, p. 03.

²⁷⁰ MENEZES, Cacau. Verão: ser ou não (eis a questão). **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 dez. 1988, Revista, p.10.

2.2 – O DESVIO DO LADO DE FORA

Se as notícias sobre festas, reportagens e artigos veiculados pelos cadernos de variedades, dominicais e colunas sociais do *DC* afirmavam a existência de certa liberdade entre amigas/os, circunscrita a espaços exclusivamente desviantes, alguns deles excludentes, reservados a determinados tipos de pessoas, tal liberdade era cerceada, restrita a ambientes e regiões do Centro da cidade de Florianópolis e, para ser vivenciada, poderia estar sujeita a olhares maliciosos e atos de escárnio. “Do lado de fora da porta, algumas pessoas fazem piadinhas e riem dos trejeitos daqueles que estão entrando. Outros mudam de calçada, observam a entrada e vão embora”,²⁷¹ descreveria um dos repórteres designado para registrar suas impressões sobre a noite em um dos espaços de sociabilidade desviante.

Fora das libertárias, mas contraditoriamente seletivas portas de alguns desses ambientes, chacota, apreensão, repressão. Em maio de 1986, por exemplo, foi noticiado que um médico e um funcionário público foram detidos e levados para a delegacia, acusados de praticar “ato ofensivo ao pudor”. Os criminosos beijaram-se dentro do carro de um deles. Flagrados cometendo o ilícito ato, a Polícia logo interviu.²⁷² Outro rapaz ultrapassou os limites ao final daquele ano. Ele teria tido a audácia de tentar convencer um policial a manterem relações sexuais, ou, nas supostas palavras do relatório feito sobre seu caso e divulgado pelo jornal, teve “a coragem de convidar um policial em serviço”. Acabou preso pelo ofendido representante da lei.²⁷³

A visibilidade das práticas sexuais ou mesmo pequenas demonstrações afetivas desviantes, como o ato de beijar, estavam sujeitas à vigilância e controle, exacerbados pelo temor que a AIDS passara a representar. Em junho de 1987, por exemplo, Herbert, 24 anos, natural do Rio de Janeiro, e Gérson, 23 anos, natural de Joinville, queriam almoçar no Restaurante Príncipe, situado no centro da cidade de Joinville e anexo ao Hotel de mesmo nome. Herbert e Gérson eram donos de uma boutique e de um salão de beleza, o que me leva a supor que talvez tivessem condições de pagar por um almoço em um restaurante. Os rapazes, então, entraram, sentaram-se e esperaram. Em vão, pois nenhum garçom veio atendê-los. Na realidade, quem apareceu

²⁷¹ PEDROSO, Jorge. Gente alegre em noites travessas. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 23 nov. 1986, Revista, p.10.

²⁷² Beijoqueiros. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 19 maio 1986, p. 39.

²⁷³ Convite. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 06 dez. 1986, p. 35.

foi o proprietário do estabelecimento, chamado Edmar, para avisá-los: “não atendemos rapazes efeminados”.

Segundo a notícia, Herbert e Gérson, homossexuais assumidos, tiveram uma discussão com Edmar, que, à época, era dono de um salão de cabeleireiros também, o que fez com que os rapazes o acusassem de “enrustido”, termo que genericamente designa alguém que não se assume homossexual, ao que Edmar retrucou que mesmo na condição de cabeleireiro, usava barba e bigode, buscando enfatizar sua suposta heterossexualidade mediante a referência a caracteres pilosos, tidos por masculinos. Os rapazes recomendaram, então, viagens ao Rio de Janeiro a Edmar, para que ele fizesse especialização em novos cortes e quem sabe, entrosando-se com os cariocas, talvez voltasse mais civilizado para Joinville. Se a discussão continuou ou teve algum outro desfecho, não foi noticiado.

Herbert e Gérson foram à polícia para prestar queixa contra Edmar alegando calúnia e difamação, e consta que iriam reivindicar uma indenização, aconselhados pelo advogado Gilberto Bayer Martins. Se ganharam o processo e a indenização ou se algo aconteceu a Edmar, não é possível afirmar, mas segundo a notícia os rapazes esperavam apenas a solução do problema para poderem transferir seus negócios para a cidade de São Paulo, saindo da “província” que era Joinville. Estavam inconformados com o vexame e nunca haviam sofrido tamanha discriminação. O texto foi finalizado afirmando que, mesmo deixando a cidade, a polêmica que envolveu os rapazes dividiu a população de Joinville, pois havia quem justificasse a atitude de Edmar como temor à AIDS.²⁷⁴

A produção textual de tal notícia traz indícios sobre como práticas de discriminação como a sofrida pelos dois rapazes e o próprio fato de serem desviantes eram tratados nas páginas jornalísticas do período. Logo ao início do texto, Herbert e Gérson não foram apresentados por seus nomes ou profissões, muito menos como proprietários de estabelecimentos, mas como dois “homossexuais que prestaram queixa no 6º DP”. Se alegavam calúnia e difamação, se estavam inconformados com o vexame ou se nunca haviam sofrido tamanha discriminação, todas estas palavras apareceram no texto delimitadas por aspas, destaque que, intencionalmente ou não, provoca certa dubiedade - seria simplesmente o que os rapazes disseram ou seria a ênfase dada ao contraditório fato de dois homossexuais assumidos,

²⁷⁴ Garçon se recusa a atender homossexuais. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 jun. 1987, p. 38.

efeminados e possíveis portadores e transmissores de AIDS fazerem tais afirmações, como sugeria o final da notícia?

Enquanto a síndrome aparecia como característica de homossexuais do sexo masculino, o descontrole e certa tendência a comportamentos violentos pareciam ser os atributos de mulheres desviantes. A história de Rosemari da Silva, 22 anos, sem indicações sobre a cidade natal, é um exemplo. Possivelmente residente da cidade de Florianópolis, pois embora o jornal circulasse por todo o Estado, geralmente não indicava o local onde as notícias ocorriam quando se tratava da Capital, em fevereiro de 1988 foi noticiado que Rosemari causou alguns problemas para o comércio do Centro da cidade, entrando em várias lojas e derrubando manequins. “Vestida como homem”, afirmava que era “muito macho” ao causar tais contratemplos aos estabelecimentos comerciais. Acabou sendo detida pela PM Feminina por provocar o “quebra-quebra” nas lojas e, segundo a notícia, demonstrava sinais de “descontrole mental”, dando muito trabalho à polícia. Enquanto era encaminhada para a delegacia, consta que Rosemari fez “convites” para as policiais, o que seria um indicativo de seu desejo sexual por mulheres.²⁷⁵ Em termos das/os próprias/os desviantes elas seriam extremistas dadas a brigas. Fora dos reservados ambientes tais características eram tratadas em termos de descontrole mental, possíveis indícios de loucura.

Se a leitura do jornal apresenta indícios sobre como eram caracterizadas algumas mulheres desviantes ou permite demonstrar como determinados espaços restringiam a circulação ou permanência de desviantes classificados como homossexuais homens, cujas práticas sexuais, afetivas ou simples presença podiam ser e eram por vezes interdidadas, é válido ressaltar que é do interior desta classificação de homossexual masculino que surgiam as travestis.

Apesar de em geral serem citadas em notícias e reportagens como “os homossexuais”, as travestis seriam um desvio dentro da própria categoria desvio, por não se adequarem aos padrões visuais e comportamentais que traçavam o correto e o incorreto, tanto para heterossexuais quanto para desviantes, e por romperem a dicotomia homem-mulher. Elas representaram por bastante tempo o que poderia haver de mais socialmente inaceitável. Cabe ressaltar, como se pode perceber em algumas falas acima citadas, que ser ou se tornar inaceitável dentro do grupo desviante ligava-se não apenas ao ato de travestir-se, mas a fatores como ser travesti no dia-a-dia ou apenas

²⁷⁵ Briga de mulher. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 fev. 1988, p. 47.

travestir-se em determinados períodos do ano, da semana ou mesmo horários do dia; a procedência social e econômica do sujeito que se travestia; o intuito que o levava a se travestir, como realizar apresentações de dublagem, shows de humor, forma de homenagem carnavalesca às mulheres; utilizar-se da prática sexual como forma de trabalho ou não.

Expulsas ou fugitivas de ambientes familiares e escolares hostis, destratadas e rejeitadas nos mais diversos espaços, restritas a uma circulação social em geral noturna e ligada à prostituição, com poucos momentos de exceção como os carnavais, quando certa suspensão das convenções sociais e afrouxamento dos padrões de moralidade permitiam uma maior aparição pública, o preconceito, as violências e a exclusão parecem ter sido as tramas, os fios que entrelaçaram o cotidiano de grande parte das travestis.²⁷⁶ Tais afirmações são válidas, em especial, para aquelas que adentraram as páginas jornalísticas. Perpassadas por experiências conflituosas desde o momento em que decidem posicionar-se pessoal e politicamente ao metamorfosearem seus corpos e manifestarem publicamente seus desejos e comportamentos,²⁷⁷ dentro do discurso jornalístico as travestis representaram – e por vezes ainda representam – os chamados gêneros não coerentes, as zonas invisíveis e inabitáveis da vida social, as identificações temidas, uma espécie de personificação do abjeto inserido e, porém, rejeitado dentro do próprio campo da abjeção.

Assaltantes, doentes, prostitutas, possesas, escandalosas, anormais, enganadoras, assassinas, promíscuas, drogadas, aidéticas, baleadas, espancadas, mortas: a exposição midiática das travestis neste período inicial do jornal demarcou, em geral, dois posicionamentos de sujeito – de um lado temos as perigosas e violentas criminosas; de outro, crimes quase sempre não solucionados que as transformaram em vítimas. Em geral expostas em notícias e reportagens plenas de efeitos privilegiados de verdade e poder, visto serem construídas a partir de informações que partiam quase que exclusivamente de instituições como as policiais, médicas ou judiciais.

²⁷⁶ Para tal, ver: KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

²⁷⁷ VERAS, Elias Ferreira. Além do paetê: experiências das travestis em Fortaleza nas três últimas décadas do século XX. **Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH** - Associação Nacional de História. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300644476_ARQUIVO_Alemropaete-anpuh.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2013.

Assim, a maior parte do que foi veiculado acerca das travestis pelo *Diário Catarinense* são exemplos de rejeição e dos mais variados tipos de violência, como uma carta enviada ao jornal por um leitor ainda nos anos 1980 exemplifica:

Com todo respeito às pessoas que têm este problema, e por isso merecem a nossa compreensão [...] mas uma coisa precisa ser dita: [...] Da maneira como os travestis crescem e aparecem [...] começa a ser incutida nas crianças brasileiras, de forma sorrateira e inconsciente, a idéia de que ser homossexual é normal e até bonito. Cuidem-se pais. [...] é um desvio de comportamento [...] Se as pessoas não têm culpa de serem invertidas sexualmente, portanto psiquicamente doentes, nem por isso se pode difundir e até incentivar esse desvio. [...]²⁷⁸

Para tal leitor-autor, portanto, ser homossexual não era bonito ou normal, mas um desvio de comportamento que poderia ser aprendido, uma inversão sexual, uma doença psíquica que poderia ser incentivada e se alastrar entre as crianças quanto maior fosse a aparição pública das pessoas que tivessem tal problema, como as travestis. Elas, no entanto, estariam inseridas no discurso jornalístico desde o início do periódico, primeiro em breves notícias sobre ocorrências policiais, depois em grandes reportagens. Ainda em sua primeira edição, em maio de 1986, o DC apresentava a breve história ocorrida em um baile de Florianópolis, acerca de uma dançarina que se deixava manipular à vontade por seu par, a primeira aparição de uma travesti em suas páginas:

Dançarino

O leão-de-chácara do Bailão do Albino, no Bairro Serraria, em Florianópolis, precisou de auxílio para expulsar o cobrador de ônibus Wilson Jumes da pista de dança. Bêbado, ele dançava, ao melhor estilo gaúcho, com um travesti, esbarrando nos outros pares convencionais e derrubando mesas e cadeiras. Enquanto ameaçava o segurança, ele despia o travesti, fazendo gestos que a plateia

²⁷⁸ Homossexualismo (*sic*). *Diário Catarinense*, Florianópolis, 01 jul. 1989, p. 06.

considerou obscenos. A Polícia foi chamada e Wilson “dançou”.²⁷⁹

Nos dias posteriores, não há qualquer indício do que poderia ter acontecido ao não convencional casal que dançava ao melhor estilo gaúcho fazendo gestos obscenos, derrubando mesas e cadeiras enquanto eram exibidas partes corporais que deveriam estar cobertas. Aquele tampouco seria o ano ideal para práticas dançantes. Em julho, Veronir, curitibana de 24 anos, segundo o jornal bêbada e insatisfeita com o mercado de Santa Catarina, possível referência a sua atividade profissional como prostituta, seria presa por escandalizar os passageiros de um ônibus de Florianópolis, deixando-os boquiabertos ao iniciar um *streak-tease* (sic), em notícia ilustrada por uma charge que buscava inserir uma conotação cômica à situação.²⁸⁰ Também ilustrada foi a prisão de Nivaldo, em novembro do mesmo ano, baiana de 34 anos que residia no bairro Rio Tavares, Florianópolis, e que resolvera fazer *strip-tease* total em cima de uma mesa do Bar Silvelândia, no Centro da cidade. Apesar de o jornal apontá-la como o travesti preso por atentado violento ao pudor, seu nome social não constava da notícia.²⁸¹

Enquanto eram publicadas ilustradas notícias repletas de ironia envolvendo as práticas dançantes de algumas travestis na capital, em Joinville, a maior cidade do Estado de Santa Catarina, as que faziam ponto na Rua Blumenau, como citado anteriormente, eram convidadas para cuidarem da casa. Os eufemismos utilizados pelo periódico, “convite” e “casa”, buscavam corroborar o humor que a charge que ilustrava a notícia buscava transmitir, um policial sorrindo e segurando uma vassoura e uma figura de barba por fazer, salto alto e expressão facial de que estava intimidada. Na prática, policiais retiravam 3 ou 4 travestis de seus locais de trabalho e as obrigavam a limpar as DPs, que não enfrentavam mais “problemas com a limpeza dos prédios”. A charge e o texto sugeriam que o local de moradia e trabalho de uma travesti deveria ser uma delegacia.²⁸² Outra imagem com intenções de comicidade ilustrou a história de Osmarina, também de Joinville, que teria “enganado” um motorista fingindo-se de mulher. Iam para o *Motel Sol Nascente*, mas durante o trajeto sofreram um acidente de trânsito, o que os levou para as páginas policiais. O nome do “desolado” motorista permaneceu em sigilo, sendo divulgada apenas sua tentativa de agredir

²⁷⁹ Dançarino. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 05 maio 1986, p. 87.

²⁸⁰ Dança do ventre. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 16 jul. 1986, p. 39.

²⁸¹ Strip-Tease. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 24 nov. 1986, p. 35.

²⁸² Limpando os DPs. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 03 jul. 1986, p. 43.

Osmarina no Hospital São José, para onde foram encaminhados após o acidente. Ao que tudo indica, apenas lá o motorista descobriu que ela era travesti.²⁸³

Joinville seria palco de outro “lamentável” engano. Em novembro de 1986, foi publicado que o policial militar César matou com um tiro de revólver, na Rua Princesa Isabel, Centro da cidade, a travesti identificada como Minhoca, qualificada como homossexual possesso que o agrediu sem motivos aparentes com palavras de baixo calão, sem atender aos apelos do soldado para que parasse e que, segundo a notícia, teria o atacado com uma tesoura, causando diversos ferimentos em seu rosto. A morte, assistida por diversas testemunhas, teria sido por legítima defesa.²⁸⁴ No dia seguinte, no entanto, o jornal divulgava que não havia qualquer testemunha do crime e não se sabia de onde teria surgido a história de que o homem assassinado era travesti ou homossexual, pois se tratava do engenheiro químico e professor Maurílio, casado e pai de dois filhos.²⁸⁵ Alunos, amigos e familiares foram unânimes em afirmar que jamais souberam de nada que pudesse desabonar a moral do respeitável professor – ele não seria homossexual, muito menos travesti.²⁸⁶ A sugestão de uma possível homossexualidade masculina, portanto, identificação de onde surgiam as travestis, algo imoral, desabonara a lembrança e a moral do casado professor e pai.

Notícias veiculadas pelo DC que citavam travestis de Santa Catarina ainda em seu primeiro ano de circulação, portanto, demarcaram um local específico dentro do espaço redacional para aquelas que ousaram desafiar os modelos considerados adequados para homens e mulheres, desviantes ou não. A maioria das notícias que as envolveram só podiam ser encontradas neste boletim cotidiano de alarme ou de vitória, criado para impor à percepção, tornar próximos, presentes em toda parte e temíveis os atos e praticantes da delinquência, muito familiares, mas ao mesmo tempo completamente estranhos, perpétua ameaça e paradoxalmente longínquos e exóticos: as páginas policiais do jornal.²⁸⁷ Uma personagem, no entanto, romperia tal padrão. Sua história

²⁸³ Enganado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 ago. 1986, p. 39.

²⁸⁴ Travesti ataca PM com tesoura e é morto. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 02 nov. 1986, p. 46.

²⁸⁵ Homem que PM matou era engenheiro químico. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 03 nov. 1986, p. 39.

²⁸⁶ Soldado presta depoimento. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 nov. 1986, p. 38.

²⁸⁷ Para tal, ver: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 237-238.

seria explorada por outras seções do caderno principal do jornal e até em sua capa.

2.2.1 - “ACORRENTADO COMO ANIMAL, VESTIDO COMO MULHER, TRATADO COMO HOMEM, VIVENDO COMO PRESO E SEM ESPERANÇAS”: A TRAVESTI SILVANA

Madrugada de 04 de novembro de 1986, esquina entre as ruas Tiradentes e Hercílio Luz, Florianópolis. A troca de ofensas morais entre três pessoas logo se tornou luta corporal. Cansada de apanhar e ser humilhada em público por Cárida Cleide e buscando ajudar sua amiga Malvina, esta noite a vítima das agressões, Silvana apanhou do chão um pedaço de paralelepípedo de aproximadamente 3 quilos e desferiu um golpe na cabeça de Cárida, que se desequilibrou e caiu. Aproveitando a desvantagem da rival e temendo uma possível vingança, Silvana continuou a golpeá-la até seu desfalecimento. Um soldado da Polícia Militar, que fazia a guarda de um prédio da Rua Tiradentes e assistia a tudo desde o início, ligou para a polícia, que logo prendeu Malvina e Silvana e tentou prestar os primeiros socorros à vítima, que não resistiu e morreu minutos depois.

Na manhã seguinte, o assassinato ganhou destaque na seção policial do DC, em matéria ilustrada por fotos das protagonistas do episódio e de um pedaço de pedra.²⁸⁸ Curiosa e paradoxalmente, a contracapa do jornal contradizia seu texto interno. Intituladas como “os assassinos da madrugada”, logo abaixo das imagens de Silvana e Malvina era informado que elas teriam matado um “amigo” a pedradas.²⁸⁹ De forma insidiosa, o periódico deliberadamente colocara em sua contracapa o que se chama em jornalismo de “título quente”,²⁹⁰ aquele que exagera uma notícia para vender mais jornais, que estimula a leitura, mas engana leitoras e leitores. Em outras palavras, mentira. Nada indicava que houvesse qualquer vestígio de reciprocidade afetiva entre a travesti assassinada e as outras duas envolvidas no crime, apesar do texto.

Após o homicídio de Cárida Cleide, Silvana passou 4 meses na Cadeia Pública de Florianópolis. Foi posta em liberdade para aguardar o julgamento, mas em julho de 1987 seria presa novamente, desta vez acusada de assaltar um mecânico.²⁹¹ Assassina e assaltante, a criminoso

²⁸⁸ Briga entre travestis termina em homicídio. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 nov. 1986, p. 47.

²⁸⁹ Travestis matam amigo a pedradas em Florianópolis. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 nov. 1986, p. 48.

²⁹⁰ Para tal, ver: NOBLAT, op. cit., 2010, p. 117.

²⁹¹ Travesti preso por assalto. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 jul. 1987, p. 30.

foi encaminhada ao presídio. Sua história e seu nome seriam relegados ao silêncio, mas não por muito tempo.

Muito magra, pálida, apresentando debilidade física e problemas pulmonares, em março de 1988 Silvana foi levada da Cadeia Pública, onde dividia cela com mais 3 sentenciados, para o Hospital Nereu Ramos. Segundo a notícia, não era sua primeira internação, mas o interesse em trazer Silvana novamente para o espaço redacional era uma novidade em sua história: a possibilidade de ela ter o vírus HIV, como indicava o título da notícia, *Preso da Cadeia Pública com suspeita de AIDS*.²⁹²

Dois dias depois, a história de Silvana saiu das páginas policiais e foi para uma das primeiras seções do jornal. Ela estava algemada à cama, isolada e proibida de receber visitas no Hospital, e suspeitava-se ter ela contraído o vírus na cadeia. O resultado de seu exame, no entanto, seria divulgado apenas para ela, afirmou o periódico.²⁹³ Não foi o que aconteceu: em 10 de março de 1988 a terceira página anunciava *Confirmado: preso está com AIDS*. Em tom alarmante, a notícia informava que o diretor da cadeia determinara a coleta de sangue em massa, ou seja, todos os 169 detentos da Cadeia Pública realizariam o teste para detectar a presença ou não do vírus HIV.²⁹⁴

Lentamente, os posicionamentos de sujeito de Silvana se transfiguravam. Em 11 de março de 1988, a capa do jornal prometia *Revelações do presidiário aidético*.²⁹⁵ Silvana passou a ser chamada de travesti com AIDS ou o aidético, e a reportagem afirmava que ela temia retornar ao presídio e ser assassinada por outros presidiários, pois havia mantido relações sexuais com, no mínimo, 11 outros detentos, que segundo ela a ameaçaram com barras de ferro para consumir o ato.

Em determinado aspecto, tal reportagem inovou a produção discursiva do jornal a respeito das travestis. Silvana seria a primeira ainda viva a ter partes de sua história pessoal divulgadas. O texto informava que ela saía de casa aos 11 anos para seguir o que foi chamado à época de “carreira” de travesti. Tinha oito irmãos e não falava sobre o pai, que a abandonara. Filho mais calmo, segundo sua mãe Noêmia, não escondia que gostava de homens desde criança. Estudara até a 8ª série em uma escola estadual de Picadas do Sul e

²⁹² Preso da Cadeia Pública com suspeita de AIDS. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 03 mar. 1988, p. 38.

²⁹³ Polícia isola detento com suspeita de AIDS. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 mar. 1988, p. 09.

²⁹⁴ Confirmado: preso está com AIDS. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 mar. 1988, p. 03.

²⁹⁵ Revelações do presidiário aidético. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 mar. 1988, p. 01.

recebera o nome Silvana de outras travestis aos 13 anos, em uma rua de Porto Alegre, cidade para onde fugira. Vivera também em São Paulo, Curitiba e Joinville. Em Florianópolis, seus locais de trabalho eram a Avenida Hercílio Luz e a Praça XV de Novembro. Segundo a reportagem, antes de ser presa Silvana bebia, fumava, usava drogas, perdia inúmeras noites de sono e tinha certeza que contraíra o vírus quando estava em liberdade. Sentia-se rejeitada e queria ir para a casa de uma irmã ou da mãe ao sair do hospital. Nesta data, o jornal informava que Silvana havia sido presa novamente por ter sido encontrada bêbada pela Polícia depois das 22 horas, e não mais por assalto, como anteriormente noticiado e perdera a conta do número de homens com quem transara. Seu único arrependimento era ter matado Cleide.²⁹⁶

Desregramentos, culpa, arrependimento, confissões de erros cometidos. A descontrolada, assassina e ladra aos poucos passava para os posicionamentos de sujeito de doente, arrependida. De criminosa, Silvana começava a transitar e se tornar vítima. Um dia depois, novas imagens passaram a ser divulgadas. Em uma foto, ela sorria de uma janela do Hospital; outra a mostrava sentada no jardim, rodeada de flores, enquanto o texto informava que, por falta de estrutura, estava suspensa a coleta de sangue em massa no presídio.²⁹⁷ Em 18 de março de 1988, o jornal noticiou que presos e funcionárias/os da Cadeia Pública teriam aulas sobre AIDS e aprenderiam a lidar com Silvana, que retornaria para lá.²⁹⁸

Um mês depois, Silvana voltou para as páginas policiais. Em foto com a legenda *Silvana transmitiu vírus*, a notícia discorria sobre um detento que confessava ter transado com ela, mas cujo primeiro resultado do exame para detecção do HIV dera negativo. Segundo o jornal, as maiores especulações giravam em torno do número de presos com que Silvana transara nos nove meses em que estivera presa.²⁹⁹ Nada foi citado sobre sua alegação de ter sido violentamente forçada, estuprada por alguns presidiários.

Sem ao menos consultar as próprias notícias já divulgadas sobre o caso, em junho de 1988 o jornal afirmava que tanto Silvana quanto Malvina teriam cometido o assassinato de Cárída, desferindo ambas

²⁹⁶ ROCHA, Silvana. Travesti com AIDS teme ser morto. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 mar. 1988, p. 09.

²⁹⁷ Só fará teste preso que quis. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 12 mar. 1988, p. 03.

²⁹⁸ Presos aprendem a lidar com AIDS. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 mar. 1988, p. 08.

²⁹⁹ Mais um presidiário pode estar com vírus da AIDS. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 abr. 1988, p. 39.

golpes com uma pedra de 6 quilos, em uma briga causada por um ponto de prostituição na Rua Tiradentes, e que os exames de Silvana para detectar o vírus da AIDS teriam dado negativos. Silvana voltara para o posicionamento de sujeito que a destacava como fria assassina e deixava de ser doente. Talvez a única informação coerente fornecida nesta data tenha sido a de que os julgamentos “dos travestis homicidas”, como o jornal as intitulou então, haviam sido adiados.³⁰⁰

No final de novembro de 1988, Malvina foi julgada e absolvida por omissão de socorro. Ao noticiar o fato, o jornal atribuiu o início da briga que culminou na morte de Cárida à Silvana.³⁰¹ Malvina reapareceria em pequenas notícias sobre desentendimentos e agressões, como a intitulada *Com razão*, de setembro de 1989, que textualizava a aversão, a repugnância causada pelo contato com o sangue travesti em policiais:

Com a onda de AIDS, policiais do 8º DP, que atendem a ocorrências na Avenida Ivo Silveira – ponto disputado pelos travestis, um dos grupos de risco da doença -, em Florianópolis, reclamam da falta de material adequado, principalmente luvas. “Como é que a gente vai botar a mão num travesti sangrando, como aconteceu com a Malvina?”, reclamou um tira.³⁰²

Poucos dias depois do julgamento de Malvina, em dezembro de 1988, o periódico publicou uma reportagem de página inteira sobre as agruras de Silvana na prisão. Ela voltara a ter AIDS, mas desta vez certamente contraíra por participar de reuniões com várias pessoas para aplicar cocaína.

Beneficiada com prisão domiciliar antes mesmo de seu julgamento por seu precário estado de saúde, segundo o jornal uma regalia até então inédita na justiça brasileira conquistada pelos esforços do advogado Batista Luzardo, mas rejeitada pela família devido às precárias condições em que viviam, como inexistência de banheiro na casa de quatro ambientes onde moravam sua mãe e algumas irmãs e irmãos, a reportagem afirmava que a debilitada e solitária Silvana

³⁰⁰ Adiado o julgamento dos dois travestis homicidas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 jun. 1988, p. 37.

³⁰¹ Travesti julgado por crime foi absolvido. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 dez. 1988, p. 37.

³⁰² Com razão. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 set. 1989, p. 38.

sonhava apenas em tomar um remédio para crescer o peito e morrer como mulher.³⁰³

Acolhida por uma irmã que morava no Morro da Caixa, Florianópolis, após um desentendimento Silvana iria morar na Rua Paraguai, Bairro Jardim Atlântico. De volta à prostituição na Avenida Ivo Silveira, parte continental de Florianópolis, entre idas ao hospital e brigas familiares que a levaram novamente ao espaço redacional em pequenas notícias, Silvana ganharia destaque em ampla matéria pela última vez em outubro de 1989, ao ser presa por tentar furtar cosméticos e alimentos em um minimercado do bairro em que morava. Fotografada na delegacia para onde foi levada, ela encontrava-se ao chão, mãos e pés algemados e presa a uma corrente, apresentando posições e expressões faciais que sugeriam desespero, dor. De volta ao presídio, escreveu um bilhete para o Diretor da Cadeia Pública, implorando por sua remoção, fotografado e reproduzido pelo jornal: “[...] Não estou me sentindo bem aqui [...] não é ambiente para mim, pois sou um travesti e o sr. sabe dos meus problemas [...]”. Abjeta, animalizada, símbolo da violação das leis da sociedade e da natureza, personificação do impossível e do proibido,³⁰⁴ a legenda de uma das fotos reproduzidas assim definia sua situação: “Acorrentado como animal, vestido como mulher, tratado como homem, vivendo como preso e sem esperanças”.³⁰⁵ O bilhete escrito por Silvana e publicado pelo jornal, no entanto, demonstra a apropriação não apenas de sua identificação travesti, como também dos problemas que enfrentava, provável referência a seu debilitado estado de saúde, para utilizações em favor próprio, ou seja, a adesão de Silvana aos posicionamentos em que era colocada e a utilização das interpelações injuriosas como foco produtivo de negociação, resistência, reação.³⁰⁶ Ela apareceria novamente em pequenas notícias, como uma de dezembro de 1989, que informava não ter sido aceita em qualquer Hospital da cidade após uma crise nervosa em que quebrara vidros de uma sala do Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS, GAPA.³⁰⁷

Em março de 1992, Silvana foi julgada e condenada a 5 anos e 4 meses por homicídio privilegiado – seu advogado convenceu o júri

³⁰³ CASARA, Marques. Drama de um travesti confinado na cadeia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 dez. 1988, p. 45.

³⁰⁴ FOUCAULT, op. cit., 2010, p. 47.

³⁰⁵ A morte ronda a Cadeia Pública. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 out. 1989, p. 61.

³⁰⁶ Para tal, ver: FOUCAULT, Michel. op. cit., 2007, p. 112.

³⁰⁷ Travesti não é aceito em hospitais. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 dez. 1989, p. 36.

que matara sob domínio de violenta emoção.³⁰⁸ Como já cumprira 4 anos e 6 meses entre o presídio e as internações hospitalares, passaria o restante da pena em regime aberto. Saiu do julgamento sem querer dar entrevistas, abraçada a um companheiro.³⁰⁹ Foi a primeira vez que um portador do vírus HIV enfrentou um júri, segundo o jornal, que ao mesmo tempo proferiu sua própria sentença para o que nomeou como o “homossexual infectado”, o “aidético”: Silvana estaria “em fase terminal”.³¹⁰

O conjunto de informações policiais, jurídicas, médicas, julgamentos morais e certas doses de criatividade e imprecisão, amalgamado por efeitos de verdade e poder, transformaram Silvana em personagem para a espetacularização sensacionalista do discurso jornalístico,³¹¹ proporcionando o fascínio pelo extraordinário, o vulgar e corriqueiro, a distância entre leitura e realidade. Tragédia, choque, atração, intensificação do desvio, da aberração, do oculto, mas ao mesmo tempo próximo, obscuro, proibido. Silvana tornou-se, nas páginas do DC, a travesti exemplar – penalizada por seus próprios atos e por seu desafio às normatizações de gênero, condenada à aniquilação em consequência deles. Sexo e morte personificados.

Enquanto a história de Silvana se desenrolava, muitas foram as notícias que enredaram as travestis em tramas de roubos, escândalos, uso de drogas, mortes brutais: Bianca, procurada pela Polícia de Joinville por supostamente invadir uma residência para furtar;³¹² Valdir, sem nome social divulgado, enforcou-se na casa onde trabalhava como doméstica por descobrir ser portadora do vírus HIV;³¹³ Priscilla, sem documentos, idade aproximada de 22 anos, deixada na porta de um Hospital supostamente depois de sofrer um acidente automobilístico, morta por traumatismo craniano após dois meses de internação sem receber qualquer visita e enterrada como indigente, sem identificação,

³⁰⁸ As leis penais brasileiras preveem a redução de um sexto a um terço da pena em casos de homicídio, caso seja comprovado que “o agente atuou sob o domínio de violenta emoção, logo em seguida a injusta provocação da vítima”, como parece ter sido alegado por Batista Luzardo no julgamento de Silvana. Para tal, ver: GRACO, Rogério. **Curso de Direito Penal**: parte especial, volume II: introdução à teoria geral da parte especial: crimes contra a pessoa. Niterói: Impetus, 2011, p. 150.

³⁰⁹ Homossexual cumpre pena em casa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 21 mar. 1992, p. 25.

³¹⁰ Acusado de homicídio vai a julgamento hoje. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 mar. 1992, p. 25.

³¹¹ Para tal, ver: PEDROSO, op. cit., 2001, p. 52.

³¹² Travesti procurado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 ago. 1987, p. 39.

³¹³ Travesti que era portador do vírus encontrado morto. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 mar. 1988, p. 09.

em 1988.³¹⁴ Sua foto em um leito do hospital que acompanhou a notícia sobre sua morte seria utilizada de forma ilustrativa pelo jornal em 1992, em notícia sobre a fabricação de um similar do AZT, medicamento para tratamento da AIDS, no Brasil. Perversa e ironicamente, acima da foto estava escrito “Esperança”,³¹⁵ Neide, natural de São Paulo, 20 anos, morta por um tiro na virilha na frente de uma boate, onde outra travesti também levou tiros, mas sobreviveu;³¹⁶ Sheron, paranaense de 22 anos, companheira fixa de um homem casado cuja esposa tentou baleá-la;³¹⁷ Dorotéia, 24 anos, encontrada em avançado estado de putrefação num matagal às margens da BR-101, próximo ao Shopping Itaguaçu, morta por violenta pancada no lado direito do rosto, possivelmente “desovada” lá após o crime.³¹⁸ Os casos são inúmeros e estes, apenas alguns exemplos. Depreciadas pelos meios de comunicação, apresentadas ora como piada, ora como perigosa aberração, prostitutas, doentes, praticantes ou vítimas de crimes, o termo travesti vinculou-se semanticamente no discurso midiático ao perigo, à criminalidade, a drogas, doenças e prostituição, e demoraria até novos posicionamentos emergirem dentro do periódico. Em fins dos anos 1980, no entanto, o foco sensacionalista do DC recairia sobre outro crime envolvendo o desvio.

³¹⁴ Travesti aidético morre abandonado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 jul. 1988, p. 36.

³¹⁵ AIDS – Laboratório brasileiro vai fabricar similar do AZT. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 jun. 1992, p. 16.

³¹⁶ Na boate Chega Mais, a morte do travesti. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 jan. 1989, p. 36.

³¹⁷ A era da prostituição em Lages. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 mar. 1989, p. 05.

³¹⁸ Travesti morto a pancada é mistério. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 dez. 1989, p. 36.

2.3 – O DESVIANTE DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO: DO SEXO ÀS PERIGOSAS QUADRILHAS

Centenas de pequenas notícias e artigos, dezenas de reportagens, uma ampla cobertura que culminou em inúmeras notas de cobrança, intituladas *Questão de honra*. Divulgação nacional pelo dominical *Fantástico*, produção de uma edição de um programa sobre casos policiais pela *Rede Globo*, muitos anos depois. Um livro escrito, muita polêmica, mistério e farta especulação.

Nascido na cidade de Tubarão, interior de Santa Catarina, ele ensinava inglês quando começou a promover festas e assinar uma coluna em um jornal daquele município, ainda na década de 1970. Viajou para a Europa e, ao retornar, estabeleceu-se em Florianópolis, onde passou a ter programas, um diário chamado *Gente na Rádio União FM* e outro com notas e entrevistas com destaques da sociedade florianopolitana, na *TV Cultura*. Mantinha uma coluna no *Jornal de Santa Catarina*, além de ser responsável por um periódico intitulado *Jornal Radar*.³¹⁹ Consta que durante o ano de 1985, ao hospedar amigos argentinos em seu apartamento, foi amarrado com fios de telefone e agredido pelos mesmos, e teve todos os pertences de algum valor roubados.³²⁰

Em 1989, morava em um apartamento do bairro Coqueiros, região continental de Florianópolis, e costumava ir quintas, sextas e sábados para o Terminal Rodoviário Rita Maria. Tomava cafés e canjas pelos estabelecimentos da rodoviária, como a *Lanchonete Altair*, comprava cigarros *Chancellor* e balas refrescantes na *Bombonière Valpas* e conversava com funcionárias/os do terminal e dos estabelecimentos comerciais. Além de suprir suas necessidades alimentares e desenvolver laços de amizade com as/os trabalhadoras/es do local, segundo um funcionário da banca de revistas *Floripa* todos os sábados esperava por um rapaz moreno, de estatura média, que chegava às 22:30 da cidade de Tubarão.³²¹ Também tinha outro intuito ao circular com relativa frequência pelo ambiente. Procurava garotos para encontros amorosos e, segundo o delegado responsável pelo subdistrito do Terminal à época, seu “cantinho preferido era ao lado da farmácia, onde ele cuidava os garotos que passavam”. Segundo foi noticiado, “o colunista tinha um hobby: levava jovens para seu apartamento, onde

³¹⁹ Começou na profissão em jornal de Tubarão. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 17 jul. 1989, p. 41.

³²⁰ Delegado já possui pistas de criminosos. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 22 jul. 1989, p. 33.

³²¹ Carta ameaçadora estava escondida. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 23 jul. 1989, p. 49.

mandava se despirem para tirar fotos”.³²² Curiosamente, outras notícias sobre as fotos encontradas em seu apartamento não citavam tal *hobby*, mas apenas que existiam cerca de vinte imagens do colunista ao lado de pessoas conhecidas em rodas sociais catarinenses, algumas delas de jovens rapazes com quem mantinha laços, contatos.³²³ Afinal, era um colunista social.

Dia 12 de julho de 1989, uma quarta-feira, ele recebeu uma carta que, segundo o jornal sensacionalisticamente afirmou em sua *Capa*, ameaçava-o de morte.³²⁴ Reproduzida aparentemente de forma integral alguns dias depois, a foto do texto escrito à mão apenas recomendava que o colunista deixasse o país, pois “[...] V. não perde oportunidade p. falar mal, desprezar, humilhar e inferiorizar o seu país. Vá-se embora, naturalize-se por aí em qualquer país [...]”, além de fazer recomendações para que o colunista melhorasse seu português e conjugasse de forma correta alguns verbos. Mesmo não assinada, pode-se supor ou uma autoria feminina ou de alguém que quis ser considerada/o assim, como fica evidente no trecho “[...] Prometi a **mim mesma** não ouvi-lo mais p. não me irritar [...]” (grifo meu). Guardada em uma agenda antiga pelo colunista, o jornal afirmou no dia desta reprodução que se tratava de uma pessoa que “detestava o colunista”, além de intitular a notícia sobre a descoberta da carta como *Colunista guardava carta com ameaças*,³²⁵ o que, pelo manuscrito reproduzido pelo próprio jornal, estava longe de encontrar-se no verdadeiro.

Aquela mesma semana de início de julho de 1989, consta que o colunista teria comentado em sua cidade natal que sabia e iria divulgar muitas informações comprometedoras sobre algumas pessoas da cidade de Criciúma, além de ter proferido fortes críticas aos sem-terra acampados em frente à Catedral, possivelmente alguns dos quais ainda estariam lá um mês depois, citados no capítulo anterior. Era uma vez mais pela coluna de Cacau Menezes que a descrição do movimento, atacado pelo colunista e pelo próprio DC, podia ser encontrada, em tom de discordância:

³²² É o segundo colunista assassinado. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 19 jul. 1989, p. 36.

³²³ Fotos apontam suspeitos que estão sendo caçados. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 23 jul. 1989, p. 48.

³²⁴ Carta ameaçava de morte colunista Norton. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 19 jul. 1989, p. 01.

³²⁵ Colunista guardava carta com ameaças. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 21 jul. 1989, p. 41.

Semana passada [...] desceu o pau – e aí pisou na bola – nos sem-terras (*sic*) que estão acampados no largo da Catedral, em Florianópolis. E o fez por dois dias consecutivos, dando a entender que não gostava de pobre e que aquilo envergonhava a cidade. Infeliz opinião. Sendo um movimento político e corajoso, com gente passando privações e até humilhações públicas, e procedente de uma região onde a violência faz parte do dia-a-dia, deu para sentir que o colunista iria se incomodar [...]³²⁶

Na noite de 15 de julho de 1989, um sábado, o colunista avesso aos sem-terra e a pobres repetiu alguns de seus rituais habituais. Passeou pela rodoviária, tomou café, comprou cigarros e balas, foi algumas vezes ao primeiro andar, conversou com um fiscal de operações sobre um cano de água que havia estourado, sentou no balcão de um restaurante lotado sem nada pedir e saiu. Ainda no terminal, encontrou três rapazes bem vestidos, um loiro e dois morenos. Entraram em seu *Escort* e foram para a Avenida Hercílio Luz, então a região do Centro da cidade próxima de boa parte dos bares e ambientes desviantes, além de local onde travestis como Silvana costumavam esperar por clientes, trabalhar. “[...] O fato de ser homossexual e de estar à noite numa região perigosa como a Avenida Hercílio Luz [...]”, nas palavras de Cacau Menezes, bem como os ácidos comentários que fizera sobre os sem-terra, deveriam ser encarados como hipóteses para o fato que chocou a sociedade catarinense, tornando-se notícia nacional e uma das manchetes do programa *Fantástico* no dia seguinte, domingo. Iniciava-se a explosão discursiva sobre o assassinato do colunista social Norton, 42 anos:

O tiro fatal, possivelmente, entrou na nádega direita e saiu no lado esquerdo do abdômen. Outro, nas costas, também saiu no abdômen. O que perfurou o tórax se alojou nas costas, sendo o único projétil encontrado no corpo, de calibre 38. Os outros dois alvejaram a perna direita, saindo na esquerda, e a têmpora direita.³²⁷

³²⁶ MENEZES, Cacau. A morte de um amigo. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 18 jul. 1989, Variedades, p. 03.

³²⁷ Cinco tiros de duas armas mataram Norton. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 20 jul. 1989, p. 45.

É possível suspeitar que mesmo esta breve descrição sobre os percursos que as balas fizeram ao atingir Norton, publicada cinco dias após sua morte, careça de exatidão. Posteriormente, o jornal informou que uma sexta bala o teria atingido “na região do púbis”,³²⁸ em sutil referência a uma provável conotação sexual do crime. Ter ocorrido quase em frente à casa de número 19 da Avenida Hercílio Luz, onde havia uma festa da qual participava o tenente da Polícia Militar Marcos, que chegou a olhar pela janela ao ouvir os tiros, talvez seja uma das poucas informações exatas publicadas acerca do caso nas páginas do DC. Outras seriam o fato de os assassinos terem tentado roubar o carro, impedidos pelo fato de o colunista ter desligado o sistema elétrico do veículo ao acionar o dispositivo antifurto e que, próximo ao local, o soldado da Base Aérea Adriano aguardava um táxi. Norton ainda estava vivo quando foi transportado para o Hospital Celso Ramos, Centro de Florianópolis, mas não resistiu.

A partir do dia 17 de julho de 1989, várias foram as hipóteses, versões e fantasias criadas em torno de sua morte. No dia 19, por exemplo, o jornal utilizava-se de uma ilustração em sua capa, roteirizada pela editoria de polícia, descrevendo os últimos passos de Norton aquela noite, desde o passeio, as compras e o café na rodoviária até a morte na Hercílio Luz. Em seu interior, nas páginas policiais, era afirmado que o envolvimento do colunista com jovens já estava sendo investigado, e que para policiais mais experientes sua morte envolvia “sexo, drogas e chantagem”. Em seguida, uma curiosa, quase cômica frase afirmando que um “fato já está praticamente comprovado: um dos criminosos é da cidade de Tubarão ou Laguna, mas também é provável que os criminosos tenham vindo de Criciúma para executá-lo”.³²⁹ No dia seguinte, o fato praticamente comprovado, a tripla possibilidade de procedência dos assassinos, era ampliada ainda mais. Segundo o jornal, policiais apontavam duas possibilidades para a morte de Norton, “a primeira seria chantagem, envolvendo sexo, e a segunda vingança”, e prosseguia afirmando que

[...] Outro fato que chegou ao conhecimento dos policiais é de que Norton tinha amigos em Blumenau e Joinville, com os quais se encontrava

³²⁸ Laudo revela: Norton levou seis tiros. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 26 jul. 1989, p. 36.

³²⁹ Colunista já estava marcado para morrer. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 17 jul. 1989, p. 03.

seguidamente nos finais de semana. Esses amigos, todos jovens, estão sendo investigados [...] Os policiais também estão à procura de uma moto do colunista que ele tinha se negado a dar para um jovem, seu amigo [...].³³⁰

Os assassinos do colunista, portanto, poderiam ser provenientes de várias cidades do Estado. Fato praticamente comprovado. Segundo o que foi publicado pelo jornal então, Norton não seria o primeiro colunista de Florianópolis a ser brutalmente assassinado. Criando efeitos de verdade, conexões entre histórias distintas e temporalmente afastadas e se utilizando de ficção, o jornal atribuiu a morte do colunista conhecido por Celsinho, em 1982, a um espancamento ocorrido em seu apartamento, no Centro da cidade, e afirmou que as investigações sobre o caso nunca foram concluídas, sendo dado por encerrado sem solução. Segundo consta nos próprios arquivos eletrônicos da RBS, entretanto, o colunista Celso Pamplona, Celsinho, teria falecido em 19 de junho de 1982 “vítima de um edema pulmonar”.³³¹ Em 1989, no entanto, o DC modificou sua *causa mortis*, buscando corroborar suas afirmações e dramatizar a história em torno da morte de Norton ao informar que Celsinho respondia a um processo sobre tóxicos.³³² Como habitual à época, crimes de difícil solução, como os que envolviam a morte de desviantes, apresentavam o uso ou comércio de drogas como uma das possibilidades, uma espécie de válvula de escape para justificar o que não se conseguia desvendar. No Caso Norton, a reação inicial à ligação do colunista com drogas apareceu na coluna de Cacau Menezes, que afirmou que algumas “[...] pessoas maldosas estão insinuando que o assassinato do colunista Norton tem alguma coisa a ver com drogas. Mentira. Norton era avesso a qualquer tipo de drogas [...]”³³³ Para Cacau, a insinuação marcava uma segunda morte do colunista. Alguns dias depois, foram publicados os resultados de exames realizados com amostras do sangue do colunista e, de acordo com o que foi noticiado,

³³⁰ Chantagem ou vingança na morte de Norton. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 jul. 1989, p. 44.

³³¹ Para tal, ver (pesquisar em cache, ou a informação não aparece): DC Especial 30 anos. **Clicrbs**. <

http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:pufov3KdxPwJ:www.clicrbs.com.br/sites/swf/DCespecial_30anos/linha.xml+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 04 ago. 2013.

³³² É o segundo colunista assassinado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 jul. 1989, p. 36.

³³³ MENEZES, Cacau. Toque. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 jul. 1989, Variedades, p. 03.

Norton não teria consumido qualquer substância tóxica, nem mesmo álcool.³³⁴

Aquele mês de julho de 1989 parece ter sido bastante árduo para as polícias de Santa Catarina atuantes em Florianópolis. Coube à Polícia Militar realizar a operação “Terra Arrasada”, retirando todas/os as/os sem-terra da frente do Palácio Santa Catarina, sede do governo estadual então, no Centro da cidade, local onde estavam acampados. Em apenas 20 minutos, madrugada do dia 25, ironicamente Dia do Colono, homens, mulheres e crianças eram espancadas/os, colocadas/os em fila indiana para preencher três veículos, entulhadas/os junto aos poucos objetos que possuíam, enquanto seus barracos eram destruídos e todas/os eram largadas/os “na lama e no frio do aterro da Baía Sul, em pleno sambódromo”, que estava em fase de construção.³³⁵ O tom de denúncia utilizado, agravado pela violência sofrida por funcionárias/os da própria imprensa, logo seria abandonado. Pouco menos de um mês depois o próprio DC reproduziria as críticas feitas por Norton, e as/os sem-terra passariam a poluir a imagem turística da cidade, como citado no capítulo anterior.

Enquanto isso, equipes da Polícia Civil, que em poucos dias já havia interrogado 70 pessoas³³⁶ e viajado para o Balneário Bombinhas, próximo à cidade de Porto Belo, em busca do “assaltante gaúcho Marcos”, loiro que passara por Florianópolis no dia em que Norton morreu,³³⁷ tratavam de reconstituir o crime, que passava a causar polêmicas e acusações dentro da própria instituição:

[...] o assassinato do colunista social [...] teve o trabalho investigativo prejudicado pela falta de ação do delegado do 1º Distrito Policial, Adílson [...]. Ele disse que só soube do crime, no dia seguinte, pelo Fantástico na Rede Globo. As poucas decisões que tomou foram consideradas um fracasso [...]³³⁸

³³⁴ Exames não indicam substâncias tóxicas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 jul. 1989, p. 49.

³³⁵ PM retira acampados à força. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 26 jul. 1989, p. 10.

³³⁶ Delegado já ouviu 70 pessoas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 24 jul. 1989, p. 37.

³³⁷ DEIC procura suspeitos no balneário Bombinhas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 jul. 1989, p. 41.

³³⁸ Investigações demoradas prejudicam a elucidação. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 26 jul. 1989, p. 37.

Alegando estar sendo “vítima de uma armação arquitetada pela cúpula da Polícia Civil”, acusado de incompetência e de uma série de decisões erradas, como não ter cercado as saídas de Florianópolis no dia do assassinato, ainda no dia 18 Adílson foi substituído na investigação pelo então titular da Divisão de Homicídios do Departamento Estadual de Investigações Criminais (DEIC), Renato, nome que a partir de então seria constantemente citado. A morte do colunista, segundo a notícia que informava sobre a “importante” encenação “para o prosseguimento das investigações”, passara a ser conhecida como “O caso Norton”.

Um foragido suspeito procurado no Balneário de São Miguel, uma senhora que passou mais de uma hora atrás das cortinas no dia do crime, um taxista que levou um loiro muito nervoso ao enterro de Norton. Em 27 de julho de 1989, era afirmado nos títulos das notícias que Renato “já sabe quem matou colunista social”,³³⁹ um saber que poderia se modificar de um dia para o outro, literalmente.

Se aquele dia de julho um foragido seria o culpado pelo crime, no dia seguinte o jornal afirmava que a Polícia já sabia quem havia assassinado o colunista, “seriam jovens e um deles filho de um coronel [...] a luta está em obter provas e evidências para botar a mão na rapaziada, de famílias influentes”.³⁴⁰ Já em 29 de julho, outra versão era apresentada.

Após as afirmações iniciais sobre os hábitos e hobbies de Norton, que envolveriam suas práticas e desejos sexuais com jovens que seriam fotografados nus pelo mesmo, o colunista passava a ser alguém que “levava vida discreta”, pois de acordo com depoimentos, a Polícia:

[...] soube, através de pessoas que conviveram com Norton de que ele era muito discreto em sua vida pessoal. O colunista nunca foi visto acompanhado em público. Segundo essas pessoas, não era do tipo promíscuo. Com isso, o delegado deduziu que “ele jamais daria carona para quem não conhecesse”.

Inclusive, no apartamento do colunista social, quando foram feitos levantamentos, os peritos constataram que não havia nada de extravagante que levantasse suspeitas de que Norton tinha uma vida sexual agitada [...]³⁴¹

³³⁹ Foragido é um dos suspeitos do crime. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 jul. 1989, p. 41.

³⁴⁰ Provas e evidências. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 jul. 1989, p. 38.

³⁴¹ Colunista levava vida discreta. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 jul. 1989, p. 33.

Ser visto acompanhado em público, portanto, em especial de desconhecidos, seria um indício, um vestígio de promiscuidade que não poderia ser atribuído ao colunista assassinado, assim como o extravagante *hobby* de fotografar rapazes nus em seu apartamento. A vida sexual de Norton não seria tão agitada quanto enfaticamente afirmado inicialmente pelo jornal ou, se fosse, o colunista não deixara rastros. Apesar disso, na mesma página da notícia acima reproduzida era afirmado que um menor “deve esclarecer assassinato”:

[...] o menor contou que há muito tempo ganha dinheiro com homossexuais e o Terminal Rita Maria, Avenida Hercílio Luz e Praça XV de Novembro são locais de encontro. O delegado não deu detalhes sobre o que apurou com P., que forneceu nomes de pessoas que participam desses encontros [...]³⁴²

O menor P., 17 anos, intitulado pelo jornal como “desocupado”, e seu companheiro, Carlos, 18 anos, haviam sido presos de madrugada no apartamento de Humberto, 25 anos, no Centro da cidade. Segundo os rapazes, foram convidados por Humberto no Terminal Rita Maria para fazerem um programa. Já Humberto alegou ter tido o apartamento invadido pela dupla e sido agredido, mas teria conseguido fugir e deixar os dois trancados no apartamento. Segundo o jornal, a dupla assumiu no 3º Distrito Policial que “tinham vindo a Florianópolis para assaltar homossexuais”.

As disputas pela verdade sobre o incidente dentro do apartamento não são pertinentes, mas sim a possibilidade de mapeamento dos espaços utilizados para encontros e arranjos entre os desviantes da cidade e os garotos que trabalhavam então como prostitutas, vindos de outras cidades. Neste caso, e infelizmente para um dos dois jovens que haviam vindo de São Paulo, a foto de P. com uma mão cobrindo o rosto seria reproduzida na contracapa do DC, que afirmava *Polícia acha pista para esclarecer tudo* e, logo abaixo da imagem, “Este menor é chave do mistério para desvendar crime”.³⁴³ Das elites catarinenses aos garotos de programa vindos de outras cidades, em capas, contracapas, notícias e pequenas notas, a cada dia era publicada

³⁴² Menor deve esclarecer assassinato. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 jul. 1989, p. 33.

³⁴³ Assassinato de Norton. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 jul. 1989, p. 36.

uma certeza sobre quem seriam os verdadeiros assassinos de Norton. Literalmente.

Para marcar os 15 dias do assassinato, uma entrevista de mais de duas horas foi concedida com exclusividade para a editoria de *Polícia* do DC. Realizada no restaurante do jornal com cinco homens envolvidos na investigação do caso, apenas as respostas de Renato aos questionamentos foram publicadas. Além de trazer a informação de que uma cerimônia de casamento nas proximidades do local do assassinato estava em curso na noite do mesmo e que era provável que Norton tivesse “ido lá, parado no estacionamento para dar uma olhada e deve ter aproveitado para dar uma paquerada”, pois costumava aparecer em eventos mesmo sem ser convidado, foram confirmadas as suposições de que um foragido, rapazes da elite e um menor com hábito de sair com homossexuais para roubar eram suspeitos, mas não mais os verdadeiros assassinos ou chaves do mistério como proclamara antes o jornal. Descartada a possibilidade de envolvimento com drogas do colunista morto, Renato afirmou que a investigação do caso seguia uma trilha que “envolve droga em relação aos autores do crime”, pois o local da morte, a Avenida Hercílio Luz, seria “ponto onde o pessoal costuma se aplicar (dose de cocaína na veia)”.

Para Renato, então, não existiria crime insolúvel, apenas “mal investigado”, e o trabalho que estava sendo feito por “todos os policiais do DEIC [...], comissários, agentes e investigadores de Santa Catarina” permitiriam ao jornal intitular a matéria *Mistério que está perto do fim*. Uma frase, no entanto, ficaria marcada e seria trazida ao jornal por anos a fio, em forma de cobrança: “Acho que é uma questão de honra para a Polícia desvendar esse caso”.³⁴⁴

Em agosto, foi feito um bolão sobre o que o jornal chamou de “a pergunta do mês”: quem teria matado o colunista social? Muitas/os apostadoras/es acreditavam serem os assassinos “jovens envolvidos com homossexuais”.³⁴⁵ Coincidência ou não, poucos dias depois era publicado que seis menores, que “andavam armados, pelo Centro”, foram presos. Interpelados pelo jornal como um grupo que “assaltava só homossexuais”, era então informado que Renato ficou “mais otimista”.³⁴⁶

Em menos de um mês, mais de 110 pessoas já haviam sido ouvidas, entre prováveis testemunhas, informantes, amigas/os e

³⁴⁴ Mistério que está perto do fim. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 jul. 1989, p. 48-49.

³⁴⁵ A pergunta do mês. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 01 ago. 1989, p. 38.

³⁴⁶ Grupo assaltava só homossexuais. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 05 ago. 1989, p. 28.

conhecidas/os de Norton. Algumas viagens, feitas em busca de suspeitos, estes em número cada vez maior, foram realizadas, enquanto era afirmado que um dos assassinos já havia sido identificado – o nome não podia ser revelado para não atrapalhar o andamento das investigações. O envolvimento do menor e prostituto P. foi descartado³⁴⁷ e, de seis, o grupo de menores que assaltava somente homossexuais no Centro de Florianópolis caiu para apenas dois, ao mesmo tempo em que foi divulgado que a jaqueta que Norton usava na hora da morte estava rasgada, o que levou o investigador a deduzir que um dos matadores conhecia o colunista e “não queria deixá-lo sair rasgado do carro com medo de uma denúncia”, o que teria provocado a execução.³⁴⁸

As notícias, que iam diminuindo em tamanho, eram diárias. As muitas testemunhas do crime passavam a ter visto apenas a fuga dos assassinos,³⁴⁹ e enquanto o prazo para a conclusão do inquérito se aproximava, o jornal afirmava que a “investigação, que deve estar na reta final, mobilizou todo o setor de segurança pública de Santa Catarina e outros estados.”³⁵⁰ Quando a prorrogação do prazo para concluir o inquérito foi pedida, Renato afirmou que, apesar de Norton não estar envolvido, todos os suspeitos faziam “parte de uma quadrilha de traficantes e viciados em maconha e cocaína” e que eram “pessoas influentes na sociedade”,³⁵¹ mas o caso envolveria não apenas “drogas pesadas” e matadores que estavam “drogados”. Em 16 de agosto surgiu a ligação da morte com o “roubo de carros contrabandeados no Paraguai”.³⁵² 17 de agosto seria o primeiro dia, após um mês, que o jornal não publicaria nenhuma notícia sobre o caso. Apenas a coluna de Cacau Menezes traria um breve histórico sobre a carreira de Renato, chamado então de “Homem de Ouro da polícia de Santa Catarina”, que já sabia o nome dos assassinos de Norton e precisava apenas de uma prova contundente para prendê-los.³⁵³

³⁴⁷ Colunista social executado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 ago. 1989, p. 49.

³⁴⁸ Jaqueta do colunista estava toda rasgada. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 ago. 1989, p. 36.

³⁴⁹ Delegado diz que está no caminho certo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 ago. 1989, p. 37.

³⁵⁰ Prisão preventiva para matadores de colunista. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 ago. 1989, p. 58.

³⁵¹ Delegado pede mais 15 dias para concluir caso. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 ago. 1989, p. 38.

³⁵² Drogas pesadas na morte do colunista. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 ago. 1989, p. 36.

³⁵³ MENEZES, Cacau. Superpolicial. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 17 ago. 1989, Variedades, p. 03.

Ao pedir nova prorrogação, por mais quinze dias, mais novidades, outras versões para o assassinato. Norton havia sido morto por uma “gangue de tóxicos” que traficava apenas cocaína e contrabandeava carros roubados para o Paraguai, preferencialmente o modelo *Escort*. A morte do colunista, portanto, passou a ser ligada ao modelo de carro que Norton possuía, e não mais a possíveis agitada vida sexual, chantagens envolvendo seus encontros e paqueras, *hobbies* fotográficos, envolvimento amoroso ou sexual com jovens da alta sociedade catarinense, uso e tráfico de drogas por parte do colunista, prostitutas perigosos, gangues que assaltavam apenas homossexuais ou cartas ameaçadoras, e o indício seria o fato de o colunista ter noticiado uma tentativa de sequestro para roubo do *Escort* de um comerciante no Centro de Florianópolis.³⁵⁴ Sua morte envolveria não só uma tentativa de roubo, mas também uma vingança, motivada agora por carros, além de drogas.

Ao final de agosto, após dias seguidos em que o jornal fez “contagem regressiva” para o fim do prazo de entrega do inquérito à justiça por meio de notas nas páginas policiais,³⁵⁵ surgia a informação de que no local do crime “a Polícia encontrou seringas descartáveis para aplicação de cocaína na veia”. Com o fim dos prazos, foi pedida a prisão preventiva de dois suspeitos e mais outros seis possíveis integrantes da suposta gangue, mas o investigador não foi encontrado pela imprensa para comentar.³⁵⁶

Anunciando que os assassinos de Norton estariam com os dias contados, em setembro de 1989 o jornal afirmava que Renato

[...] sabe, apesar de negar, que se trata de uma quadrilha comandada por um homem experiente, um ex-policial (militar ou civil?), formada por oito jovens, alguns deles da alta sociedade. Sabe também que eles estão envolvidos em, no mínimo, dois homicídios, furtos de veículos e tráfico de cocaína. Apesar de tudo, [...] ainda não possui provas suficientes para prendê-los [...].³⁵⁷

³⁵⁴ Gangue de tóxicos matou colunista. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 ago. 1989, p. 38.

³⁵⁵ Como exemplo, ver: Contagem regressiva. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 ago. 1989, p. 38.

³⁵⁶ Pedida prisão preventiva de matadores de colunista. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 31 ago. 1989, p. 37.

³⁵⁷ Matadores do colunista com os dias contados. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 17 set. 1989, p. 54.

A psicanalítica afirmação do jornal de que o investigador do caso sabia algo que negava confirmou-se poucos dias depois, quando se iniciou a fase de “teatralização” do Caso Norton. Adoto aqui o termo entendendo-o como um “efeito de vitrine”, ou seja, divulgações que mascararam, que transformaram os atos da Polícia divulgados pelo jornal em solução, mas que por fim não resolveram o caso, apesar das imagens de força e eficiência aparentes.³⁵⁸ Em 19 de setembro, o jornal estampava em sua capa a foto de um dos dois ex-policiais supostamente envolvidos sendo preso, anunciava outras detenções e a fuga de dois envolvidos no assassinato, cujas fotos também estampavam a primeira página.³⁵⁹ A fala de um dos dois ex-policiais, aparentemente revoltado e agressivo contra policiais que invadiram sua residência às 6 horas da manhã e jornalistas da *RBS* que tudo registravam, pareceu significativa para o jornal que, ironicamente, mas sem perceber, reproduziu a frase: “Vocês fabricaram isso e depois vão sofrer as consequências”.³⁶⁰ Já na delegacia, ironizava afirmando que “não matou o colunista Norton [...] e que se o fez foi com um revólver emprestado pelo delegado Elói [...] e munição do delegado Renato [...]”. Segundo ele, queriam achar um bode expiatório e fazê-lo um monstro. Sua vontade era de rir.³⁶¹

Casas vasculhadas e visitas a delegacias em viagens por Laguna, Imbituba, Ibiraguera, Paulo Lopes, Praia do Pontal, Praia de Fora, além de Florianópolis, em ampla reportagem ilustrada por um mapa com o itinerário seguido pelos agentes do DEIC sobre a chamada “Operação Strike, quando todos os pinos caem por terra”. Prisões de integrantes de uma suposta gangue cujos crimes só aumentavam - agora seriam responsáveis por “tráfico de cocaína, furtos de veículos, estupros, assaltos e extorsões”.³⁶² Na página ao lado, o relato do sequestro, assalto e sevícias sofridos por um homem, de um policial infiltrado na perigosa gangue que presenciara sessões de cocaína e a troca de um veículo por drogas. Segundo Renato, só faltava “a transformação dos resultados das investigações em provas formais nos autos, no sentido de apontar, efetivamente, os autores do homicídio”.³⁶³ Apesar da aparente eficácia policial em sua espetacular operação, portanto, não havia provas

³⁵⁸ Para tal, ver: CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, Jan./Apr., 1991, p. 185.

³⁵⁹ Caso Norton leva 6 à prisão. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 set. 1989, p. 01.

³⁶⁰ Ex-policial dormia e foi surpreendido. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 set. 1989, p. 36.

³⁶¹ Vidal fala de Norton e faz ameaças. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 set. 1989, p. 37.

³⁶² Madrugada de prisões e fugas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 set. 1989, p. 36.

³⁶³ Delegado prevê que o mistério está no fim. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 set. 1989, p. 37.

suficientes para indicar quem havia de fato matado o colunista, o que não impedia que afirmações de que estava confirmada a participação “direta e indiretamente, de sete pessoas [...] Três estavam no *Escort* da vítima, que foi seguido pelos demais numa camionete Brasília [...]”,³⁶⁴ fossem publicadas. No caso, um novo elemento para ampliar ainda mais as já inúmeras versões sobre a morte, um carro que seguia o de Norton, logo acrescido em outubro de 1989 de outro, *Caravan*, dirigida pelo terceiro suposto assassino, que não estaria mais dentro do carro de Norton, mas teria se encontrado com ele no *Bar Degrau*, Centro da cidade, momentos antes do crime.³⁶⁵ Na mesma data, o jornal informava que duas mulheres que se encontravam no bar teriam visto dois homens limpando armas, afirmação que entrava em contradição com o próprio título da notícia, *Duas mulheres viram os três limpando as armas*.³⁶⁶

Em tom de espanto e indignação, era noticiado ainda em outubro de 1989, apenas dois dias depois da descoberta das supostas testemunhas oculares da limpeza de armas em um bar, que sem “explicações magistrado decide liberar cinco dos oito envolvidos na morte de Norton e tráfico de drogas”. A teatralização parecia chegar ao fim, apesar da tentativa de responsabilizar o juiz que segundo o jornal concedera a soltura sem justificar sua decisão.³⁶⁷ Poucos dias depois, o jornal divulgava que o caso passara a ser chamado por algumas pessoas de *A novela Norton*:

O assassinato do colunista Norton [...], para alguns florianopolitanos, está virando novela. Até mesmo policiais comentam que por ter gente fina envolvida, vai dar na cabeça alguns laranjas e tudo vai ficar por isso mesmo [...].³⁶⁸

Exatos três meses após a morte, os assassinos ganhavam cores, estilos, cortes de cabelo. Um seria “moreno claro”, outro de “tez mais clara” e o loiro “meio forte, tem cabelos lisos”. Um dos rapazes, o

³⁶⁴ Advogado apresenta Tonho Branco. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 set. 1989, p. 45.

³⁶⁵ Ex-policial apontado como um dos matadores. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 out. 1989, p. 62.

³⁶⁶ Duas mulheres viram os três limpando as armas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 out. 1989, p. 62.

³⁶⁷ Juiz relaxa prisão de 5 suspeitos de tráfico. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 out. 1989, p. 38.

³⁶⁸ A novela Norton. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 out. 1989, p. 30.

moreno de tez mais clara, “usava cabelos cortados estilo punk”,³⁶⁹ e, com a proximidade das eleições naquele decisivo ano de 1989 para o processo de volta à democracia no país, as comparações do caso à política também fizeram sua aparição:

“O caso Norton está igual horário político. Ninguém acredita.” O comentário é de policiais do DEIC. Eles se perguntam o que falta para o delegado Renato [...] apontar os assassinos, se ele diz saber quem são. Um delegado experiente no assunto aponta que se um homicídio não for elucidado em cinco dias é quase impossível chegar ao autor.³⁷⁰

Ao final daquele mês de outubro de 1989, seria iniciada a publicação, nas páginas policiais, de pequenas notas intituladas *Questão de honra*, título de textos que buscavam pressionar por uma solução para o caso, que chegaram a ter periodicidade diária, em janeiro do ano seguinte. A primeira delas apontava um poder quase paranormal de previsão da/o jornalista responsável por sua escrita. Afirmava ela que “a honra da Polícia Civil sofre sério risco [...] Pelo andar da carruagem, a novela corre o risco de não ter final”.³⁷¹ Ao fim do mês, o jornal anunciava que Renato decidira não mais falar sobre o caso.³⁷² O amistoso diálogo entre o delegado e a imprensa, anteriormente brindado no restaurante do próprio jornal, apresentava sinais de desgaste. Enquanto ele saía de férias, em novembro,³⁷³ os últimos suspeitos ainda presos durante a espetacular *Operação Strike* ganhavam alvarás de soltura, e responderiam livres pelas acusações de tráfico, assaltos, extorsões e estupros. O inquérito sobre a morte não havia sido concluído.³⁷⁴ Enquanto o jornal publicava em sua capa *Collor hoje Brasil amanhã*, ilustrada com a foto do sorridente futuro presidente, ao lado de uma carta de Brizolla endereçada “Ao povo brasileiro” e conclamando o mesmo a dar fim a 20 anos de trevas e ao apêndice de

³⁶⁹ Um loiro na mira do DEIC. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 15 out. 1989, p. 62.

³⁷⁰ Caso Norton. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 16 out. 1989, p. 34.

³⁷¹ Questão de honra. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 27 out. 1989, p. 38.

³⁷² Caso Norton. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 31 out. 1989, p. 38.

³⁷³ Terceiro homem. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 07 nov. 1989, p. 34.

³⁷⁴ Suspeitos da morte de Norton são libertados. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 08 nov. 1989, p. 38.

autoritarismo do “desastrado” Sarney,³⁷⁵ a realização das eleições era utilizada para justificar a não conclusão do caso:

Uma semana após as eleições, estará concluído o inquérito que apura o assassinato [...] a legislação eleitoral em vigor não permite as prisões dos assassinos com mandado de prisão, apenas em flagrante. O delegado assim também ganha tempo para corrigir possíveis falhas da investigação, que implicariam na devolução do inquérito à Polícia pela Justiça. [...]³⁷⁶

Ao completar 120 dias, a foto da mãe e do pai do colunista era legendada com a afirmação de que ela/e acreditavam na investigação policial, e uma nova versão aparecia. Norton não teria mais saído do Terminal Rodoviário acompanhado, mas teria encontrado os três rapazes bem vestidos no *Bar Degrau*, situado então na Rua Vidal Ramos, e de lá teriam ido para a Hercílio Luz. Dos quatro revólveres encontrados durante a prisão da dita quadrilha envolvida em sua morte e encaminhados para exame de balística, todos deram resultados negativos.³⁷⁷ Ao final de novembro, a dificuldade apontada para a não conclusão do inquérito seria a pouca disponibilidade de horários de um estudante para depor, que segundo Renato estaria “envolvido diretamente no crime”. O estudante era filho de um empresário catarinense.³⁷⁸ Fabio, 19 anos, daria seu depoimento e negaria sua participação no crime em apenas 30 minutos no início de dezembro, saindo do DEIC aparentemente despreocupado, segundo o jornal, que pela primeira vez afirmaria que o crime “ocorrido há mais de quatro meses, teve muitas versões e supostos participantes”.³⁷⁹

No último dia de 1989, a editoria de Polícia do jornal divulgava as/os profissionais que haviam se destacado aquele ano. Dentre eles, Batista Luzardo, o advogado criminalista que defenderia Silvana.

³⁷⁵ Sucessão presidencial – 1º turno. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 15 nov. 1989, p. 01.

³⁷⁶ Assassinos de Norton com os dias contados. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 nov. 1989, p. 36.

³⁷⁷ Execução do colunista completa 120 dias. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 nov. 1989, p. 21.

³⁷⁸ Depoimento de estudante atrasa conclusão do inquérito. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 nov. 1989, p. 38.

³⁷⁹ Estudante depõe no DEIC e inquérito é concluído. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 dez. 1989, p. 38.

Renato, o há não muito tempo “Homem de Ouro da Polícia” catarinense, não chegou a ser citado.³⁸⁰

E de fato, conforme previsto na primeira nota intitulada *Questão de honra*, o caso ou novela Norton não teve final. Apesar das inúmeras versões, das incertas certezas sobre os suspeitos serem provenientes de várias cidades ou mesmo de outros Estados, das várias testemunhas capazes de descrever cor de pele ou corte de cabelo dos assassinos, das enfáticas afirmações de envolverem sexo e chantagem, garotos de programa, rapazes da elite catarinense, quadrilhas especializadas em roubos de desviantes, das não confirmadas confirmações sobre o crime envolver tráfico de drogas e perigosos quadrilheiros especializados em roubos de determinados modelos de carro, o crime nunca teve um desvendar satisfatório, provas suficientes para apontar quem seriam os três rapazes que acompanhavam o colunista naquela noite de julho, de quem teria efetivamente atirado.

O Caso Norton, no entanto, demonstra não apenas a exploração sensacionalista efetuada pelo periódico em torno da morte a partir da divulgação e do entrecruzamento de inúmeras práticas e discursos que circulavam pela sociedade então, como a questão das/os sem-terra, as eleições, os espaços frequentados por desviantes homens que buscavam conhecer rapazes ou os locais em que o mercado do sexo e o consumo de drogas seriam mais presentes. Ele traz indícios de como as práticas sexuais do desviante em questão foram imediatamente levantadas como a explicação para o caso, como envolvimento com drogas e hábitos fotográficos posteriormente não confirmados foram divulgados, mesmo sem qualquer evidência de que fossem reais, o que leva a supor que tais envolvimento e hábitos seriam o que se esperava do comportamento desviante. Mais importante, no entanto, foram os jogos de poder colocados por sua morte. Norton não seria um qualquer, mas um senhor de classe média com relações pessoais, profissionais e mesmo afetivas por todo o Estado, em especial com pessoas ligadas a elites, e participe de uma sociedade de discurso, a imprensa catarinense, cuja morte, segundo o jornal, mobilizou toda a polícia de Santa Catarina, tendo sido inclusive levantada a crítica pelo não fechamento das saídas de Florianópolis, além de ter sido nacionalmente divulgada.

Com o passar dos meses, a contagem dos dias de morte de Norton continuava, e em fevereiro de 1990, ao chegar a 210, o radialista Rafael, assassinado na frente de sua namorada por reagir a um assalto, traria afirmações de que com “esse caso, somam-se dois assassinatos,

³⁸⁰ Os destaques do ano. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 20 nov. 1992, p. 03.

ainda não esclarecidos, contra pessoas ligadas aos meios de comunicação”,³⁸¹ onde se percebe a ênfase dada ao local que ocupavam os sujeitos assassinados por causa de suas profissões e a importância dos casos, que afetavam diretamente a sociedade de discurso de que as/os próprias/os funcionárias/os do DC faziam parte.

Apesar de não ser possível considerar o colunista como um exemplo de vida sem importância, é possível perceber como o campo da abjeção se configurava então, o que dele se esperava, e como houve a tentativa do que se pode chamar de “reabilitação moral” do colunista por parte de parentes e amigas/os que, em seus depoimentos resumidamente publicados pelo jornal, afirmaram sua discrição, ou seja, a invisibilidade necessária de práticas e afetos homossexuais para que o mesmo fosse considerado alguém de moral, de respeito. A reação a tal rejeição ou tentativa de camuflagem da homossexualidade de Norton veio, mais uma vez, da coluna social de Cacau Menezes:

Quem está criticando o comportamento desta coluna no caso Norton, achando que, por exemplo, o fato dele ter sido homossexual deveria ser escondido do público e que há muito sensacionalismo em cima do caso [...] O problema não é de desrespeito, apenas sigo o meu compromisso profissional de informar o público sem esconder detalhes que os amigos e parentes gostariam.³⁸²

A discrição e o silêncio acerca das práticas afetivas e sexuais de Norton, no entanto, acabaram por prevalecer. Os discursos jornalísticos, constituídos em parte a partir dos policiais e estes a partir de centenas de depoimentos e investigações inconclusivas, como acima descrito, vincularam o crime, por fim, a outras tantas motivações, mobilizando uma variedade de discursos sobre práticas correntes como o tráfico e a formação de quadrilhas.

Quase dez meses após o assassinato, o inquérito policial foi entregue à Justiça. Sem nenhum indiciado, segundo Renato ele teria sido encaminhado “por pressões da Imprensa.”³⁸³ Dois dias depois surgiria no jornal a notícia sobre o depoimento de um “desocupado” que dizia ter

³⁸¹ Começa caça aos assassinos. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 fev. 1990, p. 46.

³⁸² MENEZES, Cacau. Comportamento. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 ago. 1989, Variedades, p. 03.

³⁸³ Ninguém é acusado no caso Norton. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 abr. 1990, p. 37.

assistido ao assassinato, motivado por transações de cocaína que acabaram em discussão e nos tiros que vitimaram Norton, realizados por aqueles que já haviam sido detidos, que por falta de provas ganharam a liberdade.³⁸⁴ O inquérito, supostamente entregue por pressão, foi devolvido ao DEIC pelo promotor encarregado de analisá-lo. Não havia provas suficientes para incriminar qualquer pessoa.³⁸⁵

Em março de 1991, quase dois anos depois do crime, outra promotora resolveu seguir com o caso e apresentar denúncia. Três dos homens anteriormente detidos e soltos tiveram novamente as prisões preventivas decretadas. Nenhum deles loiro, apenas um deles de aparência jovem. Nenhum de famílias influentes. Os rapazes abastados supostamente envolvidos no caso, “por terem residência fixa”, poderiam aguardar em liberdade. O assassinato ganhou nova versão, agora teria ocorrido para pagar com um carro roubado dívidas de drogas na “Bolívia”. Foi afirmado então que o Caso Norton estava “encerrado na Polícia”.³⁸⁶ Para a justiça também, como se veria em junho do mesmo ano, quando todos três receberam alvarás de soltura. Não existia qualquer prova da participação de nenhum deles, afirmou o juiz responsável.³⁸⁷

E se houvesse qualquer indício de que o assassinato poderia ser um crime homofóbico,³⁸⁸ ele foi apagado, calado pela sombra imposta da respeitabilidade que se queria manter em torno do nome de Norton, o desviante dos meios de comunicação.

³⁸⁴ Uma testemunha assiste à execução. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 abr. 1990, p. 44.

³⁸⁵ Processo volta ao DEIC para novas diligências. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 maio 1990, p. 30.

³⁸⁶ O fim de um mistério que durou dois anos. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 mar. 1991, p. 36.

³⁸⁷ Acusados da morte de Norton são libertados. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 jun. 1991, p. 45.

³⁸⁸ A utilização do termo homofobia, apesar de ser maior após o período aqui descrito, não é anacrônico, pois já podia ser encontrada em notícias e artigos do caderno de *Variiedades* do jornal. Como exemplo, ver: Homofobia volta à cena. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 nov. 1989, p. 01, que discorre sobre preconceitos no cenário musical norte-americano, intensificados pelo surgimento da AIDS, também chamada “doença gay” então.

2.4 – A CIDADE EM CRISE E A LUCRATIVA MARGINALIDADE

Viradas de ano e de década parecem ser épocas ideais para promessas e esperanças. Em Florianópolis, a década de 1990 se iniciou com otimismo para o setor turístico, e a previsão era de que a cidade receberia naquele primeiro Verão mais de mil turistas por dia. Os exacerbados números apontavam que se poderia esperar a visita de mais de um milhão e trezentas mil pessoas aquela temporada.³⁸⁹ Expectativas frustradas, pois em janeiro a Argentina presidida por Carlos Menem, de onde se esperava vir a maioria das/os visitantes, acabara de lançar um pacote econômico de traços similares aos que seriam adotados por Collor posteriormente no Brasil, como depósitos congelados por tempo indeterminado e limites para saques, suspensão de investimentos estatais, controle do volume em circulação e da emissão de moeda, dentre outras medidas.³⁹⁰

Apesar disso, as praias de Florianópolis lotavam, e as capas e contracapas do jornal, como de costume em épocas de sol e calor, ilustravam o intenso movimento com fotos de mulheres de biquíni.³⁹¹ Em seu interior, o jornal apresentava reportagens sobre pontos turísticos, mobilizando fatos históricos para demonstrar seus atrativos³⁹² e divulgava por meio de caixa as didáticas “dicas” e a “receita” da Santa Catarina Turismo S.A. (SANTUR), ligada à Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, sobre que atitudes as/os turistas deveriam ter em relação a preços e serviços oferecidos por bares, hotéis e restaurantes, caixa esta ilustrada por quatro mulheres jovens e de biquíni deitadas na areia de alguma praia, fotografadas de olhos fechados, como se dormissem. A legenda de tal foto explicava que o sol, no dia anterior, ficara encoberto por nuvens. Mulheres como efeito ilustrativo, sem qualquer conexão com o que se ensinava a turistas.³⁹³

As nuvens, ou melhor, as chuvas daquele mês de janeiro de 1990 também trariam incômodos para a Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos (SUSP) da cidade, que delimitara uma zona para que

³⁸⁹ Florianópolis recebe mil turistas/dia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 jan. 1990, p. 23.

³⁹⁰ As principais medidas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 03 jan. 1990, p. 19.

³⁹¹ Como exemplo, ver: Praia lotada em dia de sol. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 15 jan. 1990, p. 01.

³⁹² Uma boa opção é ir a Anhatomirim. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 jan. 1990, p. 10.

³⁹³ SANTUR dá as dicas e a receita para um bom verão. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 jan. 1990, p. 10.

ambulantes pudessem montar, até o mês de março, barracas para vender seus produtos no balneário com uma das maiores movimentações turísticas da cidade então, Canasvieiras, Norte da Ilha, mas não consentia que utilizassem qualquer iluminação própria e proibia terminantemente a colocação de qualquer tipo de cobertura ou toldo, limitações que geraram mais de 80 queixas naquele começo de ano e a que o então diretor do Departamento de Serviços Públicos, Anísio, respondeu enfaticamente, afirmando que “se teimarem a gente vai lá e derruba”. Visto que “os camelôs” teriam que arranjar um jeito de sobreviver após o fim de suas licenças, o irredutível diretor afirmaria que o “problema não é nosso. Já fomos lá e pusemos brita, delimitamos a área em uma zona central do balneário. Só não podemos admitir desordem.”³⁹⁴ O importante era manter, neste caso da proibição de toldos, a ordem visual. Não importava a que preço, afinal ele seria cobrado de ambulantes.

A segurança seria outro delicado tema aquele Verão. A discursivamente desonrada força policial recebia críticas e era cobrada pelo jornal, que se preocupava em ressaltar o “alarmante índice de assaltos e arrombamentos” que atemorizava e afastava as/os turistas de Santa Catarina, que corria o risco de se tornar um celeiro de crimes e que “lamentavelmente, quase caminha na mesma direção que o Rio de Janeiro”, em mais uma das comparações em que o periódico tomava como modelo, neste caso negativo, um dos grandes centros urbanos do país.³⁹⁵

Enquanto era destacada a preocupação com a ordem visual e a segurança de turistas e eram exibidos corpos femininos em biquínis de forma ilustrativa para representar fenômenos da natureza, a Câmara de Vereadores de Florianópolis elaborava o anteprojeto para a nova Lei Orgânica Municipal, e temas como acesso a transportes, cultura e lazer para “deficientes físicos”, “proteção da criança, do adolescente e do idoso” e “preservação da pesca artesanal e do meio ambiente” eram discutidos.³⁹⁶ Nas páginas de *Opinião*, era ressaltada a necessidade de se investir na “Festar”, uma “festa do mar de arromba” que seria feita com incentivos privados à atividade de pesca e que traria riquezas econômicas, evitando a “cafetinagem malandra tentando explorar a beleza das praias e a sensualidade do verão” e acabaria com o “turismo

³⁹⁴ Proibição acende briga entre SUSP e camelôs. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 09 jan. 1990, p. 10.

³⁹⁵ Clima de medo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 31 dez. 1989, p. 46.

³⁹⁶ Parlamentares destacam os artigos da nova Carta. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 jan. 1990, p. 22-23.

primitivo, pobre, preguiçoso” e sujeito ao clima.³⁹⁷ Em momento de crise e expectativas frustradas, instituições como a igreja teriam textos opinativos publicados, onde eram dadas as boas-vindas aos “irmãos argentinos” e explicadas todas as benesses do estreitamento de “laços com os povos vizinhos”.³⁹⁸

As chuvas, crises e pacotes econômicos parecem ter realmente incomodado e afastado as/os turistas aquele Verão. Rezas não seriam suficientes para minorar as perdas do empresariado e dos setores imobiliários ligados aos altos aluguéis diários de casas e apartamentos cobrados em dólar nos balneários, preços forçados a cair aquele Verão³⁹⁹ e que ainda concorriam com terrenos reservados ao *camping*, como demonstrava uma notícia sobre a prática no bairro de Jurerê, Norte da Ilha e vizinho a Canasvieiras, que já aparecia em comerciais sobre imóveis na região, mas ainda não despontara como o luxuoso e milionário bairro que acabou por aparentemente se tornar.⁴⁰⁰

As dificuldades, no entanto, não se restringiam apenas ao clima, aos aluguéis ou à segurança, mas também à mobilidade. Além dos grandes engarrafamentos enfrentados por quem decidisse dirigir até algumas praias, situação que não demonstrou melhorias com o passar dos anos, aquelas/es que dependessem de transporte público deveriam estar atentas/os aos horários de circulação afixados no Terminal Urbano Cidade de Florianópolis, divulgados nessa temporada de Verão pelo jornal. Quem quisesse visitar o bairro Canasvieiras durante a semana, por exemplo, estaria limitado às 18 horas, horário em que o último ônibus para o bairro saía do Centro.⁴⁰¹ As/os moradoras/es e visitantes da capital estavam sujeitas/os a utilização de ônibus velhos, lotados, constantemente atrasados e com horários que restringiam qualquer circulação pela cidade a partir de certo horário. Como se tratava da temporada turística, no entanto, era oferecida a opção do autoexplicativo “Seletivo”, de passagens mais caras e que garantiriam o conforto a todas/os, pois no “seletivo, ninguém viaja em pé”, a melhor opção para turistas, clientes seletas/os.⁴⁰²

³⁹⁷ HOFFMANN, Ricardo L. Florianópolis, turismo e economia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 jan. 1990, p. 06.

³⁹⁸ Bem-vindos, argentinos! **Diário Catarinense**, Florianópolis, 21 jan. 1990, p. 06.

³⁹⁹ Baixo número de turistas faz aluguéis caírem 50%. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 jan. 1990, p. 21.

⁴⁰⁰ Família prefere vida ao ar livre. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 fev. 1990, p. 10.

⁴⁰¹ Linhas e horários para as praias. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 fev. 1990, p. 13.

⁴⁰² Seletivos são a melhor opção. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 fev. 1990, p. 13.

Aquele início de ano também seria marcado pela intensificação da divulgação do turismo no Estado de Santa Catarina e dos atrativos das 42 praias da Ilha em jornais como a *Folha de São Paulo* e redes de televisão, já realizada como iniciativa de governos municipais e estaduais, que passaram a contar com maior apoio da iniciativa privada.⁴⁰³ Aos destaques dados pelo DC a praias e pontos turísticos em notícias, especialmente da Capital, somaram-se as atenções às festividades carnavalescas, que desde 1988 em Florianópolis tinham passado a contar com o apoio financeiro e a ampla divulgação da RBS. Segundo o então prefeito Espiridião Amin, a empresa que dera o “primeiro passo no sentido de fazer com que a camuflada participação da iniciativa privada no Carnaval se tornasse ofensiva”. A notícia informava sobre a “demonstração de desprendimento e alto espírito público” que culminara na união entre prefeitura, governo estadual, redes de televisão e iniciativa privada para a conclusão das obras do sambódromo, no aterro da Baía Sul, Centro da cidade. Não citava, porém, para onde teriam sido removidas/os as/os sem-terra que tanto haviam incomodado a paisagem turística e ordeira da cidade e que lá tinham sido despejadas/os poucos meses antes, em meio à lama e aos materiais de construção que compunham o espaço.⁴⁰⁴

Neste ano de 1990, o Carnaval ganhara um caderno especial no jornal, o que diminuiu a visibilidade desviante nas páginas de seu caderno principal. Ao fim daquele Carnaval, morria o então Governador do Estado, Pedro Ivo Campos. Em respeito ao luto de sete dias decretado, a RBS cancelava a transmissão de festividades como o *Baile dos Artistas*, realizado anualmente no *Lagoa Iate Clube* (LIC), para se unir “ao sentimento do povo catarinense neste doloroso momento”.⁴⁰⁵

Nem tudo parara, no entanto, e alguns locais da cidade ganhavam destaque devido à elevada movimentação. Através da coluna social de Cacau Menezes, era noticiado que a Praia Mole, conforme as previsões, de fato se tornara uma das “sensações” da Ilha. Seu artigo era comemorativo, distante da ideia de que a praia se tornara “infrequenteável” por só dar “terceiro time”, como o jornal noticiara em 1987, em referência à presença de desviantes em locais que se transformavam em moda. Além disso, surgia então mais um espaço que ao longo dos anos ganharia destaque como um dos preferidos do público

⁴⁰³ A Ilha na imprensa. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 16 fev. 1990, p. 34.

⁴⁰⁴ Tudo pronto para o Carnaval 90. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 24 fev. 1990, p. 03.

⁴⁰⁵ Comunicado. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 28 fev. 1990, p. 07.

desviante em períodos de Verão, o *Bar do Deca*, situado no fim da Praia Mole, ao lado da passagem para a já frequentada Galheta:

A Mole foi eleita a praia deste carnaval, e o bar do Deca, junto às pedras, o mais concorrido deste final de mês.

Desde sábado a praia parecia outra, invadida por milhares de jovens, de todos os lugares, principalmente de São Paulo, Rio e Porto Alegre, e a impressão para os poucos nativos era de estar em outro lugar, menos em Florianópolis.

Homens com lenços na cabeça, com trancinhas jamaicanas, gays de mãos dadas, top-less, enfim, nunca essa praia viu tanta novidade, movimento e gente bonita como neste carnaval, que certamente a consagrou como a praia mais *in* da nossa Ilha.

No bar do Deca [...] rolou de tudo. Num só dia foram vendidos mais de 800 pastéis, 50 caixas de cerveja e 300 tainhotas fritas.

O cara faturou em três dias de carnaval o que não o fez em quase toda a temporada.⁴⁰⁶

Novidade, movimento, beleza, lucro. Aparentemente, o colunista se reconciliara com as/os desviantes, *gays* de mãos dadas, e os trouxera novamente ao discurso de maneira positiva, em tom comemorativo para um fim de sucesso das festividades carnavalescas na Praia Mole.

Porém, o clima festivo e os sentidos positivos do desvio pertenceriam, aparentemente, apenas à coluna social de Cacau. Aquele foi o ano da morte de Cazuzza em decorrência de doenças causadas pela AIDS, em julho, a quem o jornal atribuiu a imortalidade pelo pensamento e a obra, rebeldia, ousadia, “comportamento cada vez mais desafiador” ao afirmar, por exemplo, que “[...] não tenho medo de morrer. Estou amando. Estou amando um homem. Isso para mim é coragem”. Ao fim da notícia, após descrever sua ida aos Estados Unidos para se tratar e a volta ao Brasil, o jornal afirmava que depois “de dois meses e meio de tratamento, Cazuzza voltou mais calmo. Muito mais magro [...] Cazuzza parecia, enfim, ter abandonado a vida arredia”, ou seja, para a/o responsável pela reportagem, aparentemente o cantor e

⁴⁰⁶ MENEZES, Cacau. Praia Mole. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 28 fev. 1990, Variedades, p. 03.

compositor teria, ao fim da vida, aceitado viver segundo os ditames sociais que questionara e por vezes renegara.⁴⁰⁷

Apenas um mês depois, Santa Catarina perderia o “crítico, irreverente e debochado” Sérgio Roberto Leite Stodieck, conhecido simplesmente como Beto Stodieck. Formado em Direito, o apresentador e colunista social que iniciara a carreira no *Jornal da Tarde* e trabalhara ainda na década de 1970 para a RBS foi o responsável por levar Cacau Menezes para a Rede. Trabalhara para o *Jornal de Santa Catarina*, de Blumenau, e em 1990 possuía uma coluna no jornal concorrente *O Estado*, onde trabalhara até 1980, quando desentendimentos políticos o fizeram sair do jornal, para o qual voltou em 1988, após morar em Nova Iorque, para onde fora por medo de ser assassinado.⁴⁰⁸ Descobriu ser portador do vírus da AIDS em 1989, quando passou a perder peso e se afastou de amigas/os, festas e mesmo do trabalho. Sua coluna n’*O Estado* noticiou seus últimos momentos, segundo o apadrinhado Cacau Menezes:

Há 15 dias, a coluna noticiou em primeira mão que ele havia sido levado às pressas para São Paulo, num avião do Governo do Estado. Não havia mais nada para ser feito. A coluna continuou informando. Beto voltou a Florianópolis e imediatamente foi internado no Hospital Regional de São José, de onde só saiu ontem pela manhã, morto, para ser sepultado no cemitério São Francisco de Assis, em Florianópolis.⁴⁰⁹

E a doença que vitimara Cazusa e Beto aparecia no próprio discurso desviante como motivo para combate à visibilidade e mesmo abertura de novos espaços para desviantes na cidade de Florianópolis. Chamada de “exploração da marginalidade” pelo mesmo Ricardo Medeiros que anos antes abrira suas seletivas portas por falta de opções para tal público na cidade, sua enfática e contraditória opinião sobre a homossexualidade foi levada ao jornal, em nota sobre a abertura de uma

⁴⁰⁷ O amor revelado em Pajuçara. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 09 jul. 1990, Variedades, p. 02.

⁴⁰⁸ Para tal, ver: DIAS, Rafael Damaceno. **Que invasão é essa?** Leituras sobre conflitos socioculturais em Florianópolis (1970-2000). 2009. Dissertação (Mestrado em História), UFPR, 2009, p. 16.

⁴⁰⁹ MENEZES, Cacau. Floripa não vai esquecer-lo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 ago. 1990, Variedades, p. 03.

boate *gay* no segundo andar de um restaurante localizado na Praça XV de Novembro:

Ricardo faz um paralelo. “O Hospital Nereu Ramos rejeita pacientes com Aids por total falta de leitos. Dados estatísticos sigilosos mostram que em Florianópolis morre pelo menos um aidético por mês, quase sempre homossexual. Enquanto isso, há empresários apelando para a exploração da marginalidade como forma de driblar a crise, numa cidade com uma juventude bonita e saudável, carente de novas opções de lazer noturno”.

Nessa guerra, pelo jeito, vale tudo. Até a incoerência.⁴¹⁰

Ricardo chamara de “exploração da marginalidade” o que anos antes havia permitido que ele se tornasse um dos empresários bem sucedidos de Florianópolis. E Cacau apontava sua incoerência.

⁴¹⁰MENEZES, Cacau. *Gays*. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 02 set. 1990, Revista DC, p. 03.

2.5 – O SEXO MERCENÁRIO, OS AMORES PERIGOSOS

Homossexualidade e marginalidade, feiura, doença. O desvio, no entanto, fazia-se presente, ganhava espaço e se tornava cada vez mais objeto de interesses mercadológicos. Surgiam não apenas novos espaços na cidade, mas o corpo masculino tornava-se “produto altamente vendável”,⁴¹¹ o que se refletia nos anúncios dos *Classificados* do jornal e nas ruas de Florianópolis, onde a prostituição masculina timidamente dava “o ar de sua graça”:

Muito disfarçada ainda, mas cada vez mais perceptível, a prostituição masculina já dá o ar de sua graça em Florianópolis, espalha-se pelo calçadão da Felipe Schmidt, Praça XV de Novembro e em algumas ruas e avenidas de grande movimento.

Alguns até anunciam, chamando a clientela para suas *hot lines* (linhas quentes).

Os ditos gatos são rapazes de 15 a 25 anos, vindos da região metropolitana e do interior do Estado.

Por enquanto disputam espaço pacificamente com prostitutas e travestis.⁴¹²

Se na coluna social do jornal os rapazes ligados à prostituição masculina eram apenas apresentados, indicando que sua visibilidade tornava-se maior, apesar da insinuação de que prováveis desentendimentos com prostitutas e travestis poderiam ocorrer ao enfatizar que “por enquanto” os espaços eram divididos pacificamente, as páginas policiais mostravam um dos crimes praticados contra desviantes por alguns dos que se dedicavam à atividade exatamente no mesmo dia, 14 de dezembro de 1990. Naquela data, era informado que o digitador Eraldo, 41 anos, convidou para dormir em sua casa os paranaenses Sérgio, 19 anos, e outro rapaz chamado Márcio, que conheceu durante a madrugada na Praça XV. Os rapazes, que estavam acampados há uma semana na Barra da Lagoa e não tinham dinheiro, o que os impossibilitava de retornarem para o bairro de táxi, visto que após certo horário não havia mais ônibus, aceitaram o convite, que nas

⁴¹¹ SALDANHA, op. cit., 2010, p. 114.

⁴¹² MENEZES, Cacau. Pegou. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 14 dez. 1990, Variedades, p. 03.

palavras de Sérgio seria “pretexto para fazer um programa”. Acabaram amarrando Eraldo e levando vários objetos, alguns deles recuperados com a prisão de Sérgio no dia seguinte, no Terminal Rodoviário Rita Maria, onde foi reconhecido pelo digitador.⁴¹³

Outro foi o desenrolar da história para o funcionário público da Universidade Federal do Acre, Adi, de 38 anos, que estava de licença não remunerada em Florianópolis na casa de seu cunhado, na Avenida Beira-Mar Norte, área nobre da cidade. Ao que consta, todas as sextas-feiras Adi se dirigia para a casa de praia da família, localizada na praia da Pinheira, em Palhoça, município próximo à Capital. Em 19 de dezembro de 1990, era noticiado que seu corpo seminu havia sido encontrado em adiantado estado de putrefação pela família que, preocupada com sua demora, foi ao local na segunda-feira, e o encontrou com vários hematomas na cabeça, amarrado e morto por asfixia, com um pano enfiado na garganta.⁴¹⁴ É interessante ressaltar que, apesar de os vestígios encontrados na cena do crime apontarem para a presença de pessoas que beberam e jogaram cartas no ambiente, nada foi dito ou insinuado sobre serem homens. O caso, qualificado como latrocínio, matar para roubar, foi colocado em discurso pelo jornal nesta primeira notícia sem qualquer referência às práticas sexuais de Adi.

Cheques do funcionário público haviam sido roubados, mas foi seu veículo, encontrado em frente à casa de um rapaz em Criciúma, logo detido, que permitiu à Polícia fazer retratos falados dos jovens envolvidos no assassinato, um deles divulgado pelo jornal.⁴¹⁵ Ao final do mês, o desfecho da história era apresentado. Segundo o jornal, Adi encontrara seu ex-amante Márcio, 25 anos, na *Lanchonete Totens*, Centro de Florianópolis, e afirmara querer fazer um programa com dois homens. Márcio foi então até a Praça XV e convidou José, 23 anos, que havia saído há pouco tempo da cadeia por roubo e arrombamento. Foram para a Pinheira, fumaram dez cigarros de maconha, cheiraram seis gramas de cocaína e começaram a jogar baralho. Por volta de 4 da manhã, já nus, os rapazes foram convidados por Adir para irem para a cama. Márcio e Adi estavam deitados quando José pegou um vaso de aproximadamente 4 quilos e golpeou a cabeça de Adi, que teria dito que “esse tipo de coisa não fazia parte do jogo”. Foi em seguida imobilizado

⁴¹³ Ladrões amarram e agridem vítima. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 dez. 1990, p. 38.

⁴¹⁴ Mistério em morte na Pinheira. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 dez. 1990, p. 29.

⁴¹⁵ Retrato falado no crime da Pinheira. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 21 dez. 1990, p. 34.

por Márcio, amarrado com cordas trazidas por José e em seguida asfixiado. Márcio foi preso em uma pensão na cidade de Criciúma. José, na Praça XV, onde dormia. Estava solucionado o “Caso da Pinheira”, como intitulado pelo jornal na última notícia, curiosamente a única a trazer informações sobre o excessivo consumo de drogas do dia 15 de dezembro, a data do crime.⁴¹⁶

Enquanto o sexo pago ganhava as ruas, páginas de classificados, colunas policiais e por vezes se tornava “caso” recheado de drogas, a defesa do “asseio nas relações interpessoais” e dos “melhores costumes” era realizada por um indignado Luiz Carlos Prates, que discorria sobre um “safado”, “jornalista bicha” que tinha divulgado que um jogador de futebol tinha pernas bonitas. A imprensa era responsável pela decadência, assim como as telenovelas e programas de humor, que levavam o mundo em “passos acelerados para o fim”:

Basta que liguemos a televisão, o rádio, as revistas mais vendidas, etc, etc, e lá estão as fotos do escândalo, as insinuações estúpidas, as piadinhas asquerosas, o sexo banal e barato, a dissolução dos melhores costumes e o “combate” a tudo que ainda pode “segurar” um pouco a sociedade. O “natural” é a dupla sexualidade ou a sexualidade transfigurada, os trejeitos, o “anormal” sendo aceito como “liberdade” de cada um, etc, etc. Uma Sodoma a espera de Gomorra, é isso que temos em passos acelerados para o fim...⁴¹⁷

O cronista tinha razão em alguns pontos. “Anormais” ganhavam de fato maior espaço nos meios de comunicação. O DC do período era um dos meios que explorava ora de forma cômica, ora trágica, muitas vezes sensacionalista, casos como os já descritos ou como o do comerciante Paulo, de Barreiros, São José, que encontrara sua mulher Valmira em pleno ato de traição, na cama. O jornal afirmou então que pior “ainda foi descobrir que a traição estava ocorrendo com uma mulher, conhecida apenas por Sandrão. Paulo resolveu tomar satisfação das duas amantes e se deu mal.” As duas “partiram logo para a agressão” e, na delegacia para onde o “revoltado” comerciante se

⁴¹⁶ Presos autores do crime da Pinheira. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 dez. 1990, p. 32.

⁴¹⁷ PRATES, Luiz Carlos. Os indecentes. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 22 jan. 1991, p. 22.

dirigiu, “revelou” que aquela era a quinta vez que encontrava as duas na cama. Sua história, da forma que foi escrita, era quase uma piada de péssimo gosto e qualidade.⁴¹⁸

Outro “triângulo amoroso” a ganhar as páginas policiais foi o do pai-de-santo de Joinville chamado Didimo, 57 anos, casado, que queria reconquistar seu ex-amante Selmo, 22 anos, e levá-lo para morar com a esposa. Sua “louca paixão por uma pessoa do mesmo sexo”, como descreveu o jornal, levou-o a arquitetar um plano para eliminar toda a família do rapaz. Segundo a notícia, primeiro Didimo atropelou o pai de Selmo, que passou vários dias na UTI, e o próprio ex-amante, que saiu do incidente com o braço fraturado. Menos de um mês depois, seria a vez da mãe do rapaz ser atropelada. Ao descer do carro para ver o resultado de seu plano, Didimo foi cercado e em poucos minutos quase 200 pessoas o agrediam, uma prática que, pelo menos pelo que pude observar através das páginas policiais, parecia ser bastante comum, usual e não condenada pelo discurso jornalístico, a chamada justiça pelas mãos do povo ou “linchamento”.⁴¹⁹ Apesar da gravidade do caso e das várias tentativas de assassinato, o DC utilizou-se de mais uma de suas charges de intencionalidade cômica para ilustrá-lo. Pelos traços do desenho, Didimo era representado como se estivesse tremendo de medo, suor caindo pela testa, pernas finas e em delicada posição, corpo coberto por uma florida blusa de manga longa, que combinava com a flor delicadamente colocada em seu grande topete. Em mais um de seus títulos quentes, a notícia afirmava: *Gay quase linchado por amante*.⁴²⁰ Ao que consta, Selmo não era mais amante de Didimo, e se de fato havia começado a agressão ao ver o que acontecera a sua mãe, o linchamento fora uma prática coletiva, não ato de um amante.

⁴¹⁸ Triângulo amoroso. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 fev. 1991, p. 28.

⁴¹⁹ Pelo que pude observar pela pesquisa no DC, vários eram os casos de linchamento ocorridos em diferentes Estados do Brasil. Eles podem ser encontrados nas páginas policiais de fins dos anos 1980 e início dos 1990, quando eram tratados pelo jornal aqui utilizado como uma forma de justiça feita pelo povo, com as próprias mãos. Em um dos casos, o jornal trazia a fala de uma senhora que participara do ato na cidade de Andaraí, interior do Paraná, e que afirmava que “Se todas as cidades do Brasil fizessem isso, os crimes já teriam diminuído”. Só em momento posterior a prática passará a ser condenada pelo discurso jornalístico. Para tal, ver: Multidão irada tenta linchar homicida. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 15 abr. 1991, p. 25.

⁴²⁰ Gay quase linchado por amante. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 fev. 1991, p. 25.

2.6 – O PRIVADO SE TORNA PÚBLICO: FRAGMENTOS DE POLITIZAÇÃO E O LENTO PROCESSO DE DESOMOSSEXUALIZAÇÃO DA AIDS

Amores doentios, literal e metaforicamente, amores violentos, amores mercenários e perigosos. Buscando novamente explicitar seus conhecimentos e compartilhar seus saberes na área, o pastor Anísio Chagas voltava às páginas de *Opinião*, onde se tornara colaborador frequente,⁴²¹ para explicar os motivos de tamanha negatividade e as relações entre desviantes e criminalidade, em artigo intitulado *A questão da homossexualidade*. Não se limitou, entretanto, à usual condenação moral e bíblica das práticas e sujeitas/os desviantes. Segundo o pastor, historiadores concordavam que esta “patologia social” fora a causa da queda dos impérios grego e romano e, após citar a “Santa Lei”, a condenação divina e a perda do reino de deus para várias categorias e práticas, trazia ao jornal a vaga citação do que chamou de “certo psicólogo” como prova testemunhal para algumas de suas afirmações:

Os homossexuais são dignos de pena. A vida deles é caracterizada por solidão, desespero, culpa e frustração. Estão sempre ligados à criminalidade. São também vítimas dos tóxicos. Certo psicólogo afirmou: “Nem todo alcoólatra é homossexual, mas todo homossexual é alcoólatra”.

Aos não referenciados saberes historiográfico e psicológico e às enfáticas afirmações de “todo homossexual” ser alcólatra e “sempre” estar ligado à criminalidade, o pastor acrescia teorias psiquiátricas⁴²²

⁴²¹ O pastor costumava assinar artigos publicados em geral aos sábados. Durante o mês em que este artigo foi publicado, suas colaborações chegavam a ser semanais.

⁴²² Apesar de não referenciadas, as argumentações de teor psiquiátrico presentes no texto do pastor parecem ser possíveis adaptações de alguns escritos freudianos. Confesso minha pouca familiaridade com tais escritos, mas pude perceber a similaridade de argumentação no Volume 11 das Obras Completas, por exemplo, onde o psicanalista discorre sobre as teorias que atribui a Sadger a respeito das relações entre a mãe masculinizada e o pai ausente ou submisso e a homossexualidade. Para tal, ver: FREUD, Sigmund. **Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e Outros Trabalhos (1910)** - Coleção Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Vol. 11. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006, p. 59-60. Em outro texto, o psicanalista aponta alguns resultados das exigências culturais para reprimir as práticas homossexuais, que seriam fontes de sofrimento e transformariam o indivíduo em inútil e infeliz ou mesmo neurótico, por se ver forçado a realizar uma supressão apenas aparente de seus instintos. Existe a possibilidade, então, de ser esta a base para a argumentação do pastor sobre a baixa autoestima, solidão, medo, culpa. Para tal, ver: FREUD, Sigmund. **Gradiva de Jensen e**

para explicar “as causas desta desgraça que tanto infelicitava a humanidade”. Em primeiro lugar estaria a “mãe dominadora e autoritária”, que contribuiria para a “repressão da masculinidade” dos filhos homens e a perda de confiança no próprio sexo. Caso se queixasse muito e exagerasse as dores do parto, levaria “as filhas à anormalidade”, pois é “sempre num ambiente patogênico da família que se prolifera o vírus da homossexualidade e do lesbianismo”. O “pai fraco” estaria em segundo lugar, pois estabeleceria “confusão na mente juvenil”, perda da “identidade sexual”, mas se fosse “cruel e despótico” poderia levar as/os filhas/os a “buscar a afetividade que faltou de formas anormais”, ao que o pastor acrescentou que, por ser um assunto complexo, “não cabe neste curto espaço”. Em último lugar estaria o “medo, auto-estima baixa”, fatores agravantes, pois crianças de “lares fortes e felizes nunca descambam para estes caminhos”. Afinal, o fracasso da família moderna, que precisava de mais “compreensão”, “maturidade emocional” e “cristianismo”, era o foco do pastor e, segundo ele, ninguém “mais discute que a homossexualidade começa no berço e não no ventre. [...] O aumento da homossexualidade revela o fracasso da família moderna [...]”⁴²³

A combinação discursiva apresentada pelo pastor em seu artigo opinativo com pretensões de verdade trazia, apesar de suas controversas afirmações impregnadas de supostos saberes históricos, psicologizantes e patologizantes, fragmentos de mudanças. O sufixo “ismo”, por exemplo, foi substituído por “dade”, e em nenhum momento o pastor utilizou o termo “homossexualismo”, como fizera em texto anterior, apesar de continuar a frisar a condição patológica de que a família moderna agora era a culpada. O pastor também trocou suas propostas anteriores de saneamento moral, ataque e extermínio da aberração pela tentativa de mobilização da compaixão para com as/os que viviam o que considerava tamanha desgraça. E, apesar de negativamente exposto e, pelo menos nas páginas do DC, em geral ligado à criminalidade, a afirmação do pastor sobre o “aumento da homossexualidade” corroborava as afirmações de Prates sobre o aumento da visibilidade de “anormais”. Se é impossível afirmar seu aumento ou não, o desvio de fato ganhava maior espaço na mídia e passava a mobilizar outros significados, e um reflexo disto pode ser visto nas respostas ao texto do

Outros Trabalhos (1906-1908) - Coleção Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Vol. 9. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006, p. 102-103.

⁴²³ CHAGAS, Anísio. A questão da homossexualidade. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 maio 1991, Opinião, p. 06.

pastor publicadas na seção *Opinião*, onde cartas eram selecionadas, editadas e publicadas pelo jornal:

No **Diário Catarinense** do dia 18 de maio, o sr. Anísio Chagas, pastor [...] manifestou sua opinião pessoal a respeito da questão da homossexualidade. Citou a Bíblia para referendar seu preconceito nada velado e referiu-se a historiadores e a um certo psicólogo, sem citar os nomes (fontes). Falou em condenação divina, em transgressão da Santa Lei, que os *gays* são dignos de pena, estão sempre ligados à criminalidade (...) (sic) A exceção do que cita a Bíblia, todo o resto é mera suposição, quando não, uma grande mentira [...].⁴²⁴

A carta de Roberto, morador de Florianópolis, não apenas questionava a existência e a veracidade das fontes que o pastor utilizara para fazer suas afirmações, mas destacava que se tratava de mera opinião pessoal construída a partir de preconceitos que buscavam estatuto de verdade a partir de suposições ou, mais grave ainda, possíveis mentiras. Posição semelhante seria a de José, também de Florianópolis, que enfatizou em sua carta não ser e nem ter nenhuma ligação com homossexuais, mas os respeitar “como todas as criaturas de Deus”. O leitor-autor afirmava sua tristeza ao ler o texto do pastor, que atacou “o problema com falsas premissas, levantou hipóteses irreais e deu soluções rasteiras [...] É muito fácil atacar os que são diferentes de nós com preconceito e escárnio [...]”.⁴²⁵ A resposta à carta de José viria de Joinville, pelo leitor-autor Manoel, que dizia que o “sr. José [...] discordou do pastor Anísio sobre os homossexuais. Porém, a Bíblia os condena sim quando diz [...]”,⁴²⁶ e seguiam-se vários trechos do texto bíblico, ao que o florianopolitano José retrucou em nova carta, afirmando não ter discordado do pastor quanto a “homossexualidade em si, mas da maneira como ele abordou o fato”, agradecendo as citações bíblicas e trazendo outras, referentes a não julgar ou desprezar os “irmãos”.⁴²⁷

A seção se tornara palco para debate em torno das questões da “sexualidade transfigurada”, “anormal” e das opiniões religiosas, mas

⁴²⁴ Pecado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 26 maio 1991, Opinião – Cartas, p. 06.

⁴²⁵ Sexualidade. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 jun. 1991, Opinião – Cartas, p. 06.

⁴²⁶ Bíblia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 jun. 1991, Opinião – Cartas, p. 06.

⁴²⁷ Bíblia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 22 jun. 1991, Opinião – Cartas, p. 06.

foi a carta de Osrildo, morador de Blumenau e autor da primeira resposta ao pastor, que trouxe não apenas a discordância em relação ao “absurdo” das afirmações e a homossexualidade enquanto algo natural, mas a exposição da privacidade de sua família de forma pública, e assim como Roberto, um exemplo de posicionamento de sujeito assumido que representa uma militância política, desta vez a partir da divulgação de fragmentos da vida privada:⁴²⁸

O texto do pastor Anísio Chagas [...] onde o religioso em total estado de desinformação científica, tenta explicar as razões da homossexualidade, é simplesmente absurdo. A homossexualidade é uma condição da vida imposta pela natureza [...] O pastor deve poupar a todos de sua ignorância. [...] Tenho um filho homossexual, eu e minha esposa dedicamos carinho, amor e atenção, tanto e quanto aos demais [...]⁴²⁹

Porém, não apenas as opiniões publicadas pelo jornal eram questionadas e debatidas por meio de cartas. Um dos chamados títulos quentes, que como demonstrado eram utilizados com certa frequência pelo DC, acabou por incomodar um político da cidade de Gravatal, interior de Santa Catarina que, possivelmente por ser alguém ligado ao poder público, teve sua carta selecionada para ser publicada pelo periódico:

Através do **Diário Catarinense**, datado de 21 de agosto, página 12, foi veiculado notícia, sob o título [...] No corpo da notícia, com uma ou outra correção, verifica-se total dissonância entre o título e o declarado. [...] A infelicidade do título da notícia chega às raias da leviandade e inconsequência. O leitor que dê simples passar d’olhos na notícia, poderá restar impressionando (sic) não pelo contido em seu texto, mas apenas pelo dedo acusador do seu inverídico título. [...]⁴³⁰

⁴²⁸ Segundo Souza (op. cit., p. 51), “Expor publicamente os segredos da privacidade é parte de uma militância política, cujo princípio é de que a verdadeira identidade do indivíduo é da ordem da esfera privada, e esta deve ter seu espaço de enunciação no plano público”.

⁴²⁹ Sexualidade. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 maio 1991, Opinião – Cartas, p. 06.

⁴³⁰ Agressão. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 ago. 1991, Opinião – Cartas, p. 06.

O jornal era questionado pela “total dissonância” entre o título e o texto da notícia que publicara, acusado de “leviandade e inconseqüência” pelo “dedo acusador do seu inverídico título”. Dias antes de tal carta ser publicada, o próprio periódico admitira em sua página editorial que um jornalista não possuía poderes de clarividência do bem ou mal “para decidir, muitas vezes sob a pressão do horário, o que as pessoas devem saber”. O discernimento viria de “valores sociais vigentes”, os quais a mídia deveria refletir e “estar atenta às mudanças de comportamento da sociedade. Imutável e invariável, entretanto, deve ser o compromisso com a verdade”,⁴³¹ compromisso esse que não poucas vezes faltava aos títulos e às páginas do DC.

O jornal, no entanto, parecia de fato buscar acompanhar modificações em valores sociais vigentes e comportamentos e, entre avanços e permanências, a notícia sobre o sequestro do vitrinista Vinicius, de 22 anos e morador da cidade de Lages, trouxe ao discurso jornalístico divulgado em seu caderno principal uma nova forma de apresentação de desviantes, próxima à já utilizada anteriormente pelas páginas de *Varietades*. Em agosto de 1991, era informado que o “cabeleireiro Raul diz que o companheiro Vinicius foi levado por engano. A prova é um bilhete deixado pelos três sequestradores”. O relato sobre o sequestro de Vinicius, a perseguição policial e o tiroteio que envolveram o caso, que culminou na morte de dois dos três sequestradores e na fuga do terceiro, além de ter utilizado a palavra “companheiro” para descrever a relação dos rapazes, em momento algum se utilizou de aspas buscando criar sentidos dúbios ou cômicos em torno da história dos rapazes ou qualquer insinuação para o fato de, como o texto leva a acreditar, morarem juntos. A palavra homossexual sequer foi citada e os rapazes, assim como em textos que envolviam homens heterossexuais, ganharam identificações a partir de suas profissões de cabeleireiro e vitrinista.⁴³²

As modificações, entretanto, seriam poucas na forma como as travestis apareciam nas páginas policiais, caso tivessem participação em algum crime, de fato cometido ou apenas suposto. No dia 22 do mesmo mês do sequestro, a travesti Xuxa afirmava que um industrial do Rio Grande do Sul não lhe pagara o valor devido por um programa, segundo a notícia realizado de madrugada, atrás de um Hotel em um local escuro e, indignada, “arrancou o dinheiro” dele. Valderes, o industrial, afirmou então que foi vítima de assalto, e o delegado responsável pela Central de

⁴³¹ A ética e a imprensa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 ago. 1991, p. 04.

⁴³² Refém já voltou para casa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 ago. 1991, p. 22.

Plantão Policial “autuou o homossexual por assalto”.⁴³³ Histórias como a de Xuxa e Valderes eram comuns, apareciam com alguma frequência nas páginas policiais do jornal, que na notícia de então dera certo crédito à versão de Xuxa ao intitular como *Desacerto amoroso entre industrial e travesti*.

Pouco comum, no entanto, foi o espaço dado dias depois do ocorrido ao industrial, que foi à redação do jornal para explicar que havia sido vítima de um “golpe de travestis”. Segundo o industrial, ele perdera a entrada do Hotel aquela madrugada por ter um ônibus que impedia sua visão, o que o obrigou a fazer um retorno. Como a porta do carro estava destravada, “o homossexual entrou no carro e se ofereceu para um programa”. Teria Xuxa adivinhado que o carro estava destravado e entrado nele ainda movimento? O industrial não explicou. Ele então se recusou a fazer o programa e Xuxa passou a ameaçá-lo, pois “depois que entra em um carro só sai com dinheiro”. Valderes teria dado dinheiro à Xuxa para que ela saísse, mas ela queria mais, e teria chamado “outros travestis” para arrancar sua corrente de ouro e mais dinheiro. Não há qualquer explicação de como “se livrou dos homossexuais”, visto que de fato deu a Xuxa apenas um pouco mais de dinheiro do que inicialmente alegara. Xuxa foi encaminhada ao Presídio de Florianópolis.⁴³⁴ Ao industrial, portanto, era dada pelo jornal a oportunidade de expor uma nova versão para os fatos daquela madrugada. Xuxa, ao que consta, jamais foi escutada sobre a questão, exceto pelas forças policiais. Muito menos outras travestis, se é que elas teriam de fato participado ou estado presentes aquela noite. Prevaleceu a elaborada versão e a voz autorizada do cliente – ou vítima – da travesti que, semanticamente associada ao crime pelo fato de ser travesti e prostituir-se, não era autorizada a proferir no periódico sua versão dos fatos, exceto a que passara pelo filtro policial.

As mortes que as envolviam, no entanto, passavam a aparecer no jornal de forma mais sucinta, como a de Adilson, 22 anos, morta em setembro de 1991 na cidade de Joinville por dois tiros. Seu assassinato não passou de uma pequena nota, seu nome social sequer foi citado, e não havia qualquer suspeita de quem a teria matado.⁴³⁵ Lentamente, diminuía-se a utilização de títulos quentes e a exploração sensacionalista, que ao longo dos anos se deslocou para outros temas

⁴³³ Desacerto amoroso entre industrial e travesti. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 22 ago. 1991, p. 32.

⁴³⁴ Industrial denuncia golpe de travestis. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 24 ago. 1991, p. 32.

⁴³⁵ Travesti – Morte a tiros. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 09 set. 1991, p. 22.

aqui pouco ou não abordados, como a pedofilia, a manipulação e exacerbação do medo e da insegurança urbana, e ao mesmo tempo perdiam-se os detalhes sobre a vida e a morte de tais sujeitas, que continuavam interpeladas injuriosamente pelo discurso jornalístico.

Um tema que apresentou mudanças e permanências discursivas no início da década de 1990 foi a AIDS. Tratada inicialmente pelos meios de comunicação como doença de homossexuais e drogadas/os, mesmo que ainda na década de 1980 se divulgassem outras formas de contaminação, a quebra da “exclusividade” do estigma e o princípio do declínio de noções como grupos de risco seriam consequências da divulgação de pesquisas sobre as formas de transmissão e perfis das pessoas contaminadas, que no Brasil ganharam força a partir de campanhas, trabalho de entidades e organizações não governamentais e declarações de representantes do Ministério da Saúde, que afirmavam ainda ao fim de 1989 que, para além de homo ou bissexualidade, a doença poderia atingir a todas/os que não tomassem precauções.⁴³⁶ O discurso que emergia então refletiria as pesquisas realizadas com quem e de que forma se adquirira o vírus, e estas se refletiriam nas notícias sobre a doença. No DC, tal reflexo pode ser percebido, por exemplo, em outubro de 1991, quando o tom ainda alarmista era utilizado para informar que o Brasil era o quarto país do mundo em “número de casos”, frase seguida da informação de que a “cada dia, cinco mil pessoas são infectadas”, o que poderia levar a crer que seriam casos no país, apenas. A notícia sobre o “ritmo alarmante em que se alastra essa doença” traria a informação de que a maioria das pessoas com o vírus teria adquirido por meio de “relações sexuais”, sem citar de que tipo ou ilustrá-las, como corrente em período anterior.⁴³⁷

Por mais que fossem divulgados pelo DC dados da Organização Mundial de Saúde que apontavam para a necessidade de cuidados por parte de qualquer pessoa com “uma vida sexual ativa, quaisquer que sejam suas preferências”, além da informação de que as relações heterossexuais haviam se tornado em muitos países “a principal fonte de transmissão da doença” em novembro de 1991,⁴³⁸ a desomossexualização da doença ainda não ocorrera de forma plena no

⁴³⁶ Para tal, ver: VITIELLO, Gabriel Natal Botelho. **A AIDS em cena**: os primeiros protagonistas da maior epidemia no final do século XX. 2009. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde), Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009, p. 91.

⁴³⁷ AIDS – Mais de 1,5 milhão de vítimas em todo mundo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 out. 1991, p. 09.

⁴³⁸ AIDS – OMS prevê um futuro sombrio. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 nov. 1991, p. 20.

discurso jornalístico. Em ampla pesquisa sobre a vida sexual das/os catarinenses, realizada no mesmo mês, repleta de gráficos com porcentagens sobre as opiniões a respeito de temas como sexo extraconjugal, práticas sexuais chamadas de alternativas, como sexo oral e anal, modificações na vida sexual por conta da AIDS, que métodos concepcionais eram utilizados e de onde teriam vindo as primeiras informações sobre sexo, o “homossexualismo” aparecia em dois dos gráficos. O primeiro apresentava a divisão entre homens e mulheres, que haviam respondido entre se tratar de “uma doença, desvio de conduta, opção sexual, falta de vergonha, algo normal, não tem opinião”. Entre os homens, a maior porcentagem era a de “falta de vergonha”. Entre as mulheres, “opção sexual”. O outro gráfico apresentava as respostas por cidade pesquisada, Florianópolis, Joinville, Blumenau, Criciúma, Chapecó e Lages. Os números das porcentagens eram próximos, mas somados os números totais, “falta de vergonha”, “doença” e “desvio de conduta” fora a resposta de mais de 55% das pessoas entrevistadas.

Tomo tais resultados apenas como exemplo de algumas opiniões e significados sobre o desvio que circulavam pelas maiores cidades da sociedade catarinense de então, mas é preciso enfatizar que esta foi a única pergunta que apresentou dois tipos diferentes de gráficos, o que demonstra o interesse tanto em divulgar quanto em saber sobre as práticas sexuais desviantes. Apesar disso, o único local onde foram comentados os dados dos gráficos estava sob o título *AIDS forçou mudanças nos relacionamentos íntimos*:

[...] A resposta que mais dividiu a população foi a respeito do homossexualismo: 17,4% dizem que é uma doença, 18,9% um desvio de conduta, 22,8% uma opção sexual, 19,1% consideram o homossexualismo uma falta de vergonha, 11,7% algo normal e 10,2% não têm opinião. [...] ⁴³⁹

Poucos dias após a divulgação dos resultados da pesquisa, novamente o pastor Anísio Chagas traria à seção opinativa das páginas do jornal um de seus artigos sobre a AIDS e a homossexualidade, desta vez acrescida à prostituição, munido de informações e respectivas referências. Para o pastor, era preciso levantar a bandeira do casamento, pois esta era a vontade de deus, e para prevenir a AIDS, não bastaria

⁴³⁹ AIDS forçou mudanças nos relacionamentos íntimos. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 24 nov. 1991, p. 37.

distribuir preservativos e recomendar limitação do número de parceiros, mas transmitir “conceitos de vida em harmonia com a vontade” de deus. O dia seguinte seria, segundo seu artigo, o “Dia Mundial contra a AIDS”, 1 de dezembro, e o engajado pastor novamente afirmava:

[...] medidas paliativas são insuficientes [...] A AIDS é um caso seríssimo. Não é doença. É uma síndrome [...] abre as portas do organismo para que doenças virulentas possam fulminar a vítima em pouco tempo. [...] Sendo um fenômeno venéreo, creio ser oportuno que algumas posições sejam assumidas [...] Com a queda dos princípios morais e éticos, cresce a promiscuidade sexual – e, enquanto isso, o número de aidéticos aumenta. O Dr. Everett Koop, uma das maiores autoridades de saúde dos Estados Unidos, prevê que haja 100 milhões de aidéticos até ao final deste século [...] O homossexualismo é condenado pela palavra de Deus. A prostituição também [...] o comportamento humano quanto ao sexo precisa ser disciplinado segundo os princípios estabelecidos por Deus [...]⁴⁴⁰

O pastor, ao que parece, lera as cartas que falavam sobre a falta de referências de suas vagas afirmações anteriores. Agora não apenas o texto bíblico era citado, mas segundo ele uma das “maiores autoridades” da medicina norte-americana era nomeada. As opiniões religiosas do pastor e os adaptados conhecimentos que elencara, portanto, apartados do que indicavam pesquisas realizadas e divulgadas por organizações nacionais e internacionais, continuavam a associar semanticamente o desvio, acrescido da prostituição, e a síndrome, reforçando significados postos em circulação pela insistência em publicar artigos de semelhante teor, apesar do lento processo de transformação dos significados sobre o vírus e o discurso a seu respeito.

As práticas vergonhosas, doentias, promíscuas, o comportamento indisciplinado, condenável, incitavam ao discurso, provocavam discussões, instigavam indignação, originavam reações. Não se falava apenas para conhecer, condenar, apontar. Falava-se por interesse, curiosidade, *frisson*. O prazer em comentar sobre o prazer alheio. Em meio à excitação da indiscrição, a multiplicação dos

⁴⁴⁰ CHAGAS, Anísio. Dia Mundial contra a AIDS. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 nov. 1991, Opinião, p. 03.

discursos e o lento deslizar de significados atribuídos ao desvio e às/aos desviantes. Tal processo se intensificaria, justamente a partir do que foi publicado sobre as mais semântica e negativamente marcadas.

2.7 – O HOMICÍDIO QUALIFICADO E O ÁPICE DA PERSEGUIÇÃO

Para ser julgado, motivação, meios, modos e fins de um homicídio devem ser levados em consideração. Caso seja motivado por obtenção de qualquer tipo de vantagem, recompensa, motivo torpe ou fútil; caso os meios empregados sejam veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura, alguma forma insidiosa e cruel ou que resulte em perigo para outras pessoas; caso o modo de execução seja a emboscada, a dissimulação ou qualquer forma que dificulte ou torne impossível a defesa da vítima; e caso seus fins sejam para ocultar ou proporcionar a execução, vantagens ou impunidade em outro crime, tal homicídio será considerado qualificado, e as penas de reclusão poderão variar de 12 a 30 anos, segundo o Código Penal brasileiro.⁴⁴¹

Ele, Murilo. Casado com Luciana, pai de um filho e sócio de uma joalheria junto a seus irmãos, era um “comerciante bem-sucedido”.⁴⁴² Antes de adentrar as páginas policiais do DC, o referido rapaz já tinha participado ou sido responsável por alguns crimes no Estado. Em 1989, por exemplo, foi processado por lesões corporais por ter sacado uma pistola num bar de Joinville, quando feriu o garçom Alberto. Em Florianópolis, consta que teria disparado vários tiros contra o carro de João, em pleno Centro da cidade. A data do ataque não foi informada.⁴⁴³ Além disso, junto a um grupo de amigos, também em 1989, mês de junho, teria se dirigido à casa de um homem chamado Saulo, para pegar cocaína. Irritados por não conseguirem a droga, colocaram Saulo no porta-malas do carro de Murilo, levaram-no para a praia de Moçambique, Norte da Ilha, roubaram seu dinheiro e ameaçaram matá-lo.⁴⁴⁴ Outras versões para tais fatos seriam de que fora “indiciado por tentativa de homicídio”, no caso de Joinville, e por lesões corporais, em Florianópolis, por invadir “a casa de um traficante de cocaína, chegando a sequestrá-lo por causa de uma dívida envolvendo a droga”.⁴⁴⁵ Apesar das variações entre as versões, o fato é que Murilo possuía antecedentes criminais.

Ela, Odete. Poucas são as informações a seu respeito. Morou na Europa, onde “conviveu com homossexuais”, mas não há informações

⁴⁴¹ Para tal, ver: GRACO, op. cit., 2011, p. 150-162.

⁴⁴² Versões dos fatos são contraditórias. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 21 jun. 1992, p. 37.

⁴⁴³ Julgamento – crime contra travesti. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 jun. 1994, p. 31.

⁴⁴⁴ No banco dos réus – Savi vai a julgamento pela morte de travesti. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 26 maio 1994, p. 37.

⁴⁴⁵ Peritos vão opinar sobre crime. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 jun. 1992, p. 21.

de por quanto tempo ou o país em que se instalou. Consta que em 1991 encontrava-se lá, mas no ano seguinte já estava de volta ao Brasil, mais especificamente em Santa Catarina, onde familiares viviam. A foto que o jornal divulgou de Odete mostrava uma mulher de cabelos escuros e volumosos, de vestido curto, florido, pernas brilhantes, bem torneadas e depiladas, rosto de traços delicados, sobrancelhas finas. Odete estava ao lado de um móvel com um espelho, que parecia ser uma antiga penteadeira, quando foi fotografada. Apesar da qualidade da foto não permitir afirmar com exatidão, em cima do móvel uma imagem em papel lembra santa Paulina ou uma freira. Se não for, certamente se tratava de alguém vestida/o com um dos trajes em preto e branco utilizado pelas mulheres que fazem parte da igreja. Seria Odete religiosa? Ou alguém de sua família? Seria uma pessoa fantasiada? Seria aquela imagem da casa de Odete? Ou de alguém conhecido, amiga/o? Teria sido feita na Europa ou no Brasil? Não há respostas. Os poucos fragmentos de sua história apenas informam que era uma noite fria de domingo, 07 de junho de 1992, quando Odete colocou uma saia curta, “coxas à mostra para atrair clientes, no melhor estilo”, e saiu para o trabalho. Chegou às 20 horas à Avenida Presidente Kennedy, bairro Campinas, São José, onde se aproximou da colega de profissão, ou possivelmente amiga, Xuxa: “Tivemos um breve diálogo. Ela apenas me contou que precisava de dinheiro para comprar remédio para sua mãe”. As duas logo se separaram e, em seguida, Odete entrou em um Santana. Em seguida, Xuxa também entraria em um carro, e só estaria de volta à Presidente Kennedy por volta de 21 horas e 30 minutos.⁴⁴⁶ Odete tinha 29 anos neste frio domingo.

A respeito daquela mesma data, da qual são fornecidos detalhes de como Odete havia se arrumado e saído para o trabalho, constam algumas versões para as atividades de Murilo. Ele havia participado de um churrasco no bairro Ribeirão da Ilha, região Sul de Florianópolis, na casa de seu cunhado. Bebeu por toda a tarde, voltou para casa, de endereço não informado, bebeu um pouco mais e, para evitar brigar com a esposa, decidiu sair para o bar de um amigo, Top 700, então localizado na avenida central do bairro Kobrasol, São José, ou, segundo outra versão, para a casa de amigos, neste mesmo bairro. Neste ponto, novamente conflito. Em uma primeira versão, Murilo parou na Avenida Presidente Kennedy para urinar, onde foi abordado por dois homens com um revólver, que o dominaram, colocaram no carro e saíram

⁴⁴⁶ Morte do travesti – comerciante tenta provar inocência. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 21 jun. 1992, p. 37.

rodando “um pouco por aí”. Depois, deram uma garrafada em sua cabeça e o jogaram para fora do carro, quando começou a bater em várias casas pedindo por socorro, com a cabeça ensanguentada.⁴⁴⁷ Segundo o jornal, constava no depoimento de sua esposa que Murilo “sempre pára em qualquer lugar para urinar quando lhe dá vontade”. Quando Luciana prestou depoimento, a versão era de que após a garrafada Murilo teria desmaiado e só teria acordado no hospital.⁴⁴⁸

Poucos dias depois, seriam três os homens que assaltaram Murilo, não apenas dois, e ele não mais desmaiara, mas saíra pelas ruas do bairro Barreiros, em São José, cabeça sangrando, batendo em portas e pedindo ajuda.⁴⁴⁹ Em outra versão, Murilo teria sentido ânsia de vômito e, ao parar o carro em um estacionamento, foi agredido por dois assaltantes e só acordou no hospital. Ao ser questionado sobre onde seu carro foi encontrado, Ribeirão da Ilha, Murilo respondeu à juíza que estava tranquilo porque seu carro estava no seguro, ao que a magistrada, irritada, teria dito que o dela também, mas que ficaria preocupada caso alguém o roubasse.⁴⁵⁰ Muitas eram as variações sobre o que ocorrera a Murilo aquela noite. A de Odete, no entanto, tivera um desfecho trágico.

Ao retornar de seu programa para a Avenida Presidente Kennedy naquela noite fria de domingo, 07 de junho de 1992, Xuxa viu as luzes de sirenes de polícia piscando. Aproximou-se do local para ver o que havia acontecido e gritou “É a Odete”. Seu corpo estava ao lado de uma poça de sangue e, segundo outra travesti, “parece que Odete tentou se defender porque tinha marcas de facadas no rosto e nas mãos.”⁴⁵¹ A morte de Odete apareceu no topo da *Capa* do DC em 09 de junho, dois dias após o ocorrido, com o texto *Travesti é assassinado com 14 facadas em São José* ao lado da ilustração de um rosto de cabelos curtos ao fundo e uma faca em primeiro plano. Apesar das várias versões apresentadas para a noite de Murilo, ele foi denunciado por homicídio duplamente qualificado. Segundo a promotora Jorgelita, Odete levava 13 facadas, e o “crime teve requintes de crueldade, parte do

⁴⁴⁷ Crime no Kobrasol – Joalheiro é acusado de matar travesti a facadas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 09 jun. 1992, p. 25.

⁴⁴⁸ Assassinato do travesti – Promotora pede para mulher do acusado depor. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 jun. 1992, p. 39.

⁴⁴⁹ Assassinato do travesti – Juiz decreta a prisão preventiva do suspeito. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 jun. 1992, p. 23.

⁴⁵⁰ Morte do travesti – Acusado nega crime ao ser interrogado em juízo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 jul. 1992, p. 25.

⁴⁵¹ Morte do travesti – comerciante tenta provar inocência. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 21 jun. 1992, p. 37.

couro cabeludo foi arrancado, configurando escalpo”. Odete recebera facadas na “face, rosto, mãos, tórax, e outras partes do corpo”.⁴⁵²

Ao que tudo indica, as versões de Murilo sobre aquela fria noite estavam incompletas, pois o casal Denílson e Isabel Cristina, que namoravam perto do ponto de trabalho de Odete, viu um homem jovem e de porte atlético esfaquear uma pessoa e jogar o corpo na calçada. Denílson, que tentou seguir o carro, acabou conseguindo anotar o número da placa e, segundo uma das versões publicadas pelo jornal, ver o rosto do assassino.

Em 27 de maio de 1994, quase dois anos depois, teve início o julgamento de Murilo. Por seus “péssimos antecedentes”, todas as tentativas de aguardar o julgamento em liberdade haviam sido negadas. Além das testemunhas do crime, a Polícia e a Promotoria apontavam as falhas em suas alegações, pois se tinha parado para urinar ou vomitar e sido assaltado e agredido, não havia chamado ou ligado para nenhuma força policial e nem se preocupado com seu carro roubado, achado coincidentemente no bairro onde participara de uma festa mais cedo.

Excetuando-se Silvana, pela primeira vez era divulgada pelo jornal não apenas a imagem do assassino de uma travesti, mas a sua condenação. No final de maio de 1994, Murilo foi sentenciado a 15 anos de reclusão por homicídio qualificado. A última notícia do DC que citava o caso, em 30 de maio, informava que seus advogados recorreriam da decisão.⁴⁵³ Não há, através do jornal como fonte, a informação de quanto tempo Murilo passou no presídio ou quais os resultados da apelação.⁴⁵⁴

Menos de um mês após o assassinato de Odete, ações a pedido do então Secretário de Segurança Pública, Sidney, passaram a “tirar de circulação” e “autuar por vadiagem” todas as travestis que se encontrassem nas ruas da Grande Florianópolis e não apresentassem “comportamento adequado”.

⁴⁵² Morte do travesti – Juiz vai interrogar suspeito do crime. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 26 jun. 1992, p. 37.

⁴⁵³ Advogados de Savi vão recorrer da sentença. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 maio 1994, p. 31.

⁴⁵⁴ Ao consultar o nome de Murilo na rede social *Facebook*, pude ver que hoje ele tem mais uma filha adolescente e outro filho, ainda criança. Divorciou-se de Luciana e, pelo menos através do *site*, não há indícios de que tenha contato, nem com ela e nem com o filho dos dois. Estudou Arquitetura na UFSC e trabalha para uma empresa de importação. Ao que levam a crer as fotos de um de seus álbuns, vive em uma mansão situada no bairro de Jurerê, de onde fotografa mulheres de biquíni que se hospedam em um hotel próximo para postar em álbuns intitulados “vizinhas novas” e “Vizinhas Novas “novas” Parte 2”. Não há, nesta rede, qualquer informação que leve à família de Odete.

Acusadas de molestarem pedestres com gestos e palavras obscenas, “comportamentos acintosos, contra a moral e os bons costumes, que são uma agressão” e de que eram motivo de uma das “principais reclamações da população”, de três a quatro vezes por semana e em horários e locais alternados, em torno de vinte agentes “fortemente armados” das Polícias Civil e Militar usavam cinco viaturas para “recolher os homossexuais” e levar para delegacias. Os locais “mais críticos”, na avaliação dos policiais, seriam o Kobrasol, onde morrera Odete, trechos da Avenida Ivo Silveira, em Barreiros, ambos bairros da cidade de São José, a Hercílio Luz e a Praça XV, na Capital. Segundo a reportagem, o Secretário não tinha medo de que a medida fosse considerada discriminatória, pois as travestis que se portassem corretamente “podem até estar fazendo ponto. Nós não temos preconceito”, mas aquelas que “põem uma saínia curtinha, sem calça, e ficam ali na avenida se expondo e levantando a saia e dizendo palavrões, aí não é possível”.

Permeada por ironias, como a reprodução do coloquial “Ó, Doutor” para marcar o início das falas das travestis, que representa também as hierarquias colocadas na situação que vivenciavam, a reportagem era ilustrada pela foto de uma travesti que escondera o rosto com o casaco, ao ser fotografada sendo conduzida por um dos policiais, que trazia em sua legenda a informação de que os problemas “com a polícia são comuns e nem sempre convivência é pacífica”. Fotografadas na delegacia, ao final da página um pequeno texto dizia que para “quem desconhece, a vida de um travesti é até rentosa” e que, dependendo da aparência, “muitos chegam a impressionar”, por saírem com empresários e pessoas bem-sucedidas – o texto apresentava os altos preços cobrados então pelas travestis. Apesar da forma como foi escrita, a reportagem foi publicada sob o título de *Travestis pensam em criar sindicato*, seguida da adaptação de algumas das falas das travestis que haviam sido detidas, que informava que elas “reclamam de discriminação, afirmam que pagam impostos como qualquer cidadão e protestam contra a ação policial em São José”. Xuxa, possivelmente a mesma que conheceu Odete, teve uma de suas falas publicada, ao perguntar “Onde está nossa liberdade de ir e vir?” Como acima descrito, tal liberdade era então cerceada e justificada pelos “exageros” que não se podia admitir, segundo as forças policiais. Chegava-se ao ápice das violências e perseguições. Quase diárias.⁴⁵⁵

⁴⁵⁵ Na batalha – Travestis pensam em criar sindicato. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 05 jul. 1992, p. 41.

2.8 – MULTIPLICAÇÃO DOS DISCURSOS DE RESISTÊNCIA, A MOBILIZAÇÃO NA GRANDE FLORIANÓPOLIS E AS AÇÕES DE CLÔ

Se arbitrariedades e violências eram cometidas na Grande Florianópolis e incitavam a emergência de um discurso de organização e mobilização política das travestis, as notícias de resistências ao redor do mundo e do país se multiplicavam, tanto nas páginas de *Variedades* quanto no caderno principal do periódico. Enquanto era divulgado que gays “partem para a briga”, por exemplo, referência a parcelas do movimento desviante estadunidense que queria mudanças nas formas de visibilidade produzidas pela indústria cinematográfica e exigia que atores e atrizes se assumissem “homossexuais”,⁴⁵⁶ notícia publicada na primeira página de *Variedades* em setembro de 1992, o caderno principal trazia informações como a mobilização da *Federação de Homossexuais* alemã, que junto ao grupo *Juristas Homossexuais* passavam a pressionar pela legalização do casamento desviante na Alemanha. O posicionamento e a parcialidade do DC quanto ao assunto, relatado de forma curta, sucinta, transparecia no texto escolhido para ser colocado acima da foto de dois homens se beijando, que dizia “Estranho amor”, ou seja, atribuía à imagem significados ligados ao excepcional, esquisito, impróprio.⁴⁵⁷

Algumas mudanças, entretanto, eram inevitáveis. Assim, sob títulos como *Perfil alterado* ou *Heterossexuais*, as notícias sobre a aceleração da desomossexualização da AIDS informavam que “está desaparecendo também o estigma de que a Aids é doença de homossexuais”.⁴⁵⁸ Mesmo o novo catecismo da igreja católica, então sob o papado de João Paulo II, elaborado no final de 1992 e lançado em 1993, prometia “relaxar sua condenação em casos de prostituição e suicídio”, que de acordo com as circunstâncias poderiam ser atenuados, e “admitir o homossexualismo – desde que os envolvidos mantenham a castidade”.⁴⁵⁹ Chamado a opinar sobre a suavização discursiva da igreja sobre o tema, um professor de História da UFSC diria ao jornal que a homossexualidade só seria tolerada por dois motivos: “a Igreja não tem mais como esconder que dentro dela há padres homossexuais e o

⁴⁵⁶ Caça às bruxas – Gays partem para a briga. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 02 set. 1992, *Variedades*, p. 01.

⁴⁵⁷ Gays vão à luta para casar. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 set. 1992, p. 27.

⁴⁵⁸ AIDS (1) – Perfil alterado. AIDS (2) – Heterossexuais. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 21 set. 1992, p. 14. Ambas publicadas na mesma coluna, uma abaixo da outra.

⁴⁵⁹ Catecismos (1) – Os novos caminhos para chegar a Deus ou ao Diabo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 out. 1992, p. 37.

movimento organizado desta parcela da sociedade está exigindo cada vez mais seus direitos”.⁴⁶⁰

Em notícias nacionais, a atuação do *Grupo Gay da Bahia* (GGB) presente nas páginas jornalísticas desde a criação do periódico por suas manifestações, campanhas de prevenção da AIDS, discordâncias com setores religiosos e a anual divulgação dos números de mortes desviantes no país, voltava-se para o combate de discursos discriminatórios e que incitavam à violência, publicados por José Augusto, do jornal baiano *A Tarde*, que utilizava frases como “Matar veado não é homicídio, é caçada”, “Mantenha Salvador limpa, mate um bicha todo dia” e “A solução para acabar com a AIDS é a erradicação dos transmissores da peste gay” em sua coluna, e era então indiciado pelo GGB por crime de discriminação sexual.⁴⁶¹ Possivelmente baseada no trabalho e nas estatísticas anuais do GGB, ao final daquele ano de 1992 a *Organização de Ação pelos Direitos de Gays e Lésbicas*, sediada no Canadá, enviaria duas cartas, para os então Presidentes do Supremo Tribunal Federal, Sidney Sanches, e da República, Itamar Franco, acusando o sistema judiciário de ser cúmplice dos assassinatos desviantes ocorridos no Brasil, pois além de serem poucos os culpados levados à Justiça, em geral eram absolvidos ou recebiam penas leves.⁴⁶²

Os títulos das notícias apontam para outra lenta transformação: a palavra proveniente do inglês, *gay*, passava a ser utilizada com maior frequência, e em geral nos títulos e textos referentes a notícias sobre mobilizações por direitos, mas por vezes aparecia na mesma notícia ao lado de “homossexuais”. Um exemplo é a notícia sobre a polêmica que envolveu a permissão para o ingresso de desviantes nas Forças Armadas estadunidenses, uma das promessas de campanha do então presidente eleito Bill Clinton. Intitulada *Homossexuais são tema de discórdia*, logo a seguir o texto dizia “Presidente eleito e Congresso têm pontos de vista diferentes em relação à proibição dos gays de ingressarem nas Forças Armadas”.⁴⁶³ Apesar de denotar homens de práticas sexuais desviantes, a palavra *gay* não era aplicada em notícias que se referiam a travestis, nem pelo jornal, que sempre utilizava “o homossexual”, nem pelas próprias travestis, que passavam a se referir a si mesmas e entre si com pronomes femininos, como Xuxa ao falar de Odete – uma diferença em

⁴⁶⁰ Homossexuais recebem um tratamento diferenciado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 out. 1992, p. 25.

⁴⁶¹ Gays – discriminação sexual. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 21 out. 1992, p. 11.

⁴⁶² Gays – Protestos contra mortes. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 15 nov. 1992, p. 14.

⁴⁶³ Governo Clinton – Homossexuais são tema de discórdia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 nov. 1992, p. 15.

relação à Silvana, que se utilizou do masculino ao se referir a si própria, “sou um travesti” – mas ao que parece elas também se classificavam como “homossexuais”. Assim, foi sob a homogeneizante palavra guarda-chuva⁴⁶⁴ “homossexuais” que surgiu a primeira publicação sobre a mobilização política desviante na região da Grande Florianópolis, o emergir no jornal de uma categoria de identidade forjada pelas/os próprias/os sujeitas/os e que recorria ao binarismo homo-hetero como forma de organização e resistência, através de uma carta enviada ao jornal, em 20 de novembro de 1992:

Direitos Homossexuais

Com alguns amigos, formamos a pouco a Adedh (Associação em Defesa dos Direitos Homossexuais/Região da Grande Florianópolis), criada para defender os nossos direitos no Estado. A sede provisória da entidade está instalada junto ao GAPA da Capital.

*Claudio Orlando dos Santos, presidente da Adedh, Florianópolis*⁴⁶⁵

Cinco dias depois, o jornal veiculou uma notícia a respeito da Associação, que passaria a atuar a partir de 1993, iniciada de uma forma que torna possível reconhecer as sujeitas a que se referia:

Eles têm uma vida difícil e sempre rodeada de controvérsias. Sofrem com a marginalização social e são acusados, muitas vezes, de serem violentos e arruaceiros. Por outro lado, reclamam da violência e das arbitrariedades cometidas contra eles por policiais. Com o objetivo de mudar um pouco essa situação, e partindo do princípio de que ser homossexual não é crime, eles decidiram se organizar.

Apesar de não nomeadas, é muito provável que o texto que abria a notícia seja uma referência à situação vivenciada pelas travestis, que vinham sofrendo perseguições policiais na Grande Florianópolis

⁴⁶⁴ TAQUES, Fernando José. **Movimento GLBT em Santa Catarina: a questão do empoderamento**. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia), UFSC, 2007, p. 22-34.

⁴⁶⁵ Direitos homossexuais. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 nov. 1992, Opinião – Cartas, p. 03.

desde o meio do ano de 1992 e eram constantemente colocadas nos posicionamentos de sujeito de criminosas e vítimas, que o texto delimita bem. Segundo o jornal, a Associação foi idealizada pelo “homossexual Claudio Orlando dos Santos, o Clô”, que apontava que entre 10 e 20% da população da Grande Florianópolis seria desviante. Utilizarei o feminino para me referir a Clô, pois em conversas informais com Kelly, presidenta da ADEH em 2013, fui informado que ela era travesti, apesar de o jornal não se referir ao fato.⁴⁶⁶

Segundo Clô, a parte administrativa da Associação estava provisoriamente montada na sede do GAPPA, e a proposta era atuar em áreas de saúde, jurídica, social, e lutar legalmente contra comportamentos lesivos “aos direitos humanos de todos os homossexuais. Queremos ter o direito de ir e vir garantido e que nos respeitem como seres humanos”. Clô também afirmaria que o secretário de Segurança Pública “não gosta de homossexuais” e apontava a Polícia Militar como “a pior de todas”, pois a Civil “nos respeita”. E, para finalizar a notícia, após anos de informações veiculadas sobre violências e crimes, o jornal utilizava pela primeira vez em seu caderno principal a palavra “minorias” em um texto sobre desviantes catarinenses, que era seguida logo abaixo de poucas linhas sobre a “antiga” luta pelos “direitos homossexuais”.⁴⁶⁷ O desvio se politizava, e as/os desviantes catarinenses se tornavam sujeitas/os de direitos, uma categoria identificada sob a alcunha de “homossexual”, que agregava então novos significados a partir da mobilização de travestis como Clô. Ao final daquele ano de 1992, ao fazer sua habitual retrospectiva publicada na edição que circulava entre o último dia do ano e o primeiro do seguinte, o mês de junho apresentava como primeiro texto o assassinato de Odete. Uma vida que, tirada, ganhou importância, significância.⁴⁶⁸ Mas as mortes não paravam.

O ano seguinte seria iniciado com mais um assassinato brutal em Florianópolis. Em janeiro, Alécio, 44 anos, funcionário do extinto Banco do Estado de Santa Catarina – BESC, foi vítima de uma “pancada na cabeça e jogado nas pedras da Joaquina”, praia ao Leste da Ilha. Segundo a Polícia, era “solteiro e costumava sair com rapazes”. De acordo com a informação divulgada então, suspeitava-se que havia sido

⁴⁶⁶ Conversa informal com Kelly Vieira, presidenta da *Associação dos Direitos Humanos com enfoque na Sexualidade*, realizada em 12 de julho de 2013.

⁴⁶⁷ Homossexuais querem formar associação em 1993. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 25 nov. 1992, p. 27.

⁴⁶⁸ Os fatos do ano. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 31 dez. 1992 – 01 jan. 1993, p. 26.

morto por dois jovens com quem saíra para pescar, para ser roubado.⁴⁶⁹ Em abril de 1993, o “desempregado José”, casado, 32 anos, foi localizado com o carro de Alécio e, preso, confessou que era pago para manter relações sexuais com ele desde 1990. “Na delegacia [...] confessou que não pretendia matar o bancário, depois de manter relação anal com ele”.⁴⁷⁰

Em reação aos acontecimentos e segurando um panfleto ou cartilha com o título *Homossexual – Defenda-se da VIOLÊNCIA!*, a imagem de Clô voltaria às páginas do DC em junho de 1993, quando era anunciado o *1º Encontro Regional Sul de Homossexuais* (ERSCHO), organizado pela “ADE” em um colégio estadual do Centro de Florianópolis, cujo endereço o jornal publicou ao fim da notícia. O Encontro foi anunciado como uma “vitória já que a associação tem apenas dois meses e meio de existência – foi fundada em 19 de março”:

[...] Temas como a crescente onda de violência contra a classe e a postura cada vez mais homofóbica da sociedade prometem esquentar os debates [...] são esperados militantes de cidades onde é grande o número de gays, como Joinville e Blumenau. Desde cedo as palestras e discussões levantarão assuntos polêmicos. Crimes violentos e o preconceito, entretanto, serão os pratos principais [...]⁴⁷¹

Desviantes eram então denominados enquanto uma classe e as violências e crimes praticados em Santa Catarina ganhavam, por fim, a alcunha de homofóbicos no discurso do jornal. O termo, como anteriormente exposto em nota de rodapé, já era utilizado desde a década de 1980 em cadernos como o de *Variiedades*. Pela primeira vez, era aplicado ao contexto regional no caderno principal do periódico. Mais significativo, no entanto, era a saída do desvio e de desviantes do Estado das páginas policiais – as notícias passavam para a seção *Geral* do jornal, e discorriam sobre lutas e mobilizações, e não mais sobre crimes bárbaros ou doenças.

Sob o título *Comunidade gay – Homossexuais discutem problemas*, uma foto do Encontro sob a frase *Direitos iguais* ganhava

⁴⁶⁹ Homossexual é morto na Joaquina. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 19 jan. 1993, p. 31.

⁴⁷⁰ Descoberto matador de bancário. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 13 abr. 1993, p. 27.

⁴⁷¹ Encontro marcado – Homossexuais reúnem-se na Capital. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 05 jun. 1993, p. 25.

como legenda o objetivo das/os participantes de “acabar com o preconceito”. A notícia informava que o regimento interno da ADEH havia sido aprovado e que “propostas da categoria” seriam levadas para o *7º Encontro Brasileiro de Homossexuais*, que se realizaria ao final do mês na cidade de São Paulo. Entre os diversos assuntos discutidos durante o evento, o jornal reproduziu apenas uma das falas de Clô, que aparentemente se propunha a buscar normatizar os comportamentos das travestis que trabalhavam nas ruas e intervir junto às forças policiais para a diminuição das violências e arbitrariedades:

Os homossexuais prometeram advertir quem faz algazarra e disputa pontos por clientes: “Não vamos mais tolerar bagunças nem escândalos. Os travestis de batalha têm que se comportar”, avisou Claudio. Ele promete visitar as delegacias mais próximas dos locais onde os travestis fazem ponto para conversar com os delegados sobre o assunto.
472

A atuação de Clô, portanto, partiria de uma estratégica negociação tanto com as travestis quanto com os policiais. Ela apareceria em nova imagem publicada pelo jornal, sentada à mesa ao lado do então vice-presidente do GGB, Huides Cunha, que em julho de 1993 visitava Santa Catarina para a “apresentação de sugestões e reclamações dos grupos de homossexuais”. Apresentando um resumo das atividades do Grupo baiano, a notícia afirmava que Clô contabilizara para o Estado de Santa Catarina “nos últimos sete anos [...] sete assassinatos”. O número seria provavelmente um pouco maior, como a presente narrativa apresentou até aqui.

Além da articulação e do diálogo do recentemente organizado movimento desviante catarinense com organizações atuantes no país, a notícia trazia, ainda como propostas de alterações, algo que se concretizaria com o passar dos anos. Intitulada *Gays da Capital terão proteção da lei*, o texto iniciava com a informação de que um vereador e um deputado estadual petistas “irão apresentar emendas à Lei Orgânica Municipal e à Constituição Estadual incluindo a proibição de discriminação (sic) de orientação sexual”. Por uma coincidência – ou não – a foto de Clô e Huides apresentava ao fundo um grande painel: ADEH – É LEGAL SER HOMOSSEXUAL – CADA UM [ilegível]

⁴⁷² Comunidade gay - Homossexuais discutem problemas. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 07 jun. 1993, p. 25.

COMO PODE. O perigo vermelho se aliara à recém-criada comunidade, e iniciava-se a luta pela legalização do direito de se ser desviante.⁴⁷³

As lentas alterações percebidas nas escolhas lexicais utilizadas pelo DC para construir suas notícias não podem ser vistas como um fenômeno isolado. O período de tal transição - década de 1990 - que apresentava avanços e recuos e era responsável por novas formas de visibilidade, produtoras de identificações e, conseqüentemente, subjetividades, é marcado pela emergência do que inicialmente foi considerado uma “polícia do pensamento”, “nova intolerância” e até mesmo “tirania da esquerda” – emergia na imprensa mundial a noção de “politicamente correto”, e não apenas entravam ou aumentava-se o uso no discurso jornalístico de palavras como sexismo, racismo, minorias, homofobia ou gênero, mas as próprias construções discursivas da comunidade de discurso jornalística passavam a ser criticadas a partir de tais noções e termos antes carregados de significados negativos ganhavam novos valores.⁴⁷⁴ Além disso, em 1991 surgia o primeiro código de ética da *Associação Nacional dos Jornais* do Brasil. Para além de suas mitológicas propostas de verdade e imparcialidade, tal código seguia a “tendência internacional” e se propunha a servir de orientação para os jornais do país, mas, indo um pouco mais além, propunha “uniformizar” as organizações,⁴⁷⁵ o que aponto como uma das possibilidades para a emergência de termos, baseados na noção de politicamente correto, em tal década na imprensa nacional e local – a tendência à uniformização. Noção esta que, como aponta o acusatório “tirania da esquerda”, emergia de demandas e ações de movimentos e sujeitas/os, que se mobilizavam e exigiam cada vez mais a possibilidade de terem direito à existência social, a ir e vir e serem respeitadas/os, como a mobilização de desviantes catarinenses demonstra.

Assim, quando em agosto de 1993 o jornal publicou a notícia sobre a morte de Norberto, 48 anos, seu título apresentava uma diferença significativa em relação à morte de Alécio, ocorrida meses antes. Se a última era intitulada *Homossexual é morto na Joaquina*, a de Norberto seria intitulada *Pai-de santo é morto com um tiro no tórax*, o

⁴⁷³ Gays da Capital terão proteção da lei. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 jul. 1993, p. 33.

⁴⁷⁴ Para tal, ver: PIASECKA-TILL, Aleksandra. Buscando significado em um corpus: PC, sexismo, e suas inflexões no Banco de Língua Inglesa do Cobuild. In: HEBERLE, V. M.; OSTERMANN, A. C.; FIGUEIREDO, D. C. **Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006, p. 177-196.

⁴⁷⁵ Encontro nacional – Jornais lançam código de ética. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 nov. 1993, p. 06.

que demonstra que as práticas sexuais perdiam seu poder de referencialidade⁴⁷⁶ em notícias sobre crimes, abrindo espaço para outras formas de identificação.⁴⁶ Em novembro daquele ano, quando Gentil, 34 anos, matou Waldevino com 19 golpes de faca na cidade catarinense de Videira, segundo ele por ter sido obrigado a manter relações sexuais anais, nenhum termo foi utilizado pelo jornal, apenas o título *Crime – Culpado confessa*, e a descrição do que ocorrera.⁴⁷⁷ O uso do termo “homossexual”, que ganhara novos significados ao se politizar, seria utilizado poucas vezes pelas páginas policiais de forma injuriosa em seus títulos, como em notícia de dezembro de 1992, *Overdose de coca causa morte de homossexual*, que relatava a morte de Valci, 34 anos, provavelmente pelo uso excessivo de drogas, e apontava Paulo, 19 anos, como seu “companheiro” que havia se desesperado com o ocorrido, onde o relacionamento dos rapazes era indicado como já vinha ocorrendo há algum tempo.⁴⁷⁸

Significados negativos atribuídos a termos como *gay*, lésbica, sapatão, homossexual, no entanto, não desapareceram do jornal. Eles deslocaram-se ao longo dos anos para colunas como a de Sérgio da Costa Ramos, autor de vários textos fóbicos contra desviantes ou a seção de *Cartas* do jornal, que como indicado, muitas vezes servia de palco para acaloradas discussões em torno do que era publicado. Notícias e reportagens, no entanto, tentavam manter o propósito de uniformização, tendências internacional e brasileira, de uso politicamente correto dos léxicos. Além disso, como se verá adiante, o desvio e as/os desviantes passaram a ser valorizadas/os enquanto público consumidor e como alvo de estratégias políticas voltadas para o incentivo ao turismo, que fariam emergir o discurso sobre um Estado receptivo, pouco afeito a preconceitos contra desviantes, representado por sua “capital *gay-friendly*”, em que homofobia seria anomalia, exceção. Entre o discurso e as experiências noticiadas, discrepância. Mortes, discriminações e reações continuavam a ocorrer, apesar da imagem que se buscava criar, veicular, promover.

Dentro das categorizações que se multiplicavam e ganhavam novos significados, para a travesti a palavra continuou a aparecer em

⁴⁷⁶ Adoto o termo a partir de Paul Ricoeur, que afirma ser a intenção referencial do discurso uma pretensão, com valor de verdade, de dizer algo sobre a realidade. Para tal, ver: RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2009, p. 94.

⁴⁷⁷ Crime – Culpado confessa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 nov. 1993, p. 35.

⁴⁷⁸ Overdose de coca causa morte de homossexual. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 15 dez. 1993, p. 31.

maior número em páginas policiais, mas mesmo ela apresentou deslizes em seu significado. Ainda em agosto de 1993, intitulada *Travestis ganham as ruas*, o DC apresentava pela primeira vez em sua seção *Geral* uma reportagem realizada com algumas travestis que trabalhavam como prostitutas na Grande Florianópolis. Polissêmico, paradoxal por vezes, ainda se utilizando de títulos quentes e com erros de informações, o texto apresentava o relato de práticas sexuais e posicionamentos das travestis durante o ato sexual, o preço de programas e a clientela formada por advogados, engenheiros, políticos, juízes, em geral homens casados, além de alguns jovens que usavam drogas. Se em um trecho é afirmado que elas teriam consigo sempre duas armas na bolsa, “batom e camisa de vênus”, logo abaixo surgia um subtítulo quente na reportagem, *Faca e gilete dão segurança*, mas seu texto informava exatamente o contrário:

Há um lado marginal no travesti. Ele não é uma coisa simples, doce. Seu mundo é o submundo, são as ruas, as noites. Para alguns, falar deles significa faca na bolsa e gilete na boca. Mas não é isso que dizem os travestis. “Nós somos até proibidos pela polícia de usar armas”, ressalta Jéssica. Nas delegacias de Florianópolis, as estatísticas demonstram que alguns travestis envolvem-se em pequenos furtos. Esses registros não são frequentes.

Seres com um lado marginal, das ruas, da noite, do submundo, que para alguns andavam armadas, mas que eram proibidas de o fazerem pela polícia, que como visto pouco antes realizava batidas quase diárias para detê-las, o que torna provável que de fato não andassem armadas. Bastava virar a página, e o repórter relatava o processo de montagem da travesti, as roupas, a maquiagem, o uso de silicone e hormônios para moldar o corpo, a atração por homens desde a infância, a longa espera para a transformação irreversível, em geral aos 16 anos, suas opiniões sobre a perda da “joia” quando se realizava a operação de redesignação sexual, o que demonstra a valorização do pênis pelas travestis entrevistadas, o afastamento da família da maioria - “eles não aceitam minha decisão” - e logo em seguida o exemplo de Fernanda, uma das meninas que “optou por casar” e se dava bem “até com a sogra”. Paradoxalmente, em seguida era apresentada a informação de que as travestis não seriam tão noturnas quanto se afirmara na página anterior:

O trabalho noturno é uma alternativa de renda para os travestis. Eles costumam ter um emprego fixo durante o dia. Juliana é funcionária de uma lavanderia. Vanda e Jéssica trabalham num salão de beleza. Fernanda já foi cozinheira e hoje trabalha como empregada doméstica.

A reportagem sobre as travestis apresenta evidências dos conflitos e modificações por que passavam tanto o desvio quanto as/os desviantes. Tratadas no masculino em grande parte do texto, no trecho acima se percebe que ao descrever as profissões que as travestis desempenhavam durante o dia o repórter utilizou-se do feminino em todas. O início da reportagem traria a ambiguidade e o desafio ao sistema binário como características travestis:

As madrugadas da Grande Florianópolis estão cada vez mais cheias de travestis. Homem vestido de mulher, ele não quer ser só mulher. Quer ser muito mais. Ele se identifica com um terceiro sexo: a ambiguidade. Representa um desafio ao sistema binário de explicação do mundo, que se materializa em noções como macho-fêmea [...]

Apesar de afirmar que as travestis se identificariam como um terceiro sexo e seriam ambíguas, um desafio ao sistema binário, o repórter iniciava afirmando serem homens vestidos de mulheres que queriam ser muito mais. Para além dos paradoxos e ambiguidades envolvendo o gênero, o desinformado repórter trazia a violência policial como uma característica longínqua, pois afirmava que no “passado, os travestis reclamavam muito dos policiais, num período em que a homossexualidade era considerada uma grave transgressão social”. Sua desinformação se apresentaria também ao citar a morte de Odete, “o caso mais conhecido foi o da morte de Silvana, há um ano. O suspeito é o empresário Murilo [...]”. De fato, citava o nome da travesti mais conhecida na redação do DC, que explorara por anos a fio o nome de Silvana em suas páginas, mas ao passá-la para seu texto, confundiu com a recente morte de Odete.

Sob outro subtítulo, a voz da Medicina como saber autorizado sobre tais sujeitas que, “travestis ou tão somente homossexuais” – exemplo da hierarquia que as colocava em patamar inferior, segundo pesquisas científicas não teriam desvio de conduta, mas sim um “feixe de neurônios que liga os dois hemisférios” do cérebro mais largo, ou,

segundo outras pesquisas baseadas na dissecação de 41 cérebros, um hipotálamo menor e “parecido em tamanho com o das mulheres”.

Apesar dos erros, paradoxos e da busca científica para explicar as sujeitas e suas práticas a partir de “fundamentos genéticos” que modificavam as noções de homossexual e travesti como “desvio de conduta” e não recorria a saberes psiquiátricos, a reportagem trazia a informação do cuidado que as travestis passaram a ter em relação ao uso de preservativos, o sonho de comprarem, “como todo brasileiro”, uma casa e um carro próprios, algumas gírias utilizadas pelas mesmas como forma de comunicação, proteção e identificação enquanto grupo e a informação de que seria delas a iniciativa de criação da ADEH, para “se defender das agressões, pouco a pouco os travestis vão se organizando”.

Aparentemente, a proposta de Clô de negociar junto às forças policiais da Grande Florianópolis fora adiante, pois não apenas uma das travestis entrevistadas informou que eles “não podiam ver a gente na rua que chegavam batendo [...] Hoje a relação é mais tranquila”, mas também a reportagem apontava sua maior visibilidade e presença nas ruas, e algumas que “já pisam nas passarelas e casas noturnas: são artistas e fazem shows”, e cujos números estariam em torno de 300, acrescidas de mais 200 que chegavam durante o Verão, na temporada turística.⁴⁷⁹

A trégua policial, entretanto, duraria apenas alguns meses. Em março de 1994, 25 “travestis, prostitutas e michês” eram retiradas/os das ruas do bairro Kobrasol, levadas/os para a delegacia “para fazer um termo de declaração, que dá início ao processo de inquérito policial [...] por vadiagem, perturbação da ordem pública e atos obscenos”. A ADEH responderia à arbitrariedade policial por meio de uma carta, enviada por Clô ao delegado responsável, prometendo uma “ação para impedir a continuidade dos inquéritos policiais”. Um de seus argumentos seria o de que cada um “tem o direito de fazer o que quiser com o seu corpo”, ao que o delegado responderia que é “até possível, mas sem interferir no sossego dos demais”. O argumento policial continuava a ser o das “constantes reclamações dos moradores contra os homossexuais e travestis”.⁴⁸⁰

As ações de Clô não se limitavam, no entanto, a promover encontros, debates ou reagir, como porta-voz da ADEH, às ações

⁴⁷⁹ SCARDUELLI, Paulo. Terceiro sexo - Travestis ganham as ruas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 ago. 1993, p. 32-33.

⁴⁸⁰ Travestis não aceitam prisões no Kobrasol. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 mar. 1994, p. 26.

policiais contra as/os desviantes. Portadora do vírus HIV, segundo o jornal há “10 anos”, ela costumava sair às ruas para distribuir camisinhas e conversar com as trabalhadoras sobre a importância da prevenção e prática de sexo seguro. Na noite de 24 de maio de 1994, Clô encontrava-se na Avenida Ivo Silveira, bairro Capoeiras, em São José, realizando tais atividades, quando uma viatura com os policiais militares Sandro e Sérgio, do 7º Batalhão da PM, chegou:

“Os travestis correram. Menos eu. Fui agredido verbalmente e ameaçado de prisão. Corri a um telefone público e liguei para o Copom. Ao perceber a minha atitude, os policiais saíram da viatura e começaram a me espancar com socos e chutes por todo o corpo. Desmaiei e, algemado, fui levado à 8ª DP. Lá sofri uma sessão de tortura psicológica [...] Fiquei dois dias de cama e só depois registrei queixa [...] e fiz exame de corpo delito [...]”

O depoimento de Clô, concedido dia 10 de junho a um advogado da *Comissão de Defesa dos Direitos Humanos da OAB/SC* com a presença de uma/um funcionária/o do DC, foi realizado no Hospital Florianópolis. Ela havia sido internada dia 06, com quadro de gastroenterite aguda. Abaixo, era informado pelo *Departamento de Relações Públicas da PM* que os policiais negavam a agressão.⁴⁸¹ Marcelo José Oliveira, que realizava sua pesquisa de Mestrado em Antropologia sobre as travestis de Florianópolis e conhecia Clô, visitou-a no hospital e descreveu o encontro e a situação na Introdução de seu trabalho. Segundo ele, a situação seria diferente da versão divulgada pelo jornal. Uma semana antes do ocorrido, Clô teria participado de um programa de televisão, onde teria falado “muito sobre a ADEH”, visibilidade que segundo ela teria incomodado a “sociedade retrógrada” de Florianópolis. Após a agressão, Clô só teria conseguido registrar queixa na delegacia da segunda vez que para lá se dirigiu, acompanhada de um advogado que, também entrevistado pelo pesquisador, afirmou que como se tratava de um processo que envolvia a Justiça Militar, o IML demorara a realizar o exame de corpo de delito pedido e,

⁴⁸¹ Abuso de poder – Presidente de associação homossexual denuncia PMs. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 jun. 1994, p. 31.

consequentemente, as sequelas do espancamento teriam se tornado menos evidentes.⁴⁸²

Ao final daquele mês de junho, Clô apareceria em uma foto, sentada na cama do hospital, ao lado de sua mãe, Cecília, 59 anos, de profissão faxineira, que temia “pela segurança do filho”. Segundo o jornal, vários “movimentos gays e de mulheres lésbicas de São Paulo, solidários com o homossexual, enviaram fax ao governador [...] e ao Secretário da Segurança Pública [...] pedindo rigorosa apuração sobre a agressão”. Pela notícia, é possível perceber que o movimento em São Paulo se dividia em categorias, gays e mulheres lésbicas, e neste dia o jornal informava que, na data da agressão, os policiais agressores teriam afirmado que “ponto de travesti não era local para distribuir preservativos”.⁴⁸³

E depois, ausência, silêncio, desaparecimento. O nome de Clô reapareceria na primeira publicação que o jornal dedicou quase inteiramente a práticas, lugares e sujeitas/os desviantes, então reagrupadas/os sob a sigla GLS, gays, lésbicas e simpatizantes, em 12 de novembro de 1995, na *Revista DC*:

Claudio Orlando dos Santos, último presidente da Adeg de Florianópolis – associação em defesa dos homossexuais – estava com Aids, mas morreu de tristeza. “Ele fazia trabalhos com os travestis do Estreito, para conscientizá-los sobre a importância da prevenção contra a doença, e apanhou da polícia justamente tentando defendê-los. Depois da surra, acabou entrando em depressão, não saiu da cama por seis meses e morreu”, recorda o professor Claudio Narciso, que ficou emocionado quando a luta do colega foi lembrada durante o 17º Congresso Anual da Associação Internacional de Gays e Lésbicas [...]⁴⁸⁴

Os policiais militares que a agrediram, acusados de homicídio culposo, foram inocentados. Somente em 1999, após cinco anos de inatividade, ressurgiria a *Associação de Defesa dos Direitos de*

⁴⁸² Para tal, ver: OLIVEIRA, Marcelo José. “O lugar do travesti em Desterro”. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFSC, 1997, p. 05-06.

⁴⁸³ Policiais seguem ameaçando homossexual em hospital. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 23 jun. 1994, p. 41.

⁴⁸⁴ LAVRATTI, Ana Cristina. Sangria em nome da dignidade. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 12 nov. 1995, Revista DC, p. 02.

Homossexuais (Adeh), voltada nos anos de reinício exclusivamente para atuar em prol das travestis da Grande Florianópolis.⁴⁸⁵ Um ano televisivo: os 10 anos da misteriosa e não solucionada morte do colunista social Norton seriam marcados pela veiculação nacional de um episódio do programa *Linha Direta*, da *Rede Globo*, cuja equipe passara dez dias em Florianópolis investigando, colhendo documentos, realizando entrevistas e gravações.⁴⁸⁶ Um ano de mobilizações: foi então, em junho de 1999, que se realizou a *I Parada Gay de Florianópolis*.

⁴⁸⁵ Grupo cria Associação de Defesa de Homossexuais. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 out. 1999, p. 40.

⁴⁸⁶ 10 anos depois. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 jun. 1999, p. 03.

INTERLÚDIO

Peço perdão, novamente, pelo salto cronológico realizado no capítulo anterior. Meu intento era manter o fio da intriga que culminaria nas ações de Clô e seu trágico fim, apontando quando retornariam ações similares à sua iniciativa, 1999, o mesmo ano em que aconteceria a *I Parada Gay de Florianópolis*. Entendo uma intriga como a fabricação, a organização em algo inteligível de uma diversidade de circunstâncias, acontecimentos, agentes, interações, objetivos e resultados inesperados, uma mediadora que compõe, configura, combina dimensões temporais e transforma incidentes em uma narrativa coerente de História, a partir de elementos heterogêneos.⁴⁸⁷

Como forma de retratação, segue-se uma tabela iniciada pela *Emenda à Lei Orgânica de Florianópolis*, que se propunha a coibir a discriminação por orientação sexual, publicada pelo *Diário Oficial do Estado de Santa Catarina*. Em seguida, resumidamente trago as principais notícias e crônicas que de alguma forma citavam ou se referiam a desviantes e desvio, publicadas pelo DC entre 1994 e 1999, este último, ano em que a *RBS TV* e o *Diário Catarinense* ganhariam o “Troféu Mix Café Melhores de 1998”, criado para premiar aquelas/es que contribuíram para que o “preconceito contra o universo GLS” estivesse “com os dias contados em Santa Catarina”, prêmio esse que me levou a formular alguns questionamentos: seria uma parceria estratégica entre empresárias/os, proprietárias/os de ambientes desviantes e a mídia? Ou tratava-se simplesmente da não leitura de partes do jornal, em especial de seus principais cronistas do cotidiano? Quem sabe desinformação, não conhecimento dos vários crimes bárbaros que impediriam que tais afirmações fossem feitas sobre o Estado? Ou silêncio estratégico para se criar uma imagem que se queria passar?

Cada uma/um, com seus próprios olhares e interesses, assim como cada leitora/or lê e interpreta o que lhe importa, da forma que acha mais conveniente. Não me cabe fornecer respostas. Trago, no entanto, como compromisso assumido, mais anônimas/os que se tornaram notícias, e que a partir de agora fazem parte do discurso acadêmico-historiográfico, além de exemplos daquelas/es que perpetuaram em

⁴⁸⁷ Cf. RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa – A tripla mimesis. In: _____. **A intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 93-155.

crônicas, cartas ou mesmo escolhas lexicais, os preconceitos que para algumas/uns estavam com dias contados:

DATAS		NOTÍCIAS / CRÔNICAS / ACONTECIMENTOS	TIPOLOGIA
09 ago. 1994	<p>Emenda à Lei Orgânica No 004/94:</p> <p>O município de Florianópolis atualiza o Art. 5º, e inclui em seu inciso IV “A igualdade absoluta entre os cidadãos, coibindo a discriminação por motivo de origem, raça, cor, sexo, idade, estado civil, crença religiosa, orientação sexual, convicção política e filosófica ou outras quaisquer formas”.⁴⁸⁸</p> <p>O jornal só se referiria à modificação em 1995;</p>	<p>Emenda à Lei Orgânica de Florianópolis - DOE – não noticiado</p>	
06 nov. 1994	<p>Em notícia sobre a Dissertação em Antropologia sobre uma comunidade pesqueira, defendida na UFSC, de Fernando Luiz Cardoso, o jornal chama de clichês de pessoas “mais ignorantes” as noções de “homossexualismo [...] em função de uma educação mais frouxa, um vício, liberação dos costumes, mãe dominadora”, e ênfatiza o ato sexual e a posição durante esse ato como uma das bases para a definição da homossexualidade, de acordo com códigos e contextos culturais distintos.⁴⁸⁹</p>	<p>Notícia - Dissertação defendida na UFSC sobre práticas homossexuais em comunidade pesqueira</p>	
13 nov. 1994	<p>Em resposta à notícia sobre a Dissertação, o leitor-autor Praxedes, da cidade de Porto União, tem sua carta publicada</p>	<p>Carta – imoralidade funesta,</p>	

⁴⁸⁸ SANTA CATARINA. Emenda à Lei Orgânica do Município de Florianópolis, promulgada em 05 de abril de 1990. Acresce ao Art. 5º, inciso IV, orientação sexual. **Diário Oficial do Estado de Santa Catarina**, Santa Catarina, 02 set. 1994, N.º 15.012, p. 44. Para tal, ver também: SANTA CATARINA. Emenda à Lei Orgânica do Município de Florianópolis, promulgada em 05 de abril de 1990. Acresce ao Art. 5º, inciso IV, orientação sexual. **Diário Oficial do Estado de Santa Catarina**, Santa Catarina, 17 ago. 1994, N.º 15.000, p. 44. Apesar de aparecer por duas vezes no DOE, a publicação citada pela Lei Orgânica atual foi datada de 02 de setembro de 1994.

⁴⁸⁹ Homossexuais são bem aceitos. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 nov. 1994, p. 42-45.

	<p>pelo jornal, na qual afirmava que a “imoralidade [...] grassa atualmente em nosso país [...] Isto tem trazido consequências funestas à família brasileira. Até o homossexualismo tem sido enaltecido como padrão de decência...”⁴⁹⁰</p> <p>O jovem de 22 anos, Robinson, identificado como “cantor de boates gays” na cidade de Porto Alegre, atira no juiz Luiz, com quem morava no bairro Barra da Lagoa, Florianópolis, há 4 meses. Afirma nunca ter mantido relações sexuais com o mesmo e ter discutido e baleado o magistrado por se recusar a participar de uma orgia sexual com um menino de 10 anos.⁴⁹¹ A versão é desmentida no dia seguinte por um funcionário do juiz⁴⁹² e alguns dias depois pelo próprio magistrado, em entrevista ao jornal na qual afirmou ter tido a reputação abalada pelo que foi divulgado pela imprensa, pois deveria ter sido o primeiro a ser ouvido. Não negou, entretanto, que “uma brincadeira de mau gosto e pesada” havia ocorrido em sua residência. De fato, havia tirado a bermuda da criança, deixando-a só de cueca, segundo a versão publicada, mas nunca participara de orgias e tinha namorada.⁴⁹³</p>	homossexualismo não é padrão de decência
<p>03 fev. 1995</p>		<p>Notícia - Tentativa de homicídio e denúncia de possível pedofilia</p>
<p>26 fev. 1995</p>	<p>Lançado em 1993, a edição do concurso para escolha da Rainha Gay é realizada em Florianópolis durante o Carnaval. Posteriormente, ganharia o nome de Pop Gay. Patrocinado</p>	<p>Notícia - Carnaval e os anos iniciais do Pop Gay</p>

⁴⁹⁰ Imoralidade consentida. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 nov. 1994, Cartas-Opinião, p. 02.

⁴⁹¹ Briga doméstica - Cantor de boate gay dá tiros em juiz. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 03 fev. 1995, p. 27.

⁴⁹² Briga doméstica – Acusação de orgia sexual é contestada por caseiro. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 fev. 1995, p. 27.

⁴⁹³ Briga doméstica – Juiznega acusação de orgia sexual. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 03 fev. 1995, p. 27.

	<p>pela Secretaria de Turismo da cidade e atrairdo milhares de pessoas, os discursos sobre o concurso passariam a ser utilizados politicamente como demonstração da ausência de homofobia na Capital do Estado. A notícia, no entanto, não entrou no caderno principal do jornal, mas em um caderno intitulado <i>Diário do Carnaval</i>;⁴⁹⁴</p>	
<p>27 fev. 1995</p>	<p>Casal de lésbicas, Roseni e Rosane são presas por estarem se agredindo durante o Carnaval, em Florianópolis. A notícia, em tom de pretenso humor, afirmava que policiais viram as duas trocando carícias por entre as barras de ferro, após as brigas motivadas por ciúmes;⁴⁹⁵</p>	<p>Notícia - prisão de lésbicas</p>
<p>14 mar. 1995</p>	<p>O corpo do cabeleireiro Marcelo, 38 anos, é identificado. Foi encontrado em “estado de decomposição”, vítima de facadas, em sua residência na cidade de Palhoça, Grande Florianópolis. A primeira suspeita recaiu sobre seu companheiro Adriano, de 18 anos;⁴⁹⁶</p>	<p>Notícia - Homicídio</p>
<p>07 abr. 1995</p>	<p>O GAPA, Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS, situado então na Felipe Schmidt, Centro da Capital, recebe o atestado de óbito de uma das pessoas lá atendidas. Nas palavras do jornal, “o adidético não tinha morrido da doença, mas sim de fome”;⁴⁹⁷</p>	<p>Notícia - morte de portador do vírus HIV por fome</p>
<p>20 jun.</p>	<p>Loucuras coletivas, taras e fetiches: a coluna de Sérgio da</p>	<p>Crônica de S. da C.</p>

⁴⁹⁴ Raimha Gay agita Ilha. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 26 fev. 1995, Diário do Carnaval, p. 04.

⁴⁹⁵ Agressão – Tapas e beijos. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 fev. 1995, p. 25.

⁴⁹⁶ Polícia identifica corpo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 mar. 1995, p. 31.

⁴⁹⁷ GAPA trabalha com a miséria da população. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 abr. 1995, p. 33.

1995	Costa Ramos trazia a reclamação de que o “[...] “underground” já não se contenta em ser “under”, emergiu, revela-se à tona, com direito a paradas gays, congressos, comícios, convenções. [...]” . Mais a frente, afirma que “O mundo está mesmo acabando [...] A androginia anda em franca evolução, marmanjos saem por aí vestidos de boneca [...]” . Por fim, afirma que “Nada tenho contra essa alegre fauna e seus exóticos movimentos, a não ser o mau hábito que certas minorias têm de pretender catequizar as maiorias para as suas excentricidades [...]” , ⁴⁹⁸	Ramos - contra os movimentos, congressos e paradas desviantes
12 set. 1995	Em comentário sobre a lei contra o assédio sexual , Sérgio da Costa Ramos afirma que mulheres em pleno “poder de sedução” achavam-na abominável, e seria uma “campanha, quase sempre conduzida por feministas ferozes, dessas de usar buços e borzeguins. ” As mulheres queriam, desejavam ser bolinadas, segundo o colonista, e a legislação seria “estupidamente repressora de um esporte nacional [...] a cantada” , ⁴⁹⁹	Crônica de S. da C. Ramos – assédio sexual é esporte nacional. A lei contra, culpa de feministas masculinizadas e ferozes
28 set. 1995	Em visita à Florianópolis, o professor, antropólogo e então presidente do GGB, Luiz Mott, afirma terem sido 12 os assassinatos de homossexuais e travestis em SC na última década . Veto à Capital divulgar uma campanha contra a violência e um Manual de Sobrevivência Homossexual , ambos patrocinados pela Fundação Europeia de Direitos	Notícia – presidente do GGB em SC, lança de Manual Sobrevivência Homossexual. Patrocinado por

⁴⁹⁸ RAMOS, Sérgio da Costa. Homem, Homo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 jun. 1995, p. 39.

⁴⁹⁹ RAMOS, Sérgio da Costa. Homem, Homo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 12 set. 1995, p. 43.

	<p>Humanos e a Fundação dos Direitos Humanos da Noruega. O GGB, então, cadastrara 14 grupos de extermínio de homossexuais no país, e 25% das mortes seriam praticadas por policiais militares e civis;⁵⁰⁰</p>	países europeus
21 out. 1995	<p>No Alto Vale do Itajaí, o agricultor Pedro, 68 anos, é preso após esfaquear Quirino, 47 anos. Quirino teria se recusado a manter relações sexuais com Pedro.⁵⁰¹</p>	<p>Notícia – tentativa de homicídio por recusa em manter relações sexuais</p>
12 nov. 1995	<p>A publicação dominical <i>Revista DC</i> põe em sua capa <i>Desencana</i> e dedica quase todas as páginas ao universo, a espaços de sociabilidade, o histórico de lutas a partir de Stonewall, a descrição de preconceitos vividos pelos então chamados GLS. Aborda o universo da moda, do estilismo voltado para esse público, além de depoimentos e entrevistas com gays e lésbicas sobre seus modos de vida e trabalho. Só nessa data é comentada a modificação da Lei Orgânica de Florianópolis, proposta por um vereador do PT, e a morte de Clô.⁵⁰²</p>	<p>Revista DC – dedicada ao universo desviante</p>
18 nov. 1995	<p>Cadáver de rapaz moreno é encontrado em estado de putrefação, segurando uma cédula de dinheiro. Provável enforcamento pela alça de uma bolsa. Possivelmente, uma travesti;⁵⁰³</p>	<p>Notícia - homicídio</p>

⁵⁰⁰ Contra a violência aos Homossexuais – Doze assassinatos ocorreram no Estado na última década. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 set. 1995, p. 35.

⁵⁰¹ Homossexualismo – Tentativa de homicídio. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 21 out. 1995, p. 24.

⁵⁰² *Desencana*. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 12 nov. 1995, Revista DC, p. 01-12.

⁵⁰³ Cadáver é encontrado em viaduto. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 nov. 1995, p. 23.

02 dez 1995	A partir da indústria cultural , especialmente influenciado por artistas da música como Madonna e produções cinematográficas, emerge o chamado <i>Universo Drag</i> , e lentamente as <i>drag queens</i> de Florianópolis passam a ganhar espaço em colunas e fotos publicadas pelo jornal e a participar de festas como hostess ou animadoras. A <i>drag queen Vogue</i> , nome de uma das músicas da cantora acima citada, será uma presença frequente no jornal durante algum tempo. ⁵⁰⁴	Notícia – as drag queens ganham espaço
21 dez. 1995	Em meio ao início dos escândalos envolvendo padres, crianças e adolescentes em casos de pedofilia ao redor do mundo, é lançado pelo Vaticano um manual normativo da sexualidade , e os atos homossexuais são postos como intrinsecamente desordenados e contrários à lei natural . ⁵⁰⁵	Notícia – Vaticano a homossexualidade
24 e 24 dez. 1995	“Essa iniciativa do Poder Público visou precipuamente defender o interesse coletivo em que a vida sexual se desenvolva de maneira regular, de acordo com os princípios da moral e dos bons costumes ”. De posse de 108 mandatos de prisão, em especial de cafetinas e ruifões, centenas de prostitutas são detidas durante a Operação Calígula, em combate à “libertinagem na sociedade local” e mulheres que aproveitam viagens dos maridos para fazerem dinheiro “rolando em outras camas”. ⁵⁰⁶	Notícia – Operação Calígula, em nome da moral e dos bons costumes, detêm de centenas de prostitutas
12 jan.	Nicole e Fabíola, travestis , são presas, acusadas de tentar	Notícia – travestis

⁵⁰⁴ Perfis do universo drag. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 03 dez. 1995, Revista DC, p. 10.

⁵⁰⁵ Vaticano lança manual da sexualidade. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 21 dez. 1995, p. 39.

⁵⁰⁶ Mercado do sexo – Combate à prostituição se acirra. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 24 e 25 dez. 1995, p. 48-52.

1996	assaltar um motorista que passava pelo chamado <i>Vale das Bonecas</i> , região de meretrício na BR-470, próxima de Blumenau. O motorista alegou ter parado para oferecer carona. Nada foi divulgado sobre a versão das travestis para o ocorrido; ⁵⁰⁷	acusadas de roubar. Não são ouvidas sobre sua versão dos fatos
08 fev. 1996	Antônio, também conhecido por Pompom ou Glorinha , foi encontrado em avançado estado de putrefação em sua residência, na Praia do Campeche, Florianópolis. A última pessoa a ser vista adentrando o terreno foi um homem de moto, não identificado; ⁵⁰⁸	Notícia – homicídio
Fev./ Mar. 1996	Em sua coluna, Sérgio da Costa Ramos publica diversos textos nos quais a identificação drag é utilizada em tom de deboche, escárnio; ⁵⁰⁹ Dias depois, chama a “Sapatão” de degenerescência , uma contaminação da costela de Adão que atingiu algumas mulheres; ⁵¹⁰	Crônicas de S. da C. Ramos – deboche contra drags; lésbicas são degenerescência
03 abr. 1996	Em sua coluna, Luiz Carlos Prates afirma que “Desajustados mentais aparecem pelados na televisão dizendo-se “naturistas”. Drag-Queens são convidados especialíssimos dos programas de auditório [...] Não falta mais nada. Os indecentes tomaram o poder; ” ⁵¹¹	Crônica de L. C. Prates – contra as drags, indecentes tomaram o poder
13 abr. 1996	Após 3 meses de extorsões, ameaças com facão e ácido sulfúrico e violências contra prostitutas e travestis que	Notícia – responsável por ameaças,

⁵⁰⁷ Travestis pedem carona e acabam assaltando motorista. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 12 jan. 1996, p. 28.

⁵⁰⁸ Encontrado morto dentro de casa. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 08 fev. 1996, p. 42.

⁵⁰⁹ Como exemplo, ver: RAMOS, Sérgio da Costa. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 06 mar. 1996, p. 39.

⁵¹⁰ RAMOS, Sérgio da Costa. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 09 mar. 1996, p. 39.

⁵¹¹ PRATES, Luiz Carlos. “Totolati”. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 03 abr. 1996, Variedades, p. 02.

	trabalhavam na Praça XV e na Avenida Hercílio Luz, é preso o portador do vírus HIV João, de 40 anos. Quando atacava suas vítimas, João mantinha relações sexuais preferencialmente com as travestis; ⁵¹²	extorsões e estupros, João é preso
06 maio 1996	O arquiteto uruguaio Ambrósio é encontrado em estado de putrefação sua residência, na cidade de Garopaba. ⁵¹³ Ambrósio foi encontrado com uma cinta ao redor do pescoço e a garganta cortada e, segundo a Polícia, “tinha por costume hospedar amigos bem mais jovens em sua residência, patrocinando festinhas”. ⁵¹⁴ Sua família reclamou da superficialidade do trabalho feito pela perícia policial, e obteve como resposta “Não temos bola de cristal nem os sofisticados equipamentos americanos [...]”. ⁵¹⁵	Notícia - homicídio
12 maio 1996	A travesti Renata toma-se o primeiro exemplo no periódico de possibilidades de formação de laços familiares e sentimentais. Renata adotara uma menina, portadora do vírus HIV, e dividia-se entre a prostituição e a maternidade. A história, publicada em Porto Alegre, foi reproduzida pelo DC no chamado mês das mães; ⁵¹⁶	Notícia – a travesti Renata torna-se mãe
14 maio 1996	O caderno Variedades do jornal anuncia: Mercado homossexual em alta; ⁵¹⁷	Notícia Homossexualidade e

⁵¹² Maniáco é identificado. Diário Catarinense, Florianópolis, 13 abr. 1996, p. 27.

⁵¹³ Arquiteo é degolado em Garopaba. Diário Catarinense, Florianópolis, 06 maio 1996, p. 33.

⁵¹⁴ Delegado ouve autor de homicídio em Garopaba. Diário Catarinense, Florianópolis, 07 maio 1996, p. 39.

⁵¹⁵ Crime em Garopaba – Perícia diz que apenas 1 pessoa matou uruguaio. Diário Catarinense, Florianópolis, 11 maio 1996, p. 29.

⁵¹⁶ BRUM, Eliane. A força do amor – Travesti adota menina com Aids. Diário Catarinense, Florianópolis, 12 maio 1996, p. 45.

⁵¹⁷ Mercado homossexual em alta. Diário Catarinense, Florianópolis, 14 maio 1996, Variedades, p. 02.

		lucratividade
31 maio 1996	Com 4 tiros, é morta em Florianópolis a travesti Brenda Lee , 46 anos, conhecida nacionalmente por ser uma das primeiras pessoas a recolher e tratar portadoras/es do vírus da Aids no Brasil . ⁵¹⁸	Notícia – homicídio
08 jun. 1996	Dois menores assumem, em Chapecó, a autoria do homicídio do fotógrafo Adelson . Segundo eles, haviam sido levados para seu apartamento para fazerem um programa. O fotógrafo levou uma paulada na cabeça, uma facada na garganta e foi asfixiado . ⁵¹⁹	Notícia – homicídio
22 jul. – 20 ago. 1996 – maio 1997	É preso no interior do Rio Grande do Sul e transferido para Florianópolis Domingos, o suspeito de cometer o “ Crime da Lagoa ”. Ocorrido em novembro de 1995, o corpo do jovem pedreiro Adenir, conhecido por Didi , 23 anos, apresentava 22 facadas (ou 26, dependendo da versão publicada) no tórax , estava degolado e seu pênis e testículos foram decepados e colocados em sua barriga. ⁵²⁰ Posteriormente, dois outros homens foram indiciados por ajudar Domingos a praticar o homicídio. Um dos acusados “cantou” Didi, prometendo um programa. ⁵²¹ Dois dos acusados foram a júri popular em 1997 e , por falta de provas, foram considerados inocentes . O terceiro já cumpria pena por outro crime no RS. ⁵²²	Notícia – homicídio Notícia – júri inocenta acusados

⁵¹⁸ Travesti – Morte e doações. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 31 maio 1996, p. 35.

⁵¹⁹ Dois menores são os matadores do fotógrafo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 jun. 1996, p. 27.

⁵²⁰ Investigação – Preso suspeito de matar pedreiro. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 22 jul. 1996, p. 30.

⁵²¹ Inquérito sobre crime é concluído. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 ago. 1996, p. 38.

⁵²² Jurados absolvem dois dos acusados de matar pedreiro. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 22 maio 1997, p. 46.

15 ago. 1996	Sérgio da Costa Ramos relembra os tempos em que ser desviante era ser um “leproso social”, um pária que causava desgosto, rejeição da família e degredo por ser “marica” e afirma que a discriminação se reverteu. “Falta pouco para os homens de verdade serem apontados na rua [...] Sou do tempo em que homem que era homem não beijava homem”. Por fim, sugere a criação do que chama de uma ONG de maior importância, a “Associação dos Heterossexuais Unidos” . ⁵²³	Crônica de S. da C. Ramos – a discriminação se reverteu. É urgente criar a Associação dos Heterossexuais Unidos
06 set. 1996	Em Sombrio, C.R.A., de 16 anos, assume ter sexualmente e matado um menino de 8 anos . Segundo o delegado responsável pelo caso, o mesmo rapaz teria amarrado e jogado em uma lagoa um homossexual , mas a tentativa de homicídio não teve êxito. ⁵²⁴	Notícia – adolescente violenta e mata criança. Já havia tentado matar um homossexual
08-10 set. 1996	Em uma série de reportagens sobre <i>Os Segredos do sexo</i> , publicadas na seção <i>Geral</i> do jornal, uma das notícias escrita pela repórter Chuchi Silva mostra o dia-a-dia, a rotina doméstica, descreve a residência e o trabalho do casal Eduardo e Isabelle, intitulada Rapaz descobre com travesti o grande amor . Isabelle saíra de Blumenau como homem homossexual para se transformar na travesti Isabelle em Florianópolis, e segundo a repórter o casal pretendia realizar uma cerimônia simbólica de casamento em breve. ⁵²⁵ Dois dias depois, a	Notícia – o amor entre uma travesti e seu noivo Notícia – violência contra as travestis que trabalham nas ruas

⁵²³ RAMOS, Sérgio da Costa. Machões e Maricões. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 15 ago. 1996, p. 59.

⁵²⁴ Menor que violentou e matou garoto está preso. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 set. 1996, p. 35.

⁵²⁵ Segredos do sexo – Rapaz descobre com travesti o grande amor. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 set. 1996, p. 44-45.

	<p>mesma série de reportagens abordaria a violência praticada contra as travestis que trabalhavam nas ruas, pois eram visíveis as marcas de ovos e tomates jogados contra elas nas paredes onde faziam ponto;⁵²⁶</p>	
28 set. 1996	<p>Pouco citado ou mesmo conhecido, nessa data o jornal anunciou o resultado de um plebiscito realizado em 9 cidades do Brasil que apontou que 68,15% das 5627 pessoas que votaram aprovaram o projeto de união civil entre pessoas do mesmo sexo, 1.151/95, encabeçado pela então deputada Marta Suplicy (PT – SP);⁵²⁷</p>	<p>Notícia – plebiscito em 9 cidades aponta que 68,15% aprovam união entre pessoas do mesmo sexo</p>
02 fev. – 28 mar. 1997	<p>“Dercionei pensa e age como mulher e quer se transformar em uma”. A legenda da foto do vigia de São Bento do Sul que desejava ajuda para a cirurgia de redesignação sexual e algumas cirurgias plásticas, calculadas então em torno de 50 mil reais, revelava mais que uma mulher transexual, Jéssica, com aparência de um corpo masculino: “Sei que muitos acham que sou retardado, mas só estou perseguindo um sonho”. Dercionei trabalhava em uma fábrica de móveis e se apaixonou por um de seus colegas. Tiveram relações sexuais, e seu “indiscreto amante”, como intitulou o jornal, contou para outros funcionários. Segundo Dircionei, passou então a sofrer assédio constante de homens que ameaçavam contar ao gerente “sua condição”. Forçado a fazer sexo com vários funcionários que o chantageavam, o próprio</p>	<p>Notícia – rapaz pede ajuda para cirurgias plásticas e de redesignação sexual. Perdera emprego por “sua condição” (então homossexual).</p> <p>Notícia – passa a traficar para arrecadar dinheiro e é preso</p>

⁵²⁶ Segredos do sexo – Violência também cria seus dramas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 set. 1996, p. 31.

⁵²⁷ Plebiscito aprova união civil entre homossexuais. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 set. 1996, p. 21.

	Dircionei resolveu contar “sua opção” à direção da indústria e as ameaças que sofria. Foi imediatamente demitido, junto a outros 15 homens. ⁵²⁸ Sem patrocínio, Dercioni (como o jornal passa a chama-lo em março) foi preso ao ser encontrado com ovos de páscoa recheados de cocaína. ⁵²⁹	
11 fev. 1997	Enquanto <i>drags</i> , travestis e homens hetero, bi ou homossexuais travestidos se divertiam durante o Carnaval, Sérgio da Costa Ramos lançava seu texto, citado no primeiro capítulo, no qual afirmava ser a travesti proveniente de uma fauna barulhenta inventada pelo diabo . ⁵³⁰	Crônica de S. da C. Ramos – travesti é uma invenção do diabo
25 mar. 1997	O corpo de um homem nu, morto a pauladas e com lesões no ânus , vítima de violência sexual, é encontrado em São José, sem qualquer identificação. ⁵³¹	Notícia - homicídio
04 abr. 1997	No bairro Serraria, cidade de São José, o corpo da travesti Soraya , 25 anos, é encontrado com um “golpe certo no peito, perto do coração” . ⁵³²	Notícia - homicídio
08 jun. 1997	Em mais uma de suas crônicas do cotidiano, Sérgio da Costa Ramos reclama que as cuecas encolheram de tamanho, e como a maioria dos estilistas era <i>gay</i> , apostava que as responsáveis pela invenção de cuecas menores eram “sapatões de coturno alto e barba por fazer. Elas sempre tiveram inveja	Crônica de S. da C. Ramos – cuecas menores são coisas de sapatão com inveja do falo

⁵²⁸ SABEDRA, Jefferson. Vigia sonha em mudar de sexo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 02 fev. 1997, p. 42-43.

⁵²⁹ Tráfico – Rapaz escondia cocaína dentro de ovos de Páscoa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 mar. 1997, p. 38.

⁵³⁰ RAMOS, Sérgio da Costa. Invenções de Carnaval. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 fev. 1997, p. 39.

⁵³¹ Desocupado acusado de homicídio se apresenta à polícia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 mar. 1997, p. 53.

⁵³² Travesti é assassinado a facada. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 abr. 1997, p. 51.

	<p>da nossa vírgula, áspide erótica que vira hífen ou travessão. Informadas com a inércia de seu ponto final, essas viragos estão empenhadas em estrangular nosso [...] passaro da juventude [...] nosso documento de identidade”;⁵³³</p>	
<p>30 jun. 1997</p>	<p>O jornal noticia sobre a Primeira Parada do Orgulho GLT – gays, lésbicas e travestis da cidade de São Paulo. Escaneada por columnistas do jornal, o evento foi publicado na seção Geral sob a chamada Cidadania e como uma busca de apoio ao projeto de parceria civil entre pessoas do mesmo sexo. Os números iniciais foram de 400 participantes. Ao final, o movimento sugeria que havia mil pessoas, e a Polícia, 600.⁵³⁴ Cabe lembrar que em alguns anos, transformar-se-ia em uma das maiores Paradas do mundo;</p>	<p>Notícia – I Parada de Orgulho GLT de SP</p>
<p>01 ago. 1997</p>	<p>O jornal anuncia <i>O novo perfil da Aids: “o soropositivo brasileiro é hoje predominantemente jovem e heterossexual”</i>;⁵³⁵</p>	<p>Notícia – o novo perfil da Aids é jovem e heterossexual</p>
<p>11 set. 1997</p>	<p>No interior da cidade de Maravilha, João afirmou manter relacionamentos sexuais há tempos com o jornalista Ademar. Na data em que o esfaqueou e quebrou seu peçoço, início de maio de 1997, afirmou que haviam bebido cervejas e o matou. A Polícia trabalhava com a hipótese de queima de arquivo, e registrou o homicídio como latrocínio, matar para roubar. João e sua esposa Dileta tornaram-se</p>	<p>Notícia - homicídio</p>

⁵³³ RAMOS, Sérgio da Costa. Cuequinhas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 jun. 1997, p. 83.

⁵³⁴ Cidadania – Homossexuais fazem passeata em São Paulo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 jun. 1997, p. 39.

⁵³⁵ O novo perfil da Aids. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 ago. 1997, p. 02.

	<p>notícia por terem se tornado pais. Ela, que usara cheques do jornalista, teve um bebê, cujo destino era incerto.⁵³⁶</p> <p>Foi publicada no Diário Oficial da União, segundo o DC, a resolução do Conselho Federal de Medicina de realizar cirurgias de redesignação sexual em hospitais universitários de todo o país que desenvolvessem pesquisas;⁵³⁷</p>	<p>Notícia – redesignação sexual poderia passar a ser feita em HUs</p>
<p>25 set. 1997</p>	<p>A 5ª Edição do Festival Mix Brasil de Diversidade Sexual – Cinema e Vídeo traria, entre 21 e 23 de novembro, após temporada em São Paulo, uma versão menor para Florianópolis, com filmes exibidos na UFSC e no CIC voltados para o público GLS. “Os rapazes alegres e as meninas da Sapataria Brasil irão à loucura”, segundo o jornal.⁵³⁸</p>	<p>Notícia - 5ª Edição do Festival Mix Brasil de Diversidade Sexual vem, em versão menor, à Florianópolis</p>
<p>19 nov. 1997</p>	<p>Maristela, leitora-autora de Florianópolis, enviou carta ao jornal, na qual apoiou a divulgação do Festival Mix, mas achou que “a finalização foi extremamente infeliz, na medida em que se reveste de um sentimento preconceituoso, claro e explícito” que segundo ela iria “mais uma vez reforçar a errônea imagem de gays e lésbicas fazendo uso de adjetivos [...]”.⁵³⁹</p>	<p>Carta – a notícia sobre o Festival utilizava termos preconceituosos</p>

⁵³⁶ Nasce filho de envolvida em crime. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 set. 1997, p. 55.

⁵³⁷ Saúde – Autorizada a mudança de sexo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 set. 1997, p. 40.

⁵³⁸ Mix Sexual. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 nov. 1997, p. 03.

⁵³⁹ Diversidade Sexual. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 nov. 1997, Diário do Leitor, p. 39.

30 nov. 1997	Todos os acusados de envolvimento no homicídio do colunista Norton foram então absolvidos, por falta de provas; ⁵⁴⁰	Notícia – todos os acusados do Caso Norton são absolvidos
11 fev. 1998	Ao se referir a uma travesti presa, pela primeira vez um delegado tem sua fala empregada no feminino, apesar de a/o jornalista responsável pela notícia usar o masculino. “Simone trabalhava de empregada e estava vendendo cocaína para o traficante que está foragido”, diria o delegado. Ela queria ir para a casa de detenção feminina, mas seria levada ao presídio masculino; ⁵⁴¹	Notícia – delegado utiliza feminino para se referir à travesti. Jornalista prefere usar masculino
03 mar. – 31 mar. 1998	Uma das poucas referências positivas a lésbicas é publicada na coluna de Cacau Menezes. Tratava-se de uma menina da Lagoa da Conceição, “lésbica assumida, que namora as melhores da área [...]”. Participavam de uma festa e impressionavam pela beleza e demonstrações de afeto; ⁵⁴² Em contrapartida, Sérgio da Costa Ramos, em comentário sobre a queda nas vendas de lingerie, afirma ao final do mesmo mês que “Ninguém vai comprar mais roupa de baixo só porque as modelos estão sugerindo uma <i>cena lesbian-chic</i> . Quem é desse “time”, usa mesmo é calça comprida e botina.” ⁵⁴³	Coluna social de Cacau Menezes – elogio a uma lésbica da cidade. Crônica de S. da C. Ramos – lésbicas não usam lingerie, só calça comprida e botina
27 abr.	Encontrada em um ponto frequentado por travestis e casais de	Notícia - homicídio

⁵⁴⁰ SOUZA, Colombo de. Falta de provas absolve acusados no caso Norton. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 nov. 1997, p. 62.

⁵⁴¹ Travesti detido em flagrante com cocaína. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 11 fev. 1998, p. 33.

⁵⁴² MENEZES, Cacau. Poderosa. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 03 mar. 1998, Variedades, p. 03.

⁵⁴³ RAMOS, Sérgio da Costa. As calcinhas e a pílula. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 31 mar. 1998, p. 63.

1998	namorados, entre a Via Expressa (BR-282) e a Avenida Ivo Silveira, Florianópolis, a travesti Roberta tinha parte de suas roupas no meio da rua e levava dois tiros, um na virilha e outro no abdômen. Levada ao Hospital Florianópolis, não resistiu aos ferimentos; ⁵⁴⁴	
07 maio 1998	O Mix Café , atualmente um dos bares desviantes mais antigos da Ilha, promovia em seu primeiro ano de funcionamento festas “ só para elas ”, referindo-se possivelmente a mulheres heterossexuais , visto que os strippers eram homens paulistanos com “a aparência dos deuses gregos” e a festa era seletiva. Além disso, promovia jantares, coquetéis e exposições artísticas; ⁵⁴⁵	Notícia - Mix Café, hoje ambiente desviante, iniciou como espaço hetero/simpatizante
09 maio 1998	Em Joinville, o médico Antônio conheceu Marcelo, 34 anos , por meio do Disque-Amizade (Serviço Telefônico prestado pelo número 145, onde várias pessoas podiam dialogar ao mesmo tempo). Conversavam há mais de dois meses por celular quando decidiram se conhecer pessoalmente. Antônio o convidou para ir a sua casa , mas Marcelo apareceu com mais dois homens. Foi colocado no porta-malas de um carro, de mãos amarradas, e após ter alguns pertences roubados foi executado em uma estrada, com 2 tiros. A quadrilha, já procurada por outros crimes, foi presa. Era	Notícia - homicídio

⁵⁴⁴ Identificado travesti morto na Capital. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 abr. 1998, p. 29.

⁵⁴⁵ Show especial só delas no Mix Café. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 maio 1998, Variedades, p. 02.

	<p>suspeita de ter participado de um caso semelhante, a morte de Rogério, em janeiro do mesmo ano.⁵⁴⁶</p> <p>O jornal dedica 9 de suas 12 páginas da Revista DC a matérias sobre o Orgulho Gay, título da Capa da publicação nessa data. Segundo a jornalista Adriana Baldissarelli, o Mercado Mundo Mix (MMM), espaço de comércio quinzenal realizado em um galpão de São Paulo, teria criado e difundido pelo país a sigla GLS, para aglutinar as mais variadas tribos e famílias, ditas “simpatizantes”. O caderno trazia depoimentos sobre relações homoafetivas, ensinava a montar-se como uma Drag, explicava as diferenças entre hetero, bi, gay, travesti, transexual, drag, lésbica e transformista, além de homossexual, termo detalhadamente explicado, inclusive o errôneo uso de “ismo”, que indicaria doença (homossexualismo), além de divulgar livros sobre as temáticas;⁵⁴⁷</p>	<p>Revista DC – dedicada ao universo desviante, ao Orgulho Gay. Apresenta uma versão sobre a criação da sigla GLS, de função mercadológica. Feiras, produtos, livros, CDs – produções voltadas a esse público</p>
<p>28 jun. 1998</p>	<p>Tendo como enfoque central “Todos ficaram repletos do Espírito Santo”, 3 eventos eram anunciados ao DC pelo arcebispo metropolitano dom Eusébio para a Semana da Família: missa familiar, noite em louvor à família e almoço da família. Em seus comentários sobre famílias formadas por pessoas do mesmo sexo, afirmou: “É uma tragédia. Gay é</p>	<p>Notícia/Entrevista - arcebispo metropolitano dom Eusébio afirma: “Gay é gente pela metade. Se é que são.”</p>
<p>05 – 06 – 10 ago. 1998</p>		

⁵⁴⁶ Esclarecido assassinato do médico em Joinville. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 09 maio 1998, p. 28.

⁵⁴⁷ Orgulho Gay. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 jun. 1998, Revista DC, p. 01-04 / 06-10 / 12.

	<p>gente pela metade. Se é que são. Não é solução entregar crianças para eles criarem, mas sim para famílias”;⁵⁴⁸ A primeira reação veio de Cacau Menezes, no dia seguinte. Sob o título <i>Preconceito</i>, seu texto afirmava “Mas o que é isso, D. Eusébio!”⁵⁴⁹ Em seguida de Cartas, que chamaram a afirmação de “infeliz e nefasta”, “mostra de desamor”, “ataque ao próximo”, “desconhecimento histórico”, dentre outros qualificativos;⁵⁵⁰</p>	<p>Coluna social de Cacau Menezes – primeira reação</p> <p>Cartas – diversas contra a afirmação</p>
<p>30 ago. 1998</p>	<p>Na <i>Revista DC</i>, é lançada uma coleção de CDs “fervidinhos com som de três décadas”. Era a estreia de um selo GLS e a expansão do mercado voltado ao público desviante;⁵⁵¹</p>	<p>Revista DC – CDs e selo GLS lançados</p>
<p>04 out. 1998</p>	<p>O boliviano Oscar, 42 anos, após usar cocaína e causar tumulto por estar tendo alucinações em um bar no bairro Rio Vermelho, Florianópolis, é levado por uma viatura da Polícia Ambiental às 10h05min. 16 minutos depois, é transferido para uma viatura da Polícia Militar. Só dá entrada no Hospital de Caridade, porém, às 13h20min. Morre 2 dias depois, segundo o prontuário médico com “pênis inchado e com escoriações, bolsa escrotal sem pele, ferimento no ânus, hemorragia interna e sem resposta ao comando verbal”. O legista do IML, entretanto, ignorou as informações do Hospital e registrou sua morte como</p>	<p>Notícia – morte ou homicídio, após violência sexual e física, possivelmente da Polícia Militar</p>

⁵⁴⁸ CNBB prepara Semana da Família. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 05 ago. 1998, p. 31.

⁵⁴⁹ MENEZES, Cacau. *Preconceito*. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 06 ago. 1998, p. 31.

⁵⁵⁰ Como exemplo, ver: *Diário do Leitor: Diário Catarinense*, Florianópolis, 10 ago. 1998. *Diário do Leitor*, p. 31.

⁵⁵¹ Na batida do arco-íris. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 ago. 1998, *Revista DC*, p. 12.

	<p>“overdose de cocaína”, o que provocou críticas e busca de advogados pela família;⁵⁵²</p> <p>Quase dez anos após a Carta que reclamava sobre a “nefasta” visibilidade travesti citada em capítulo anterior, outra chega ao jornal, escrita por Jorge, de São José: “Gostaria que a polícia civil ou militar respondesse como devemos explicar aos nossos filhos pequenos o que são aqueles travestis, em trajes sumários, “fazendo ponto” [...] no bairro Capoeiras, em Florianópolis, todos os dias [...] para tudo deve existir hora e local apropriados. Esta tolerância das autoridades, com certeza, tem outros reflexos (negativos) na sociedade [...]”;⁵⁵³</p>	
20 out. 1998		Carta – a visibilidade travesti tem consequências negativas na sociedade
20 a 22 nov. 1998	<p>É trazida à Florianópolis a 6ª Edição (nacional) e 2ª Edição (da cidade) do Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual, realizada no CIC;⁵⁵⁴</p> <p>Oito travestis são detidas durante a noite em Jaraguá do Sul e soltas na manhã seguinte. Foram denunciadas por um morador da região onde trabalhavam, que acusava todas de “atos obscenos”;⁵⁵⁵</p>	Notícia - 2ª Edição (da cidade) do Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual
03 dez. 1998		Notícia – 8 travestis detidas por atos obscenos
Dez. 1998 – Jan.	<p>Uma declaração do padre e cantor pop-religioso Marcelo Rossi sobre “querer ajudar homossexuais a superar essa condição” provoca discussões acaloradas, trocas de</p>	Cartas – algumas a favor e várias contra a ajuda para superar a

⁵⁵² Morte de boliviano na Capital gera polémica. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 out. 1998, p. 36.

⁵⁵³ Travestis. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 out. 1998, Diário do Leitor, p. 46.

⁵⁵⁴ Sexualidade em questão. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 nov. 1998. Variedades, p. 01.

⁵⁵⁵ TOLAZZI, Raquel. Flagrante – Travestis causam tumulto por atos. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 03 dez. 1998, p. 38.

1999	insultos, réplicas e trélicas em cartas publicadas no Diário do Leitor. ⁵⁵⁶ Ainda em fevereiro de 1999, o jornal receberia cartas relacionadas ao assunto;	homossexualidade oferecida por padre Marcelo Rossi
11 jan. 1999	A feira paulista quinzenal MMM é trazida à Florianópolis , segundo a repórter “mostrando aos catarinenses a moda e o comportamento dos grandes centros”, “novidades e tendências do mundo fashion que dificilmente chegariam por aqui” e “fez despertar o apetite consumista”, ⁵⁵⁷	Mercado Mundo Mix vem à Florianópolis
14 jan. – 23 jan. 1999 – set. 1999	A leitora-autora Lurdes denuncia a “ libertinagem explícita ” das noites no aterro da Baía Sul , lugar de “ promiscuos e exibicionistas ” que praticam diversos tipos de “ obscenidades, desde a individual até a grupal [...] com a chegada dos turistas [...] a orgia é sem limites ”. ⁵⁵⁸ Já Amarildo sentiu-se “ estuprado com olhares ” nos banheiros do Terminal Rodoviário Rita Maria , verdadeiros motéis opcionais, gratuitos. Estava perplexo com tamanha obscenidade; ⁵⁵⁹ Em setembro, seria a vez dos banheiros da Biblioteca Pública do Estado serem alvo de denúncia do leitor-autor Paulo. ⁵⁶⁰ As cartas apontam, portanto, espaços utilizados para encontros e relações sexuais furtivas, como diria o historiador James Green;	Cartas – leitora fala sobre a libertinagem e as orgias no Aterro da Baía Sul – leitor se sente estuprado por olhares em banheiros da Rodoviária – leitor reclama do assédio na Biblioteca Pública do Estado

⁵⁵⁶ Como exemplo, ver as cartas que ganharam como título “Padre polêmico 1, 2, 3”. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 03 jan. 1999, Diário do Leitor, p. 54.

⁵⁵⁷ ROSA, Renata. Um mundo novo e colorido. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 jan. 1999, Variedades, p. 04.

⁵⁵⁸ As escuras. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 jan. 1999, Diário do Leitor, p. 50.

⁵⁵⁹ No banheiro. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 jan. 1999, Diário do Leitor, p. 46.

⁵⁶⁰ Assédio. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 set. 1999, Diário do Leitor, p. 30.

07 fev. 1999	A <i>Revista da TV</i> do jornal divulga que a <i>drag queen</i> seria a repórter que cobriria o Carnaval de 1999 para o Jornal do Almoço , programa da grade da RBS TV Florianópolis; ⁵⁶¹	Notícia – drag queen torna-se repórter do Carnaval para a RBS TV Florianópolis
01 abr. 1999	Na cidade de Rio Negrinho, Adriano, jardineiro, “rapaz quieto, trabalhador e honesto”, saiu de casa para receber um pagamento. Foi abordado por 2 adolescentes de 15 e 17 anos e por Gerson, desempregado de 22, todos bêbados, que moravam no mesmo bairro e queriam seu dinheiro. Como ainda não havia recebido, foi estapeado na rua, arrastado para o mato, onde levou chutes e socos. Suas roupas foram tiradas, seu cinto usado como coleira em seu pescoço, foi obrigado a ficar de joelhos e estuprado “A.S.M. foi por trás dele, e o E.L.N. , na boca dele. Quando o cara ia morder, o E.L.N. pegava uma pedra e dava na cabeça dele”. Após o estupro e desfalecido, Adriano foi amarrado em trilhos. Seu corpo foi encontrado destroçado, o que impossibilitou a confirmação do abuso sexual pela perícia. Porém, foi confirmado por Gerson, após ter sido denunciado pelos adolescentes. Detidos, todos assumiram a autoria de seus crimes; ⁵⁶²	Notícia – tentativa de roubo, estupro, homicídio com requintes de crueldade
25 maio 1999	A RBS TV e o Diário Catarinense ganharam o “Troféu Mix Café Melhores de 1998” como “Melhor Mídia	RBS TV e Diário Catarinense ganham

⁵⁶¹ Drag Queen. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 fev. 1999, Revista da TV, p. 02.

⁵⁶² FELKL., Aline; TOLAZZI, Raquel. Matadores queriam o dinheiro do jardineiro. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 abr. 1999, p. 28.

	<p>Eletrônica e Melhor Mídia Impressa”. Na notícia, era anunciado que o “preconceito contra o universo GLS parece estar com os dias contados, pelo menos em Santa Catarina [...] E para premiar aqueles que contribuem para isso que o Mix Café, junto com Luiz Obregon, criou o Troféu [...]”⁵⁶³;</p>	<p>prêmio por contribuir a tornar o preconceito contra desviantes algo com os dias contados em SC</p>
<p>23 jun. 1999</p>	<p>Em uma quarta-feira, sob o título <i>Plumas & Paetês</i>, a columnista Juliana Wosgraus anuncia: “A Ilha entra no circuito oficialmente. Neste domingo vai ter a 1ª Parada Gay de Florianópolis, em comemoração ao Dia do Orgulho Gay. Auê começa em frente à Dançeteria Chandon, às 18 horas, e se estende pelas principais ruas da cidade”⁵⁶⁴.</p>	<p>Coluna de Juliana Wosgraus – Notícia sobre a 1ª Parada Gay de Florianópolis</p>

⁵⁶³ Uma noite do arco-íris. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 maio 1999, Variedades, p. 05.

⁵⁶⁴ WOSGRAUS, Juliana. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 jun. 1999, Variedades, p. 03.

Não, definitivamente não se vivia em um Estado em que o preconceito contra desviantes estava em vias de desaparecer. Tanto o que era divulgado por cronistas do jornal quanto as notícias sobre as barbáries praticadas contra esse público ou mesmo algumas cartas, selecionadas, editadas e publicadas, atestam a afirmação feita na *Introdução* desse trabalho. Não obedecemos a leis por elas serem justas, mas porque elas têm autoridade, e esta autoridade repousaria apenas no crédito que as concedemos – nelas acreditamos, um ato de fé que justificaria a alusão ao caráter místico de sua autoridade. Submeter-se à Lei promulgada em 1994, na cidade de Florianópolis, seria ir contra uma série de preceitos, de regras, de moralidades, de condutas consideradas normais, naturais, ou, em outras palavras, seria desafiar as normas de gênero vigentes. Coibir a discriminação por orientação sexual, apesar de se tornar uma Lei, definitivamente não teve crédito, não se tornou um ato de fé, não ganhou força de autoridade.

No entanto, as relações de poder e restrições normativas que produzem e regulam os seres corporais, os sexos e as diferenças sexuais baseadas no imperativo heterossexual, foram gradualmente deslocadas. O campo da abjeção sofreu modificações, e parte dos desejos, corpos e seres abjetos e invisíveis entraram para o campo da, digamos, normalidade excêntrica, da possibilidade de ser, existir, perdendo parte do caráter de injúria na forma como eram interpeladas/os, dependendo de por quem fora escrito o texto, em qual coluna ou seção apareceram, em que tipo de notícia.

As transições foram lentamente ocorrendo, especialmente a partir de iniciativas das/os próprias/os sujeitas/os e suas denúncias, lutas e sofrimentos cotidianos, como busquei exemplificar. Por fim, descobriu-se a diversão paródica representada pelas *drag queens* e um amplo mercado consumidor, ávido por ser atendido por comércios, indústrias, serviços e festas, além das carnavalescas já municipalmente patrocinadas desde 1993, mas, principalmente, pelo setor turístico, como se verá adiante. Comodidades conquistadas, audaciosamente afirmo, não apenas pelo trabalho de uns poucos comerciantes, industriais e políticos, mas de militantes e do sangue derramado de dezenas de anônimas/os, muitas/os das/os quais essa pesquisa, infelizmente, sequer permitiu captar fragmentos de suas histórias de vida, apenas suas trágicas mortes.

Por fim, Santa Catarina, representada principalmente por sua Capital, transformou-se, discursivamente, em um paraíso. Em setembro de 1998, anunciava-se que, segundo a ONU, o Estado teria o quarto melhor índice de desenvolvimento humano do país, e das 80 cidades

com melhor padrão de vida, 16 seriam catarinenses. Florianópolis seria a segunda melhor Capital do Brasil para se viver.⁵⁶⁵ O leitor-autor Marco Antônio traria certa dose de cínico realismo à comemorativa notícia lançada pelo DC:

Felicidade

Mesmo que tenha que pagar caro por um transporte coletivo quase nada eficiente; mesmo que tenha que dividir o espaço das calçadas com “marreteiros”, pedintes e menores abandonados; mesmo sabendo que não tem posto telefônico, sanitários decentes e nem mesmo um relógio público que funcione em seu principal terminal rodoviário – o Rita Maria –, por onde transitam milhares de passageiros e turistas; mesmo que presencie diariamente diferenças sociais absurdas, eu sou feliz.

Afinal, vivo na Capital nº 1 do Brasil!⁵⁶⁶

Acrescento às reclamações de Marco as inundações na Grande Florianópolis, causadas não por chuvas, mas pela subida das marés, que impossibilitavam o acesso ao aeroporto, ao Sul da Ilha, e inundava casas e bairros em Florianópolis e São José.⁵⁶⁷

O poder público, atento a algumas das reclamações como a de Marco, organizaria uma “operação pente-fino”, influenciada pelo novaiorquino *Projeto Tolerância Zero*, a *Operação Varredura*. A mando da então prefeita Angela Amin, as Polícias Civil e Militar e assistentes sociais da prefeitura fizeram rondas diárias para retirar das ruas “mendigos, pessoas embriagadas ou que estejam provocando desordem”, operação para “garantir a segurança do cidadão, para que possa exercer o direito de ir e vir”, segundo a prefeita. Assim, em rondas de recolhimento diárias realizadas por dezenas de policiais, cerca de 250 adultos e 80 crianças, além de “pessoas suspeitas”, foram tiradas/os de circulação, levadas/os para albergues ou delegacias, reencaminhadas/os para famílias e outras localidades, algumas delas cidades de origem das/os “desordeiras/os”, e em alguns casos, despejo em cidades

⁵⁶⁵ SC tem quarta melhor qualidade de vida do país. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 set. 1998, p. 01-04.

⁵⁶⁶ Felicidade. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 15 set. 1998, Diário do Leitor, p. 43.

⁵⁶⁷ Maré sobe e inunda acessos. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 abr. 1999, p. 24.

distantes.⁵⁶⁸ Medidas cosméticas, pois a cidade continuou a crescer desordenada, clandestina e insalubremente, abrigo para os refúgios humanos que se queria esconder em amplas áreas de risco e parcas condições de vida, higiene, saúde, educação ou transportes. Anos depois, em 2005, chegariam a 1488 os moradores de rua de Florianópolis.⁵⁶⁹

Enquanto Florianópolis se tornava “mais segura”, a especulação imobiliária avançava. Aparecia então o Norte da Ilha como bom investimento, assim como os bairros Itacorubi, Lagoa da Conceição, Coqueiros. E, finalmente, despontava a fama de “qualidade de vida” atribuída ao bairro Jurerê Internacional e o início das construções milionárias que hoje o bairro – a Miami de Florianópolis – ostenta.⁵⁷⁰ Além disso, emergia também o discurso sobre o turismo gay: “Quente, exótico, com um povo cordial e muita gente bonita, o país reúne os requisitos essenciais para o turismo gay [...]”. Desviantes apareciam como uma ótima oportunidade para segmentar o setor, pois “dispõem de muito mais dinheiro para gastar em lazer e compras do que as demais pessoas, que têm famílias para sustentar”.⁵⁷¹ E, em 2002, o jornal anunciaria a chegada de uma nova leva de moradoras/es à Florianópolis: “consumidores de alto poder aquisitivo que estão vindo morar na cidade”, todos bem-vindos, influenciando os negócios da cidade e trazendo “restaurantes finos, alta-costura e decoração de primeira”.⁵⁷²

Apoiado e divulgado pelo *Grupo RBS* e seu jornal, o *Diário Catarinense*, estavam lançadas as novas imagens sobre o Estado de SC e sua Capital, que em poucos anos se tornaria, teoricamente, um paraíso desviante.

⁵⁶⁸ Prefeita faz pente-fino na Capital. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 mar. 1999, p. 27.

⁵⁶⁹ GONÇALVES, Michael. Capital tem 1488 moradores de rua. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 out. 2005, p. 37.

⁵⁷⁰ Estudo mostra bairros onde imóvel vale mais. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 21 mar. 1999, p. 20-21.

⁵⁷¹ Turismo gay. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 abr. 1999, p. 03.

⁵⁷² Ricos descobrem Florianópolis. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 03 fev. 2002, p. 14.

CAPÍTULO 3 - POSSÍVEIS OLHARES SOBRE UMA PARADA

[...] Pois as pessoas pagam e querem
 Que algo lhes seja mostrado em troca do dinheiro
 Mas quando alguém esconde sua nudez como um
 peixe pode
 Não pode esperar nenhum aplauso [...].

Os sete pecados capitais dos pequeno-burgueses,
 Bertold Brecht

3.1 - PARADA, VERÃO, PRECONCEITOS E LEIS

Era fim de junho de 1999 quando foi realizada a *I Parada Gay de Florianópolis*. Em notícias publicadas sobre o evento, a ênfase foi dada à palavra “orgulho”, tanto em textos quanto em títulos. Uma das participantes afirmou que “não temos que dizer que somos orgulhosos por sermos gay. Nós temos orgulho de sermos seres humanos [...]”.

Uma foto datada de 1998 e publicada pelo jornal no mesmo período mostrava que a iniciativa de realização de uma parada fora anterior, mas com mínima adesão. Reunidas/os na escadaria do Rosário, Centro da Capital, a imagem apresentava seis pessoas, três de pé e três sentadas e, segundo o jornal, naquele dia de 1998 “rolou um pouco de tudo: performances, declamação de poesia e discursos rápidos”. Esperava-se um público maior para aquele ano de 1999, mas de acordo com o que foi divulgado era grande o medo de ser vista/o por “chefe, pelos pais, pelos colegas de trabalho” em uma parada de orgulho *gay*.

O “medo” e a “vergonha” deram a esta primeira parada da Capital uma característica pouco usual para tais eventos, realizados anualmente em várias cidades do mundo. Era noite, e muitas das cerca de cem pessoas que acompanharam a parada, que saiu do Centro da cidade em direção à Avenida Beira-Mar Norte, preferiram seguir a manifestação dentro de seus carros. A “carreata” *gay*, no entanto, foi considerada um sucesso, pois segundo um dos idealizadores era improvável reunir tanta gente - cem pessoas - “numa cidade em que ainda é difícil assumir publicamente uma orientação sexual que não seja a hetero”.⁵⁷³ Um dos entrevistados não identificado, por exemplo, teria dito que era tranquilo para ele se assumir “na noite”, provável referência

⁵⁷³ Um desfile que é puro orgulho. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 jun. 1999, p. 21.

ao fato de frequentar locais voltados para o público desviante, mas que não iria fazer daquilo uma bandeira.⁵⁷⁴

O que foi veiculado leva a crer que, em 1999, buscava-se a possibilidade de visibilidade, por meio de acesso, permanência e manifestação em um espaço público hostil a desejos, práticas e afetividades desviantes. Paradoxos vivenciados entre o medo de ser visto e o desejo de ser reconhecido, a reivindicação de visibilidade por meio da manifestação pública da existência coletiva de um grupo invisível⁵⁷⁵ atravessava as poucas falas divulgadas então. O delinear de zonas limítrofes entre o aceitável e a ameaçadora presença de seres e práticas relegados à impossibilidade, de corpos e sujeitas/os deslegitimadas/os, como a marcante frase “orgulho de sermos seres humanos” leva a crer. A expectativa de o evento entrar para o calendário oficial, divulgada pelo DC, no entanto, ainda não vingaria. A visibilidade, porém, aumentava.

Com o apoio da Prefeitura de Balneário Camburiú, o jornal divulgou o evento que escolheria a *Miss Brasil Gay 99 – etapa Santa Catarina*,⁵⁷⁶ e em seguida lançou uma reportagem sobre a dupla jornada de uma conhecida *drag* do Estado - Maurício, professor de História e Geografia de dia - Céia Pentelhuda, artista pela noite.⁵⁷⁷ Capas da revista *G Magazine* passaram a ganhar espaço no jornal⁵⁷⁸ e as campanhas contra a Aids passavam a anunciar que “é um problema nosso”, trazendo imagens de executivos casados e com filhos, jovens casais heterossexuais, rapazes musculosos, dourados de sol e sorte com namoradas.⁵⁷⁹ Da desomossexualização à heterossexualização, em pouco mais de uma década.

O preconceito, no entanto, continuava a ser denunciado pelo colunista Cacau Menezes, que ao fim do ano da parada, afirmava ser o Brasil ainda repleto de problemas. “Achamos que somos avançados [...] Mas, experimente, dois homens ou duas mulheres namorem em algum lugar público e vejam o escândalo.”⁵⁸⁰

⁵⁷⁴ Para abalar Floripa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 26 jun. 1999, Variedades, p. 01.

⁵⁷⁵ Para tal, ver: BOURDIEU, op. cit., 2011, p. 143-149.

⁵⁷⁶ Miss Brasil Gay é hoje na New Heaven. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 17 jul. 1999, Variedades, p. 07.

⁵⁷⁷ Trabalhar é um prazer. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 jul. 1999, Revista DC, p. 02.

⁵⁷⁸ Revista com Róger chega às bancas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 out. 1999, Esportes, p. 43.

⁵⁷⁹ Como exemplo, ver as campanhas **Sorria para a vida**, de novembro de 1999. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 12 nov. 1999, p. 36.

⁵⁸⁰ MENEZES, Cacau. Modernos e atrasados. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 dez. 1999, p. 63.

Entre paredes, no entanto, novos espaços se abriam, como a *SoHo*, do estilista Rae,⁵⁸¹ e nas ruas, garotos entre 14 e 21 anos, da cidade ou vindos de várias regiões e Estados ganhavam dinheiro vendendo seus corpos a turistas e locais, em geral mais velhos e casados.⁵⁸² Durante o Carnaval de 2000, o famoso Roma, com “pessoas de bom nível”, apresentou uma celebração “jamais vista”. “Florianópolis [...] já pode reivindicar para si o título de maior Carnaval gay do país. E não pensem que isso irá prejudicar a imagem da cidade. Dá é um tremendo ibope”, diria Cacau, que contabilizara entre 7,9 e 8 mil pessoas GLS, em sua maioria casais de mulheres “abraçadas, apaixonadas, carinhosas” e alguns poucos casais de homens.⁵⁸³ Nem tudo fora perfeito, no entanto:

Vergonha!

Essa foi de lascar. Ou melhor, envergonhar: gays de várias partes do país que vieram para o Carnaval de Florianópolis, numa das tardes, a caminho do Deca, no canto da praia Mole, foram recebidos com pontapés nas bundas, tapas nos rostos e ainda tiveram óculos, bonés e sandálias roubadas por uma gangue de idiotas [...] A polícia foi chamada e pra variar, como tem sido comum por aqui, nada fez. [...] Os trogloditas gritavam frases como “a praia é nossa”, “fora”, “veado não” e batiam nos turistas [...] Num dos bares onde esses civilizados defensores da falsa moralidade barbarizaram no Carnaval, um garçom negou-se a atender um cliente. Por ser gay. [...]”⁵⁸⁴

Enquanto a coluna social de Cacau Menezes denunciava o preconceito de “gangues de idiotas” e reprovava a atitude do garçom, que 13 anos depois repetira a discriminação ocorrida em Joinville acima citada, anunciava uma das edições do evento internacional Fazendo Gênero, discutia sobre homo, bi e heterossexualidade, divulgava projetos de criminalização da homo-lesbo-transfobia, discorria sobre as

⁵⁸¹ WOSGRAUS, Juliana. Ferveção. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 jan. 2000, Variedades, p. 03.

⁵⁸² PEREIRA, Alessandra. Parte dos clientes é composta por homens casados. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 31 jan. 2000, Diário do Leitor, p. 18-19.

⁵⁸³ MENEZES, Cacau. Modernos e atrasados. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 mar. 2000, p. 43.

⁵⁸⁴ MENEZES, Cacau. Vergonha! **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 mar. 2000, p. 63.

campanhas de prevenção contra o HIV, em especial entre jovens, e anunciava novos espaços desviantes na Ilha, como o *The Pub*, outro cronista do jornal, Sérgio da Costa Ramos, convocava leitores de sua coluna para uma marcha, “uma *Passeata do Orgulho Heterossexual* em torno da Praça XV”, em “tímida reação às avassaladoras marchas do *Orgulho Gay* e seus *flamboyants* simpatizantes”.⁵⁸⁵

Não satisfeito, o mesmo cronista revoltou-se com a falta de “bom humor” GLS, que o “açoitou com chicotes, botinas e pétalas de rosas” por ter convocado os “verdadeiros machos” para uma parada “hetero-pura”:

Quer dizer: os “gays” já tem a imprensa, as ruas e as academias – as dos scholars e as de ginástica, sem falar nas saunas. O que querem mais?

O problema dos *homos* é que eles, não satisfeitos com seu neo-reconhecimento, ainda querem “exportar a sua revolução”. Como Voltaire, defendendo até a morte o direito ao homossexualismo, mas quero intocado o meu direito de permanecer hetero praticante e convicto.⁵⁸⁶

Dois dias depois, seria anunciada para agosto sua futura entrada para a *Academia Catarinense de Letras*, cadeira 19, de onde imortalizaria seu “humor”.⁵⁸⁷ Eram comuns seus ataques não apenas a travestis ou ao movimento desviante que crescia e cujos números em paradas por outros Estados subiam, mas também a “lésbicas masculinizadas”, “feministas que queriam ser homens”. As mulheres deveriam “abjurar” o “feminismo feroz”.⁵⁸⁸

Em contrapartida, era da coluna social de Cacau Menezes que surgia, pela primeira vez, a referência a uma Florianópolis como “Capital gay”, ainda em 2001, utilizada como título de uma nota sobre um evento que poderia ocorrer na cidade:

⁵⁸⁵ RAMOS, Sérgio da Costa. Marcha. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 jun. 2000, Variedades, p. 04.

⁵⁸⁶ RAMOS, Sérgio da Costa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 jul. 2000, Variedades, p. 04.

⁵⁸⁷ WOSGRAUS, Juliana. Agora imortal. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 jul. 2000, Variedades, p. 03.

⁵⁸⁸ RAMOS, Sérgio da Costa. Grandes mulheres. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 09 mar. 2001, Variedades, p. 02.

Capital gay

Lideranças nacionais de movimentos homossexuais pediram informações sobre a infraestrutura de Florianópolis que os possa orientá-los a definir de vez a capital catarinense como sede de um evento gay de âmbito internacional [...]⁵⁸⁹

Se o evento ocorreu, nada foi noticiado a respeito. Florianópolis ainda era “provinciana” demais para aceitar desviantes e desvio como algo corriqueiro, nas palavras do mesmo colunista. Ao divulgar que grande parte do público que foi ao show da cantora Ana Carolina, ao final de junho de 2001, o colunista afirmou ser grande o número de “L da famosa tribo”, o que causou reclamações e sua resposta intitulada *Vamos crescer!*⁵⁹⁰

Capital provinciana ou não, a única notícia sobre mobilização em homenagem ao *Dia do Orgulho Gay* foi de Blumenau, interior de SC, onde oito militantes entregavam panfletos nas escadarias da Catedral da cidade, ofendidos por um motoqueiro que os mandou tomar “vergonha na cara”, ele mesmo escondido por um capacete. A vergonha e a rejeição ainda predominavam na cidade, como atestou Valmir, “obrigado a ter que descer do ônibus porque estava de mãos dadas com o namorado”.⁵⁹¹ Já em Florianópolis, era anunciado mais uma versão do MMM, que segundo o jornal “deixou de ser um reduto gay, estigma que possuía até pouco tempo”.⁵⁹²

Se o mundo comercial precisava recusar o rótulo *gay* para aumentar seu público, o universo político piorava a situação. Em artigo posto em um *box* intitulado como “Opinião” na seção de *Política* do jornal, em geral sem tal rótulo e muitos dos textos não assinados, a Subeditora da seção Adriana Baldissarelli denunciou o “Requerimento 402-01”, proposto pelo pastor e deputado Adelor Vieira (PMDB) e aprovado pela Assembleia Legislativa, que pedia que deputados federais votassem contra o projeto de parceria civil de Marta Suplicy (PT-SP), pois estavam “convictos de que a única solução para o homossexualismo, o bissexualismo e o lesbianismo é o arrependimento e o abandono de tais práticas”. A subeditora ainda denunciou que, em 10

⁵⁸⁹ MENEZES, Cacau. Capital gay. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 maio 2001, p. 39.

⁵⁹⁰ MENEZES, Cacau. Vamos crescer! **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 jun. 2001, p. 39.

⁵⁹¹ ANTONELLO, Sérgio. Grupo marca a passagem do Dia do Orgulho Gay. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 jun. 2001, p. 24.

⁵⁹² FEIJÓ, Márcia. Uma feira para os sem preconceito. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 jul. 2001, Variedades, p. 01.

de abril de 2001, a mesma Assembleia “rejeitou a emenda constitucional proposta pela deputada Ideli Salvati (PT) que propunha a inclusão da livre orientação sexual entre os direitos individuais e fundamentais protegidos pelo artigo 4º da Constituição do Estado”. Como bem definiu Adriana, era a “fina flor do preconceito”.⁵⁹³ Em Chapecó, semelhante moção foi enviada por 3 vereadores, e a *Comunidade Gay de Chapecó* acionou um advogado para interpela-los judicialmente. Alsari Balbinot (PMDB), justificaria sua iniciativa afirmando que “o Estado deve preservar valores que fortaleçam a família e a sociedade”.⁵⁹⁴

Da Capital, início de outubro de 2001, anunciava-se a venda para uma rede de farmácias, após 24 anos de funcionamento, do famoso *Bar Roma*. Enquanto perdia-se um espaço considerado “palco cultural, político, artístico” e especialmente desviante em períodos de Carnaval,⁵⁹⁵ a coluna de Cacau Menezes denunciava o aumento dos crimes contra homossexuais, “aqui em Santa Catarina inclusive”, e comentava sobre pesquisa realizada no Rio de Janeiro, apontando como advogados, promotores e juízes davam a impressão de que “as vítimas contribuíram para a sua morte. [...] o que haverá de tão ameaçador num homossexual, que motiva sua morte brutal?”,⁵⁹⁶ perguntava-se o colunista. Dias depois anunciaria que 8 homossexuais haviam sido assassinados só aquele ano em Florianópolis.⁵⁹⁷ Além dos crimes bárbaros, a visibilidade de prostitutas e travestis também era combatida de forma inovadora. Segundo a mesma coluna, em dezembro de 2001, um site fora colocado no ar para postar fotos das placas e marcas de carros que paravam na Avenida Central do Kobrasol para pegar as meninas que lá trabalhavam.⁵⁹⁸

Com a chegada do período de Verão, os discursos mudavam de direção, e o *Diário de Verão* anunciava em sua capa, ilustrada por dois homens de mãos dadas, que os *Gays assumem espaços nas areias da Ilha sem barreiras*.⁵⁹⁹ Entre o vergonhoso preconceito vivenciado na

⁵⁹³ BALDISSARELLI, Adriana. A fina flor do preconceito. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 ago. 2001, Opinião – Política, p. 39.

⁵⁹⁴ DEBONA, Darci. Vereadores são acusados por discriminar gays. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 set. 2001, Política, p. 09.

⁵⁹⁵ BASTOS, Ana. Bar Roma fecha após 24 anos. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 out. 2001, p. 27.

⁵⁹⁶ MENEZES, Cacau. Homossexuais e a justiça. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 out. 2001, p. 39.

⁵⁹⁷ MENEZES, Cacau. Assustam. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 out. 2001, p. 39.

⁵⁹⁸ MENEZES, Cacau. Entregação. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 21 dez. 2001, p. 47.

⁵⁹⁹ Gays assumem espaços nas areias da Ilha sem barreiras. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 fev. 2002, Diário de Verão, p. 01.

Praia Mole em 2000 e o ano de 2002, as areias se tornaram “democráticas”, segundo o suplemento do jornal. Seu texto sobre o Bar do Deca, no entanto, apontava que

Há uns quatro anos colocaram fogo aqui no bar, queimaram tudo. Pior, de vez em quando há casos de clientes agredidos na praia quando estão saindo, por trás das dunas. Também já picharam palavras ofensivas nas pedras do costão, o que não deixa de ser agressão. [...] as pessoas não gostam de ser identificadas como gays, têm vergonha ou medo que isso as comprometa profissionalmente.⁶⁰⁰

A reportagem continuava, afirmando ser Florianópolis o segundo destino preferido do público GLS, atrás apenas da cidade do Rio de Janeiro, e apontando, além do *Bar do Deca* e seu endereço na Praia Mole, os espaços GLS em funcionamento então e suas localizações, o *Mix Café*, a *Danceteria Concorde*, a *Chandon Danceteria Bar* e o *The Pub*, todos localizados no Centro da Capital, além de citar a escolha da *Rainha Gay*, ou posteriormente conhecido apenas por *PopGay* como uma dos principais atrativos da cidade. E menos de um mês depois, Florianópolis teria um dos três maiores *sites* voltados para o agora chamado público GLBTS (gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e simpatizantes). Era lançado o portal *Fervo*, que disponibilizaria uma agenda atualizada com a “programação gay de Floripa, além de artigos, noticiário, dicas sobre sexo, militância e direitos [...] um site de informações, cultura e entretenimento”.⁶⁰¹ O referido endereço eletrônico continua no ar, mas aparentemente parou de ser atualizado no início de 2013.

O combate ao preconceito sairia das colunas sociais em novembro de 2002. “É o silêncio que permite a sobrevivência do preconceito e da discriminação”. Repleta de depoimentos de psicólogos e relatos de jovens que se assumiram publicamente como desviantes, ilustrada por imagens de famosas/os homossexuais, o DC traria a discussão ao âmbito da família, e mães e pais eram instruídas/os a como lidar com a complexa fase da adolescência em que o medo, a insegurança e a ansiedade poderiam levar ao retraimento e à solidão.

⁶⁰⁰ Mundo GLS – Tom da alegria. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 fev. 2002, Diário de Verão, p. 04-06.

⁶⁰¹ MENEZES, Cacau. *Fervo*. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 mar. 2002, p. 39.

Marquinhos (provável nome fictício, como alertara a repórter), de 22 anos, assumiu-se aos 20 e diria que “Meu pai queria me levar num médico, para tratar o meu ‘problema’, que é como ele chamava minha orientação sexual. Até hoje ele acha que sou doente”. Começou a trabalhar e alugou um apartamento para morar sozinho. Estimulando o diálogo e a revelação, a reportagem apontava o despreparo das escolas em lidar com o assunto. “Nos colégios, esta questão não existe”, diria a repórter.⁶⁰² A população também voltava a se mobilizar. Em celebração ao *Dia Mundial de Luta Contra a Aids*, centenas de pessoas, mesmo sob chuva, acompanharam as manifestações no Largo da Alfândega, Centro de Florianópolis, cujo tema escolhido foi *Preconceito e Discriminação*.⁶⁰³

No Verão de 2003, os “sinais dos tempos” mostravam que o mercado imobiliário voltado ao turismo também teria de se adaptar. Ondina, 70 anos, recebera ligação de paulistas que queriam alugar sua casa na Lagoa da Conceição para 3 casais. Ao se deparar com 6 rapazes, a senhora demorou a se convencer de que aqueles eram os 3 casais.⁶⁰⁴ E, completando 10 anos de sucesso, a escolha das “misses Drag Queen e Beauty Queen” do já chamado “tradicional” *Pop Gay* reuniu aquele ano aproximadamente 10 mil pessoas.⁶⁰⁵

Era 04 de abril de 2003 quando, por fim, transformava-se também em Lei a proibição de discriminação por orientação sexual no Estado de Santa Catarina, agora com punições previstas, e não apenas uma coibição.⁶⁰⁶

LEI Nº 12.574, de 04 de abril de 2003

Dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual e adota outras providências.

⁶⁰² BEVILACQUA, Viviane. O momento de contar aos pais. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 24 nov. 2002, p. 30-32.

⁶⁰³ RODRIGUES, Patrícia. Chuva não impede manifesto. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 nov. 2002, p. 18.

⁶⁰⁴ MENEZES, Cacau. Sinais dos tempos. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 fev. 2003, p. 39.

⁶⁰⁵ BARAUNA, Giancarlo. Milhares assistem aos transformistas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 mar. 2003, p. 24.

⁶⁰⁶ SANTA CATARINA. Lei 12.574/03. Dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual e adota outras providências. **Diário Oficial do Estado de Santa Catarina**, Santa Catarina, 04 abr. 2003, N°. 17.130, p. 02-03.

Eu, Deputado Volnei Morastoni, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, de acordo com o disposto no art. 54, § 7º, da Constituição do Estado e do art. 304, § 1º, do Regimento Interno, promulgo a presente Lei:

Art. 1º Serão punidos, nos termos desta Lei, toda e qualquer manifestação atentatória ou discriminatória praticada contra qualquer cidadão ou cidadã homossexual, bissexual ou transgênero.

Art. 2º Consideram-se atos atentatórios e discriminatórios aos direitos individuais e coletivos dos cidadãos e cidadãs homossexuais, bissexuais ou transgêneros, para os efeitos desta Lei:

I - submeter o cidadão ou cidadã homossexual, bissexual ou transgênero a qualquer tipo de ação violenta, constrangedora, intimidatória ou vexatória, de ordem moral, ética, filosófica ou psicológica;

II - proibir o ingresso ou permanência em qualquer ambiente ou estabelecimento público ou privado, aberto ao público;

III - praticar atendimento selecionado que não esteja devidamente determinado em lei;

IV - preterir, sobretaxar ou impedir a hospedagem em hotéis, motéis, pensões ou similares;

V - preterir, sobretaxar ou impedir a locação, compra, aquisição, arrendamento ou empréstimo de bens móveis ou imóveis de qualquer finalidade;

VI - praticar o empregador, ou seu preposto, atos de demissão direta ou indireta, em função da orientação sexual do empregado;

VII - inibir ou proibir a admissão ou o acesso profissional em qualquer estabelecimento público

ou privado em função da orientação sexual do profissional; e

VIII - proibir a livre expressão e manifestação de afetividade do cidadão ou cidadã homossexual, bissexual ou transgênero, sendo estas expressões e manifestações permitidas aos demais cidadãos e cidadãs.

Art. 3º São passíveis de punição o cidadão ou cidadã, inclusive os detentores de função pública, civil ou militar, e toda e qualquer organização social ou empresa, com ou sem fins lucrativos, de caráter privado ou público, instaladas neste Estado, que intentarem contra o que dispõe esta Lei.

Art. 4º A prática dos atos discriminatórios a que se refere esta Lei será apurada em processo administrativo, que terá início mediante:

I - reclamação do ofendido;

II - ato ou ofício de autoridade competente; e

III - comunicado de organizações não-governamentais de defesa da cidadania e direitos humanos.

Art. 5º O cidadão e a cidadã homossexual, bissexual ou transgênero que for vítima dos atos discriminatórios poderá apresentar sua denúncia pessoalmente ou por carta, telegrama, telex, via internet ou fax ao órgão estadual competente e/ou a organizações não-governamentais de defesa da cidadania e direitos humanos.

§ 1º A denúncia deverá ser fundamentada através da descrição do fato ou ato discriminatório, seguido da identificação de quem faz a denúncia, garantindo-se, na forma da lei, o sigilo do denunciante.

§ 2º Recebida a denúncia, competirá à Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania promover a

instauração do processo administrativo devido para apuração e imposição das penalidades cabíveis.

Art. 6º As penalidades aplicáveis aos que praticarem atos de discriminação ou qualquer outro ato atentatório aos direitos e garantias fundamentais da pessoa humana serão as seguintes:

I - advertência;

II - multa de R\$1.000 (um mil reais);

III - multa de R\$ 3.000 (três mil reais);

IV - suspensão da licença estadual para funcionamento por trinta dias; e

V - cassação da licença estadual para funcionamento.

§ 1º As penas mencionadas nos incisos II a V deste artigo não se aplicam aos órgãos e empresas públicas, cujos responsáveis serão punidos na forma do Estatuto dos Funcionários Públicos.

§ 2º Os valores das multas serão corrigidos a partir da data da publicação desta Lei pela taxa de juros do Sistema Especial de Liquidação e de Custódia - SELIC -, podendo ser elevados em até dez vezes quando for verificado que, em razão do porte do estabelecimento, resultarão inócuas.

§ 3º Quando for imposta a pena prevista no inciso V supra, deverá ser comunicada à autoridade responsável pela emissão da licença, que providenciará a sua cassação, comunicando-se, igualmente, a autoridade municipal para eventuais providências no âmbito de sua competência.

Art. 7º Aos servidores públicos que, no exercício de suas funções e/ou em repartição pública, por ação ou omissão deixarem de cumprir os dispositivos da presente Lei, serão aplicadas as

penalidades cabíveis nos termos do Estatuto dos Funcionários Públicos.

Art. 8º O Poder Público disponibilizará cópias desta Lei para que sejam afixadas nos estabelecimentos e em locais de fácil leitura pelo público em geral.

Art. 9º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 10. Revogam-se as disposições em contrário.

PALÁCIO BARRIGA-VERDE, em
Florianópolis, 04 de abril de 2003

Deputado Volnei Morastoni
Presidente

3.2 - FLORIANÓPOLIS: O NOVO PARAÍSO GAY DO BRASIL

“Florianópolis é uma das capitais brasileiras com menos índice de preconceito em relação à comunidade gay [...]”, diria a transexual e ativista Katielly, que participara da Parada Gay de São Paulo de 2003, com quase 800 mil pessoas, e admirava-se de uma cidade eleger um deputado homossexual, Nilton Machado, conhecido por Duduco.⁶⁰⁷ A elogiada cidade tinha em sua Universidade Federal, entretanto, advogados que defendiam “a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar.” A UFSC fora então condenada a pagar pensão a E.M.F., homem que mantivera uma relação estável e monogâmica com o professor A.P.Z, e a Universidade decidira recorrer da decisão.⁶⁰⁸ A relatora que analisou o recurso da Universidade, em 2006, “entendeu que o pagamento do benefício é um direito e que a Constituição consagra o princípio da igualdade em detrimento da “discriminação preconceituosa”.”⁶⁰⁹ A sentença previa o pagamento retroativo e acrescido de juros e correção monetária.

Ainda em julho de 2003, enquanto pouco a pouco ganhava espaço o discurso sobre o pouco preconceito de Florianópolis, secretários de turismo de Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis uniram-se em uma série de reuniões para definir um projeto de combate à sazonalidade, lançar campanhas publicitárias e roteiros turísticos: “Campanha atingirá casais em lua-de-mel, jovens, aposentados, gays, lésbicas e bissexuais”, diria a chamada. “Queremos atrair o turista de qualidade, aquele que vem de avião, e vai conhecer a cidade, vai a restaurantes, enfim, vai gastar dinheiro” diria o Secretário de Turismo de Florianópolis.⁶¹⁰

Em nota comemorativa, Cacau Menezes afirmava que um especialista italiano em marketing viria à Florianópolis para dar dicas de como abrir o mercado, pois “Santa Catarina se prepara para explorar um filão de negócio dos mais rentáveis no setor de turismo. É o turismo GLS”,⁶¹¹ e dias depois era anunciada a palestra sobre *Turismo GLS*, patrocinada pela prefeitura de Florianópolis no CentroSul, “uma

⁶⁰⁷ MENEZES, Cacau. Floripagay. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 jun. 2003, p. 39.

⁶⁰⁸ UFSC condenada a pagar pensão a homossexual. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 jul. 2003, p. 27.

⁶⁰⁹ Homossexual terá direito à pensão. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 abr. 2006, p. 34.

⁶¹⁰ SANTOS, Karla. Sul unido no combate à sazonalidade. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 jul. 2003, p. 19.

⁶¹¹ MENEZES, Cacau. GLS. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 09 ago. 2003, p. 39.

oportunidade de novos negócios”, sob o título *Santa Catarina quer conquistar os GLS*.⁶¹²

Como uma das estratégias do DC para conquistar tal público, era lançada em sua revista dominical, *Donna DC*, a comovente matéria sobre *O amor que ousa dizer o nome*. Ao texto “Depois de anos de batalha por respeito e direitos, casais de gays e lésbicas deixam os guetos e vão em busca de reconhecimento legal para as uniões homossexuais”, seguiam-se depoimentos de casais de gays e lésbicas em uniões estáveis, que buscavam mais direitos, sentirem-se cidadãs e cidadãos plenos.⁶¹³ Poucas foram as cartas divulgadas então pelo jornal contra a reportagem, e logo em seguida um evento divulgado pela mesma reportagem iria para a coluna de Cacau Menezes, o *Sappho em cena*, mostra de filmes de homossexualidade feminina realizado no CIC.⁶¹⁴

O mesmo colunista diria que amigos que se consideravam “traídos, injustiçados, ofendidos, humilhados e até culpados”, pois descobriram que seus filhos eram gays, e afirmava que o “mundo mudou. Ser gay, hoje, não pega pra mais ninguém. Nem pra que é e muito menos para os pais. O importante é ser feliz”⁶¹⁵, e confirmava que o maior *site* voltado ao público GLS então, o *Mix Brasil*, colocava Florianópolis como segundo destino preferido por desviantes para passar o Carnaval. “Deixa vir. Gente alegre não faz mal a nada”.⁶¹⁶ Era o novo filão do turismo, que aparecia inclusive em comerciais de televisão.

De Blumenau, comemoravam-se os 6 meses de casamento simbólico entre Adilson e Leomar, que afirmavam ser as manifestações de solidariedade maiores que as de hostilidade.⁶¹⁷ Ao lado da comemoração dos rapazes, a notícia sobre o preocupante preconceito entre adolescentes. “Um em cada quatro jovens brasileiros não gostaria de ter um colega homossexual”, principalmente rapazes, para quem seria como se “sua virilidade e masculinidade estivessem em risco e sendo desafiadas”.⁶¹⁸

⁶¹² MONTEIRO, Gisele kakuta. Santa Catarina quer conquistar os GLS. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 13 ago. 2003, p. 22.

⁶¹³ O amor entre iguais. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 07 set. 2003, Donna DC, p. 01/10-13.

⁶¹⁴ MENEZES, Cacau. Lésbicas. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 02 out. 2003, p. 47.

⁶¹⁵ MENEZES, Cacau. Impacto. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 09 jan. 2004, p. 39.

⁶¹⁶ MENEZES, Cacau. Meca. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 10 fev. 2004, p. 39.

⁶¹⁷ LIESENBERG, Susan. A felicidade livre de preconceitos. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 14 mar. 2004, p. 30.

⁶¹⁸ Jovem brasileiro é preconceituoso. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 14 mar. 2004, p. 30.

O preconceito, no entanto, perdia espaço e o próprio jornal passava a policiar seus cronistas. A coluna de Sérgio da Costa Ramos, em março de 2004, foi a primeira delas. Intitulada *Comunhão de cuecas* e publicada no *Donna DC* de 14 de março de 2004, o cronista falava sobre o “fim dos tempos”, ironizava a “comunhão de cuecas” ou as “mulheres unidas pelas botinas” afirmava que as pessoas traziam “suas intimidades para a rua, no irresistível desejo de chocar, transgredir as leis da natureza” reclamava sobre beijos que as mulheres ousavam dar e dizia que só “falta agora os bigodões aderirem ao indecoroso ósculo” e ainda se perguntava “Onde já se viu convite de casamento ter que esclarecer se a benção será ministrada a Noivos Machões ou Mulherões?”⁶¹⁹ Não apenas leitoras/es-autoras/es afirmaram-se surpresos de receberem em casa “tamanho ultraje”, um “preconceito exacerbado e ridículo”, a admiração pelo jornal deixar publicar “tamanha barbárie” e o pedido para que entidades tomassem as devidas providências,⁶²⁰ mas o próprio colunista foi obrigado a retratar-se:

O mundo foi ficando assim: irrespirável. As pessoas foram perdendo o que se chamava outrora de bom humor, a própria linguagem [...] intolerância, o livre pensar e a livre opinião assumidas como “ofensa”. O diálogo ficou difícil [...] – Está rindo de que? – interpelavam os guardas da Polícia do Pensamento. [...] Uma das maiores virtudes do povo brasileiro, a circunstância de não levar-se tão “a sério”, conjugando a vida com a generosa capacidade de rir de si mesmo, foi desaparecendo [...] Os graus de intolerância chegaram ao zênite da rabugice [...] **Alguns leitores me atribuem o mau gosto de uma crônica “homófoba”, contra homossexuais. Recebo a crítica da mesma forma que acolho o elogio: com respeito e humildade. Percebo, porém, com tristeza, que o mundo de hoje não está mesmo para brincadeira.** (grifos meus).⁶²¹

⁶¹⁹ RAMOS, Sérgio da Costa. *Comunhão de cuecas*. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 14 mar. 2004, *Donna DC*, p. 06.

⁶²⁰ Como exemplo, ver: Crônica (I e II). *Diário Catarinense*, Florianópolis, 17 mar. 2004, *Diário do Leitor*, p. 38.

⁶²¹ RAMOS, Sérgio da Costa. *Bom dia*. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 18 mar. 2004, *Variedades*, p. 04.

O imortalizado Sérgio recusava a ver-se como preconceituoso, cujos textos difundiam homofobia, e o cronista retratou-se colocando a culpa na falta de humor, no que chamou de *Polícia do Pensamento*. Como se vê, os próprios cronistas do jornal, em princípios de 2004, agora passavam pelo crivo do “politicamente correto”, citado anteriormente nesta dissertação, percebendo-se que o movimento de controle discursivo caminhava em paralelo a novas oportunidades geradas pela conquista de um público e suas/seus simpatizantes, que aumentavam em tamanho, visibilidade, potencialmente ampliadas pelas possibilidades de ganhos comerciais e financeiros. Cacau Menezes citaria, por exemplo, uma reportagem da revista *Época* sobre o turismo GLS em cidades como Florianópolis, setor que já chagava a movimentar bilhões de dólares anualmente.⁶²²

Aquele seria também o ano do lançamento do programa *Brasil sem Homofobia*, um dos marcos simbólicos para a luta por direitos, cidadania e contra as violências e crimes praticados contra desviantes no país.⁶²³ A data, 25 de maio, também traria a divulgação de pesquisas do Ministério da Educação revelando que, entre professores brasileiros, “59,7% [...] declararam ser inadmissível que uma pessoa possa ter experiências homossexuais, e 21% disseram não desejar ter como vizinhos homossexuais.”⁶²⁴ Da infância à vida adulta, predominava a aprendizagem, o ensino, a repetição de normas de gênero homofóbicas, heterossexualmente direcionadas, como leva a crer a declaração de Jussi, 72 anos, que afirmara que seu filho não conseguira se formar em Medicina na UFSC por ser homossexual.⁶²⁵

As medidas em busca de mudanças, no entanto, transformavam também as escolhas do periódico para anunciar notícias sobre o desvio. Sob a chamada *Comportamento*, era então anunciado que a *Parada do Orgulho Gay de São Paulo*, que se tornara a maior de toda a América Latina e se transformara em uma miríade de eventos durante uma semana, seria então patrocinada pelo Ministério da Cultura: “Não repassamos recursos para um movimento social, mas para um movimento cultural”.⁶²⁶

⁶²² MENEZES, Cacau. Arco-íris. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 maio 2004, p. 55.

⁶²³ MENEZES, Cacau. Arco-íris. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 24 maio 2004, p. 27.

⁶²⁴ Professor discrimina homossexual. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 maio 2004, p. 21.

⁶²⁵ A década em que seu filho estudou na instituição, no entanto, não fazia parte da nota publicada. MENEZES, Cacau. Sem Censura. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 12 jun. 2004, p. 31.

⁶²⁶ Comportamento – Ministério da Cultura dá verba para Parada Gay. MENEZES, Cacau. Arco-íris. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 jun. 2004, p. 33.

O desvio, portanto, tornara-se algo culturalmente definido, em palavras literais, ou sinônimo de “alegria” e “liberdade”, como diria a notícia sobre a Parada realizada em Blumenau em 21 de junho de 2004, amadrinhada pela “extravagância” de Elke Maravilha e que reunira mais de mil pessoas, entre “homens e mulheres homossexuais, centenas de curiosos e simpatizantes [...] jovens, idosos e crianças.”⁶²⁷ Já em Curitiba, a movimentação ganhara o nome de *Parada da Diversidade*, para “não chocar os conservadores” e Cacau Menezes reclamava:

As entidades do mundo GLS de Florianópolis não criaram coragem para promover sua parada na Capital catarinense. Dizem que a patrulha e a discriminação ainda são intoleráveis. Pode ser. Mas é preciso quebrar tabus. E deve começar por quem os enfrenta.⁶²⁸

A reclamação do colunista renderia uma pequena nota afirmando que “custou, mas saiu”, e uma nota informava que Florianópolis realizaria em 29 de agosto de 2004 sua “primeira Parada Gay”. O evento, porém, além de não ser o primeiro, não chegou a ser realizado.⁶²⁹

A discriminação, de fato, era grande. Um professor universitário, por exemplo, teve seu carro “riscado e com palavras ofensivas” no estacionamento da Universidade onde lecionava, referindo-se ao fato de ser desviante.⁶³⁰ Porém, era também combatida. A brasileira Marta e a inglesa Lesley, casal há 12 anos, resolveram mudar-se da Inglaterra para Florianópolis. Como o visto da inglesa estava vencido e ela resolvera voltar à Inglaterra de férias, temia não poder voltar ao Brasil. O judiciário catarinense, no entanto, entendeu a união estável das duas e citou uma resolução do Conselho Nacional de Imigração, “que prevê a concessão de visto para cônjuge de cidadão brasileiro. O objetivo da regra é proteger a unidade familiar.” Decisão louvável, mas, coincidentemente ou não, a repórter terminava seu texto informando que o objetivo do casal era abrir uma “empresa de turismo receptivo”, para divulgar o Sul do Brasil e atrair ingleses ao país.⁶³¹

⁶²⁷ Arco-íris espanta o preconceito em Blumenau. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 21 jun. 2004, p. 21.

⁶²⁸ MENEZES, Cacau. Arco-íris. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 jul. 2004, p. 47.

⁶²⁹ Gay. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 jul. 2004, p. 03.

⁶³⁰ MENEZES, Cacau. Vergonha. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 jul. 2004, p. 39.

⁶³¹ BEVILACQUA, Viviane. União familiar vence burocracia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 set. 2004, p. 21.

Florianópolis não é apenas praia. O título da entrevista, publicada em janeiro de 2005, anunciava as novas propostas para outros públicos além dos veranistas, visando a “ampliar o volume de visitantes em Florianópolis durante todo o ano”. A entrevista com o então Secretário de Municipal de Turismo, Luiz José Ferreira, e com o secretário-adjunto, Luciano Schoeder, apontava a preocupação com “o turismo especializado”, não o “massificado. O turismo voltado para o público da terceira idade, o GLS, que é muito importante”. Tao importante, que linhas depois seria repetido: “Vamos procurar eventos nesta área, turismo de negócios, eventos, de terceira idade, internacional, GLS [...] Haverá surpresas nos bailes gays, aos quais daremos ênfase neste ano”.⁶³² Dez dias depois, era anunciada a eufórica acolhida pela nomeação de Thiago Silva para a Assessoria de Marketing e Eventos da Setur, indicado pelo deputado Duduco. Em poucos dias no cargo, constava da nota de Cacau Menezes que o rapaz “conseguiu costurar uma parceria com casas noturnas e saunas do segmento para incrementar o próximo Pop Gay”.⁶³³ Emergiu, então, como anteriormente citado na tabela que apresentava uma das primeiras edições do evento, o discurso sobre Florianópolis ser, entre as capitais brasileiras prediletas do público GLS, “a única capital do país a dispor de evento específico para este grupo promovido por prefeitura, o *Pop Gay*”.⁶³⁴ E, da coluna de Cacau Menezes, emergia finalmente a afirmação: “Floripa é o novo paraíso gay do Brasil”.⁶³⁵

E o novo paraíso *gay* se mobilizava cada vez mais: em abril de 2005, o grupo New Floripa de Adolescentes e Jovens Gays, com 70 inscritos entre 14 e 30 anos, em repúdio à expulsão de um casal de rapazes de se beijavam na lanchonete Bob’s, Centro da cidade, e ao pedido de um dos funcionários para que outro casal não desse as mãos dentro do estabelecimento, organizaram um “beijaço”, carregando bandeiras do arco-íris, em frente à loja. Segundo o responsável pelo estabelecimento, “não houve discriminação” e que “exageros são coibidos não importando a orientação sexual do casal. Os namoros só são interrompidos quando um cliente da lanchonete reclama”.⁶³⁶

⁶³² MARCELO, Claudia. ‘Florianópolis não é apenas praia’. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 jan. 2005, p. 24.

⁶³³ MENEZES, Cacau. Diversidade. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 26 jan. 2005, p. 39.

⁶³⁴ Turismo gay. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 fev. 2005, p. 03.

⁶³⁵ MENEZES, Cacau. Arco-íris. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 fev. 2005, p. 31.

⁶³⁶ Comportamento – Homossexuais protestam em beijaço. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 09 abr. 2005, p. 21.

No mesmo mês, era anunciado que, com o patrocínio de bares e boates GLS, o Assessor de Eventos da Setur, Thiago Silva, realizaria um seminário objetivando “preparar a primeira grande parada gay da Ilha”, em 2006.⁶³⁷

⁶³⁷ MENEZES, Cacao. Foco. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 13 abr. 2005, p. 47.

3.3 - A I PARADA DA DIVERSIDADE – ORGULHO GLBTS: FLORIANÓPOLIS, A CAPITAL GAY DO BRASIL

O jornal *Diário Catarinense*, que por anos discriminara abertamente a comunidade hoje conhecida por LGBTTTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e simpatizantes), buscou tornar-se homo-lesbo-T's-ófilo. Libertou partes da comunidade das áreas privativas de regulamento próprio, “onde se misturam em intimidade [...] assuntos gerais ou temas específicos, notícia e comentário, entrevista e interpretação, humorismo e gravidade”⁶³⁸ ou, para outros, páginas de “boateiros” de “jornais mais sensacionalistas”,⁶³⁹ representadas pelas *Colunas Sociais*; tentou minimizar a referência às práticas sexuais, pelo menos de gays e lésbicas, das páginas “consumidas com avidez”, onde abundam o “aproveitamento exagerado da notícia”, o jargão, os vícios de linguagem, a repetição de termos,⁶⁴⁰ o sensacionalismo, seção repleta de recomendações a profissionais da área, como não aceitar e publicar opiniões policiais como “expressão da verdade”, “evitar especulações”, pois “a notícia criminal quase sempre atrai grande atenção” e é um serviço público de suma importância,⁶⁴¹ representadas pela *Editoria de Polícia*. Em tese. Na prática, a comunidade continuou a aparecer nesses locais ou seções, mas outros qualificativos passaram a ser empregados, termos politizaram-se, sujeitas e sujeitos ganharam, sim, um pouco mais de apreço, de respeito nas páginas do jornal aqui escolhido como fonte e, principalmente, sua visibilidade foi explorada em outras notícias e seções, em temporalidades que não os verões e seus belos carnavais, quando turistas e locais, poderes políticos e jornal aproveitavam-se, cada um a seu modo, do sensual desbunde carnavalesco e caloroso, paralisador das normas e convenções.

Nenhum movimento, estratégia ou mudança, no entanto, está desligada de embates, contradições, interesses – a retratação de Sérgio da Costa Ramos, por exemplo, especialista em textos extremamente homo-lesbo-transfóbicos, apareceu pela primeira vez após sanções penais serem delimitadas pela Lei do Estado de SC. Teria esta Lei se

⁶³⁸ AMARAL, op. cit., p. 95.

⁶³⁹ HOHENBERG, op. cit., p. 400.

⁶⁴⁰ Idem, p. 85-88.

⁶⁴¹ Idem, p. 296-314.

tornado crível, ganhado a força de autoridade? Para algumas/alguns, possivelmente.

Espero que tenha explorado o suficiente as relações de poder e as transições e permanências acerca das sexualidades desviantes ao longo das duas décadas que tentei analisar. Caso não o tenha conseguido, deixo aberto o convite a novas/os pesquisadoras/es a contestarem, reavaliarem ou mesmo contradizerem o que aqui foi escrito. Afinal, como dito desde o início, este foi um texto construído de forma pessoal, interessada, com objetivos bem delimitados. E não é desta forma toda a escrita da História?

Assim, chego ao último ano da presente pesquisa, 2006. Entre esse ano final e 1986, marco inicial, deparei-me milhares de vezes com 2 palavras, que produziam discursos e ensejavam práticas sobre regiões e cidades de SC: “pólo” e “vocação”. A vocação turística de Florianópolis, que em poucos anos descobrira o segmento GLS como muito rentável, foi há pouco abordada, mas a transformação de Florianópolis em “novo pólo de turismo gay” me surpreenderia, caso ainda estivesse iniciando a pesquisa.

Incremento de 35% do público, passagem de transatlânticos pelo Estado, articulação de uma programação para o ano inteiro de atrações, casas noturnas com público garantido, hóspedes educados e boas gorjetas, procura de pacotes turísticos que superavam expectativas – Florianópolis tornara-se, de fato, um novo polo, mas trago o significado ambivalente do termo à discussão: de um lado, a comemoração da AEGLBTS/SC (Associação dos Empreendedores Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros e Simpatizantes de Santa Catarina), criada em fins de 2005, pelo sucesso comercial e econômico que se tornaram as propagandas sobre a cidade e os serviços oferecidos. Do outro lado do polo, uma militância quase silenciada, com direito a parcas linhas de canto, afirmando que o preconceito em SC ainda era muito forte, as demonstrações de afetividade restringidas a determinados espaços e mais, que a Parada que estava sendo organizada era “artificial”, não passava de interesse econômico, completamente desligada do movimento social.⁶⁴²

Em fins de junho de 2006, anunciava-se para o dia 09 a realização da 2ª Parada de Florianópolis, ou *1 Parada da Diversidade*. Tiago Silva, em breve entrevista ao jornal, afirmara que não se tratava “de um Carnaval fora de época”, não “queremos que as pessoas

⁶⁴² KAFRUNI, Simone. Turismo gay se consolida na Capital. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 26 fev. 2006, p. 14-15.

confundam um movimento social de luta com uma festa”. O tema escolhido para o evento daquele ano foi “Nem mais, nem menos, apenas iguais”, e sua realização pretendia promover discussões acerca da legalização da união civil por homossexuais, adoção de crianças e inclusão de parceiros em planos de saúde. Seria uma “manifestação para reivindicar direitos” e para “esclarecer que homofobia é crime”.⁶⁴³

Discussões que, apesar da ênfase de Tiago, seriam pouco consideradas em prol da importância do evento enquanto festa e lucratividade. Shows de bandas contratadas, bateria de escola de samba para iniciar a festa, hotéis, bares e restaurantes lotados, 10 ou 15 mil participantes previstos pelo então presidente da “Associação dos Empreendedores GLBTS/SC”, Audenir de Carvalho, decoração de trios elétricos com balões em forma de arco-íris e o laço que simboliza a prevenção à AIDS, um carro para arrecadação de agasalhos e alimentos para doação, excursões vindas de Curitiba, São Paulo, Porto Alegre e Balneário Camboriú, participantes de todo o Estado e até da Bahia, além da lembrança de que Santa Catarina era um dos destinos prediletos do turismo *gay* no Brasil:

É um dinheiro limpo, que movimenta a economia e gera empregos, por isso não deveria existir só no Verão, precisa ser mais incentivado. Vários hotéis, que nesta época do ano costumam oferecer hospedagem quase de graça, estão lotados por causa da parada.⁶⁴⁴

A fala do presidente da AEGLBTS/SC era ilustrada pela foto de Blackside e Lirous, esta última ativista da ADEH atualmente (2014), que segundo o jornal auxiliavam com os últimos preparativos para o evento.

E na segunda-feira, 10 de julho de 2006, era anunciado nas páginas iniciais do jornal, dedicadas a reportagens especiais: *Parada da Diversidade – Florianópolis, a capital gay do Brasil*. Reunindo cerca de 30 mil pessoas, a descrição do evento que se passara na Avenida Beira-Mar Norte durante a tarde do dia anterior trazia detalhes sobre o clima festivo proporcionado pelos trios elétricos, enfatizava que fora uma realização de iniciativa da *Associação de Empreendedores GLBTS de*

⁶⁴³ Direitos – Florianópolis fará parada gay dia 09. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 jun. 2006, p. 27.

⁶⁴⁴ Capital prepara a primeira parada gay. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 jul. 2006, p. 23.

Florianópolis, fundada no ano de 2005 por donas/os de bares e casas noturnas da cidade, estimuladas/os pela iniciativa de Tiago Silva, custeada sem qualquer contribuição pública, apenas com recursos de tais empreendedoras/es da cidade e “militantes do movimento GLBTS de Florianópolis”, não citadas/os que movimentos ou militantes, no entanto.

Discreto e quase imperceptível paradoxo inserido na notícia sobre tal evento, ou quem sabe uma redundância: se em uma página era afirmado que a principal frase utilizada por participantes aquela tarde teria sido “homofobia é crime”, conforme era previsto desde 2003 pela Lei do Estado, na seguinte um dos entrevistados explicaria o fato de Florianópolis não realizar anualmente uma parada da seguinte forma: “Não precisava ter parada aqui porque tem muitos jovens e homossexuais na cidade. Florianópolis é uma cidade liberada [...]”.⁶⁴⁵ Em clima de festa, Carnaval e folia, entrava para o calendário oficial de Florianópolis a 2ª Parada realizada na cidade ou, como ficou conhecida, a I Parada da Diversidade – Orgulho GLBTS. Discursivamente, Florianópolis transformou-se, sim, na Capital Gay do Brasil.

Outros olhares, no entanto, são possíveis.

Finalizar um texto, com tantos temas a abordar, tantas indignações a expor, tantas vidas anônimas a mencionar. Eis uma parte árdua: chegar ao ponto final, mas como diria o “maldito” filósofo, “nada há de novo e autêntico exceto o colorido”.⁶⁴⁶ Meu trabalho não concluirá nada de novo, não revelará algo de inegável autenticidade, não trará um ponto final precedido de conclusões eruditas ou cópias de citações de brilhantes autoras e autores que abundam, mas sim o colorido – não o das paradas, mas o rubro, o sangue derramado de dezenas de anônimas/os, conforme prometido na *Introdução* deste trabalho, e a quem primeiro foram meus *Agradecimentos*. É possível, muito provável, que os números sejam bem maiores do que os que aqui apresento. Eis o que a fonte que escolhi me permitiu mapear:

⁶⁴⁵ GRUBA, Alex; ZILLOTTO, Carolina. Parada da Diversidade – Florianópolis, a capital gay do Brasil. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 10 jul. 2006, p. 04-05.

⁶⁴⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 16.

* VIOLÊNCIAS, HOMICÍDIOS E CRIMES EM GERAL (1986 – 2006) *

	Identidade	Causa Mortis / Acusado		Identidade	Causa Mortis / Acusado
01	Maurílio, 35 anos – Joinville – notícia de 02 de novembro de 1986 ⁶⁴⁷	Tiro no peito: alegou ser “um travesti de nome Minhoca, agressivo e que o atacou com tesoura” - PM César, 21 anos	02	Cárida Cleide (Érico), 29 anos – Florianópolis – morte em 04 de novembro de 1986, noticiada em 05 de novembro de 1986 ⁶⁴⁸	Pedradas: discussão e brigas constantes entre as envolvidas – Malvina, presa por omissão de socorro, julgada e inocentada em fins de novembro de 1988 ⁶⁴⁹ , Silvana, presa, posta em liberdade, cometeu mais crimes. Julgada e posta em liberdade em 21 de março de 1992. Já cumprira parte da pena e constava que estava em fase terminal por conta do HIV ⁶⁵⁰
03	Dalva	2 tiros –	04	Valdir	Suicídio

⁶⁴⁷ Travesti ataca PM com tesoura e é morto. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 02 nov. 1986, p. 46.

⁶⁴⁸ Briga entre travestis termina em homicídio. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 nov. 1986, p. 47.

⁶⁴⁹ Travesti julgado por crime foi absolvido. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 dez. 1988, p. 37.

⁶⁵⁰ Homossexual cumpre pena em casa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 21 mar. 1992, p. 25.

	(Paulo), 20 anos – Florianópolis – notícia de 06 de dezembro de 1996 ⁶⁵¹	autoria e motivação desconhecido s. Polícia insinuou estar o caso ligado a uso ou venda de drogas		(travesti, sem nome social ou idade divulgados) – notícia de 08 de março de 1988 ⁶⁵²	(desesperou-se por se descobrir portadora de HIV)
05	Priscilla (sem documentos), idade aproximada de 22 anos – morte divulgada em 08 de julho de 1988 ⁶⁵³	Traumatismo craniano: possível acidente automobilístico – autoria desconhecida, enterrada como indigente	06	Neide, 20 anos – Joinville – notícia de 04 de janeiro de 1989 ⁶⁵⁴	Tiro na virilha: provável desentendimento – suspeito “conhecido, mas nome não divulgado”
07	Guta, aparentando 25 anos – Florianópolis - notícia de 31 de março de 1989 ⁶⁵⁵	Facadas, sem escoriações ou vestígios de luta corporal – autoria e motivação desconhecidas	08	Doroteia, 24 anos – São José - achada em putrefação – notícia de 27 de dezembro de 1989 ⁶⁵⁶	Pancada no rosto – autoria e motivação desconhecidas
09	Norton, 42 anos – Florianópolis – morto em 15 de julho de 1989, noticiado em	6 tiros: inúmeras versões, diversos acusados, todos inocentados	10	Adi, 38 anos – Palhoça – notícia sobre a morte em 19 de dezembro de 1990 ⁶⁵⁹	Hematomas na cabeça, asfixiado: mataram para roubar - ex-amante Márcio, 25 anos e seu

⁶⁵¹ BORDIN, Paulo. Travesti assassinado a tiros em Capoeiras. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 dez. 1986, p. 35.

⁶⁵² Travesti que era portador do vírus encontrado morto. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 mar. 1988, p. 09.

⁶⁵³ Travesti aéutico morre abandonado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 jul. 1988, p. 36.

⁶⁵⁴ Na boate Chega Mais, a morte do travesti. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 jan. 1989, p. 36.

⁶⁵⁵ Facada no coração mata travesti. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 31 mar. 1989, p. 36.

⁶⁵⁶ Travesti morto a pancada é mistério. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 dez. 1989, p. 36.

	17 de julho de 1989 ⁶⁵⁷	em 1997 ⁶⁵⁸			conhecido José, 23 anos ⁶⁶⁰
11	Adilson (travesti, sem nome social divulgado), 22 anos - Joinville ⁶⁶¹	2 tiros – autoria e motivação desconhecidas	12	Odete (Sadir), 29 anos – São José - morta em 07 de junho de 1992, noticiada em 09 de junho de 1992 ⁶⁶²	13 facadas, escalpo: motivação não divulgada – Murilo, 29 anos - sentenciado a 15 anos de reclusão por homicídio qualificado em fins de maio de 1994. ⁶⁶³ Em liberdade.
13	Alécio, 44 anos – Florianópolis – noticiada sobre a morte em 19 de janeiro de 1993 ⁶⁶⁴	Pancada na cabeça, jogado de pedras: era pago para manter relações sexuais com ele desde 1990. Confessou que não pretendia matar o bancário, depois de manter relação anal	14	Norberto, 48 anos – Florianópolis – 10 de agosto de 1993 ⁶⁶⁶	Tiro no tórax: rapaz que fora expulso da casa de Noerberto era suspeito (Anselmo, 17 ou 18 anos)

⁶⁵⁹ Mistério em morte na Pinheira. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 dez. 1990, p. 29.

⁶⁵⁷ Colunista é executado com 5 tiros. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 17 jul. 1989, p. 41.

⁶⁵⁸ SOUZA, Colombo de. Falta de provas absolve acusados no caso Norton. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 nov. 1997, p. 62.

⁶⁶⁰ Presos autores do crime da Pinheira. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 dez. 1990, p. 32.

⁶⁶¹ Travesti – Morte a tiros. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 09 set. 1991, p. 22.

⁶⁶² Crime no Kobrasol – Joalheiro é acusado de matar travesti a facadas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 09 jun. 1992, p. 25.

⁶⁶³ Advogados de Savi vão recorrer da sentença. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 maio 1994, p. 31.

⁶⁶⁴ Homossexual é morto na Joaquina. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 jan. 1993, p. 31.

		com ele - José, 32 anos – preso em abril de 1993 ⁶⁶⁵			
15	Waldevino – Videira – 18 de novembro de 1993 ⁶⁶⁷	19 facadas: abusado sexualmente (comprovado por exame), tomou a faca e matou - Gentil, 34 anos	16	Marcelo, 38 anos – Palhoça – identificado em 14 de março de 1995 ⁶⁶⁸	Facadas – suspeito: Adriano, 18 anos, companheiro. Autoria e motivação não confirmadas
17	Rapaz moreno (possivelmente travesti), impossível precisar idade – Florianópolis – 18 de novembro de 1995 ⁶⁶⁹	Enforcamento com alça de bolsa e madeira usada como torniquete para apertar – autoria e motivação desconhecidas	18	Pompom ou Glorinha (Antônio), 36 anos – Florianópolis – morte noticiada em 08 de fevereiro de 1996 ⁶⁷⁰	Em avançado estado de decomposição, manchas de sangue pela casa, mas, Polícia alega “morte natural” – motivação e autoria desconhecidas
19	Ambrósio (uruguaio), 50 anos – Garopaba – 06 de maio de 1996 ⁶⁷¹	Enforcamento e garganta cortada – cerca de 15 suspeitos, mas autoria e motivação desconhecidas	20	Brenda Lee, 46 anos – Florianópolis – morta em fins de maio de 1996 ⁶⁷²	4 tiros – autoria e motivação desconhecidas
21	Adelson –	Paulada na	22	Adenir ou	22 a 26 facadas,

⁶⁶⁶ Caso misterioso – Pai-de-santo é morto com um tiro no tórax. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 ago. 1993, p. 27.

⁶⁶⁵ Descoberto matador de bancário. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 abr. 1993, p. 27.

⁶⁶⁷ Crime – Culpado confessa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 nov. 1993, p. 35.

⁶⁶⁸ Polícia identifica corpo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 mar. 1995, p. 31.

⁶⁶⁹ Cadáver é encontrado em viaduto. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 nov. 1995, p. 23.

⁶⁷⁰ Encontrado morto dentro de casa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 fev. 1996, p. 42.

⁶⁷¹ Arquiteto é degolado em Garopaba. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 maio 1996, p. 33.

⁶⁷² Travesti – Morte e doações. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 31 maio 1996, p. 35.

	Chapecó – morto em 01 de junho de 1996	cabeça, facada na garganta, asfixiado: chamados para programa, adolescentes de 17 anos amarram, matam e roubam – Um deles foi encaminhado a um Centro de Internamento ⁶⁷³		Didi, 23 anos – Florianópolis – 22 de julho de 1996 ⁶⁷⁴	degolado, pênis e testículos decepados: ciúmes, vingança, fobia – Domingos e Adailton, dois dos 3 acusados, foram a júri popular em 1997 e, por falta de provas, foram considerados inocentes. O terceiro já cumpria pena por outro crime no RS; ⁶⁷⁵
23	Criança, 8 anos – Sombrio – 06 de setembro de 1996 ⁶⁷⁶	Violentada e morta: motivação desconhecida . Já tentara um matar homossexual, amarrando e jogando em rio – C.R.A., 16 anos	24	Homem nu – São José – 25 de março de 1997 ⁶⁷⁷	Pauladas e lesões no ânus – Autoria e motivação desconhecidas
25	Soraya (Marcus), 25 anos – São José – 04 de	Golpe no peito – autoria desconhecida	26	Ademar – São Miguel D’Oeste - morto em 03	Esfagueado, pescoço quebrado: rapaz e Ademar

⁶⁷³ Dois menores são os matadores do fotógrafo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 jun. 1996, p. 27.

⁶⁷⁴ Investigação – Preso suspeito de matar pedreiro. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 22 jul. 1996, p. 30.

⁶⁷⁵ Jurados absolvem dois dos acusados de matar pedreiro. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 22 maio 1997, p. 46.

⁶⁷⁶ Menor que violentou e matou garoto está preso. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 set. 1996, p. 35.

⁶⁷⁷ Desocupado acusado de homicídio se apresenta à polícia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 mar. 1997, p. 53.

	abril de 1997 ⁶⁷⁸			de maio de 1997	mantinham relações sexuais há tempos. Estavam bêbados – João, 23 anos, Dileta, 23 anos – presos em 07 de julho de 1997 ⁶⁷⁹
27	Roberta (José Roberto) – Florianópolis – 27 de abril de 1998 ⁶⁸⁰	2 tiros, um na virilha e outro no abdome – autoria desconhecida	28	Antônio – Joinville – morto entre fins de abril e início de maio ⁶⁸¹	2 tiros: latrocínio: Marcelo, 34 anos, Carlos, 31 anos, Luiz, 23 anos, Júlio, 34 anos, Gilmar, 36 anos – detidos
29	Oscar (boliviano), 42 anos – Florianópolis – 04 de outubro de 1998 ⁶⁸²	Violência física/sexual, hemorragia interna – possível violência de PMs – morte registrada como overdose de cocaína	30	Adriano – Rio Negrinho – achado em 20 de março de 1999 – notícia sobre a autoria em 01 de abril de 1999 ⁶⁸³	Estuprado, apedrejado, amarrado ao trilho, estraçalhado por trem: “queriam dinheiro” – E.L.N., 15 anos, A.S.M. , 17 anos, Gerson, 22 anos
31	Terezinha (Rogerinho),	3 tiros – Autoria e	32	Fernanda (Marcelo),	Tiro no rosto: vingança.

⁶⁷⁸ Travesti é assassinado a facada. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 abr. 1997, p. 51.

⁶⁷⁹ Nasce filho de envolvida em crime. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 set. 1997, p. 55.

⁶⁸⁰ Identificado travesti morto na Capital. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 abr. 1998, p. 29.

⁶⁸¹ Esclarecido assassinato do médico em Joinville. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 09 maio 1998, p. 28.

⁶⁸² Morte de boliviano na Capital gera polêmica. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 out. 1998, p. 36.

⁶⁸³ FELKL, Aline; TOLAZZI, Raquel. Matadores queriam o dinheiro do jardineiro. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 abr. 1999, p. 28.

	36 anos – Grande Florianópolis – 08 de março de 2001 ⁶⁸⁴	motivo desconhecido		28 anos – Criciúma – 16 de maio de 2001 ⁶⁸⁵	Acusou a travesti de roubo após um programa – Adolescente (identidade em sigilo)
33	Guilherme, 15 anos – Palhoça, Grande Florianópolis – 17 de junho de 2001 ⁶⁸⁶	Tiro acima do olho – PM com quem mantinha amizade desde os 12 anos. Teria roubado o PM (identidade em sigilo – crime ocorrido em 19 de janeiro)	34	A.P.S., 15 anos – Lages – 12 de julho de 2001 ⁶⁸⁷	Violência sexual/Pedrada na cabeça: provável recusa da vítima em ser estuprada – Cleber, 18 anos
35	Denis, 30 anos – Florianópolis – 20 de setembro de 2001 ⁶⁸⁸	Facada na região do pescoço: “ele pegou no meu pescoço e tentou abusar de mim” – Antônio Carlos, 21	36	Cristian Aruan, 7 anos – Balneário Camboriú – 01 de maio de 2002 ⁶⁸⁹	Violência sexual, espancamento, estrangulamento: matou o garoto “porque ele era feliz [...] não suportava ver uma criança feliz” ⁶⁹⁰ –

⁶⁸⁴ Polícia continua atrás de pistas de assassino. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 mar. 2001, p. 39.

⁶⁸⁵ Travesti assassinado com tiro por vingança. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 maio 2001, p. 26.

⁶⁸⁶ Casa à venda para contratar advogado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 17 jun. 2001, p. 32.

⁶⁸⁷ Garoto de 15 anos morto com pedrada. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 12 jul. 2001, p. 34.

⁶⁸⁸ CAVALLAZZI, João José. Empresário assassinado a facada. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 set. 2001, p. 37.

⁶⁸⁹ PINHEIRO, Adão. Criança violentada e assassinada. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 maio 2002, p. 26.

⁶⁹⁰ PINHEIRO, Adão. Preso assassino confesso de menino. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 03 maio 2002, p. 26.

		anos			Fabiano, 28 anos
37	Valter, 45 anos – Florianópolis – 18 de maio de 2002 ⁶⁹¹	Faca de 20cm enfiada na barriga: Valter o teria obrigado a manter relações sexuais. Irritado com o assédio, entraram em “luta corporal” – Márcio Augusto, 20 anos.	38	Mário César, 36 anos, Palhoça, Grande Florianópolis – 27 de maio de 2002 ⁶⁹²	Estrangulado com fio de ventilador, ajoelhado em frente à cama de um Hotel – Suspeito forte, cabelos curtos, topete pintado – Ricardo, 19 anos ⁶⁹³
39	Hélio, 48 anos – Florianópolis – 18 de junho de 2002 ⁶⁹⁴	Facadas pelo corpo e marteladas na face: irritou-se por professor reclamar que estava drogado – Luiz, 19 anos e em sua versão mais 3 jovens	40	Carlos, 39 anos – Florianópolis – 19 de julho de 2002 ⁶⁹⁵	Facada nas costas: “tiveram uma discussão” - Thiago, 20 anos ⁶⁹⁶
41	Diego, 12 anos –	Violentado, esfaqueado	42	Francisco, 38 anos - Lages	22 facadas: “seria forçado a

⁶⁹¹ ROSA, Diego. Mais dois morrem assassinados – Assédio seria o motivo da briga. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 maio 2002, p. 20.

⁶⁹² CAVALLAZZI, JOÃO José. Empresário é assassinado em Hotel. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 maio 2002, p. 24.

⁶⁹³ Polícia prende autor de latrocínio em Palhoça. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 02 jul. 2002, p. 27.

⁶⁹⁴ SANTHYANNA, Mônica. Professor da UFSC é assassinado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 jun. 2002, p. 27.

⁶⁹⁵ ROSA, Diego. Professor é degolado dentro de casa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 jul. 2002, p. 35.

⁶⁹⁶ Preso o autor de morte do professor. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 ago. 2002, p. 41.

	Joinville – 18 de setembro de 2002 ⁶⁹⁷	no pescoço e costas: “era apaixonado pelas crianças” que matou – Hildefonso – condenado a 22 anos de detenção pelo júri popular ⁶⁹⁸		– 18 de novembro de 2002 ⁶⁹⁹	manter relações sexuais” – Adolescente não identificado - Encaminhado para um Centro Educacional
43	Adolescente – crime ocorrido em 2001 – reconhece autor em 20 de novembro 2002 ⁷⁰⁰	Violentado sexualmente, espancado e jogado na Lagoa da Conceição por 3 pessoas – Vinícius, 28 anos, único preso	44	Isabel (ou Isabela), 38 anos – Biguaçu, Grande Florianópolis – 05 de dezembro de 2002 ⁷⁰¹	Facada no abdome: crime passionnal, companheiras que brigavam muito - Iara ou Nêga
45	Marcelo, 32 anos – Joinville – 17 de março de 2003 ⁷⁰²	Morte por pancadas de cassetete: “vinha sendo assediado pela vítima e, diante da insistência, bateu nele” – Vigia noturno de 18 anos (não	46	Gabriela (tentativa de homicídio) – Florianópolis – 07 de abril de 2003	5 facadas no abdome – envolveu-se em discussão entre um rapaz e outra travesti – sem identificações

⁶⁹⁷ RODRIGUES, Liziane. Acusado confessa morte de garoto. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 set. 2002, p. 27.

⁶⁹⁸ ARGOLO, Carla. Assassino condenado a 22 anos. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 mar. 2004, p. 37.

⁶⁹⁹ BECKER, Marcelo. Homem é morto com 22 facadas na Serra. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 nov. 2002, p. 24.

⁷⁰⁰ ROSA, Diego. Suspeito de abuso e agressão é preso. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 nov. 2002, p. 26.

⁷⁰¹ ROSA, Diego. Mulher acusada de matar companheira. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 dez. 2002, p. 38.

⁷⁰² Dois homens mortos a pauladas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 17 mar. 2003, p. 25.

		identificado)			
47	Robeson, 26 anos – Lages – 16 de maio de 2003 ⁷⁰³	Sete facadas no peito: “Fizemos sexo duas vezes e ele queria me matar porque recusei a terceira vez” – Adolescente de 17 anos (não identificado) - Internado em um Centro de Educação	48	Gabriela, 32 anos – Florianópolis – 31 de maio de 2003 ⁷⁰⁴	Morta por chutes e pauladas – autoria e motivação desconhecidas
49	Osni, 50 anos – Joinville – 12 de junho de 2003 ⁷⁰⁵	Corte no pescoço: mantiveram relações, mas homicida se recusou a ser passivo. Osni ameaçou-o com cachorros. Alegou legítima defesa – homem de 23 anos (não identificado)	50	Ana Paula (ou adolescente Guilherme), 17 anos – Florianópolis – 22 de julho de 2003 ⁷⁰⁶	Morta com tiro nas costas, que perfurou seu coração – motivação e autoria desconhecidas
51	Travesti Marcelo	Esfaqueado no peito,	52	Humberto, 37 anos –	16 facadas nas costas, 16 no

⁷⁰³ BECKER, Marcelo. Adolescente acusado de assassinato. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 maio 2003, p. 33.

⁷⁰⁴ Comerciante morre estrangulado – Travesti assassinado a chutes e pauladas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 31 maio 2003, p. 22.

⁷⁰⁵ RODRIGUES, Liziane. Homem confessa homicídio. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 12 jun. 2003, p. 35.

⁷⁰⁶ ROSA, Diego; GONÇALVES, Michael. Três são atingidos por tiros fatais – Disparo acerta coração de adolescente. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 22 jul. 2003, p. 32.

	(sem nome social divulgado), entre 22 e 25 anos – Criciúma – 04 de agosto de 2003 ⁷⁰⁷	acima do coração – autoria e motivações desconhecidas		Jaraguá do Sul (possível crime fóbico)– 13 de agosto de 2003 ⁷⁰⁸	peito, hematomas de pancadas no dorso e cortes no rosto – autoria e motivação desconhecidas
53	Hélio – Balneário Camboriú (possível crime fóbico) – 06 de setembro de 2003 ⁷⁰⁹	Golpeado, amarrado e asfixiado – encontrou 4 adolescentes na Avenida Atlântica e os convidou a ir a seu apartamento – 3 detidos, um foragido, nenhum nome divulgado	54	Rapaz, 18 anos (tentativa de homicídio seguida de suicídio) – Joinville – 17 de novembro de 2003 ⁷¹⁰	Rapaz ferido no peito e abdome sobreviveu: esposa do operário afirmou saber do caso entre o rapaz e ele – operário suicidou-se após atirar no jovem (nomes não divulgados)
55	Nei, 41 anos – Crime em Guabiruba, vítima atuava em Xanxerê – crime em 01 de abril – divulgado em 21 de abril de 2004 ⁷¹¹	Tiro que perfurou a mão e a cabeça: “estava me assediando há alguns anos e eu gosto muito da minha	56	Mauro, 43 anos – Florianópolis – crime em 02 de outubro, divulgado em 27 de outubro de 2004 ⁷¹²	Golpes de faca e garfo: conheciam-se há 5 anos, estavam sempre juntos em festas. No dia, beberam muito “mantinham uma relação

⁷⁰⁷ Corpo de travesti é encontrado no Sul de Santa Catarina. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 ago. 2003, p. 23.

⁷⁰⁸ ROTHEN, Marcelo. Técnico é assassinado com 32 facadas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 ago. 2003, p. 26.

⁷⁰⁹ ZONTA, Luciana. Dois são assassinados no litoral. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 set. 2003, p. 20.

⁷¹⁰ RODRIGUES, Liziane. Operário morre em briga passional. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 17 nov. 2003, p. 25.

⁷¹¹ GONÇALVES, Michael. Jovem de 23 anos diz ter matado o juiz. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 21 abr. 2004, p. 26.

⁷¹² Mãe entrega filho acusado de homicídio. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 out. 2004, p. 28.

		namorada”. Recebeu cheque de 19 mil reais para se mudar para Xanxerê. Foi descoberto que mantinham relacionamento há 4 anos – Fábio, 23 anos			homossexual até um certo ponto e nesta data a vítima tentou fazer sexo. Irritado com a situação e, descontrolado, ele matou” – Ritchlei, 25 anos
57	Léo, 51 anos – Florianópolis – 23 de fevereiro de 2005 ⁷¹³	Traumatismo craniano por pancadas com extintor de incêndio, espeto de churrasco cravado nas costas: “devia 450 reais ao acusado” – Aloísio (ou Boca), 26 anos ⁷¹⁴ /Gilson, 23 anos ⁷¹⁵ - presos no início de março de 2005.	58	Anderson, 42 anos – Criciúma – 17 de maio de 2005 ⁷¹⁶	Nove perfurações à faca, hematomas na cabeça: “chamado para fazer um programa, discutiram e brigaram no meio da madrugada. Volta ao apartamento na manhã seguinte com outro homem para levar objetos.” Réu confesso – Fabiano, 21 anos. ⁷¹⁷ Condenado a

⁷¹³ GONÇALVES, Michael. Advogado assassinado na Ilha. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 fev. 2005, p. 28.

⁷¹⁴ Preso acusado de matar advogado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 mar. 2005, p. 32.

⁷¹⁵ Preso o segundo acusado de matar advogado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 mar. 2005, p. 23.

⁷¹⁶ CARDOSO, Ana Paula. Psiquiatra é morto em casa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 17 maio 2005, p. 27.

⁷¹⁷ CARDOSO, Ana Paula. Preso suspeito de matar médico. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 maio 2005, p. 28.

					21 anos e 4 meses de reclusão. ⁷¹⁸
59	Roberto (nome fictício), 22 anos – São José – 13 de junho de 2005 ⁷¹⁹	Punhalada precisa na altura do coração – autoria e motivações desconhecidas	60	Stênio, 28 anos - Balneário Camburiú (possível crime fóbico) – 27 de junho de 2005 ⁷²⁰	Seis facadas, distribuídas por ombros, costas e braços, pertencer roubados – visto pela última vez saindo de uma boate – Autoria desconhecida
61	Giuseppe ou Padre José – Blumenau – 05 de setembro de 2005 ⁷²¹	25 facadas pelo corpo, lacerações no rosto por golpes de ferro de ventilador – Adolescente de 16 anos (no caderno de Religião, lista de itens que provavelmente queria roubar, terminada com “iria ter relações ativas com o padre”. Na sacola onde	61	Polícia e Igreja negam versão do adolescente e tratam o caso como “latrocínio” (matar para roubar) e “tentativa de denegrir a imagem do padre”.	Surge uma testemunha e o adolescente muda sua versão. Queria apenas roubar o padre, e teve ajuda de um casal de amigos, uma adolescente de 15 anos e seu namorado Rafael, de 21 anos. O último foi condenado a 27 anos e 6 meses de prisão e multa. Após 1/6 da pena, poderia recorrer para ir para

⁷¹⁸ Latrocida é condenado a 21 anos de reclusão. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 24 nov. 2005, p. 42.

⁷¹⁹ Jovem é assassinado com uma punhalada no coração. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 jun. 2005, p. 32.

⁷²⁰ KNISS, Camila. Seis homicídios no fim de semana. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 jun. 2005, p. 24.

⁷²¹ CORREIA, Eduardo. Adolescente confessa morte de padre. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 set. 2005, p. 32.

		estava o caderno, uma peruca, maquiagem, dinheiro do padre e a faca do crime. Em depoimento, disse ter sido assediado pelo padre).			regime semiaberto. ⁷²² Adolescentes apreendida/o por 45 dias. Aguardavam decisão sobre se cumpririam medida socioeducativa.
62	Danilo, 47 anos – Massaranduba (possível crime fóbico) – 27 de setembro de 2005 ⁷²³	Espancamento na cabeça: morto na própria casa, para ser roubado – autoria desconhecida	63	Ricardo, 46 anos (travesti/colunista) – Florianópolis – crime em 29 de outubro de 2005, corpo encontrado em 31 de outubro de 2005, reconhecido em 01 de novembro de 2005 ⁷²⁴	Tiro no ouvido esquerdo: pertences e documentos desaparecidos. Jovem militar é preso na Base Aérea de Florianópolis. Estava com o carro da vítima. Outro suspeito, foragido. ⁷²⁵
64	Mário (travesti, sem nome social divulgado), 19 anos – Joinville – 06	Pedaço de madeira encontrado ao lado do corpo, coberto de	65	Xuxa (Francisco – tentativa de homicídio) – São José – crime em 20	4 tiros, que a deixaram paraplégica: Tia do copeiro pediu que matasse Xuxa,

⁷²² VECHI, Sicília. Jovem condenado a 27 anos por morte de padre. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 mar. 2006, p. 53.

⁷²³ KOSMANN, Jônatas. Ex-secretário vítima de latrocínio. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 set. 2005, p. 29.

⁷²⁴ Morto é identificado como colunista social. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 nov. 2005, p. 28.

⁷²⁵ Militar suspeito de assassinato. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 nov. 2005, p. 34.

	de janeiro de 2006 ⁷²⁶	sangue – autoria desconhecida		de janeiro de 2006 – notícia de 25 de janeiro de 2006 ⁷²⁷	pois fora denunciada pela mesma por maus-tratos a crianças - Copeiro de 21 anos (nome não divulgado), preso em 05 de abril de 2006 ⁷²⁸ Tia não identificada.
66	Pedrinho, 57 anos – Treze Tílias – morte em 15 de maio de 2006 – notícia de 18 de maio de 2006 ⁷²⁹	Cortes nas mãos, nos braços e pescoço, feitos a facão, dedos e cabeça quase decepados: “Ele foi detido e confessou o crime. Disse que matou porque havia sido assediado e não estava arrependido.” A Polícia considerou a versão “fantasiosa”	67	Mário César, 55 anos – São José (possível crime fóbico) – 31 de maio de 2006 ⁷³⁰	5 facadas no pescoço – Jovem entre 17 e 18 anos suspeito

⁷²⁶ Encontrado corpo de travesti em borracharia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 jan. 2006, p. 27.

⁷²⁷ Identificado acusado de atirar em travesti. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 jan. 2006, p. 30.

⁷²⁸ BERTOLINI, Jeferson. Preso copeiro acusado de atirar em travesti. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 abr. 2006, p. 30.

⁷²⁹ Jovem confessa morte de empresário. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 maio 2006, p. 46.

⁷³⁰ BERTOLINI, Jeferson. Adolescente é suspeito de matar professor. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 31 maio 2006, p. 35.

		e não poderia ser levada em consideração. Resolveu acusa-lo de latrocínio - Welington, 21 anos			
--	--	--	--	--	--

REFERÊNCIAS

Fontes

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, **Diário Catarinense** [1986 – 2006 –].

SANTA CATARINA. Emenda à Lei Orgânica do Município de Florianópolis, promulgada em 05 de abril de 1990. Acresce ao Art. 5º, inciso IV, orientação sexual. **Diário Oficial do Estado de Santa Catarina**, Santa Catarina, 17 ago. 1994, N.º. 15.000, p. 44.

SANTA CATARINA. Emenda à Lei Orgânica do Município de Florianópolis, promulgada em 05 de abril de 1990. Acresce ao Art. 5º, inciso IV, orientação sexual. **Diário Oficial do Estado de Santa Catarina**, Santa Catarina, 02 set. 1994, N.º. 15.012, p. 44.

SANTA CATARINA. Lei 12.574/03. Dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual e adota outras providências. **Diário Oficial do Estado de Santa Catarina**, Santa Catarina, 04 abr. 2003, N.º. 17.130, p. 02-03.

Bibliografia

ABAL, Baltasar Pena. **A construção da homossexualidade em discursos produzidos pela mídia eletrônica espanhola**. Dissertação (Mestrado em Linguística), UERJ, 2007. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/tde_arquivos/2/TDE-2007-05-16T083810Z-106/Publico/Baltasar%20Pena.pdf>. Acesso em: 10 maio 2012.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007.

AMARAL, Luiz. **Jornalismo: matéria de primeira página**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.

AMORIM, Graziela R. **Outsiders do bairro Trindade: “Pacto da morte” ou “Gangue da Aids”?** Para além da construção de um episódio (Florianópolis 1987). 2009. Dissertação (Mestrado em História), UFSC, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia dos desvios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____. **Mecanismos psíquicos del poder**. Teorías sobre la sujeción. Madri: Ediciones Cátedra, 1997.

CERTEAU, Michel de. A linguagem alterada. In: _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2011, p. 261-288.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, Jan./Apr., 1991.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Monitores de Mídia: como o jornalismo catarinense percebe seus deslizos éticos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.

CÓRDOVA, Luiz Fernando Neves. **Trajatórias de homossexuais na Ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas), UFSC, 2006. Disponível em: <

<http://www.tede.ufsc.br/teses/PICH0047.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Força de lei: o fundamento místico da autoridade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: _____. **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995, p. 229-252.

DIAS, Rafael Damaceno. **Que invasão é essa?** Leituras sobre conflitos socioculturais em Florianópolis (1970-2000). 2009. Dissertação (Mestrado em História), UFPR, 2009.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **Ditos e escritos, volume IV: estratégia, poder/saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FREUD, Sigmund. **Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e Outros Trabalhos (1910)** - Coleção Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Vol. 11. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006.

_____. **Gradiva de Jensen e Outros Trabalhos (1906-1908)** - Coleção Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Vol. 9. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: ETC, 2012.

GRACO, Rogério. **Curso de Direito Penal**: parte especial, volume II: introdução à teoria geral da parte especial: crimes contra a pessoa. Niterói: Impetus, 2011.

GREEN, James N. **Além do carnaval**. A homossexualidade masculina no Brasil do século XIX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GROSSI, Miriam. Masculinidades: Uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 75, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 2004. Disponível em: <<http://www.antropologia.ufsc.br/75.%20grossi.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n.5, 1995, p. 14.

_____. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 22, 2004, pp. 201-246.

HOHENBERG, John. **O jornalista profissional**: guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1981.

KOSELLECK, Reinhart. A semântica histórico-política dos conceitos antitéticos assimétricos. In: _____. **Futuro passado**: contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006, p. 191-231.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

MAFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade (entrevista). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, ago. 2001. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/view/285/217>>. Acesso em: 02 nov. 2012.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

NEVES, Lúcia M. B. P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia M. B. da C. (Orgs.). **História e imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2010.

NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero**. Feminismo e perspectivas críticas na Psicologia Social. Braga: Fundação Calauste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2001.

OLIVEIRA, Marcelo José. **“O lugar do travesti em Desterro”**. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFSC, 1997.

PAILLET, Marc. **Jornalismo: o quarto poder**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

PIASECKA-TILL, Aleksandra. Buscando significado em um corpus: PC, sexismo, e suas inflexões no Banco de Língua Inglesa do Cobuild. In: HEBERLE, V. M.; OSTERMANN, A. C.; FIGUEIREDO, D. C. **Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006, p. 177-196.

RIBEIRO, Irineu Ramos. **A TV no armário: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros**. São Paulo: GLS, 2010.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 2009.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa – A tripla mimesis. In: _____. **A intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 93-155.

SALDANHA, Rafael Araújo. **Classificados e o sexo: anúncios de prostituição masculina em SC (1986-2005)**. Dissertação (Mestrado em História), UFSC, 2010. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0370-D.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 09-26.

SARDÁ, Juliana. **Na contramão da lei: a repressão policial e os desviantes da ordem em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX**. Dissertação (Mestrado em História), UFSC, 2005. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp098902.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012.

SCOTT, Joan. Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. **Debate Feminista** (Cidadania e Feminismo), número especial, 1999.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SILVA (Org.); HALL; WOODWARD. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras: 2007.

SOUZA, Pedro de. **Confidências da carne** – o público e o privado na enunciação da sexualidade. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

TAQUES, Fernando José. **Movimento GLBT em Santa Catarina: a questão do empoderamento**. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia), UFSC, 2007.

TORRES, Mateus Gamba. **“A Justiça nem ao Diabo se há de negar”**: a repressão aos membros do Partido Comunista Brasileiro na Operação Barriga Verde (1975 – 1978). 2009. Dissertação (Mestrado em História), UDESC, 2009.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

VERAS, Elias Ferreira. Além do paetê: experiências das travestis em Fortaleza nas três últimas décadas do século XX. **Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH** - Associação Nacional de História. Disponível em: <
http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300644476_ARQUIVO_Alemdopaete-anpuh.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2013.

VITIELLO, Gabriel Natal Botelho. **A AIDS em cena: os primeiros protagonistas da maior epidemia no final do século XX**. 2009. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde), Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, vol. 9, n. 2, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9620/8853>>. Acesso em: 10 maio 2012.

Endereços eletrônicos

Clicrbs. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:pufov3KdxPwJ:www.clicrbs.com.br/sites/swf/DCespecial_30anos/linha.xml+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 04 ago. 2013.

Entrei.net – Guia de empresas. <<http://www.entrei.net/empresa/savi-comercio-de-joias-ltda-filial-4/3311007.html>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

Lei Orgânica do Município de Florianópolis. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CFgQFjAA&url=http%3A%2F%2Fsistemas.sc.gov.br%2Fcmf%2Fpesquisa%2Fdocs%2F1990%2Fleiorganica.doc&ei=cDa3T6yzOZSi8ATnsLmyCg&usg=AFQjCNGthpXslkyVXooUROHiYZi5n2OhNA>>. Acesso em: 10 maio 2012.

Terra. Disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/internet10anos/interna/0,,OI542329-EI5029,00.html>>. Acesso em: 09 abr. 2013.